Passatempo

Passatempo

Daniel Abreu de Queiroz

Belo Horizonte
Edição do autor
2014

IMAGEM DA CAPA

Detalhe de "**Macacos tentando pegar o reflexo da Lua**", *Kano Toshun*, Século XVII.

A composição se baseia numa antiga parábola budista sobre a imperfeição do mundo material e a futilidade da busca pela "felicidade", que é tão elusiva quanto o reflexo da Lua sobre a água.

A162p
Passatempo / Daniel Abreu de Queiroz. – Belo Horizonte: Edição do autor, 2014
ISBN: 978-14-997812-9-8
1. Ficção – Romance. I. Abreu de Queiroz, Daniel. II. Título

CDD: B869.3 CDU: 811.134.3

Para o Grande Céu

I

Parece que as coisas simplesmente SÃO, e pronto. Tudo acontece porque acontece; fim. Hoje, depois de intenso batecabeça, eu acredito que é inútil se debruçar sobre o mundo real, como um leitor de romance, procurando por intenção e sentido.

Talvez o Todo obedeça a uma Lei perfeitamente coerente nos termos do raciocínio humano. Estou ciente de que é uma possibilidade. Digamos que o universo foi criado por um ser pessoal que é a imagem e semelhança do Homem e que os fenômenos e as dez mil coisas funcionem como uma engrenagem significativa e repleta de implicações morais.

Caso exista essa engrenagem, para contradizer o espetáculo caótico que se desenrola ante a plateia da nossa consciência e dos nossos sentidos, então seria razoável esperar lógica humana dos fenômenos que não foram criados através de consciente intenção humana – ou seja, praticamente da totalidade dos fenômenos ocorrendo ininterruptamente por toda parte.

Caso exista essa engrenagem, no entanto, ela não está exposta de forma unívoca, ou mesmo convincente. As nossas teorias sobre o Todo – como as teorias medievais sobre o movimento dos astros – não suportam questionamentos insaciáveis; não explicam peremptoriamente o suposto relógio de Deus, ou a dança do acaso. Sabemos demais para aceitar interpretações singelas, enquanto somos ignorantes demais para chegar à última resposta (considerando que essa resposta exista). Sequer nossos físicos e pintores saberiam dizer o que é a realidade. Estamos

em crise de sentido, enquanto meu coração sangra e eu busco por um Norte no céu. De forma que todo esclarecimento à minha volta, por mais completo que seja, é manco.

Considerando ainda que essa Lei exista, façamos exercícios mais amplos de credulidade – vamos supor que a explicação é óbvia, que está à vista de todos. Se for assim, ninguém ainda foi capaz de apontá-la ou descrevê-la satisfatoriamente. Daí as discussões dos templos; por trás de janelas; nos bancos dos ônibus, ou das praças e universidades... Passa tudo muito rápido, ou muito distante, e a gente não pode *ver* a Coisa toda. Somos tão limitados que a Terra nos parece plana e até ontem achávamos que ela era o mundo inteiro. Escapam-nos tanto a superfície das estrelas quanto o brilho de vida nos olhos dos insetos. Tudo é muito longínquo, pequeno, confuso, fugaz, amplo, enganoso, lento, oculto, ou de qualquer forma complicado.

Se parece necessário – fundamental – admitir a possibilidade dessa engrenagem, e se é razoável que dediquemos certo empenho em procurar por ela, também parece prudente considerar um método eficiente de vida dentro do qual possamos ignorá-la por completo. Em outras palavras: se a ordem é uma possibilidade, o caos, por sua vez, é evidente.

E quem questiona insaciavelmente deve aprender a fazer concessões. Viver sem um sentido que unifique as inumeráveis revoluções dos astros, dos átomos e dos pedestres pela cidade.

Vale lembrar ainda que se o universo é governado por uma lógica – uma intenção – pode ser que nosso desconhecimento dessa intenção e dessa lógi-

ca faça parte do plano. Basta repetir que daqui (de nosso ridículo ponto de observação individual, sem qualquer tipo de cálculo) não podemos perceber que a Terra é redonda. Vemos apenas o Sol e as estrelas se movendo. Sombras na Lua. Nuvens. Navios. Evidências? Insinuações. Mosquitos que caminham sugestivamente sobre qualquer fruta que se queira comer. Migalhas. Isso. O que temos são migalhas. Pedaços. Fragmentos aleatórios do que imaginamos ou esperamos fazer sentido num contexto maior.

Algumas coisas se repetem em demasia, enquanto outras não aparecem. Procuramos por qualquer tipo de trilha. Tentamos isolar o que é mais importante. Diz-se que tudo tem uma função e que cada grão de areia faz parte do plano. Depois, durante a investigação, os grãos de areia são descartados. Infinitos fatos pequenos que desprezamos como irrelevantes, ou insignificantes.

Impossível separar o importante do resto, porque simplesmente não existe resto. Se quisermos ter uma ideia do Todo, então Tudo é importante.

Aqui, esbarramos num problema sério. Não podemos considerar Tudo. Não temos ferramentas pra isso. Nem mesmo chegamos a perceber o que é Tudo. Ainda outro dia, um astrofísico sugeria que as partículas subatômicas sequer existiam antes que as tivéssemos observado. E quanto mais fundo penetramos no buraco, descobrimos apenas que este é maior do que se imaginava antes. Brincamos de medir o oceano com uma régua de vinte centímetros. Alguns acreditam-se os arquitetos de meios mais eficientes. Réguas de um metro. Que seja. Ninguém nunca chega lá.

Não faz muita diferença. Albert Einstein, Alfred

E. Newman, Umberto Eco, Dona Florinda. Não faz muita diferença. Vistos um pouco lá de cima, são como grãos de areia sem personalidade. Apenas nomes. Rostos. Pequenas particularidades acidentais. Tão diferentes entre si quanto uma estrela da outra. Vá tentar entender o Universo, enquanto perde seu tempo curto estudando a diferença entre duas estrelas. Tente compreendê-lo sem conhecer essa diferença...

Alguém encontra uma mensagem codificada na Bíblia. Alguém encontra outra mensagem no Moby Dick. Os livros se acumulam nas bibliotecas e ninguém ainda chegou lá. Brincamos com os interruptores enquanto, de fato, gostaríamos de abraçar as estrelas. Braços curtos. Temos que nos virar com isso. Temos que aprender a viver com isso.

Talvez os planetas, ou os átomos, entendam o que está acontecendo. Mas nós gememos atropelados no meio do caminho. Pra falar de mim: desperdicei muito tempo tentando ser coerente. A vida não se desenrola com a estrutura rígida e fácil das frases. Por que feliz? Por que triste? A verdade é que isso não importa. São coisas que vêm e que passam. Como uma gripe. Mistérios além de mim, que eu simplesmente percebo. Que sou obrigado a aceitar. Como o céu. Como as montanhas.

Abra sua janela e dê uma espiada por aí. Tudo é essencialmente belo. Não importa se você acredita que isso foi feito por um Deus cheio de dedos, ou que é tudo apenas o produto fortuito da mais espantosa chance. Não importa que tipo de sentido você dá ao mundo enquanto olha para ele. Agora, por exemplo, eu não consigo dormir e minha janela já

está aberta. A despeito das minhas aflições e dores e cigarros fumados, há um dia lindo se levantando lá fora. Se você conseguir esquecer por um instante que é uma pessoa cheia de pequenas preocupações e mesquinharias, se observar o mundo através de um olhar atento e desinteressado, inocente e distraído, vai perceber que tudo é colorido e cheio de formas improváveis. Mas o problema é que não pensamos com os olhos. Também há um cérebro aqui dentro e ele me diz que aquilo é mau e que aquilo é extravagante. A nossa vontade de rotular estraga o clima de festa. Também há um estômago, e dois rins. Um fígado. Precisamos comer e beber e nos mover e falar. Eu preciso dormir, mas não quero. Precisamos sentir e querer e vamos todos morrer. Precisamos nos proteger, porque ficamos com medo. Nossa própria natureza humana nos arrasta pra dentro do buraco, mas não precisa ser assim.

Todos gostariam de dizer com convicção sincera e argumentos sólidos que suas vidas têm sentido. Uma finalidade. Uma intenção. Mas isso não é verdade. Encontrar um sentido nas coisas é simplesmente um exercício de ignorar outros aspectos que não fazem parte daquele sentido escolhido. O dia foi perfeito, ignore os grãos de areia. A noite foi terrível, ignore as estrelas.

Você pode traçar uma linha reta do princípio ao fim, mas o caminho não é percorrido em linha reta. Cada gesto e cada passo estão impregnados de infinito. Insistimos em interpretar cada coisa como se ela existisse isolada do resto. Continuamos protegendo nossa convicção de que as coisas são exatamente como nós as percebemos. Como pensamos sobre elas. Que existe qualquer tipo de segurança.

Isso se explica, provavelmente, porque passamos a maior parte do tempo concentrados unicamente no que acontece à nossa volta. Porra, sequer à nossa volta examinamos. Passamos a maior parte do dia dentro de nossas próprias cabeças. Já disseram por aí: "Só enxergamos o que olhamos, e só olhamos para o que já tínhamos visto."

Aquilo parece importante por alguns instantes, e de repente não é mais. Algo surge como o centro do mundo, num determinado momento. Como nosso umbigo. De repente, a importância desaparece, ou se desloca. De repente, estaremos todos mortos.

Não existe uma sequência lógica, numa observação desinteressada dos fatos. A busca de um sentido é apenas uma expressão da nossa vontade egocêntrica de reorganizar o mundo à nossa própria maneira. Dentro de uma lógica que NÓS produzimos. A crença de que alguma coisa (nossa imagem e semelhança) está mexendo os pauzinhos. Mas os pauzinhos estão soltos e suas relações parecem alheias e insensíveis aos destinos e aspirações humanas. Lógica e finalidade são conceitos que só fazem sentido numa perspectiva humana – entidades que habitam apenas aquele universo criado por nossas ferramentas sensoriais e de raciocínio quando encontram o mundo. As coisas simplesmente SÃO; não têm lógica, ou finalidade intrínseca.

Às vezes, a vida é como a prova de uma professora chata do primário. Você não sabe a resposta da segunda questão – então chuta e continua lendo... No enunciado do quinto exercício você encontra a solução daquela segunda questão, mas, ei!, você não pode rasurar. O jeito é entregar a prova com firme-

za, perturbado pela consciência de ter feito merda em algum lugar. Transtornado pelo desejo intenso e inútil de voltar atrás, com um conhecimento que adquiriu depois da oportunidade e com o qual poderia consertar, aliviado, os erros do passado. Mas regras são regras, e você tomou no cu. E o tempo é o tempo. E a vida é a vida. Bola pra frente.

Acelerado, estronho, dnesoexco – é tudo assim mesmo. O resto é conversa fiada. Resultado dessa coisa que nos preenche a alma e ocupa todos os espaços que eu gostaria cheios de certa substância menos falsa. Essa coisa que sai de mim em forma de letrinhas, palavras, frases e pensamentos confusos. Signos que se batem e se cruzam como organismos vivos, entre eventualidades elementares de uma seleção natural. Tão cheio de ideias e ainda me sinto vazio. Queria estar cheio de outras coisas – mas o espaço acabou e as letrinhas não saem quando fico de cabeça pra baixo.

Fazer o quê? Você, como eu, pode estar cansado da complexidade do mundo, e de todos os murros, cercas e paredes às portas do corpo e da mente. Diz-se que o tempo é o maior de todos os mestres. Um mestre que, tragicamente, acaba por matar todos os seus discípulos. (Isso será repetido, porque a repetição faz parte da realidade.) Proponho, em nossa defesa, um movimento rebelde. Vamos matar o tempo. Eu não sei da sua vida, então vou falar da minha. Foi assim: eu nasci, e então me deram um tapa na bunda. (Na verdade, não lembro dessa parte, mas acredito que foi assim). Blá, blá, blá...

Então estou numa festa à fantasia no apartamento de uma amiga. Eu uso um colete prateado e por acaso me encontro conversando com Linda, que

estava casualmente fantasiada com temas indianos, incluindo uma pedrinha na testa. Às vezes nos víamos de longe, na universidade. Era a primeira vez que conversávamos e, porra, como ela me encantava... Eu a achava gatinha, de longe, mas conversando com ela descobri uma atração formidável. Que homem até hoje teve uma musa que não fosse a mais linda, a mais amável e a mais desejável?

E naquele dia eu certamente poderia ter escrito os versos mais apaixonados e ansiosos, mas este livro começa no fim. É uma semente de realidade que planto agora sobre o túmulo do amor.

Eu, que sempre fui um paciente apreciador do flerte (ou, em outras palavras, um frouxo inexperiente), me comportava como um bombadinho piolho de micareta. Insistia verbal e fisicamente por um beijo. Ela não queria ficar comigo. Quer dizer, estava óbvio que ela queria, mas se controlava. Havia um namorado – distante, mas havia. Eu teimava, eu teimava... E hoje me parece que eu persistia com a consciência, lá no fundo, de que algo daria errado. Agora, quando preciso mas não quero dormir, sinto que cada um conhece a sua própria sina. É um engano; uma tendência à pregnância. A busca de um sentido cujas contradições são evidentes à luz de uma observação objetiva dos fatos, mas que nossa mente – viciada em completar espaços vazios pra formar figuras simples – insiste em projetar no passado.

Eu não sabia de porra nenhuma. O mundo é imprevisível. É minha cabeça idiota que fica procurando desculpas para se gabar com "Eu já sabia!", ou "Entendi!". Está claro pra mim que o sentido

atual das experiências passadas vai se transformando numa farsa. Observo a criação involuntária de uma história fraudulenta com a qual minha consciência pretende encobrir o que de fato aconteceu. Por isso escrevo. Estou sendo atravessado por uma dor extrema e significativa, que em alguns anos (provavelmente) será transformada (involuntariamente) numa explicação simples e fantasiosa. Uma estrada tortuosa que será lembrada como linha reta entre A e B. Eu quero saber a verdade. Preciso começar de A, antes que minha mente conheça B. Fotografar meu estado mental durante o caminho e comparar a trajetória de fato com as conclusões tardias.

Eu insistia e ela dizia não. Então a festa acabou. Ela recusou todos os beijos, mas aceitou a carona. Estamos parados na frente de sua casa. Depois de uma última tentativa, do último "Não posso", eu espero que ela desça do carro. Ela hesita, antes de sair. O corpo dela volta. Um abraço. Eu me derramo, por um segundo. Então afrouxo os braços e vou retirando o rosto. Ela me beija.

Naquele primeiro dia, ficamos um longo tempo ali, dentro do carro. Depois disso, foram outras tantas eternidades; dentro do carro, nos banquinhos das praças, na frente do templo ecumênico universitário, no meu quarto e em todos os sofás da cidade...

Permite um conselho? A beleza existe, cara. A beleza realmente existe. Sei que isso não é muito lá um conselho, mas é uma coisa que precisava ser dita. Era tudo maravilhoso e eu acordava abraçando o travesseiro. E era tão bom compartilhar essas maravilhas com um anjo e eu dizia que ela trans-

formava tudo que chegava em beleza e tudo que saía em satisfação. E era tanta ternura e um sentimento tão bom para saborear sempre que precisasse dele – a mera consciência de que ela estava lá fora, em algum lugar... Cheguei a acreditar que eu era uma pessoa verdadeira e profundamente boa. Dessas que não são feitas de carne. Dessas que não existem.

Mas o tempo passa e chega uma hora em que as pessoas precisam tomar decisões. As pessoas precisam escolher entre uma coisa e outra e, eu, por aqui, já estou acostumado a viver com um punhado de vermes dentro da boca. Não foi a primeira vez que fiquei em segundo lugar.

II

Eu olho para o espelho. Quem está lá? O que vejo lá? Formas. Volume. Cores. Uma infinidade de conceitos vagos que se misturam à imagem catóptrica. Huxley, Bukowski e Rubem Fonseca no mesmo cabelo despenteado. Umberto Eco, Musashi e dedos amarelos. Sorrisos, Hollywood e luas cheias. Velhas madrugadas de mentiras esquizofrênicas e anedotas deprimentes. Pigarro. Tosse. Índios, corujas e teletubbies. O reflexo de um corpo que reconheço, pelo raciocínio, como meu – ainda que no momento não exista uma sensação de conexão intrínseca com ele. Eu, agora, sou uma sombra de fumaça num sonho, que sonha com um mundo no qual vejo reflexos no espelho.

O tempo perde linearidade, como nos sonhos, e aquele outro eu – o do cristal – mistura-se a um reflexo mais antigo (de feições idênticas, embora mais alegre) que há poucos dias percebi sorrindo numa porta de vidro. Do outro lado, além do reflexo, um anjo dormia no sofá. O meu anjo. Linda.

Recordo vagamente dessa vontade urgente de congelar o tempo. Agora, quando eu morderia os cotovelos para que as horas corressem mais depressa, não posso descrever honestamente a vontade de congelar o tempo. Já me parece um sentimento tênue e distante, como o eco imaginário que às vezes parecemos ouvir depois que o som já terminou.

Eu já sabia, naquele instante, que as coisas estavam desmoronando. O amor pelo qual eu esperara e me desenvolvera desde que pensara em amar. Desmoronando. Amor verdadeiro. A canoa do des-

tino sobre a qual a gente se amava flutuava agora no refluxo de uma cachoeira e não havia nada para fazer além de amar enquanto possível, para descobrir depois, na espuma, se encontraríamos algo além de destroços.

Observando Linda através da porta de vidro, eu ainda não sabia exatamente quais seriam as curvas da montanha russa que nos esperava nos próximos dias, mas sabia que a tempestade já estava armada. E, ainda assim, era impossível ficar triste. Encarava aquilo como qualquer eventualidade com a qual teria que lidar no futuro. Idiotices que a gente chuta pra resolver lá na frente... Num tempo ainda muito distante, como agora.

Eu olhava através do vidro e a consciência do eminente catastrófico era fria e desdenhosa como a certeza da morte. Eu me sentia bem, porque ela estava lá. Minha aflição se concentrava numa crescente necessidade de ficar pra sempre naquela paz. Naquela felicidade. Aquela leveza no peito de tempos em que o outro não me olhava deste jeito no espelho. Talvez, em alguma desconhecida realidade, eu permaneça ali eternamente – velando o sono dela. Eu queria... eu *realmente* queria fazer o tempo parar. Mas o tempo não para, não parou, e agora olhos tristes se cruzam dentro do banheiro.

Volto pro quarto e agora são olhos na tela apagada do computador. Será o mesmo outro que enxergo por toda parte, ou cada superfície propícia forma um novo sósia para me condenar?

Clico um disco do Tom Jobim e, deitado na cama, releio várias vezes um poema de Drummond

que ela me mostrou num dia bonito. Quando meus ombros ainda suportavam o mundo e ele não pesava mais que a mão de uma criança. Então surgiram as pedras em nosso caminho. Não tínhamos ferramentas para superá-las, como não as temos para compreender o mundo. E o tempo não para. E você não pode rasurar. Não pode voltar atrás. O que importa apenas: o fim que eu via longe, no horizonte á frente, agora me acompanha no retrovisor. Estou sozinho. Despedaçado e assombrado pela contraditória presença de uma ausência. Não fossem os livros e o hábito contemplativo – esclarecendo que este sentimento é bastante comum para ser clichê e, principalmente, que é um tormento passageiro – além de triste, eu estaria louco. Suicida. Desesperado.

Não consigo pensar fora do quadrado, e meu quadrado é bem pequeno; solidamente construído entre a saudade do amor. Só consigo imaginar planos que envolvam, necessariamente, a presença de Linda. Como quando à noite falta luz, e impossibilitados de navegar na Internet, tentamos o interruptor para ler um livro, ou pensamos em assistir televisão, tomar um banho quente, esquentar comida no micro-ondas, etc...

Eu penso em abandonar tudo, aquela coisa trágica e afetada. Voar pela janela, ou continuar deitado, com o foda-se ligado no máximo, fingindo de morto. Depois argumento pra mim mesmo que é melhor um final trágico que uma tragédia sem fim – acabou; é preciso aceitar. Mas é uma gangorra. Em pouco tempo eu me distraio e os devaneios com Linda infiltram a realidade. Começa uma expectativa, uma ansiedade... Essa esperança recorrente é

que me depaupera. Os momentos de lucidez, na verdade, são flashes. Uma constante agonia esperançosa, como as mariposas que batem repetidamente a cabeça na lâmpada, talvez imaginando que da próxima vez será diferente. Não consigo explicar tudo, mas sei que juntos fomos invencíveis. E apesar de tudo, nada. Eu penso que talvez se... Não. Mas se... Não. Quem sabe se... Não.

Uma luz queimada que insiste em brilhar fraquinho; pulsante. Não sei o que fazer. Admito sentimentos embaraçosos de paspalhão. Sinto vontade de apagá-los – este não é um bom começo de livro. De qualquer forma, minha intenção primária, aqui, não é fazer literatura. A literatura é acidental. Isto é um experimento. Sinto vontade de apagar, mas não seria honesto.

O que é boa literatura? Podemos confiar em regras para criá-la, ou reconhecê-la? Usar vários sinônimos pra não repetir qualquer palavra, por exemplo? Parece uma regra bem estabelecida. Eu não deveria repetir tantas palavras porque palavras repetidas foda-se. Foda-se, foda-se, foda-sinônimo, foda-se, foda-se, foda-se...

Saio para caminhar. Já é um começo. A inútil paisagem tenta me envolver. É tudo bonito, mas não consigo prestar atenção por muito tempo. Volto sempre pra dentro dos meus íntimos corredores estreitos e cortantes.

Começo a correr, pra ver se a falta de ar ameniza meus pensamentos. Não é o primeiro dia que tento isso e meus pés doem. Minhas pernas doem. Está tudo doendo e sinto que mente e corpo entraram

em sintonia.

Antes de chegar em casa, uma chuva fina encontra minha pele já molhada de suor. A chuva cobre tudo, e me consola. Olho para as janelas das casas e lembro que sou apenas outra dor num dia frio. Naquele exato momento, sob o mesmo firmamento, quantas lágrimas caíam sobre um chão indiferente?

Olho para o céu e penso em tudo que me rodeia. Tudo em que consigo pensar, num esforço para me sentir insignificante. Essa falta que me corrói agora o peito não pode ser assim tão importante. Tento pensar que estou exagerando as coisas. Porque não represento nada no Grande Esquema do Universo, e qualquer coisa que me aconteça não pode significar mais do que a aflição de uma formiga. Tão estúpido e passageiro quanto a euforia das bactérias. Talvez também tão destruidor.

Depois de um tempo eu consegui. O sentimento de insignificância. Mas isso não trouxe o tipo de alívio que eu esperava. Descobri que sou insignificante demais para merecer qualquer espécie de conforto lógico.

A vida é injusta – aceite isso ou dê um tiro na cabeça. Boa coisa que eu não tenho uma arma. Queria aprender mais rápido.

Entrei no banheiro sem olhar para o espelho. Tirei as roupas molhadas que se agarravam à minha pele como se emocionalmente desequilibradas e apegadas a mim. Joguei tudo dentro da pia, pra não encharcar o piso. Abri a ducha e sentei no chão com as pernas cruzadas.

De olhos fechados, a água batia um barulho agradável sobre a minha cabeça. Meus pés doíam

muito, por causa das bolhas. O banho trazia algum alívio, mas me preocupava o estado dos meus pés. Talvez não fosse razoável repetir a corrida no dia seguinte. Teria que protuberar um novo passatempo da minha cartola exausta desmotivada. Não apenas no dia seguinte, mas naquele exato momento em que, com dedos enrugados, precisava sair do banho.

Pouco depois que saí do banheiro, estava no telefone. Chamei Luke e Edward para assistir a um filme qualquer. Eles vieram.

Conversamos muito. Era melhor assim. Somos amigos de infância, quase irmãos. Então não ache estranho se eu te contar que dividimos uma bala.

Eu tinha uma única IceKiss e Luke aceitou um pedaço. Quebrei a bala com os dentes, para repartir. Era um processo comum pra mim, porque Linda preferia ter só uma metade. Durante os últimos meses parti dezenas de balas com o amor sentado no colo. Então é claro que no estalar do açúcar tudo voltou numa marretada onipotente. O que era doce se transformou em amargo. Algum efeito psicossomático de merda. Não estou falando em metáforas. Senti um gosto intensamente amargo na boca. Uma sensação aversiva pra caralho. Daquele tipo de aversão que é muito persuasiva. Mas eu não cuspi. Aguentei o amargo como se fosse frio e mantive a bala na boca.

Tinha que tirar aquele veneno da minha cabeça. Não podia condescender com ele. Tinha que parar de me atormentar por coisas que não posso mudar. Aprender a esperar sem me desgastar. A sala, o filme e meus amigos desapareceram da minha aten-

ção. Voltei um pouco no tempo e tentei pensar nos momentos felizes. Reminiscências de um lindo novembro. A lembrança de abrir o peito pra vida. Acreditar que a beleza existe. Encontrar o amor.

III

Levantei cambaleando. Tomando cuidado pra não pisar nas garrafas em volta da cama. Fui até o banheiro. Depois de mijar, por hábito, subi na balança. Sempre me peso às segundas-feiras. Tinha perdido três quilos. Eu não estava fazendo regime. Já fui muito gordo, mas agora estava com um peso aceitável. Não estava magro, mas essa também nunca foi minha pretensão. Eu não estava tentando emagrecer. Quando não estou preocupado com peso, a tendência é que eu engorde um pouco. Ainda assim, perdi três quilos nesta última semana sem amor.

Saí do banheiro e fui ouvir um pouco de música na sala, já que meu computador, uma bomba, estava estragado de novo. Descendo as escadas, cruzei com meu pai que vinha subindo:

"Você está engordando, hein, rapaz..."

Engraçado ele falar aquilo, considerando que ele não me via justamente há uma semana. O lance é que passei a maior parte da vida engordando. Aquele era um comentário comum. Era a causa mais comum de qualquer mudança perceptível. Velhos hábitos são difíceis de morrer. Concordei com uma tentativa de sorriso e continuei descendo.

Quando cheguei à sala, tudo estava desarrumado. Minha mãe empurrava um sofá pro canto. O tapete, que deveria estar sob os móveis, estava enrolado, de pé, encostado na parede. Era um belo tapete, de pelo de ovelha, eu acho. Nunca soube direito. Alguma coisa branca, peluda e macia. Uns três por três metros. Não dei importância. Fosse o que fosse, melhor não me envolver nos mirabolantes

planos domésticos da minha mãe. Liguei o som e me derramei em cima do sofá fora de lugar.

"Vamos lavar o tapete", ela disse.

Subi pra fumar um cigarro. Limpar aquele tapete não parecia um trabalho simples. Além do mais, sabia que seria trabalho pra nós três (marido, mulher e filho). E sempre que a família se envolve em alguma coisa, bem, você deve ter uma família. Eu não estava com cabeça praquilo. Já tinha perdido três quilos.

Sentado na janela do quarto, fumei, bebi e pensei sobre o amor até que minha mãe gritou lá de baixo: "TÁ NA HORA DE DESCER PRA LIMPAR O TAPETE!"

Fui sem pressa. Na varanda, o trabalho já tinha começado. Meu pai andava por cima do tapete com um rodo, enquanto minha mãe o seguia com uma mangueira. Tirei meu chinelo e decidi ficar ali fazendo o que eles mandassem. Tentando falar o mínimo possível.

"Pegue o outro rodo e fique tirando a água da varanda."

Foi minha mãe quem falou. Aparentemente, meu pai também tinha decidido falar o mínimo possível. Era um trabalho idiota. A água já escorria sozinha para o lado de fora. Era como ser incumbido de derreter um gelo num dia quente. Percebi que não tinha nada em que eu pudesse ajudar no momento. Mas minha mãe tinha essa coisa de que TODO MUNDO **TEM** QUE TRABALHAR. Reclamei um pouco e fiquei puxando a água assim mesmo. Depois ficamos revezando os trabalhos sobre o tapete.

Minha mãe não parava de reclamar. Uma certa hora eu saí pra beber água. Quando voltei, ela estava falando: "...e parece que quanto menos vontade tem de trabalhar, mais vontade tem de sujar..." Era bastante óbvio que ela estava se referindo a mim. Legal. Agora eu também era o culpado pela sujeira do tapete. Não devia ter reclamado de tirar água da varanda. Devia ter ficado calado. Mas fiquei nervoso com o novo comentário e disse que aquela discussão toda era idiota e começamos uma outra discussão sobre religião. Meu pai era mais velho e mais esperto. Ficou calado. Continuava com o rodo e com a paz de espírito. Sabia que não adiantava discutir conosco.

Era gostoso andar descalço sobre o tapete molhado. Meu pai, finalmente, disse alguma coisa: "Tem que sair o sabão todo, senão endurece os pelos e nós vamos ficar com um tapete de porco-espinho." Aquilo fazia sentido. Ficamos muito tempo jogando água e puxando com o rodo. Mas as bolhas produzidas pelo sabão não paravam de sair.

Minha mãe foi a primeira a desistir. "Acho que já está bom. Vamos tirar um pouco da água e estender o tapete pra secar." Mas meu pai sempre foi meio psicótico com essa coisa de eficiência. Nada está bom até que esteja perfeito. Fiquei preocupado quando percebi que estava concordando com ele. Ele dizia pra minha mãe: "É claro que não está bom. Olhe o tanto de espuma que ainda está saindo!" Continuávamos. Minha mãe reclamava. Dizia que já estava pronto. Eu retrucava: "Ali! Eu vi uma espuminha ali!" Eu corria com a mangueira e meu pai passava o rodo em cima do lugar. As bolhinhas sain-

do.

Eventualmente, como as espuminhas continuavam aparecendo, a insistência da minha mãe ganhou. Demos início aos preparativos para a pendurada do tapete. Fui buscar alguns tocos e pedaços de madeira pra preparar uma espécie de cavalete onde pudéssemos deixar o tapete secando. Meu cachorro, que tinha passado o tempo todo olhando a gente trabalhar, levantou e me seguiu na busca de material. Cortei caminho pelo meio das árvores, até chegar ao orquidário – onde havia tudo que eu precisava. Meu cachorro já tinha me ultrapassado e parecia entretido na brincadeira de escolta; investigando o caminho à frente enquanto fazia pose de guarda. Fiquei me sentindo meio caçador.

Voltei com a madeira e ajudei meu pai a montar o cavalete. Usamos apenas ferramentas de corte. Ele media tudo com a mão. Tem a incrível habilidade de medir EXATOS vinte centímetros com um palmo. Minha mãe ficava o tempo todo andando de um lado para o outro. Ela falava muito, mas ninguém prestava atenção. Depois de algum trabalho, conseguimos estender o tapete por cima da coisa.

Três metros quadrados de pele de ovelha pingando água. Meu cachorro parou do meu lado. Eu e meu pai estávamos sem camisa. Suados. Ofegante, sobre o gramado, pus-me a imaginar como seria estimulante caçar uma ovelha gigante e pendurar sua pele pra secar.

IV

São cinco horas da manhã. Entro no banheiro e tranco a porta cautelosamente, pra não fazer barulho. Os azulejos são frios e o espelho brilha gélido. Eu me sinto solitário. Tiro o short e a cueca ao mesmo tempo. Dentro do boxe, deixo a água que cai sobre meu peito um pouquinho mais quente do que o ideal. Sento no chão, onde a água chega à minha cabeça na temperatura ideal. Tem sido um ritual, nesses últimos dias. É uma forma de passar o tempo. É aconchegante. É o que eu preciso.

Bato uma punheta, maquinalmente. Leva um bom tempo. Observo, indiferente, meu pau cuspindo sua velha gosma. Um orgasmo triste. Nada. Eu continuo o mesmo. Apenas músculos se contraindo. Nada do que ela era pra mim.

Acostumado à temperatura, diminuo o fluxo de água, pra que ela caia mais quente. Fecho os olhos de novo. Apenas a escuridão. Sensação de carícia sobre todo o corpo. É como um sonho. Consigo permanecer por alguns minutos sem pensar em nada. Tenho tomado longos banhos, sentado no chão, com os olhos fechados.

Às vezes, bate um presságio muito forte e sou obrigado a abrir os olhos rapidamente. Por medo. Admito.

Medo de fantasmas. É ridículo, mas verdadeiro.

Um pressentimento atravessa meu corpo como flecha e sinto medo. Até o último instante, antes de abrir os olhos e perscrutar o banheiro vazio, eu acre-

dito que vou dar de cara com uma assombração.

Algo escondido nas sombras. Algo sobre o qual eu sempre ouvi falar, sem nunca acreditar que aconteceria comigo. Algo misterioso. Que não obedece às leis do bom-senso, ou da conveniência. Algo que eu não posso compreender, e que vai me machucar.

Eu acredito. É inevitável. Não seria a primeira vez.

V

Saio com pressa do banheiro e, enrolado na toalha, entro molhado no quarto. Escrever logo as frases que se acumularam durante o banho.

Sou assombrado, na verdade, por frases, ideias e sacadinhas linguísticas. Prontas para me importunar em todos os momentos. Inclusive debaixo d'água.

É um pensamento que brota enquanto olho minha barriga. Uma folha que cai. Uma garota que sorri. Algo que estala. Alguém que grita. Frases que se colam em mim. Todas exigem o mesmo direito de vida (ou de morte) numa folha de papel. Disputam espaço em cada parágrafo. Eu sempre encontro um lugarzinho pra elas. É claro. Todas elas. Incapazes de retribuir um favor. Não me dão espaço. E não importa se estou correndo, amando, ou sofrendo. Elas estão lá. Ávidas. Implacáveis. Colando-se à minha pele. Gritando "Presente!" toda vez que encontram algo que pareça útil, poético, ou verdadeiro – algo que assim o pareça para a própria lógica das frases, pensamentos e sacadinhas linguísticas, é claro. Eu não sou importante.

Às vezes, isso me enfada. Mas guardo tudo na memória. Já não é mais uma questão de escolha. Quando posso, sento e vomito tudo. Mas não basta.

Há dias que escrevo só para arrancar as frases de mim. Quando as frases são tristes, é um alívio. Geralmente traz leveza. Mas hoje, as frases vão e a angústia permanece. Como uma dúvida. Como uma dívida misteriosa.

Não gostei das últimas frases; vou conservá-las

como vingança.

Está bom pra você? Está?

Que se foda.

Me sinto sujo.

VI

As pessoas perguntam se eu estou de férias. Eu não estou. Estaria, de fato, se o fim deste ano letivo não coincidisse com a minha formatura, e se isso não implicasse no término do meu estágio♠. De forma que não estou de férias. Estou desempregado.

É engraçado... Numa hora você é universitário, tem um trabalho e alguém que ama do seu lado. Noutra hora, não tem nada disso. Só um diploma inútil, de suvenir, e milhares de minutos vazios que levam horas pra passar. Pensando melhor, isso não é engraçado.

O dia foi consumido pelo tédio. Passei as primeiras horas da manhã terminando de traduzir um texto absurdo pro inglês. Pedido de uma ex-professora. Aceitei porque não tinha mais nada pra fazer. Estou cansado de tomar banhos. De qualquer forma, o texto deu trabalho – considerando que eu sou um caipira que acabou de se formar em comunicação e o texto era um trabalho de doutorado em engenharia, sobre concreto e polímero reforçado com fibra. Foi um alívio entrar na curva da última frase; no entanto, assim que digitei o ponto final, percebi que o fim de um tormento era o início de outro. Mais

---

♠ Estágio = Convênio entre uma empresa e uma universidade, no qual o aluno recebe uma bolsa parcial e realiza o trabalho de um funcionário regular, para ser despejado ao final do curso e ter sua vaga preenchida por um novo estagiário – uma vez que a empresa não precisa contratar profissionais formados se os estagiários podem fazer todo o trabalho. Dessa forma, a universidade ganha prestígio e as empresas são beneficiadas com mão-de-obra gratuita e altamente qualificada. É bastante óbvio que toda a comunidade sai ganhando com esse convênio – considerando que o aluno não faz parte da comunidade, até que tenha dinheiro e prestígio para abrir sua própria empresa ou universidade.

uma vez, eu não tinha nada pra fazer. E estava desesperado por qualquer tipo de ocupação.

Dormi. Joguei videogame. Li. Andei de um lado para o outro. A casa era pequena pra minha inquietação, então resolvi sair pra caminhar. Chovia. Era mais interessante assim. A chuva ficou mais forte, então comecei a correr. Foi bom sentir aquele tanto de água me batendo na cara. Agora que escrevi isso, estou me achando um idiota. Mas foi bom.

Eu corria e tinha dificuldades de olhar diretamente pra frente, por causa da força da água. Percebi que estava vivendo em ziguezague, entre a dor e o tédio, ocasionalmente olhando pra frente através da chuva e isso me divertiu porque, porra, eu adoro Pink Floyd. De repente, consegui um pensamento que estava buscando há algum tempo: "Eu estou sonhando?".

É que eu estava empenhado em ter sonhos lúcidos. Dizem que uma das formas de experimentá-los é se acostumar a pensar, várias vezes durante o dia: "Eu estou sonhando?". A ideia é que você desenvolva um hábito involuntário. Assim, quando estiver sonhando de verdade, o hábito faz com que você questione a realidade dos fatos e, pimba, você descobre o que está acontecendo. Aí, é só explorar as possibilidades.

O problema é que eu só pensava nisso quando estava indo dormir. É verdade que lembrava todas as vezes, mas, se não eu forçasse um progresso, acho que a coisa só ia funcionar (lembrar de perguntar se estava sonhando e descobrir que estava) se sonhasse que estava indo dormir.

Então consegui me questionar durante a corrida e veio mais coisa do que eu esperava. Foi estra-

nho. Resolvi não pensar mais nisso. Em casa, já era noite, sentei no banheiro e fiquei observando meu reflexo fumar no espelho. Pensei outra vez: "Eu estou sonhando?". Eu não conseguia chegar a uma conclusão. Tudo parecia tão perfeito, há pouco. Tudo parecia tão errado agora. Tudo tão diferente. Uma mudança tão brusca. Eu estava sonhando agora, ou tinha sonhado com Linda e seu hálito de anjo? Fiquei encostando nas coisas da casa. Acendendo e apagando a luz. Apertando meus braços. Conferindo se aquilo tudo era de verdade mesmo.

As dúvidas ficam, mas o tempo passa. Dormi. Li. Joguei mais videogame. Umas dez e quarenta da noite o telefone tocou. Era o caseiro aqui da chácara. Ele perguntava se minha mãe poderia ir até a casa dele. A ideia é que ela usasse a caminhonete para ajudá-lo a levar suas coisas para a casa de uma amiga.

Na televisão, a cada vinte minutos, passava um alerta sobre a enchente. Já fazia alguns dias que o rio ameaçava rebentar. A previsão era de que isso aconteceria nesta noite. Nosso caseiro mora ao lado do rio e estava com pressa. Minha mãe dormia cedo, de forma que me ofereci para ir no lugar dela.

Coloquei uma camisa e saí de casa com pressa. Impulsionado pelo mesmo sentimento que me levaria a fazer qualquer outra coisa naqueles dias: eu simplesmente não tinha mais nada pra fazer. Além do mais, não adiantava ficar em casa remoendo meus problemas. Pessoas por aí têm problemas de verdade.

Nunca imaginei que pudesse caber tanta coisa

dentro de uma casa tão pequena. O cara ia entrando e saindo com mais e mais trouxas de roupa. Depois, eletrodomésticos. Mais tarde, um guarda roupa. Mais trouxas. Objetos embalados que não pude reconhecer. A coisa não tinha fim. Parecia uma pegadinha. Eu, que saí pra fazer alguma coisa e não ia pagar de playboy sentado no carro, ajudava a colocar tudo na carroceria. Então não cabia mais nada e partíamos para a casa de sua amiga, onde subíamos com as trouxas pro terraço. Fizemos três viagens e, finalmente, estava tudo lá. Eu suava bastante. Sempre suei muito. Nos despedimos e tomei o caminho de casa.

Ainda contagiado pela euforia do exercício, protuberei uma fita do porta-luvas e soquei no sonzinho ridículo da caminhonete. Logo na primeira nota que saiu das caixas reconheci For the Love of God, do Steve Vai. Tive ímpetos de tirar a fita, mas depois de alguma hesitação acabei deixando tocar.

Linda gostava da música. Entre as inúmeras faixas completamente alheias ao que ela ouvira a vida inteira, que eu tocava no carro, aquela era uma das suas favoritas. E caralho, como eu senti falta dela ali do lado, no banco do carona. E ela me diria coisas bonitas e eu faria carinho em sua mão (eu já tinha desenvolvido uma habilidade considerável em dirigir com uma mão só). E os carros passariam sorrindo e a vida seria mais leve. Mas eu estava sozinho e era tudo cinza. Fazer o quê? Às vezes se ganha. Às vezes se perde. Tem gente com sorte e gente que se fode.

Pretendo viver longe das roletas e pistas de corrida.

Um piscar de olhos e estou sentado no quarto. Mãos no teclado, de frente pro computador. Conversando pelo ICQ. Alguém se despede: “boa noite. sonhe com os anjos”. Eu já sonhei com um. Acordado. Bola pra frente. Agora a coisa é me concentrar em atravessar a terra de vermes que minha cabeça projeta no mundo. Esquecer das coisas celestiais e interagir com as bestas. Preciso manter o pé no chão. Preciso conseguir um emprego. Apertar firme as mãos que me forem estendidas, com um sorriso parafusado no rosto. Eu tenho que ficar atento e de prontidão. Capaz de reconhecer a preza fácil, de olhos fechados. Tenho que atacar no momento certo, sem pensar. Tenho que estar preparado. E lutar pra manter a lucidez. Sempre. Até mesmo quando estiver dormindo.

VII

From: spookybuk@xxx.com.br
Date: sexta-feira, 14 de fevereiro de 2003
To: jaky_br@xxxxx.com.br
Subject: Re: Como você está?

oi, Jaky

hoje está difícil dormir
eu tento, eu tento...
mas como as palavras a consciência se repete
a consciência de que o quarto existe à minha volta
os inúmeros barulhos de carros, cigarras, do vento, de vozes bem longe e do meu computador ligado
eu tentei dormir, mas como tem acontecido eu desisti e me levantei pra beber um pouco mais
aproveito pra responder seu e-mail

bem legal tudo aquilo que você escreveu, mas não sei como responder adequadamente

tenho tomado longos banhos e feito muitas caminhadas introspectivas
caminho pela casa vazia com a sensação de habitar um caixão gigante
acho que minha resposta poderia acabar aqui

acho, inclusive, que ela deveria acabar aqui

mas agora sei exatamente o que dizer

o amor dói, Jaky
ou melhor, o amor é lindo
talvez eu não soubesse tão exatamente assim o que dizer
o amor é lindo
ele dói quando é arrancado de você

já que você certamente espera uma resposta mais abrangente, e considerando que escrevo para passar o tempo, vou me espalhar sobre o amor
os dias passam suaves e tudo à sua volta parece parte do plano
você acorda sentindo que encontrou a onda certa pra surfar
sobre o topo do mundo
você sente que as coisas podem ser melhores, de verdade, não apenas algo que você diria para um amigo deprimido
sente que tudo caminha para essa melhora
você sente isso na sua pele, e imagina que tudo poderia ser lindo, se ao menos houvesse uma forma de expandir este sentimento para todas as outras pessoas
(se ao menos elas soubessem, você sente... mas é claro que elas não sabem)

merda
ia pensando um texto paralelo
deixemos as outras pessoas de lado
vou falar de mim
meus dias eram vitórias se eu visse Linda sorrir, ou dizer "obrigado"
então eu saía por aí fazendo tudo da melhor forma possível

todos os gestos caridosos são válidos
e são bonitos os rostos estranhos te encarando nas ruas

não estou falando de paixão, daquela coisa que vai embora junto com a porra
desejo de posse
não estou falando de empolgação e de hormônios
você sabe que eu nunca poderia ser considerado O Sonhador
a paixão é boa,
é divertida e estimulante por um tempo
mas ela acaba, e é isso
eu vejo a coisa acontecer desde que sou moleque, observando os colegas como coelhos na escola
eu não tive tempo suficiente para assistir à minha paixão acabar, mas tive tempo de pensar sobre isso

ela precisa acabar
porque é chama
pra não acabar, você precisaria abastecer o forno com mais coisas que queimam e, eventualmente, vai ter que queimar coisas importantes da sua vida
eu estava preparado pra isso
não pra queimar minha vida, mas pra aceitar um amor sem fogo constante
eu procurava debaixo dele
e eu encontrei algo
é a isso que eu chamo amor

acho que não estou sendo claro, mas estou sendo

sincero

se eu me sentisse em condições de ser claro, provavelmente não estaria em condições de escrever sinceramente sobre o amor

sim

eu também estou afeito a sentimentalismos batidos, e posso escrever frases de telenovela

inesperadamente (pra nós dois, acredito, pela impressão que você demonstra ter de mim) eu sinto orgulho disso

talvez mais tarde eu abandone o drama e volte a considerar tudo com puro raciocínio analítico, mas no momento seria um grande desperdício

afinal de contas, considerando tudo que eu perdi para chegar até aqui, uma das poucas coisas que conquistei foi a capacidade de compreender e conjurar pieguices sinceras

até admito que é rigorosamente impossível saber exatamente quais pieguices são sinceras, mas, ainda assim, me sinto capaz de reconhecê-las, pela ginga

pode ser apenas um delírio, mas eu não tenho muito

não tenho emprego, não tenho namorada, não tenho fome, não tenho vontade de dormir

não tire isso de mim:)

por favor, aguente mais algumas linhas sobre a minha estupidez

o amor, pra mim, é como uma orquídea

é uma coisa bonita que de repente cresce no

tronco de alguém e que precisa ser tratada e alimentada com cuidado

parece que meu tronco é podre, e tudo que nasce ali morre

talvez seja alguma bactéria

se eu pudesse começar de novo, a um milhão de milhas de distância...

eu encontraria um caminho?

estou ouvindo Nine Inch Nails, bebendo vodka com abacaxi e fumando um cigarro atrás do outro

você já se sentiu fodida pelo destino, Jaqueline?

já sentiu que, por mais que você se esforce e faça tudo certo, alguma coisa sempre sai errado?

já ouviu falar em Lei de Murphy?

(é Lady Murphy, com certeza...)

já sentiu que inventaram isso pra você?

acha que estou exagerando?

é possível

é até provável

acho, na verdade, que apesar da minha adesão à não-religião, que foi voluntária e (no meu mundo) socialmente rebelde, eu ainda tinha muitos resquícios da forma cristã de ver o mundo

foi preciso que eu estivesse pessoal e profundamente determinado à realização de alguma coisa para perceber que não tenho controle e que o mundo não faz sentido

não existe alguém ou alguma coisa tomando conta do mundo, como minha mãe tomou conta da casa

nada como meu pai para estabelecer punições e prêmios por merecimento
existem causa e consequência, ondulando aleatoriamente sobre uma manta infinita de caos

esqueça Deus, todo poderoso e sapiente e o caralho
meu pai é um ser humano como qualquer outro
e se ele tomasse conta dessa merda, e eu me esforçasse imensamente por alguma coisa, eu seria recompensado
e se duas pessoas se amassem e se fizessem bem, uma terceira pessoa nunca estragaria isso através de chantagem e infantilidades sociais
e um anjo lindo nunca seria partido ao meio, enquanto chora
e depois de tudo que eu fiz e senti, eu nunca seria obrigado a ir embora pra que ela não precisasse se rasgar ao meio sem conseguir decidir o que fazer

você deve estar pensando "PUTA QUE PARIU, a vodka bateu com força!"

mas se você está pensando isso, provavelmente nunca lutou intensamente por alguma coisa
intensamente como um náufrago luta com as ondas
intensamente como se escala galhos num precipício
intensamente como quem se levanta do chão sabendo que não pode vencer, mas insistente
pra ouvir que as coisas serão melhores num futuro imaginário

depois
é sempre depois
numa próxima oportunidade
ouvir que o tempo se encarrega de tudo, e que dias melhores estão por chegar
ouvir da boca de quem você ama que oportunidades novas virão
enquanto ela chora
e espera que você diga "Foda-se, vem comigo"
mas, porra, ela está chorando
e não é a primeira vez
e você sabe que o outro não vai ceder
e que não é por amor
é como uma criança que protege um brinquedo que não lhe interessa, apenas porque outro guri o preferiu pra brincar
ele não vai ceder
e ela está chorando de novo
e você precisa ouvir calado
chorando também
que outras oportunidades virão

eu, por aqui, já estou cansado de esperar por novas oportunidades
se não posso aproveitar as que tenho agora, como posso pensar em manter as que virão?

o mundo é triste, cara
é claro que, sendo infinito, o mundo também é uma festa
mas há o lado escuro da lua e tudo é frio pra caralho

brincar de sopa de letrinhas:

eu sou “or”
encontrei um “am” pra me preceder e me completar
mas ela foi embora
um “d” caiu do céu e agora a dor substituiu o amor

eventualmente o “d” vai desaparecer também
agora eu entendo muito mais sobre o passar das coisas
e sei que várias letrinhas vão circular minha experiência até que venha a última palavra:
m(or)te

pelos cabelos do meu saco
quer coisa mais ridícula?
por que é que eu escrevi isso?
por que não apago?

foda-se

estou aqui, ainda sem sono, falando de Deus e da morte
depois de assumir que estou num momento dramalhão, acho razoável continuar a fazer questionamentos piegas sem vergonha disso

para onde vamos depois de morrer?

(“sei lá”, eles dizem)

e vamos todos pro Sei Lá, que você pode chamar de Inferno, Paraíso, ou simplesmente Sete Palmos Debaixo da Terra

a verdade é que ninguém tem certeza
(talvez a verdade seja que as pessoas têm certezas demais)
Sei Lá

espero que as pessoas sejam legais no Sei Lá
que o amor escorra por todas as partes
e que a cerveja seja barata, e tal
essa coisa toda
mas
enquanto esperamos
ficamos aqui
e você pode rodar o mundo, cara
(pelo menos eu acho que pode, não é uma coisa que eu tenha feito. preciso dar crédito à minha ignorância)
não existe uma cidade cheia de pessoas boas
acho até que pessoas boas, em alguns anos, serão exibidas nos zoológicos
elas provavelmente já poderiam estar sendo expostas em lugares desse tipo

eu nunca procurei pelas mesmas coisas que todo mundo procurava
o que eu procuro não tem nome
tenho chamado de Estrela da Manhã, por falta de coisa melhor
eu achei que podia construir isso com alguém
(com você)
não cheguei nem perto
(tudo bem, já esgotamos o assunto em outros e-mails, não comecemos de novo)

depois tentei com outra pessoa

e também não deu certo

foi quando comecei a achar que isso era pretensão demais
que não existia
e que a vida era mesmo só essa superficialidade demente que a gente vê
essa vida tão vulgar e carente de magia

então, de repente, eu encontrei
ou me encontrou
não sei
nem tive que construir nada
surgiu naturalmente

e então...
e então nada
nada e dor
porque está lá mas não pode ser tocado
preciso ficar te explicando as particularidades?

amor
é bom saber que esse sentimento existe
ainda agora, é bom saber
que pessoas podem sentir isso e se encher de tanta ternura
desejar que as coisas melhorem, e acreditar que o mundo pode ser completo

é difícil pra mim, agora, armazenar ao mesmo tempo essa dor e a certeza de que ela vai passar
dá um nó em minha existência
eu sei que vai passar, como sei que posso encontrar água dentro de um cipó, mesmo que eu nunca

tenha cortado um

comodidades de uma cultura acumulada

eu sei, antes de experimentar

mas como é que isso pode passar?

como é que eu vou ser capaz de sair na rua sem achar, durante um instante apreensivo, que todas as mulheres ligeiramente parecidas com ela são realmente ela?

como é que eu ainda vou ser capaz de escrever friamente, sem a tentação de digitar algo emotivo ou exagerado a cada parágrafo?

isso não faz o menor sentido

mas eu sei que vai acontecer, e vou registrar essa porra

minha vontade é que o tempo passe mais rápido

acho que me expressei mal

a minha solução prática é me envolver com atividades que me distraiam, que me façam focar em alguma coisa enquanto o tempo passa

sei que o coração vai se regenerar

intelectualmente, eu sei

mas apenas saber não é suficiente

de forma que a solução prática é passar o tempo

mas é difícil atingir um resultado que seja ao menos pouco desconfortável

já tentou contar até dez sem pensar em um elefante?

a cada vez que penso no elefante, ele senta no meu peito

e como hoje um tapa na cara ativa o bom senso

em ocasiões futuras, é claro que frequentemente questiono o resultado da minha obra

minhas ideias lentamente amadurecidas e observações cuidadosamente compiladas num plano

estou sendo um idiota?

porque eu não sou nem o que as pessoas chamam de romântico, nem cachorro, nem cabaço

sou um cabaço que simplesmente não se admite?

estou achando que o mundo é feito de algodão, com pôneis, margaridas, nuvenzinha colorida e o caralho?

são questionamentos frequentes

mas eu nunca me poupo, eu enfio o dedo na ferida sem nenhum medo de me encontrar feio lá dentro

meu plano parece perfeito

eu sou só mais um cara, não tenho absolutamente nada de especial

e se eu consigo imaginar um certo tipo de amor, é absolutamente necessário que uma porcentagem imprecisa da população – homens e mulheres – consiga a mesma coisa

e se eu consigo ser fiel, a mesma coisa

et cetera...

não estou inventando novas tecnologias de combustível, nem nada parecido

ainda acho que fiz tudo certo

talvez seja arrogância minha

é provável que seja

mas, mesmo que eu tenha errado, ainda acredito que é possível ser melhor

e fazer tudo num relacionamento dentro de uma margem confortável de erro

não deu certo
porra, o mundo não é um relógio
eu estava sendo infantil
deixei de considerar a impermanência e o caos
e por mais que minha dor me aconselhe a desistir
e por mais fácil que seja deixar o barco descer maré e atribuir o destino à nossa própria vontade
eu pretendo continuar lutando

e é fácil tomar uma decisão
pelo menos mais fácil do que vivê-la
porque, porra, acabei de lutar e lutar e lutar e lutar
acreditando que fazia tudo da melhor forma possível
e que podia derrubar tudo que houvesse pra ser derrubado
mas a paz que eu buscava não vinha
e se afogou
e se você mata tantos dragões
e não existe nada lá
porra
os dragões mordem e arranham e cospem fogo
e você os mata
e nada

parece que é mais fácil deixar os dragões em paz
mas eu gosto de briga

o amor, pelo menos, existe
disso eu tenho certeza
ele existe, e eu estive lá
o problema é que as coisas não são sólidas o suficiente
elas vão se evaporando numa névoa misteriosa
a vida é meio como um sonho
as coisas vão desaparecendo e você não tem mais tanta certeza sobre a posição das peças
e o movimento do Todo é impossível de acompanhar
eu, por exemplo, não entendo mais nada
mas vou fazer como a vida
ignorar o bom-senso
e continuar

a pretensão de não ser confuso no meio da confusão parece um tanto inadequada, ou falsa
mas no meu estado, é impossível ter certeza
sobre isso ou sobre qualquer outra coisa além da existência e da ausência do amor

a cada hora
a cada frase, às vezes
eu me sinto diferente

se dúvidas fossem pessoas, eu seria a China

eu devo ter feito alguma coisa errado
acho que foi o suco de laranja

deve ser muito fácil estar feliz quando tudo dá certo
quando os hormônios estão circulando favora-

velmente
quando seu santo canta
e o dinheiro pula no seu bolso
eu nunca tive isso
nunca senti isso
o que eu tinha era uma situação em que tudo me parecia demente e enfadonho
cansativo
desprovido de interesse
porque tudo à sua volta é uma merda
e você percebe isso
e então encontra algo que te faz feliz
mesmo no meio do lixo mundial
e não é uma fuga
de alguma forma, você sabe
não é uma toca
é uma espada que você segura de mãos dadas
ou uma flor
e é lindo
é o amor que eu tinha
e foi isso que eu perdi

então desculpe, se faltei à sua festa
e se não tenho te mandado e-mails como costumava
espero que você entenda

mas agora respondi quase o dobro do que você escreveu
ou seja, seu último mail virou e-meio:(
sua vez

um abraço, Jaky
até breve

VIII

Linda me ligou chorando muito. Eu estava sentado num bar e o ambiente era barulhento demais pra que eu pudesse ouvir o que ela dizia. Andei um quarteirão e dobrei a esquina. Sozinho, encostei numa parede branca, descascada e deprimente. Conversamos até acabar a bateria do meu celular e, pelo menos, ela não estava mais chorando. No outro dia, à tarde, nos encontramos. Derramamos, ainda, mais algumas lágrimas. Eu disse "eu te amo" pela última vez. Ficamos abraçados por um longo tempo – no relógio deve ter passado um minuto, mas esse abraço nunca vai sair de mim.

Quando tudo aquilo terminasse de verdade – quando a questão não fizesse mais parte da minha experiência imediata – o que seria de mim? Eu voltaria a ser alguém que simplesmente existe, como a maioria? É fato que a gente esquece as emoções. Todas elas. Não há formas de armazenar esse tipo de coisa. Já as palavras, que circulam as emoções, continuam disponíveis. São até fáceis de lembrar. Mas são só palavras e apegar-se a elas não é diferente de qualquer tipo de apego infrutífero. Mas, voltando ao assunto, assim como não sinto que meus rins estão filtrando o sangue, eu poderia deixar de sentir aquele abraço, mas ele ainda estaria em mim. Depois de ter certeza do amor – e de conferir os interruptores e de se beliscar pra ter certeza que não é um sonho – eu nunca mais poderei ser o mesmo. Algo fundamental em mim se transformou. Agora eu sofro, mas sei do que os poetas têm falado e um dia, se tiver a chance, vou amar de novo. Posso em-

purrar palavras com os dedos e dizer que vou amar alguém além de Linda, mas acreditar nessas palavras, agora, eu não posso.

E eu dizia tantas palavras bonitas... E existe um prazer todo especial em dizê-las sabendo que não estão ali apenas para enfeitar o espaço. Não foi um encontro de putaria, nem de indecisão. Nos despedíamos. Ela tinha medo, assumiu, de que eu encontrasse outra. Ela desejava isso, racionalmente – fez questão de repetir, e eu acreditei – mas tinha medo do que sentiria quando a hora chegasse. Medo que eu repetisse, para outra, as mesmas palavras que havia lhe dito.

A repetição das palavras era uma possibilidade razoável, expliquei honestamente. O mundo é infinito, mas as palavras são poucas. Eu não acreditava, e não acredito, que possa sentir a mesma coisa por outra pessoa. Tudo é demasiadamente particular. Mesmo por ela, eu não sentia a mesma coisa todos os dias. Ainda que todos os dias (mesmo os dias tristes) tenham sido lindos, eu senti algo diferente em cada um deles. Imagino que o espectro de sensações beira o infinito, mas era possível que eu precisasse usar as mesmas palavras, em ocasiões diversas, para descrevê-lo.

Acho que a gente devia encontrar apenas um amor durante a vida. Um só. E para sempre. Isso seria a perfeição. Porque já é sabido que aquilo que não mata, fortalece – ou seja, promove a nossa insensibilidade. E a própria dor que eu sinto agora, certamente, é um ardido que precede o calo. Para o amor, eu queria uma pele emocional eternamente lisa.

Mas é claro que essa oportunidade de um amor

único, intenso e adequado é deprimentemente improvável. Encontrar um grande amor já é tarefa impossível para a maioria das pessoas. Num mundo governado pelas fartas prateleiras coloridas dos supermercados, como reconhecer e manter o amor verdadeiro sem experimentar substitutos concorrentes? Não. O caminho perfeito não pode estar aberto apenas aos inexperientes. Agora entendo em profundidade a expressão "endurecer sem perder a ternura". Ainda não sei o que é preciso, mas descobri um objetivo: ter a pele lisa e calejada ao mesmo tempo.

Linda disse chorando: "Acho que você é minha alma gêmea, e estou perdendo você".

Eu também pensava algo parecido. E também chorava.

Chorei muito até aqui. Já chorei demais pra imaginar que posso parar num estalo. É provável que isso continue por alguns dias, meses ou páginas. Anos? Livros? Eu sinceramente espero que não. Posso fazer melhor que isso. Este é um texto de lamento, mas não estarei me lamentando por muito tempo.

IX

Chuva e banco de carona. Anjos e suco de laranja. Tribalistas. Guitarras. Cigarros mentolados. Tudo que acontece à minha volta me faz pensar em Linda e os dias fogem como cavalos selvagens sobre as montanhas.

A enchente realmente chegou, naquela mesma noite e, se pra mim os dias são todos iguais, a rotina da cidade se transformou bastante. As ruas fervem de carros, bicicletas e transeuntes com estúpidos olhos curiosos. Com os ouvidos atentos por uma vez na vida. "Como está o rio?", "Já chegou na Israel Pinheiro?", "Sua casa entra água?", "Tá dando pra passar na ponte da Ilha?", "Crendeuspai!". Relatórios na tv a cada dez minutos. Os bairros mais afetados, naturalmente, são pobres. Há uma exceção, no entanto: a Ilha dos Araújos – um bairro de casas luxuosas que (surpreenda-se!) é uma ilha.

Nossa cidade é nova. Sessenta e poucos aniversários. Consequentemente, são poucas as enchentes sofridas e devidamente catalogadas. A própria Ilha dos Araújos, que era uma fazenda há tempos atrás, não tem sua forma atual de bairro há muito mais que vinte anos. Onde havia um matagal intercalado por grandes montes de terra, construíram jardins e um calçadão. Várias pracinhas. É um lugar encantador. Os últimos anos, no entanto, têm se mostrado um pouco alagados para a vizinhança...

Durante o dia, nos meses de enchente, é impossível encontrar os amigos que moram por lá. Ninguém fica na própria casa. Grupos visitam as casas alheias, ajudando a carregar móveis pro ter-

raço, pro vizinho, ou para a casa de um amigo que more numa construção mais alta... Pra qualquer lugar seguro. E todos compram grades e mais grades de cerveja, pra beber enquanto trabalham. E a noite chega e a água não vem, o que aborrece as pessoas, já que passaram o dia trabalhando pra quando a água subisse. Ou chega a noite e a água vem – o que, naturalmente, também aborrece todo mundo. O negócio, no fundo, é ter uma desculpa pra beber.

O fim de semana chegou. O que há de interessante pra fazer? Do meu ponto de vista, nada. Ainda LindaLindaLindaLinda... Eu tomo um gole e, com a água na minha frente, não consigo ver a enchente. Meu peito está seco, meus olhos estão molhados e o que me importa? Talvez a única forma de consertar as coisas seja acionando uma imensa descarga, como sugere uma música por aí. Estou de boa. Eu sei nadar. "Todo mundo devia saber nadar e lutar boxe". Não lembro quem disse isso. Foda-se. É fim de semana. Eu já terminei a faculdade e sou desempregado. Na minha situação, todos os dias são fim de semana. Estou nas semanas-fim-de-semana. Eu vejo um carro. Eu vejo uma garota. Eu vejo um policial. É como numa outra música. Não fico muito impressionado. Acendo um cigarro e o tempo passa mais depressa. Um cigarro é exatamente isso: cinco minutos. É só isso que ele é.

As coisas são piores quando o fim de semana das outras pessoas também chega. Fica aquela ansiedade irracional de que eu poderia estar me divertindo.

O dia foi seco e consumido pela apatia, então resolvo visitar um amigo. Saio sem telefonar e, por

sorte, o encontro dentro de casa.

Edward estava de larica. Eram oito e meia da noite quando sentei na mesa e ele estava comendo. O relógio marcou dez e quarenta e ele continuava empurrando comida goela abaixo. Aquilo era um fenômeno. O cara devia pesar uns sessenta quilos, e comia sem parar há mais de duas horas. Eu aproveitava pra ler um bom livro que achei em cima da mesa.

"Tá com fome, hein, phi..." – comentei, quebrando o silêncio.

"Ali, na geladeira," ele me disse. "Pega uma cerveja."

Agora ele estava falando a minha língua. Bebemos tranquilamente e o silêncio acolhedor tomou, novamente, conta do aposento. Até que a irmã de Edward chegou pra comer alguma coisa também. Ela me cumprimentou e disse:

"E aí? Cadê aquela menina que veio aqui com você outro dia? Estão namorando?"

"Não," eu disse

"Mas você queria, não é?"

"É."

"E então?".

"Não tenho tudo que quero, mas foda-se."

Falei distraído, sem intenção de grosseria, mas ela foi embora.

No dia seguinte forcei meu corpo a se deslocar até uma festa da minha turma de faculdade. Estávamos formados; já não nos víamos todos os dias e a distância ia abrindo espaço. Mas tinha sido um fim ainda muito recente, em novembro. Era janeiro, e continuávamos uma turma.

Todas as festas da minha sala eram basicamente iguais. O mesmo pessoal, nos mesmos lugares – relativamente falando – as mesmas músicas, etc... Todos fazendo as mesmas coisas, rindo das mesmas histórias e de olho nas mesmas bundas (agora um pouquinho menos tentadoras). Eu já estava cansado daquilo, mesmo antes do curso terminar. Então alguém apareceu com a famigerada bacia de pimentinhas... Porra, é um fenômeno sintomático. Ninguém busca pimentinhas numa festa com boa comida. A pimentinha diz "Isso é tudo que vai rolar pra comer". Além disso, naturalmente, numa festa sem comida, que se sustenta sem que os participantes precisem mastigar alguma coisa, também não há pimentinhas. É o tira-gosto oficial da festa besta. Não é uma comida; é um passatempo preguiçoso.

E apesar de tudo, é claro que a mão apanha automaticamente um bocado e elas chegam à boca. E, com elas, vem outra evidência da minha deterioração emocional. Minhas pernas bambas que não suportam o peso com elegância. Eu gosto das pimentinhas, por um minuto. Elas fascinam algo de mau dentro de mim. Com suas curvas e caroços, buracos e imperfeições, cada uma delas tem bastante personalidade. Pelo menos tanta personalidade quanto a cambada de idiotas que projeto no mundo. E comer aquelas pimentinhas me deu uma estranha sensação de poder. Examino, distraidamente, as particularidades de cada uma. Mordo e ouço abafados barulhos estrondosos entre meus maxilares. As pimentinhas são impiedosamente esmagadas. Trituradas, dentro de minha boca. Todas elas, indefesas, uma a uma, têm de ceder à minha vontade.

A ali eu gostaria de mastigar todas as pessoas

inúteis do mundo. Todas que têm tanta personalidade quanto uma pimentinha. Mastigar, engolir, e jogar por cima um grande gole de cerveja, que é pra tirar o seco que elas deixam na boca.

Mas pessoas inúteis devem ter um gosto horrível. Além do mais, não sou um lar para os corações alheios. Preciso reprimir em mim esse desejo de consertar o mundo (moldá-lo à minha vontade). Se eu conquistasse poderes pra fazer isso, provavelmente faria um monte de merda. É o que acontece, geralmente, com as revoluções. Alguém acredita que pode melhorar as coisas cortando isso e colocando aquilo. Então eles lutam. Cortam e colocam o que parecia a solução. Mas o tempo e a evidência contradizem as expectativas, demonstrando que as coisas são mais complexas do que se pode imaginar sonhando. A única coisa certa são os corpos jogados na vala. A calçada é dura, e não é feita de sonhos. Nada de mastigar pessoas. É verdade que ainda não consigo suportá-las, de vez em quando. Eu estou amargo.

Mas, voltando à festa, fiquei o tempo todo num canto. Eu bebia e conversava com as pessoas que se revezavam ao meu lado. Carla se aproximou e me encarou demoradamente, até que eu retribuísse o olhar.

"Estou preocupada com você," ela disse.

"Lá vem merda," eu pensei.

Ela estava mesmo com cara de preocupada. Depois de um tempo, a gente aprende a ter medo também quando as pessoas se preocupam. Principalmente quando elas se preocupam. Provavelmente não serão capazes de ajudar, mas

isso não impedirá que elas enfiem os vinte dedos na sua vida. Como já disse um bom russo, os dedos afetuosos são em geral implacáveis, e carecem de tato.

"Estou te achando muito mudado. Muito, muito estranho," ela continuou. "Da última vez que a gente se encontrou, você não estava bêbado. Você até me tratou bem! Foi todo educado e atencioso. O que está acontecendo com você?"

Carla não poderia compreender que Linda colocava açúcar na minha língua. E tudo que saía era doce.

"Você está até parecendo sensível. Estou realmente assustada..." ela prosseguia, entre risada e curiosidade sincera.

Comecei a pensar nessas coisas todas, enquanto ela disparava palavras. Não sobre o que ela falava, que eu ouvia apenas como um ruído, mas sobre Linda e o açúcar na minha língua. Eu já tinha tomado alguns copos. Veio subindo uma revolta egoísta. Sensação amarga de que nunca encontrarei outra para colocar açúcar na minha língua. Interrompi Carla com uma frase salgada:

"Ah, menina... vá tomar no seu cu. Por que você continua falando esse tanto de bobagem? Eu nem estou prestando atenção. Cala a boca e me traz ali mais um pouco de pimentinha."

O efeito foi bombástico. Carla sorria, batia palmas e dava pulinhos empolgados:

"Eu não acredito! Você voltou! Você voltou!..."

X

Apesar do frenesi de Carla, eu não tinha voltado. A gente nunca volta. A vida não é um círculo, ou qualquer coisa que funcione como um. Aceitaria a analogia com uma espiral. A gente retorna ao mesmo ponto, mas nunca está no mesmo lugar. De qualquer forma, eu sequer estava no mesmo ponto que ocupara antes de conhecer Linda. Nem pretendia voltar pra lá. Quero ser mais do que fui. Toda essa experiência deve ter abandonado em mim algo que eu possa usar para ser melhor. Eu só não sei ainda reconhecer o que essa coisa é.

Às vezes a gente está na merda. O importante é continuar. A vida é maravilhosa, e não é culpa dela se você não é. Às vezes é preciso ficar na miúda. Deixar as expectativas e grandes aspirações pra mais tarde. Colocar um chapéu-coco de Magritte e esperar o tempo passar. Era mais ou menos isso que eu estava tentando fazer. Eventualmente, chegaria o momento de refletir sobre onde estava. Com um pouco de sorte, estaria num lugar melhor.

Quer dizer, adianta ficar preocupado? Para onde nos levaria a pretensão de controle? Para o Mundo da Fantasia! Para a Fábrica da Dor. O melhor, na cura, é ignorar certas coisas. Manter a mente vazia de pensamentos e simplesmente reagir ao que acontece imediatamente à nossa volta. Deixar de alimentar preferências e de imaginar estratégias. Simplesmente existir, e ser humano.

Ainda existem sorrisos. O que importa se eles estão cobertos com pó de minério? É a modernidade. Todo lixo acumulado que encontramos na cidade.

São almas correndo pela linha telefônica. Gritos abafados sob um sol de luz atômica. A natureza não é mais uma debutante, e já nem todos os rostos merecem um sorriso. É a beleza que comove, tiraniza e entra em cena. É a América Latina construindo outro cinema...

Ininterrupto blá, blá, blá... Foda-se. Talvez alguém aperte um botão hoje à noite e quatrocentos raios de luz e de fumaça cortem o céu, enquanto fumamos sentados na janela, sozinhos com a meia-noite. Imensos cogumelos definitivos. Também podemos desenvolver um nojo racional de todo o lixo no meio do qual vivemos, e simplesmente desistir de continuar – como aqueles caras que resolveram não ter mais filhos.

Essas coisas invadem minha cabeça com alguma frequência. Foda-se.

Foda-se é uma espécie de pensamento chave. Se você o pensa honestamente por um número suficiente de vezes, a própria verbalização interna de |foda-se| desaparece e abre-se um vazio na corrente incessante de preocupações e pensamentos inquietantes. Esse vazio que simplesmente existe me parece (ao menos agora) o melhor lugar do mundo.

É provável que o último parágrafo seja um delírio.

Mas foda-se.

Passei na casa de Edward. Fui sem telefonar, mais uma vez. Ele estava de saída. Disparou assim que me viu: "Tá tendo rock na casa do Pedrinho." Pedrinho era um amigo em comum, que também morava na Ilha. Gente muito boa. Um apartamento pequeno. Íntimo, como se diz. É o rock da enchente.

Edward nem precisou falar mais nada. Abri a porta do carona e ele entrou no carro.

Foi preciso estacionar a três quarteirões de distância, por causa da água. Todas as ruas em volta do prédio de Pedrinho estavam inundadas. Fomos desbravando aquele pântano urbano, procurando o melhor lugar para pisar e atravessar, mas não pudemos evitar de molhar as calças até os joelhos.

Dentro do apartamento, uma galerinha já meio bêbada conversava animadamente. Muita cerveja por todos os lados. Garrafas cheias e garrafas vazias. Ninguém parecia preocupado com o fato do prédio estar cercado pelo rio. Um dos atrativos da festa, inclusive, era ficar na varandinha, aproveitando a paisagem inusitada.

É o seguinte: enchente por aqui é mais ou menos como carnaval. Ninguém trabalha. Nada funciona. Vale tudo. Nas ruas, é comum que alguém acenda um baseado. É perfeitamente natural que um pai de família beba até cair, antes do meio-dia. Não são todos que fazem isso, é claro, mas quem sempre quis fazer essas coisas aproveita a oportunidade. Ainda não vi fantasias, ou mulher pelada. Mas acho que é uma questão de tempo.

Algumas caminhonetes excursionam o bairro, com uma multidão de crianças na carroceria. Elas observam, encantadas, o desastre alheio. É óbvio que se divertem. Passou uma caminhonete dessas embaixo da nossa varanda, e os garotos aproveitaram pra zoar:

"Aê os alagados!" – e pocavam de rir da nossa cara.

Ninguém usa cinto de segurança. A polícia não parece muito preocupada com qualquer tipo de de-

lito que não envolva derramamento de sangue.

Pessoas se dizem presas dentro de casa, e começam uma festa. Afinal, elas não têm mais o que fazer. "A culpa não é minha, se essa enchente me isolou aqui, e tal..." O curioso é que a mesma água que impede as pessoas de saírem da festa, não impede que outras pessoas continuem chegando. E vai aparecendo gente. Com as canelas molhadas, e muita sede. Alguns levaram verdadeiros tombos dentro da água pra chegar ali. Mas já entravam rindo no apartamento. É que quando ficamos molhados, acontece um fenômeno incrível – eventualmente, a gente seca.

"Cara, você acredita que meu tio veio da cidade dele, só pra curtir o rock da enchente?" – dizia Pedrinho, enquanto preparava um baseado.

"'Meu tio ligou outro dia e disse pra mim: "É, cara. Arranjei a desculpa perfeita. Disse pra mulé e pros filho: 'Vô ajudar meu irmão Lelé na enchente'. Eles caíram no meu H, e agora eu vou praí. O plano é beber com seu pai, enquanto a água vai embora. Inclusive a do joelho..." Meu tio chegou ontem, e passou o dia inteiro bebendo com meu pai. Hoje já acordaram tomando conhaque no café da manhã.'" No tempo de contar essa pequena história, Pedrinho terminou o baseado. Tinha grande habilidade nisso.

A festa estava muito divertida, até o momento em que imaginei Linda rindo comigo. Um sentimento sujo. Por que é que eu não consigo me sentir feliz e pronto, porra? Por que é que eu não posso apenas me alegrar por ter passado tantas coisas maravilhosas com ela? A gente sempre quer mais e mais, e sempre mais e mais. Eu tinha a responsabilidade social de fazer as coisas direito. Pelo menos de tentar. Eu era uma pessoa de sorte. Privilegiadíssimo!

Tinha encontrado o amor. Ele foi arrancado de mim, é verdade, mas isso não é desculpa. Todo mundo tem uma desculpa... "Foi mais forte do que eu...", "As coisas simplesmente aconteceram assim...", "Eu não sabia o que fazer...", "Ele tinha uma arma..." A verdade é que esgotamos tudo, até a última gota – o amor, a amizade, a paciência e a confiança. A cerveja e a gasolina... Somos mesmo uns porcos perdulários e merecemos a lama até o pescoço.

Talvez a enchente tenha vindo por causa disso. A Mãe Natureza, ou seja lá que merda for, está tentando...

Tentando...

XI

(Você é tão linda.
Tão perfeita e fulgurante.
Por que você brilha tanto?
Que lindo, o seu vestido azul.
Aqui,
perto de mim.
Me abrace com força.
Isso.
Cole o seu rosto no meu.
Só por um segundo.
Segure minha mão.
Bem perto.
Quando você vem é tanta ternura.
Quando você vem
é tudo tão bom.
Me abrace mais forte.
Assim.
Perto de mim.
Como é linda a sua voz.
Mil anjos no céu não fariam um coro tão bonito.
É uma pena que eu não compreenda
tudo que você está dizendo.
Agora.
Eu preciso de você.
Não precisa apagar a luz.
Você nem conseguiria apagar a luz.
Vem pra cá.
Me abraça
bem forte.
Mais forte.

Que é pra ficar colado em mim...
Que é pra eu não esquecer.
Estou com um pressentimento ruim.
Ainda mais forte.
Me abraça.
Que é pra eu não esquecer que este abraço existe,
quer ele exista ou não.
Que é pra eu não esquecer
quando você fizer como o resto das coisas boas na minha vida
e for embora...)

Nada de sonho lúcido. Acordei assustado. Triste. Amargo. Com vontade de atacar o amor. Dizer que ele é feio. Ingrato. Filho da puta. Mas isso é conversa de mal amado. Amor é como dinheiro: uma porcaria, se você não tem.

E dinheiro é só papel e poder. Amor é carne, entranhas e coração. Toda essa conversa fiada que parece baranga na mesa do bar, mas que é realmente o que deveria estar ocupando nossas cabeças.

Pronto. Voltei com as frases piegas.

Encontrei Linda ainda mais uma última vez. É nisso que dá. Ela estava com vergonha de vir até minha casa, pra buscar uns CDs. Conversamos longamente pelo telefone e ela acabou vindo. Quando a levei de volta, o pôr-do-sol estava incrível. Eu pedi para segurar um pouco sua mão, enquanto dirigia. Ela deixou e eu tive mais um daqueles sentimentos perfeitos. Tive então a certeza de que tudo acabaria ali. Isso intensificou a experiência e eu sentia algo como um canto do cisne. Eu pensava: "Aproveite, rapaz. Esse pode ser o último dos momentos mais bonitos de sua vida." Eu tinha vontade de tremer.

Eu tinha vontade de chorar. Eu aguentei firme.

|Incapacidade de fazer melhor| - é isso que significa "aguentar firme". Eu não fiz ou disse nenhuma das sentimentalidades que davam murros em minha boca. Segurei tudo aqui dentro. Não adiantava mais nada, é um fato. Acabou. O melhor era sofrer sozinho. Compartilhar minha toupeira-de-peito com Linda seria uma fraqueza imperdoável.

Mais cedo, naquele dia, ficamos sentados na varanda. Conversando amenidades. Olhando pros lados. Eu queria gritar. "AAAAAAAAAAHHHHHHHHH". Quem sabe, depois, continuar gritando: "SERÁ QUE VOCÊ NÃO PERCEBE QUE EU TE AMO? O MUNDO NÃO PODE ME OUVIR? EU TE AMO, PORRA. ISSO JÁ NÃO QUER DIZER MAIS NADA? EU NÃO ESTOU DIZENDO QUE TE ACHO BONITA. EU NÃO ESTOU TENTANDO TE VENDER UMA ENCICLOPÉDIA. EU TE AMO. EU TE AMO. EU TE AMO, PORRA.O QUE É QUE PODE DAR ERRADO?"

Mas gritar é ridículo. Além do mais, é muito barulhento. Um desperdício barulhento. Quero algo melhor do que gritos. O que consegui foram respostas amenas. Uma conversa ociosa e mais vontade de chorar.

Tudo. Me ensinaram errado nas novelas. Nos filmes e fábulas infantis. O amor é lindo. Ele é maravilhoso. Mas não move montanhas. Apenas torna certas pessoas melhores e despedaça almas por aí. Mover montanhas é serviço para as bombas – essas Maomés contemporâneas...

É. Eu aguentei firme. Nem posso dizer que sinto orgulho disso. Também não sinto vergonha. Eu não

tinha muitas opções e fora a dor não tenho sentido muita coisa.

Então a noite chegou, e não chegou sozinha. Chegou com solidão e com certo desejo de morte. Alívio. Quem sabe? O destino metafísico dos suicidas deve ser melhor do que isso. Pelo menos haveria silêncio, ou companhia compreensiva. Quem me dera... Boa coisa que eu não acredito em paraíso. Um revólver não adianta. Preciso de outro instrumento. E também não serve meu violão.

Peguei o telefone e liguei para Isabela. Ex-namorada de um amigo meu. Tínhamos saído pra beber há alguns dias, e ela me pediu que ligasse pra combinar um repeteco. Era sábado e eu PRECISAVA sair de casa. Ficar o mais afastado que pudesse dos fantasmas no meu quarto e na varanda. Era o que eu prometera a Linda. Tentar continuar. Era o que eu tinha prometido a mim mesmo. Precisava ver pessoas e conversar com elas. Qualquer coisa banal que não me interessasse. A única coisa pela qual eu me interessava machucava muito. Era sair de casa ou prolongar ressaca deitado na cama, tossindo tristeza. Não parecia uma conclusão atraente para aquele dia, ou para qualquer sábado à noite. Eu encontrara Linda e precisava comemorar. É o que eu pensava, com um certo humor negro. Puta que pariu, ontem acordei triste, mas calmo. Linda foi como uma bola de boliche.

Isabela estava com duas amigas. Ficamos, os quatro, rodando os bares. Descobrimos, Isabela e eu, que compartilhávamos o mesmo repúdio gratuito pelas palavras “crepúsculo” e “aurora”. Ela dizia que eram pretensiosas, e eu argumentava que eram

foneticamente desengonçadas. Foi tudo realmente muito divertido, até onde poderia ser. Mas eu não conseguia tirar minha tarde com Linda do fundo da minha cabeça. Por mais que eu bebesse, não fui capaz afogar a luz e as cores do pôr-do-sol que passei segurando sua mão.

Quando voltei pra casa, amanhecia. O céu – todo o enorme firmamento – parecia estar ali apenas para me condenar. O Sol, ao nascer, repetia formas e cores que tinha criado na véspera, ao se deitar.

Percebi que me esquecera completamente da noite com Isabela e suas amigas. Era como se o tempo tivesse pulado, e me atirado pra dentro de um espelho. Sentia que estava voltando da casa de Linda uma segunda vez. Como se tudo que aconteceu desde que a deixara em casa fosse apenas um sonho, do qual acordei numa repetição. Como se a vida real só estivesse ao meu alcance nos momentos em que pensava nela. Uma reflexão idiota. A vida só existia, de verdade, quando eu ESTAVA com ela.

De lá pra cá, o que tem me acontecido é uma coletânea de tristezas, sonhos, ou insignificâncias. Obviamente, não estou em condições de realizar trabalhos delicados como dirigir, ou escrever um livro. Mas o lance é que eu *preciso* fazer isso. E não posso escrever sobre Linda mais tarde, como um alienígena que observa o mundo de sua espaçonave distante. Isso seria uma falsidade e um aproveitamento. Tem que ser agora. Com nervos expostos e veias abertas. Então, caro leitor, seja complacente. Não escrevo estas páginas movido por pretensão, ou por oportunismo. Não há, e nem poderia haver, um cálculo frio em minhas linhas. Apenas aquele que já está inseparavelmente ligado a mim. Minha lu-

cidez, quando vem, não é firme. E não consigo mantê-la por longos períodos. É só me distrair um pouco e já estou escrevendo bobagens. Mas é justamente nelas que estou interessado. Na sua existência inegável. Quero investigar depois, com calma, o que está acontecendo comigo. O que vai acontecer. Quero uma fotografia sincera dos caminhos que trilhar, antes de obscurecê-los com um mapa traçado pela coerência, sobre uma imagem deformada pela pregnância – uma organização fundamentalmente falsa, nascida de um parto ulterior aos fatos. Escrevo, agora, pela paixão de experimentar. E também por uma necessidade, mais banal, de passar o tempo.

De qualquer forma, voltando à minha história baranga, como as coisas já tinham dado em merda, era hora de mudar. Mudar, ou deixar de viver. Eu não queria morrer ainda. Como eu já disse, não acredito no paraíso. E sempre quis ter um filho. Plantar uma árvore. Escrever um livro. Não confio na psicografia.

Na minha opinião, algumas pessoas que tiraram a própria vida nunca foram verdadeiros suicidas. Eles se mataram para trapacear. Por falta de criatividade. Encurralados num beco sem saída. Uma dívida. Uma obrigação. Qualquer coisa que eles não suportariam enfrentar, para a qual não imaginaram outra solução. Eles não eram verdadeiros suicidas; de carteirinha. Apenas fugitivos. Trapaceiros.

Eu sou um suicida de verdade. Tenho vontade de morrer várias vezes por dia, mesmo quando não há motivos evidentes pra isso. Eu admiro suicídios, sempre que ouço algo sobre eles. Sinto uma atração

mórbida por precipícios e vontade impulsiva de me jogar na frente dos carros que passam. Não sei como passei tantos anos sem fazer isso. Mas agora eu tenho um motivo – e se não é um motivo justo, é motivo suficiente pra muita gente. Minha vontade de morrer é quase uma vocação. Mas não vou concretizá-la. Não. Quero continuar vivendo, enquanto deveria estar morto. Só pra ver o que acontece e experimentar sem medo. Só pra ver o que não devia. Também sei trapacear.

XII

Na hora do rush, em Governador Valadares – lá pelas seis horas da tarde, quando todo mundo sai da escola, ou do trabalho – há três quarteirões da Rua Israel Pinheiro, no coração da cidade, onde notável fenômeno se repete. É difícil dirigir por ali. A rua está repleta de maus motoristas tentando cavar o caminho de casa; bicicletas e mais bicicletas que surgem de todas as partes e não respeitam qualquer convenção de trânsito. Aqui parece a capital mundial da bicicleta. Elas estão por todos os lados. E não são civilizadas. Não estamos numa cidade da Holanda, onde ciclistas se comportam como pedestres sobre rodas. Os nossos ciclistas se guiam pelo mesmo implícito código de conduta dos motoboys paulistas.

Nossos pedestres também não seguem muito melhor... Pessoas andam de um lado para o outro, feito galinhas tontas, e atravessam irresponsáveis no meio dos carros. A bagunça é tão grande que, de certa forma, lembra imagens que a gente vê da Índia, pela televisão. Só que a Índia parece um lugar civilizado... Há uma aglomeração enorme, mas as pessoas parecem pacatas... Quer dizer, se você desse elefantes para o pessoal daqui... Por sorte, não os temos. Nossos atrativos faunísticos são bem diferentes.

É justamente nesses atrativos que jaz a singularidade maior desta parte da cidade. A fauna regional também tem seus perigos. Um estrangeiro desavisado poderia passear pelas ruas preocupado com mosquitos e aranhas, mas o verdadeiro perigo está nas pessoas. Em algumas delas. Nas mulheres.

As mulheres bonitas.

Todos os dias, na hora do rush, há congestionamento delas. Quase tão numerosas quanto as bicicletas e mais perigosas que um atropelamento.

Várias gostosas – de coroas a ninfetas... É impossível reparar em todas e qualquer valadarense adulto que se interessa por mulheres desenvolve grande elasticidade no pescoço... A sensualidade da mulher valadarense é famosa em toda a região, e já foi cantada por diversos poetas mequetrefes, pouco dignos do trabalho. É normal se apaixonar duas ou mais vezes no mesmo quarteirão, e fica difícil manter a sanidade. É ainda mais difícil dirigir.

Como atualmente estou vacinado contra atrações aleatórias, estaciono sem dificuldade na frente de uma das tantas butiques da área. Ao descer do carro, uma das garotas bonitas descritas acima, geralmente tão ocupadas em evitar e desdenhar olhares – talvez incomodada ou fascinada com minha falta de interesse – inventa desculpa para se intrometer na minha vida. "Seu pneu está careca." Eu estou fechando a porta do carro, e não olho para trás enquanto respondo: "Você é que não entende porra nenhuma de pneu... Não está *careca*... É que estou usando um pneu slick."

Ela riu. Eu gosto de pessoas rindo e me virei com um sorriso. Ela tinha lá seus dezessete anos... Dezesseis... Usava uma camisa rosa coladinha, com o desenho de uma boca mandando um beijo. Ao lado da boca, letras que pretendiam ser divertidas diziam "SMACK".

"Se você é minha engenheira de pit stop, eu

devia ao menos saber o seu nome."

Camila ainda estava rindo da minha conversa fiada, e demorou um pouco para responder. Estávamos seguindo para o mesmo lado. Fui puxando conversa. Ela usava muitos termos importados, como fazer um happy hour, ir pra night, curtir uns rock e oh yeah. Aquilo dava um tom mais estúpido para o que ela dizia, que já não tinha nada de genial. "Eu costumava ir na *Sun City*, mas agora lá só dá *teen*. Então, nesse final de semana, vamos na casa da Bruna, que é uma amiga minha, super *style*, pra fazer um rock mais *cool*... blá, blá, blá... *yadda, yadda, yadda*..."

Eu também falo. Eu sempre falo demais. Mas Camila parece não prestar muita atenção. Um amigo meu desenvolveu a intrigante teoria de que as mulheres modernas detectam apenas uma porção seletiva do discurso falado pelos homens. Segundo ele, a maioria das mulheres ouve apenas elogios e valores monetários. Nesta intrigante teoria, a descrição aproximada do que uma mulher ouve, enquanto falamos sobre os mais diversos assuntos, seria mais ou menos assim:

"Unhõunhõunhõunhõun... VINTE MIL REAIS... ieinhieinhieinhieinieinhieinh... VOCÊ É MUITO BONITA... naumnaumnaumnaum... SEU CABELO MACIO... níníníní

aleatoriamente há cinco minutos, e já quer sair comigo no fim de semana. Nós ESTAMOS no fim de semana. Eu não sou bonito, rico, ou interessado em boates e rocks *cool*. Era um bom sinal. Talvez ela fosse putinha. Ou melhor, pu-teen-nha. Não penso isso de todas as mulheres que conversam comigo. Na verdade, penso isso muito raramente. É uma impressão particular que tive de Camila. Não saberia dizer exatamente como a impressão surgiu; ela simplesmente tinha jeito de pu-teen-nha. "Não seria ruim," penso friamente, como quem calcula a melhor forma de cortar uma árvore. Anoto seu telefone.

Depois de alguns passos nos separamos e nunca cheguei a reencontrar Camila... Mas isso é apenas um recurso literário pra criar um pouco de drama, já que isso tudo foi há pouco tempo, e ainda nem tive oportunidade de telefonar.

O fato é que nos separamos. Então eu corro o centro em busca do que preciso... Compro um maço de Hollywood. Alugo filmes pra atropelar o tédio... Porra, comecei o parágrafo com a impressão de que havia mil coisas pra resolver naquele dia. Na verdade isso foi tudo que eu fiz.

Reservo, por hábito, um bom tempo para alugar filmes. Já foi uma tarefa penosa. Sou um daqueles caras que saem de casa pensando em assistir a milhares de coisas, mas que, assim que colocam um pé dentro da locadora, sentem vontade de peidar e, simultaneamente, esquecem o nome de todos os filmes que gostariam de alugar... Meu trabalho diminuiu muito quando adotei a estratégia de deixar que os funcionários escolham por mim. Uma das vanta-

gens de morar numa roça grande: tudo é familiar. Um dos atendentes do videoclube é meu amigo. Sabe do que gosto, e ainda é capaz de isolar o que eu já assisti. Porra, estamos sempre assistindo filmes juntos. É uma mamata. Eu entro e ele começa a colocar fitas no balcão.

"Esse você vai gostar, é sobre um cara que cria ratos e passa a usá-los para matar pessoas." Legal. Parece engraçado. "Esse é de ação. Superprodução do momento, e tal. Sua mãe vai gostar." Vou levar. "E esse é um filme esquisito que não dá pra explicar, mas acho que você vai curtir." Pronto. Ele me entrega uma sacola e eu vou embora me sentindo meio imbecil. Entretenimento numa sacola. Tenho certeza que a humanidade poderia criar algo menos limitado e vulgar para passar o tempo. Mas, ei, a gente nasce e morre e é isso aí. Não adianta sonhar demais. Fumo um cigarro. Cansei do centro. Volto pra casa.

O filme esquisito era muito bom. Passo o dia seguinte numa nuvem de insignificância. A noite avança e sinto vontade de sair outra vez. Sábado à noite. Fazer a ronda nos bares.

Tomar banho. Passar desodorante. Perfume. Escovar os dentes. Pentear cabelo. Escolher roupa. Vestir a roupa. Pegar o maço de cigarros. Isqueiro. Relógio. Carteira. Dinheiro. Chave de casa. Chave do carro. Documento do carro. Controle remoto do portão da garagem. Telefone celular. Conferir se estou esquecendo alguma coisa, porque normalmente estou. Desligar o computador. Fechar a janela do quarto. Conferir tudo de novo. Estou pronto.

Moro longe do centro e, dentro do carro, tenho

tempo pra preencher com música. Coloco uma fita; não confio no rádio. As únicas opções oferecidas pelas rádios locais são: a) música pop recente, b) clássicos da música pop, c) músicas ou programas evangélicos. Já minhas queridas fitinhas podem tocar de Waldir Azevedo a Legendary Pink Dots. Coloco uma coletânea do Dire Straits e experimento alguma nostalgia revigorante.

Faço o carro dançar um pouco, enquanto desvio dos obstáculos e buracos. Deve ter alguma coisa a ver com os políticos corruptos, é lógico. Aposto que só neste ano eles já gastaram a grana de duas autobahns naquele asfalto fodido.

O asfalto de Valadares é pior do que estrada de chão. Mas faço o trajeto com frequência e conheço a coreografia. A Avenida Moacir Paleta é como a primeira fase de qualquer jogo que eu domine no videogame. Tenho até a hora exata de trocar de marcha em cada um dos quebra-molas, considerando os obstáculos antes e depois deles, e também a inclinação do terreno. A cidade se aproxima e eu entro dentro dela. Não sinto nada de especial. Estaciono onde posso e caminho até o meio dos bares.

Até bem pouco tempo atrás, toda a área nobre da boemia valadarense se resumia a um único quarteirão. Havia bares dos dois lados da rua, e uma boate. Até os punks, que tentavam mostrar alguma independência, alojavam-se em uma das esquinas desse quarteirão. Era uma declaração do tipo: "Somos radicais demais pra nos misturarmos com vocês, mas limitados demais para encontrar outro lugar."

Hoje, depois que a coisa se espalhou um pouco, os únicos bares tradicionais remanescentes no local

são o Treze e o Fontana. Ambos em processo de decadência. O Fontana, gerenciado por um gaúcho homônimo, era o bar/churrascaria para os coroas que gostam de tomar um goró beliscando churrasco. Esses coroas se dividiram entre os esnobes, que passaram a frequentar o JB; os podrões, que continuam no Fontana; e os que morreram, por serem velhos ou bêbados demais.

O Treze é um bar muito antigo, e seu primeiro nome foi Pio XII. Meus pais desaprovaram quando eu disse que frequentava o lugar. No tempo deles, todos dizem, o bar era ponto de encontro para ladrões e traficantes. Acredito que tenha sido assim – mas, pra mim, o Treze sempre foi sinônimo de uma galera jovem-hype-style-tric-trac-droguinhas. Como os outros bares por perto eram exclusivamente frequentados por playboys ou gente velha, o resto do povo – os artistas, delinquentes, metaleiros, alternativos, doidos e excluídos – também se espremia no Pio XII. Era um lugar magnífico. Mas à medida que o movimento da rua foi morrendo, essa gente se pulverizou. Alguns foram pro Manacá – que é mais afastado do centro, e bem mais afetado a bar cult de capital, transbordando de gente pseudo-qualquer-coisa-que-você-possa-imaginar – outros mudaram de cidade, ou foram pra cadeia. Alguns ainda frequentam o Treze. Sou um deles.

Entro no bar e reconheço os mesmos bêbados de sempre. Renatão, o proprietário, continua sentado atrás do balcão, de frente pro computador, ignorando qualquer pedido que seja feito por um cliente. Cida, a garçonete-chefe desde os dias de Pio XII, continua mal-encarada, implicando com qualquer

um que não bata com o santo dela – uma probabilidade de três pra cinco.

Encontro um casal de amigos conversando sobre behaviorismo. Ela cursa psicologia na Univale. Ele é apenas um interessado. O namoro deles vive em crise por causa disso. Como ela não tem computador, é natural que peça a ele para imprimir seus trabalhos de faculdade. Mas ao invés de apenas imprimir, ele se põe a ler e "corrigir" o trabalho dela com suas próprias opiniões. Depois, quando passa pela Univale, entrega, em nome dela, um trabalho que ele mesmo fez. Tal comportamento já operou como estímulo discriminativo para algumas brigas e pra várias notas perdidas. Eles são um casal divertido. Ele é, provavelmente, o meu melhor amigo.

Pedimos mais uma cerveja por um preço abusivo e eventualmente a conversa se bifurca. Ela tenta falar sobre Bandura, contingência e reforçamento – mas é interrompida várias vezes por ele, que argumenta, inflamado, que a literatura inaugurou o individualismo no século vinte, ou dezenove, ou dezoito... Tanto faz... Eu me esforço para participar das duas conversas ao mesmo tempo. Numa das respostas que dou sem perceber, ele bate na mesa e grita: "CARALHO!". Diz que eu acabei com sua teoria sobre o individualismo.

"Como é que você me fala uma coisa dessas, porra? Isso arrebentou com todas as pilastras da catedral discursiva!"

Brinca que está triste, porque terá que pensar em outra teoria noiante pra divulgar quando estiver bêbado. Nós rimos bastante. Foi ótimo. Considerei a possibilidade de ficar com eles até o final da noite, mas ainda queria visitar outros lugares antes de

voltar para casa.

No Manacá, encontro outro casal de amigos. Eles estavam sentados com um casal de conhecidos. Todos me convidam para sentar e não há motivos para recusar. Meu amigo fala de poesia e a conhecida fala mal de Drummond. Daí parte pra descer o pau em Machado de Assis e Jorge Amado. Eu fico em silêncio.

A conversa literária continua, e a conhecida elogia um livro escrito por alguém da cidade. Um livro inteiro sem a letra "a" (ohhhhh!!!). Eu não sabia muita coisa sobre a conhecida. Sabia que ela tinha habilidades culinárias – faz um macarrão delicioso. Mas estava ficando óbvio que ela não entendia porra nenhuma de literatura. É sempre bom conhecer as pessoas; mesmo quando isso é ruim.

Ela se irritou com as minhas opiniões. Eu tentava explicar a idiotice do livro que ela elogiara. Que a única coisa notável nele era a supressão da letra "a". Um livro sem "a" – um cara que pegou um dicionário, de onde separou palavras numa sopa de letrinhas pra brincar de quebra-cabeça – e estão esgotados os méritos, as conquistas e os comentários construtivos. Isso não é lá uma ideia muito genial ou digna de admiração dentro do universo literário. E ainda por cima é um livro bem pequeno, que eu manjo...

Então o conhecido tenta defender sua companheira, e afirma que o livro sem "a" é um fenômeno de interesse morfológico [só pra usar uma palavra bonita que leu num xerox (que eu também li) na aula da semana passada] e acaba por cometer a atrocidade de compará-lo com a música Construção,

do Chico Buarque. Imaginei que, naquele mesmo instante, em algum lugar distante, dois amigos bebiam cachaça. Um deles, subitamente, perde o ar. Cai desarmado no chão, inconsciente por alguns segundos. Seu amigo fica desesperado: "Chico... Chico... o que foi isso, cara? Por favor, diga alguma coisa..." Chico se levanta com dificuldade, ainda meio abalado. Passam-se alguns segundos angustiantes, até que ele consiga reunir as palavras: "Não sei o que aconteceu. Sinto que alguma coisa machucou minha alma."

O conhecido faz comparações entre a música Construção e o livro sem "a", e a conhecida concorda alegremente, com unhas que batem serelepes no gelo do seu drink colorido. Isso tudo é muito irritante, porque já deu pra perceber que eles não entenderam nada de nenhuma das duas obras que insistem em comparar. O que eles estão dizendo, pra mim, é que um coelho lembra uma minhoca porque os dois têm pele.

Eu penso em falar sobre forma e conteúdo. Penso em dizer que distorções e brincadeiras com a forma podem ampliar o conteúdo, ou pelo menos acrescentar pontos de estética, e que é isso que o Chico Buarque faz. Mas o livro sem "a" é apenas um livro sem "a", e isso não diz absolutamente nada de enobrecedor a favor dele. Não há nenhuma intenção palpável, além de perder tempo com um dicionário e chamar atenção. É provável que existam dezenas de livros como este, espalhados pelo mundo. Nenhum deles está na minha coleção de Imortais da Literatura. Escrever sem uma letra, quando isso não quer dizer ABSOLUTAMENTE NADA, é apenas uma diminuição para a obra. Eu pensei em dizer isso tudo.

Mas eles simplesmente não queriam ouvir, e a cerveja estava gelada. Fomos deixando a coisa pra lá.

Estou sempre criando constrangimentos para meus amigos, quando me convidam pra sentar com seus amigos escrotos, então achei que era hora de começar a me educar. Tentei me comportar, e mantive a boca fechada. Mas, como não sou de deixar a noite dormir no meio, continuei pensando no livro sem "a". Vou escrever uma coisa sem "a" para vocês: FODA-SE. Ou, quem sabe, VÁ TOMAR NO SEU CU.

Eu sei que nenhuma das duas expressões satisfaz a ausência da letra "a", mas se você está pensando nisso, não pegou o espírito da coisa, que me parece muito mais importante: FODA-SE. VÁ TOMAR NO SEU CU.

A noite estava ficando chata, por causa do casal de conhecidos, e eu resolvi voltar pra casa. Essa conversa toda serve apenas para provar uma coisa: as pessoas são ingênuas, e podem ser enganadas com facilidade. Um livro sem "a"... Alguns chegam a ser tão bobos e desavisados, que aceitam a mera supressão de uma letra como um recurso Extraordinário. Não sabem que algumas pessoas realmente grandes já realizaram feitos muito mais ousados e impressionantes – como escrever sem escrúpulos, lutar sem medo e viver sem esperança.

XIII

Um novo sábado. Alguns amigos que se mudaram de Valadares no último ano estão por aqui neste final de semana. Procuramos um lugar pra conversar e beber. Cada noite é mais desinteressante que a outra, mas eu continuo saindo. Passar o tempo continua sendo prioridade e desafio.

Entramos num dos bares de sempre e cumprimentamos algumas pessoas enquanto escolhemos uma mesa. Há outros bares ao lado do nosso, e mais alguns do outro lado da rua. Confundem-se as músicas que surgem dos diferentes lugares, criando um ruído confuso que se mistura com as vozes e o som dos carros passando. Nosso bar está cheio de jovens bem vestidos, perfumados e aparentando alegria fácil. Eles sorriem e apertam minha mão com entusiasmo; como se fôssemos bons amigos de outros tempos. Numa palavra, tudo é muito artificial. Um balãozinho sai de minha boca e diz coisas gentis. Amenas. Engraçadas. A rua pipoca de balões que vão do inútil ao abertamente patético. Meu refrão é basicamente o mesmo pra todo mundo: "É, cara. Tem muito tempo que não apareço por aqui mesmo..." Tenho saído com frequência.

Perto de nós, de pé, um playboy toca o violão. O mesmo repertório que os playboys vêm tocando há anos. Porcaria. Mesmo que algumas das músicas sejam originalmente joias, ali naquele contexto tudo se converte em porcaria. É um fenômeno avesso ao mito do rei Midas. Playboys mendicantes, maliciosos e calculistas se transvestindo de artistas e transformando tudo o que encostam em merda.

Vejo, na outra calçada, uma mesa repleta de pessoas menos sociáveis, que bebem como se não fosse festa. Estão ouvindo Sonic Youth. Parece óbvio que estou no lado errado da rua.

Meus amigos finalmente escolhem um lugar para sentar. Mantive os olhos abertos e não gostei do que vi. Todos meus sentidos acusam coisas desagradáveis. A única saída é, na verdade, uma prisão. Uma fuga. Ficar escondido dentro de mim mesmo. Empedernido – essa é uma boa palavra que descobri outro dia.

Eu vivo cercado por gente idiota tentando dizer coisas simples através de palavras complicadas, de forma que naturalmente brota em mim um desejo subversivo de realizar o contrário – mas gosto de conhecer palavras interessantes. Preocupado com as deficiências derivadas da minha decisão de escrever coloquialmente, gostaria de compartilhar algumas dessas palavras: Circuncisfláutico. Ergástulo. Tânagra. Asteísmo. Capiongo. Esgrouviado. Sinédoque. Onanista. Amplexo. Plenilúnio. Lupanar. Esfuziote. Nenhures. Várias me divertem... E agora poucos poderão dizer (acredito eu) que este livro é incapaz de enriquecer seu vocabulário... Voltando ao assunto, a vontade de isolamento vai chegando e eu mergulho nela como quem se joga ao mar.

Distraído na mesa do bar, percebo de repente que estou acompanhado por inúmeras pessoas que não conheço. Não sei como elas foram parar ali, mas conversam animadamente. Descubro que eram conhecidos de um dos meus amigos, e que eram também o motivo de estarmos sentados naquele bar

estúpido. Já um ótimo motivo para não gostar daqueles trouxas... De vez em quando, preciso sorrir ou responder alguma coisa. Mas fora isso, fico quieto. Tentando não pensar em nada. Bebendo.

Olho mais uma vez para os lados e confirmo: estou cercado por idiotas. O ponto positivo é que os garçons atendem aos nossos pedidos. Peço uma cerveja. Depois, peço mais outra. Peço também uma pinga, pra acelerar o processo. O que a gente pede, o garçom traz – como Papai Noel. Uma garota que estudou comigo no ginásio me reconhece de longe. Ela junta os cotovelos no corpo e balança os braços, sorrindo. Digamos que ela está sexualmente atraente, então parafuso também um sorriso no rosto e vou até lá. Ela me recebe com o maior sorriso que se pode comprar e começa a baboseira:

"Oiiiiiiii! Há quanto tempo não te encontro, hein?"

"É que eu não venho muito por aqui."

"Nooooosssaaaaa! Aqui é ÓTIMO! Aqui é FOOOODA! Adoro as músicas que eles tocam! Você foi na boate ontem?"

"Nem fui."

"Então perdeu! Estava simplesmente DI-VI-NO! Por falar em ontem, antes de ir na boate, eu fui no shopping e comprei um vestido MAGNÍFICO pra festa de blá, blá blá blá blá... blá, blá, BLÁ! Blá? Blá, blá!..."

Broxei. Aquela conversa broxaria qualquer um que sabe que vai morrer. Ouvi um pouco mais enquanto o sangue se desinteressava do meu baixo ventre e acenei para um amigo imaginário. Pedi desculpas e dei o fora. Há fortes indícios de que a mesma substância que faz com que essas mulheres

fiquem gostosas também faz com que elas fiquem fúteis e insuportáveis. Deve ser alguma coisa que eles colocam no todinho, como disse Aredes Miranda. Mário Quintana também disse uma coisa interessante sobre isso. Algo como: "é claro que amo meu semelhante, mas onde encontrar meu semelhante?" Eu prefiro não dizer mais nada.

Volto para a mesa e bebo outra cerveja. Peço mais uma pinga. Um dos idiotas, sentado ao meu lado, desperdiça seu tempo para me contar uma piada. Ele termina sua ladainha e eu continuo sério, não pra ser ofensivo, mas simplesmente porque não achei graça. Passam a me evitar um pouco. Ótimo. Não fiz nada para remediar a situação. Seria como se vazio de esperanças eu atirasse moedas num poço: benefício zero e valores que se perdem para sempre.

Puta que pariu, esse lance de bar não está funcionando. Seria tudo excelente se eles não estivessem atulhados com imbecis. Eu tento seguir o evangelho apócrifo: "Dá o santo aos cães, deita tuas pérolas aos porcos; o que importa é dar," mas recentemente tem sido impossível. Preciso encontrar outra forma de matar o tempo. Algo que não envolva pessoas.

XIV

Apreensivo com a perspectiva de derramar tranquilidade no papel. Quando tudo vai bem, deixamos de ser interessantes. Que seja. Merecemos momentos de descanso. Daquele repouso preguiçoso que não conhece passado nem futuro. Que não faz comparações; apenas contempla. De forma que me desculpe, deusa cadela – você que é tão ávida, exigente e carente de sangue – mas aqui vai um chute nas suas costelas...

Para descrever esse momento de forma realista – para alcançar ainda que uma sugestão verbal aproximada dele – preciso voltar às cinco da manhã, que é a hora em que tenho acordado esses dias... O quarto ainda está escuro e aconchegante. Às vezes, quando chove, o céu da cidade fica vermelho. Despenco da cama, direto pra cadeira do computador. Aproveito o impulso único pra ficar na Internet até as seis; respondo e-mails, converso no ICQ e nada de realmente importante acontece (por dentro ou por fora).

O dia começa a clarear e é quando sinto vontade de sair do quarto. Vou primeiro até a cozinha, preparar meu café da manhã. Num copo grande, despejo um dedo de suco-natural-concentrado-de-garrafinha. A escolha de hoje é maracujá. Dezoito gotas de adoçante, que consigo contar sem saber como, enquanto elas caem rapidamente. Eu percebo quando erro, por causa do gosto. São dezoito gotas porque o copo – onde será preparado todo meu café da manhã – é um copo grande e o adoçante é fraco.

Se você tem um suco-natural-concentrado-de-

garrafinha de maracujá em casa, devia experimentá-lo com leite. É o que eu faço, copiando minha mãe, e nos últimos anos a receita tem sido um sucesso incrível de aceitação. Todo mundo adora e, como os mestres zen que comparam a emoção de ouvir algo revelador com a sensação de tomar uma bebida muito saborosa, eu tomo leite de maracujá com a sensação de ouvir palavras de sabedoria.

Ando pela casa, apreciando minha bebida. Ouço um pouco de música. Fumo um cigarro. Já são quase sete. Fim da mamata. Coloco um tênis e uma camisa. Hora de caminhar.

O Sol está nascendo e é melhor assim. O ar ainda está fresco. Poucos carros no asfalto. As nuvens são leves e finas. Parecem rastros de nuvens maiores, previamente arrastadas no céu.

Meu grande apego aos cigarros me impede de correr durante todo o percurso. Quando exagero, meu pulmão me agarra por dentro como se fosse uma criança desesperada. Adotei a técnica de correr o intervalo de três postes, andar um. Correr três, andar um. Correr três, andar um... Mesmo assim, isso ainda é muito cansativo pra mim – porque o percurso é longo e eu sou uma lesma sedentária. Tenho o preparo físico clássico de um jogador de truco, ou porrinha... Hoje, no caminho de volta, quando ainda faltavam umas cinco seções de postes para correr, eu já estava completamente esgotado. O suor escorria com generosidade. Minhas pernas tinham dificuldades para se levantar e dar mais um pulinho. A respiração em frangalhos. Eu continuava. Quando finalmente chegava no último poste da seção de cor-

rida – quando começava a andar os poucos passos que me separavam do próximo poste – pensava que não aguentaria correr de novo. É nessa hora que não se pode mais depender apenas do corpo. Ele é fraco.

As pessoas misturam coisas demais. Querem passar o dia inteiro num misto de preguiça e esforço. Fazem grandes planos a toda hora, mas nenhum é levado a cabo. Pensam o tempo inteiro, mas não fazem nada. Ou fazem coisas demais sem pensar em nada. E levam a vida inteira nesse misto de bobeira. Eu gosto de separar as coisas. Aquela era a hora de fazer esforço. O poste que anuncia uma nova corrida vai se aproximando e eu tenho que me convencer a correr. Tenho poucos passos pra isso. Penso que, depois de tudo, vou estar em casa. O tempo passa, inexorável; nossa única liberdade é a de escolher entre quais atividades atravessá-lo.

Eu podia ceder à preguiça e continuar andando. É difícil estar cansado e seria perdoável, eu acho. Mas quando chegasse em casa, não faria diferença. Correr ou não correr mais um pouco agora, daqui a alguns minutos – quando estivesse descansando – daria praticamente na mesma coisa.

Eu podia me esgoelar e continuar correndo. Se escolhesse esse caminho, chegaria em casa capenga. Mas estaria relaxado em pouco tempo, com a vantagem do sentimento de dever cumprido + resistência aprimorada.

O que eu não podia fazer era ficar ali parado. Correndo ou andando, precisava chegar em casa pra dar continuidade ao plano.

Escolhi correr.

Venci as cinco seções de postes que faltavam e pisei em casa satisfeito. O dia parecia mais bonito, agora que eu já não me sentia prestes a morrer por falta de ar. Estamos por volta das oito e meia.

Tomo um banho maravilhoso. Ouço mais música. Assisto episódios no computador. Toco violão enquanto espero o almoço, que estava uma delícia.

Com a barriga cheia, volto pro quarto. Busco um livro e um travesseiro. Penduro a rede na varanda e me instalo sobre ela. Lendo. Agora é a hora do descanso. É dessa hora que eu queria falar.

Existe coisa mais relaxante que uma rede? (Se você pensou "sim" como resposta para essa pergunta, por favor me informe). Eu estava deitado na rede. Lendo o que um francês escreveu há mais de duzentos anos. Por trás do livro, um céu azul muito claro misturava-se ao verde da chácara na minha visão periférica. Eu fecho o francês algumas vezes pra ficar admirando a paisagem. Lá longe, a Ibituruna é uma pedra verdadeiramente bonita de se ver. Aqui perto, passarinhos passam de um lado para o outro. Olho pro livro e penso em livros ingleses, com todos aqueles lugares cinzentos que eles descrevem. Provavelmente, se estivessem aqui, teriam um ataque epiléptico. Overdose de cores.

Fanta, minha pequena vira-lata, está vigiando o portão da frente. Ela late para alguma coisa e Hauster, meu dobermann, aparece correndo com a língua pra fora. Ficam os dois lá no portão. Latindo. Aparentemente, ele não gostou de ter sido chamado por nada. Derruba Fanta com uma de suas enormes patas e fica rodando a cadelinha indefesa no chão. Eles parecem se divertir.

Minhas pernas ainda doem um pouco, por causa da caminhada. Isso parece aumentar um princípio leve de siesta matinal que vem chegando. Fecho os olhos e acho que poderia mesmo ter dormido, se meus cachorros não tivessem me descoberto na varanda. O toque frio do focinho de Hauster faz com que eu abra os olhos. Fanta, que não alcança tão alto na rede, dá pulinhos engraçados pra receber carinho.

Minha mãe aparece e fica falando por alguns minutos. Algo sobre a aula de pintura que está fazendo. Depois, discorre sobre o jardim. Em seguida, sobre religião. Ela vai embora e os cachorros a acompanham. Volto para o francês: "...o viajante que acaba de subir uma montanha com rapidez senta-se ao cume e encontra, no repouso, um prazer perfeito. Se a gente o obrigasse a repousar sempre, seria ele feliz?"

Ah, os sinais...

Os malditos sinais...

XV

Acordei mal. Arrebentado sem motivo imediato. Caralho. É sempre assim que a coisa volta?

Você acredita de coração que alguma coisa mudou – que pode respirar aliviado – e os dias ficam um pouco mais leves. Acredita-se em um novo começo. Entretanto, parece que a calmaria recente deve-se apenas a um efeito analgésico; enganoso e passageiro. Uma fachada.

Hoje, quando acordei, encontrei destroçado em mim o dique ou quebra-mar que tem evitado, nos últimos dias, a invasão do oceano de tristeza que vem cercando minha consciência. E, como acontece na enchente, o irromper da cheia trouxe à tona, misturadas ao flagelo das últimas lágrimas, antigas feridas empoçadas.

Sempre cicatrizes.

Às vezes vontade de morte.

Ainda deitado na cama, apesar do sol forte que entrava pela janela, acendi um cigarro. Apesar do sol forte que entrava pela janela, ainda deitado na cama, observando a fumaça que subia, em alucinação onírica eu sentia que a própria substância da minha miséria se espalhava pelo quarto. Derramava-se ao longo da tábua corrida e escalava as paredes como trepadeira. Minha nulidade. Minhas ilusões perdidas. Minha juventude desperdiçada. Minha incapacidade ou falta de motivação para lutar. Era como o fogo que se alastra por tudo.

O corpo passivo na cama, encarando o teto. O corpo passivo; abrigo de vidro moído. Palavras que

atravessam rasgando. Malditas frases e discursos que aprendi na escola, em casa, na literatura, na música pop... Palavras e conceitos como "solidão", "saudade", "aflição", "segundo lugar"... A lista poderia continuar por páginas e páginas... Desnecessárias páginas. Uma breve sugestão basta para apontar as infinitas entidades ilusórias que da imaginação pulam pra fora e obscurecem a realidade imediata – que afinal vai muito bem, sem qualquer vulto de perigo eminente ou faca objetiva que de fato corte a carne.

Acordei com a mente um géiser incessante e furioso de palavras dolorosas. Mas eu não sou essas palavras mais do que seria uma gripe, quando estou gripado. Sou apenas um trilho. Deitado na cama, deixo que as palavras jorrem por conta própria. Hoje, por algum motivo misterioso pra mim, não faço qualquer esforço para dominá-las. Refreá-las. Desviá-las. Rebatê-las. Geralmente eu tiro a camisa e rolo na lama com elas. Mas hoje não sinto o impulso. Não. Passivo. Deixo que o fluxo siga por si; intocado. Vejo a fumaça subir. Observo tudo.

E parece trazer algum tipo de alívio, agora, escrever o que passou por mim. Sinto essa leveza das palavras atiradas no papel. Eu quero ser artista. É razoável que guarde, num armário mental, meus pincéis e tubos de tinta. Uma vez que escolhi a produção de textos como veículo da minha arte, às vezes preciso guardar palavras tristes – ou seja, meus tubos de tinta exalam um cheiro nauseante que desaparece quando a tinta fica seca na tela. Depois que eu escrevo, não preciso pensar mais nisso.

"Essas palavras que eu escrevo me protegem

da loucura total;" desabafo de certo velho mestre. É possível que ele confundisse o que escolheu fazer – a sua ocupação – com sua identidade fundamental. Talvez ele nunca tenha considerado que as palavras que juntava para escrever é que o deixavam à beira da loucura em primeiro lugar... Ao longo do tempo, um bom escritor precisa guardar e manipular todo tipo de discurso. Mas ninguém é *obrigado* a guardar ou manipular coisa alguma. Não é algo natural. Alguma motivação é necessária. Eu sou curioso. Imagino que outros podem se ocupar da mesma forma por mero masoquismo, ou exibicionismo. O fato é que alguns escolhem esse caminho e rapidamente escrever torna-se uma necessidade. Então vêm as viagens ao fim da noite. Os uivos, almoços nus e cartas na rua. Escrever é preciso. E consolida-se, assim, o regresso triunfante das pieguices incontroláveis! (Com direito a pontos de exclamação e tudo!)

Foda-se. Estou triste, sozinho e predisposto a escrever bobagens. Que o fluxo se derrame sobre as folhas, sem maiores considerações. Não sou acadêmico. Não pretendo instruir ninguém, nem explicar nada rigorosamente. De qualquer forma, as pessoas não ouvem aquilo que é dito. Você grita "ABAIXO O CAPITALISMO!" e todos compram camisas. Então alguém grita do outro lado: "COMPREM NO JACK'S!" e todos vão comprar no Jack's, vestindo as camisas do "ABAIXO O CAPITALISMO!". A resposta unânime para qualquer pergunta feita a um integrante do proletariado intelectual que se diz formador de opinião hoje em dia (se ele conseguisse formulá-la ou admiti-la) é: "Não sei. Leia na minha camisa."

O mundo mudou muito rápido e, socialmente, sou ermitão. Vejo as coisas à minha volta como que de uma distante caverna numa montanha fria. Há muito que eu não entendo o que acontece com as pessoas, coletivamente. Por exemplo, quando e como todos viraram playboys? Porra, eu cresci numa cidade pequena que foi crescendo junto comigo. No colégio, alguns moleques eram filhos de gente consideravelmente mais rica e todo mundo sabia disso. Esses moleques – tornou-se óbvio com o tempo – sentiam-se melhores que as outras pessoas. Mas a verdade é que apesar do tempo livre e de todas as possibilidades de aprimoramento que o conforto oferece, a maioria deles não tinha qualquer distinção além do dinheiro do pai. De forma que eu entendo como eles passaram a confundir o que compravam com enriquecimento de personalidade. Eu entendo esses pobres coitados, pagando uma fortuna num camarote de boate, acreditando que por isso são melhores ou mais capazes do que as pessoas na pista de dança. Entendo ainda que tal sentimento de superioridade (ou mesmo de individualidade) através do que se pode comprar – tão sólido quanto um castelo construído no pântano – seja invariavelmente acompanhado de insegurança. Daí que os riquinhos não encontrem satisfação apenas na oportunidade de poder comprar o que você não pode – também é necessário que você perceba o quanto eles compram... Criou-se então uma corte dos que frequentavam discotecas, compravam roupas desnecessariamente caras etc... Um povinho sempre muito interessado no interesse alheio. É exatamente o conjunto dessa vontade de aparecer, dessa obsessão pela opinião

dos outros e dessa ilusão de personalidade comprada que define, pra mim, um playboy. Mesmo quem não era rico de fato, se atacado pelas características da última frase, unia-se à corte dos boyzinhos – sacrificando sabe-se lá o quê para comprar roupas e ingressos por preços pouco razoáveis. E todos os playboys, como definidos acima, isolavam-se nesse cenário delimitado. Ali dentro, unidos por interesses comuns, eles acidentalmente se adaptavam a um determinado gosto estético que transparecia nas roupas que usavam, músicas que ouviam e por aí vai... O resto de nós usava as roupas mais baratas, confortáveis, ou as que nossas mães nos dessem... Frequentávamos os lugares mais em conta, mais próximos, ou com melhor qualidade de serviço. Não estávamos preocupados com a opinião das outras pessoas sobre nós – porque imaginávamos que a imensa multidão sem rosto *não tinha* opinião sobre nós, assim como nós mesmos não estávamos opinando sobre ela. Então veio a televisão, celebridade, quinze minutos de fama, Internet, ou os avanços técnicos ou a popularização da publicidade ou sei lá que caralho – talvez tenha sido Satanás – eu simplesmente não sei. Mas hoje todo mundo virou playboy. Nem todo mundo ouve as mesmas músicas, veste as mesmas roupas, ou frequenta os mesmos lugares – mas as diferenças terminam aí, no terreno do acidental.

Metaleiros, punks, góticos, moderninhos, boleiros, bichos-grilo, nerds, clubbers, rastafáris, intelectuais e até mesmo alguns grupos religiosos – hoje todos são playboys, tão diferentes entre si quanto as diferentes marcas de detergente no supermercado. Vontade de aparecer + obsessão com a

opinião pública + a crença de que comprar um disco, livro, camisa ou assessório define a sua personalidade. Os punks são rebeldes quando ninguém está olhando? Metaleiros demoram mais que suas namoradas para colocar roupa e pentear o cabelo. Dos playboys que se dizem intelectuais é melhor eu nem começar a falar... Em algum momento, por alguma razão, as pessoas à minha volta se transformaram em playboys usando skins variadas. E há tanta substância na personalidade que elas vestem quanto a palavra |água| escrita num livro é capaz de apagar um incêndio.

Estou insatisfeito, é claro. Já passamos do ano dois mil e meu carro não voa. Ainda moro no planeta Terra e o iogurte da propaganda não me deixou bonito. A orgia dos anos dourados escorreu pelo ralo e a volta do ponteiro estacionou no meio da merda. Nem a promessa dos engravatados, nem a revolução dos esfarrapados. Não somos mais hippies. Os hippies modernos são mendigos orgulhosos demais para serem mendigos, ou almofadinhas desleixados demais para tomarem banho. Playboys... Nada de paz & amor. A espessa fumaça das chaminés ofuscou a luz do sol, e o que ilumina a maioria dos quartos é o brilho artificial dos monitores. Até a alegria plastificada dos biquínis à luz do sol condicionada pelos monitores. Os antigos heróis sacrificados vendem camisetas e é inegável a infinita capacidade de assimilação da Máquina. Nós, os revoltados sem uma camiseta punk da moda, fomos acorrentados. Obrigados a esperar calados ou a nos misturar à massa de consumidores vestindo camisas anticapitalistas de grife. Aparentamos conformidade en-

quanto buscamos, em silêncio, o Calcanhar de Aquiles. Acomodados na insatisfação sem protesto. No banco de reserva. Esperando um jogo de verdade. Eu, certamente, gostaria muito de dar um chute em alguma coisa.

Já disseram por aí: o que nos move é um secreto desejo de morrer. Acendo outro cigarro. Parece inevitável que eu sinta essa vontade de encher meu corpo com fumaça. Efêmera, sensual, introspectiva e assassina fumaça. Um desejo brutal de buscar qualquer lembrança do tempo em que nos sentíamos incríveis. De quando estávamos bem, apenas. Mas a grande farsa foi descoberta, ou não (já que exatamente agora eu reconheço escrever em transe dramáticas frases aleatórias). Hoje eu me contento com a sonolência que não é cansaço. Sentado em transe na frente do computador. Sentar mais perto do que deveria e estragar meus míopes olhos vermelhos.

Estou chegando em algum lugar, mas não estou com pressa. Eu preciso de alguma coisa mas não sei o que essa coisa é. Certamente não preciso desse tanto de roupas no armário. Meus amigos ainda acham pouco. Não preciso do meu chaveiro com tantas chaves. Eu não preciso de papel higiênico perfumado. Só queria um momento de silêncio para organizar as ideias. Silêncio em todos os três sentidos – da boca, da mente e da vontade. Porque as flechas já apontaram pra cada um, e já enxergaram reflexos apontando para o próximo. Mas agora alguém deu uma bicuda na mesa e tem seta pra todo lado.

Sinto que estou sendo confuso. Merda. Preciso de alguma coisa. Não sei bem o que é, mas certa-

mente que não é dessa confusão. Não é da televisão. Não é de um padre. E não é de uma coleção de volumes de autoajuda. Não vai ser um careca de terno, que provavelmente nem consegue mais ficar de pau duro, pra me falar que na verdade eu não preciso de nada pra ser feliz. Porque assim que ele desaparece entra em cena uma morena intrigante anunciando o novo rótulo de cerveja. Se as drogas viciam e deterioram o organismo, isso precisa ser resolvido. Procura-se cientistas que desenvolvam drogas, porra. Alguém pra aprimorar a coisa... Inconsciência perfeita. Soma. Uma substância pouco nociva, pelo menos, que possa me trazer algum momento de paz. É uma fuga, é verdade; está na hora de planejar alguma. A coisa está preta. Vai dizer o quê? Palavras de esperança? Arbeit macht Frei? Não seja ridículo. Há séculos que grandes homens vêm repetindo: estamos indo pro abismo. E a falta de um meteoro, bomba, ou anticristo não torna a coisa menos verdadeira. Séculos são segundos no tempo das pedras e do mundo. Boa vontade não vai limpar os rios. Reciclagem não vai sumir com o sangue no tapete das grandes corporações. Não acredito numa saída. Parem de inventar soluções reformistas fantasiosas que todos sabem que não vão dar em nada. Um bando de intelectuais pode afirmar que grande parte da população mundial precisa morrer para a criação de uma sociedade viável. Eles também podem explicar que não existem os ricos sem os pobres; que ricos precisam de pobres pra limpar sua sujeira. E que, para eliminar a fome, a injustiça e a miséria é preciso abandonar sonhos ou refrigérios de riqueza. Tudo isso pode ser, e é, frequentemente, exposto. Mas quem transformará isso em atitude política?

Quem vai ganhar uma eleição com ideias tão heréticas? Parem agora de imprimir e falar palavras mentirosas de esperança. O caminho do mundo é ladeira abaixo. Roupas coloridas e pilhas menores não vão evitar a queda.

O caminho individual pode ser para o paraíso – e inclusive eu pretendo experimentá-lo com mais frequência antes de morrer – mas não sou apenas um ser individual. E não posso ignorar o mundo vinte e quatro por sete. Quero um diamante brilhante que me afaste do barulho incessante das máquinas. As máquinas de metal. Máquinas de cristal líquido. As máquinas de papel. As máquinas de carne e osso. Não precisa ser um afastamento muito grande. Na verdade, afastar-se é o mais fácil – é o que os monges fazem. Eu quero algo que me permita ser feliz enquanto convivo com as outras pessoas.

Talvez o tempo seja a mais eficiente de todas as drogas. Como todas elas, ele traz alívio, destruição e novos remorsos.

O tempo passa. A maioria, de olhos fechados, insiste em sorrir e ignorar. Aqueles que abrem os olhos tentam, desesperadamente, atravessar a janela desse quarto nauseante no qual estamos todos trancados. Uma necessidade urgente de seguir linha reta em direção a outro lugar qualquer. Mesmo que nos cortemos nos arames farpados. É uma fuga. Sim. Deveria ser uma fuga. Mas todos picham o chão, ao invés de quebrar as paredes.

E toda uma horda de ecologistas que se debruçam sobre mesas de mogno. Preenchem trinta mil folhas de papel com um abaixo-assinado contra o

desmatamento. Uma geração inteira de vândalos debiloides que se reúne para depredar lojas do McDonald's, e depois vão pra casa beber Coca-Cola, ou pro trabalho onde puxam saco do patrão e humilham os próprios subordinados. Casa de ferreiro, espeto de pau. Mamar na gata ninguém quer.

E quem vai chegar pra limpar toda esta sujeira, essa vontade fria, essa enganosa conscientização canalha? Quem vai tomar conta do rebanho enquanto esperamos alienígenas ou a segunda volta de Jesus Cristo?

Matem as baleias. Crucifiquem o mico-leão-dourado. Acendam uma vela para os pecadores; toquem fogo no mundo.

E o asno toca lira. Os bois dançam. As coisas ficaram de ponta-cabeça em alguma parte da história. Talvez quando o apêndice ficou inútil. Talvez PORQUE o apêndice ficou inútil. Talvez ele fosse encarregado de nos manter equilibrados. Quem sabe era ele a fonte desse pensamento racional do qual tanto se fala e que tão pouco se vê? Eu não sei, porra. Eu sou um moleque falando merda com o coração partido. Às vezes tento pensar como alguém mais inteligente que eu. Nem sempre é possível. Também penso e falo merda regularmente, como todo mundo. Hoje a mente é um géiser. Os dedos escrevem sozinhos.

Vamos ter que mudar a posição do Trópico de Câncer. Depois se acotovelar para conseguir espaço num iglu cravado no meio da Antártida. E escorregando no meio do gelo, sem esperanças de conversar com o operador da tv a cabo, quem irá nos entreter? Quem poderá trazer de volta o verão? Com certeza

não serão as andorinhas. Nem mesmo seis bilhões delas.

Todos os sonhos pós-guerra, pós-revolução, pós-ditadura, pós-qualquer-coisa-que-a-gente-já-tentou-mudar foram transformados em um quadro surrealista de Salvador Dali. Deviam soltar logo as bombas e ver o que acontece.

Eu entendo pouco de política, geografia e questões internacionais. Sei apenas o suficiente para compreender que não adianta me interessar por isso. Melhor voltar a falar de mim.

O que sobrou é ficar deitado na cama deixando as palavras passarem. Cutucando as lembranças. Elas se cutucam sozinhas. Falam de momentos bonitos e os momentos bonitos machucam. Pelo seguimento. Pelo contraste. Fico lembrando de Lorena, no mirante, há certo tempo atrás.

Era a primeira vez que saíamos sozinhos – depois de conhecê-la num bar e trocar quilômetros de linhas por e-mail. Ela morava em Belo Horizonte e aquela era nossa primeira oportunidade. Aos pés da escada de um prédio qualquer eu fumava com a alegria de uma criança que espera presentes na véspera de Natal. Ela chegou maravilhosa, sorrindo; além de linda transfigurada pela minha expectativa vertical e semovente. Essa expectativa que eu conservo até hoje quando começa um romance. Essa expectativa que, se depender de mim, nunca será exterminada – apesar do preconceito generalizado em relação a ela, exigindo que você se comporte como um dândi frio e desinteressado. Eu entendo perfeitamente que ser um dândi é mais lucrativo. Mas não é o mais gostoso, e eu não sou afeito ao comércio.

Foda-se. Abri a porta do carona para que ela entrasse e, enquanto dava a volta na caminhonete, ocorreu-me (como ocorre aleatoriamente a qualquer um) a cena de um filme que vira quando criança; alguém dava conselhos pra um moleque sobre reconhecer uma boa mulher quando ela abre por conta própria a porta do motorista enquanto você dá a volta no carro. Ato contínuo, pela janela traseira da cabine, vi que Lorena deitava o corpo de lado e puxava o pino da minha porta. Entrei no carro rindo alto e, porra, não sei se isso funciona a favor ou em detrimento da cena, mas ela confessou que conhecia o filme.

Então estamos no mirante. Era como num clichê. A vista é sempre inspiradora lá de cima e a Lua estava enorme. Parecia adequado que estivéssemos ali. Ao tentar lembrar da noite, é isso que me acerta. Parecia certo como parece certo que água satisfaça a sede. Encostado na traseira do carro, observávamos a cidade brilhar. A noite infinita de um escuro profundo embainhado por nuvens amareladas de mercúrio. Tirei um cigarro do bolso. Ela chegou mais perto e disse "Deixa eu acender pra você?" Entreguei o cigarro pensando em como tudo aquilo era bonito pra mim. Lorena não fumava – queria apenas me ajudar naquilo também. Isso me tocou. Isso me comoveu. Eu sou meio retardado. Eu sempre fui.

Depois de acender o cigarro ela se encostou em mim. Passou seu braço por baixo do meu e colocou a cabeça no meu ombro. Ficamos assim por um tempo... Um tempo que eu não saberia medir. Eternidade? Eternidade é apenas um conceito estú-

pido que nossa mente tenta criar. O tempo passa. E as coisas passam. Parece que sempre pra pior. E cada vez que subimos um passo, é pra cair de mais alto. Mas, ei, de novo: o mundo é injusto. Aprenda a superar isso ou dê um tiro na cabeça. Porra, o mundo foi lindo naquela noite. Ainda que eu não a tenha beijado, foi lindo. Não é o mundo que fede. Sou eu. Foda-se. Estou fazendo um registro real de um coração que morre e certamente vai renascer. Pensar que o mundo é um lixo é o que me acontece agora. Estou amargo e em amargura eu vivo e penso e vejo e falo.

Eu escrevo. Deixo o leitor num momento de carinho no mirante enquanto pulo pra trás. Tentar arrancar a raiz um pouco mais fundo. As palavras fazem um flashback...

E elas contam uma história. É uma história boa. Você vai gostar. É uma história triste. Você vai gostar.

Já reparou no entusiasmo com que todos ouvem histórias de frustração? Até meus melhores amigos não resistem um "O que foi?" quando me encontram abatido. Eles também perguntam quando estou muito alegre, mas nesse caso querem apenas a informação. Ouvem alvíssaras; mudam de assunto. Quando estamos tristes, temos que nos desdobrar e explicar tudo D-E-T-A-L-H-A-D-A-M-E-N-T-E. Às vezes, tenho certeza, eles sequer acreditam que podem ajudar.

As pessoas se deleitam num sentimento implícito de superioridade, porque pra elas as coisas não vão indo tão mal. Estamos todos, obviamente, mergulhados no mesmo poço de merda. Eu, pelo menos,

não finjo que é lama medicinal. Não há possibilidades de ajuda ou absolvição para nenhum de nós. Precisamos de um Deus. Mas enquanto Ele não existe ou não se manifesta, a gente se diverte ouvindo histórias de quem se fodeu. Mesmo que seja Jesus Cristo apanhando e morrendo para nos salvar. Essa é uma das mais queridas histórias do nosso planetinha sádico.

Quando eu tinha por aí uns cinco anos de idade meu pai comprou um sítio. Lembro das longas viagens (ou longas me pareciam) em que eu podia deitar o corpo inteiro no banco traseiro. Às vezes eu dormia. Havia um trecho de estrada de chão. Eu gostava de sair do carro e abrir as porteiras, quando necessário. Gostava dos cavalos, das frutas, da pesca e, sobretudo, de acompanhar o pessoal da roça. É claro que eu também me distraía sozinho, ou com outras crianças, mas uma parte do dia eu sempre passava seguindo os adultos. Uma gente aparentemente feita do próprio barro, do arame e da madeira das cercas; com hábitos, raciocínios e palavras alienígenas para mim.

Eles me deixavam fumar. Do que eles diziam, aprendi alguma coisa. Também ouvi muita superstição que, mesmo na época, sabia não fazer sentido. Eu já sabia, por exemplo, que cobras não poderiam ser fios de cabelo que passaram muito tempo dentro da água.

É sobre um desses causos que pretendo escrever. Uma história que, apesar de irreal, ainda me impressiona. Digamos que, pra mim, é como uma fábula cuja moral da história eu observei reiteradas vezes no mundo.

Foi assim. Andávamos – eu e um dos peões que tinha mais paciência comigo – a caminho da terra fofa onde catar minhocas pra pescar. Eu perguntei quem tinha feito um buraco no chão. Muito pequeno pra buraco de tatu, muito grande pra formigas. "Uma cobra", ele respondeu. Acrescentou que era coisa muito ruim tapar um daqueles buracos. "A cobra nunca morre", ele disse. "Ela fica ali dentro pra sempre, porque o veneno dá força pra ela. Ela fica ali dentro pra sempre, juntando ódio e veneno. Quando alguém abre o buraco é duas morte, meu filho. Morre quem abriu e morre a cobra também."

Naquela noite fiquei deitado na cama imaginando a cobra lá dentro do buraco, no escuro. Sem água nem comida. Acumulando veneno e ódio, esperando que algum desavisado abrisse caminho na terra. Esse desavisado poderia ser eu, porra. Eu vivia remexendo terra pra brincar. Aquilo era sério.

Hoje, infelizmente, já não brinco tanto. A preocupação infantil que inicialmente gravou a história em mim foi substituída; encontrei novos sentidos, mais metafóricos, para validar a história. É fato. Ódio e veneno fechados num buraco se alimentam reciprocamente. Eles não morrem.

Eu cresci amargo e fechado. Empedernido. Tudo parecia desinteressante. As pessoas, mesquinhas e imbecis. Parecia impossível ultrapassar o meio-dia sem uma decepção. E são quantas em toda a vida? Não importa. Apenas algumas importam.

Apenas algumas alimentaram a vida da cobra no meu buraco. De lá pra cá eu aprendi a rir de mim mesmo, como evidenciado pela última frase. Mas, porra, eu não quero perder a janela que se abre pro passado. A janela que me atravessou em frases há

pouco. Preciso me concentrar; ouvir de um fantasma que desaparecerá a qualquer momento vozes do ódio que morreu quando abri meu buraco pro mundo (última piada). Eu falava das decepções – porra, como essa palavra traz tudo de volta... Apenas algumas decepções chave. Lembrar de Lorena, quando acendeu meu cigarro. Lorena com a cabeça no meu ombro. A Lorena que meses depois eu vi, acidentalmente, no shopping. Eu nem sabia que ela estava em Governador Valadares. Agora ela sorria no shopping, sem me perceber. De mãos dadas com um cretino que eu já odiava antes disso.

Eu sofri com essa merda ainda há pouco, na cama. Agora, enquanto escrevo, já me parece ridículo. Apesar da janela aberta entre o agora e o então, nada segura o riso. É ridículo. Eu me senti fisicamente mal por ver uma mulher sentada no shopping com outro cara. Só isso.

Ela queria alguém e por um momento quis que esse alguém fosse eu. Eu era sonhador e virgem demais pra dar, ou mesmo reconhecer, o que ela precisava. Ela gostava de mim, mas eu mandei mal e ela foi procurar em outro lugar. Ela mandou mal também, mas quem não manda de vez em quando? Porque me atormentar com isso?

O que fizemos com os nossos sonhos?

Sei que essa última frase é inadequada. Desculpem se insisto nos clichês, mas sinto falta deles. Certos pensamentos foram injustamente censurados depois da repetição vazia à qual foram expostos (vinda de bocas maritacas ecoando a verdade sem ao menos entrevê-la; misturando-a à sequência de idiotices que justificam um descrédito generalizado em relação a tudo que foi dito) e nos obrigamos

a não pensar mais neles. Quem ainda acredita realmente em "a vida é bela"? Ela é. Ou melhor, ela pode ser, se você conseguir encontrá-la. Mas dizer isso pra alguém, a sério? A vida é bela? Consideramos isso apenas uma interjeição indesejável de quem fala, automaticamente, merda sem sentido e destituída ainda de qualquer discernimento estético ou cultural.

"A vida é dor, princesa. Qualquer um que diga o contrário está vendendo alguma coisa" – ouvi isso do príncipe de um conto de fadas, na televisão. Isso me deixou preocupado. Hoje ninguém acredita no Amor, na Beleza, no Bem. Nem mesmo os príncipes encantados. Reconhecemos os nomes das virtudes e continuamos a receitá-las sem qualquer convicção; apenas por hábito. Conversamos (ou, antes, monologamos) sobre as virtudes de forma superficial, sem realmente conhecê-las ou acreditar em sua relevância. Usamos tais conceitos como gravatas. Algo decorativo que não faz realmente nenhuma diferença – ou antes, algo que sequer enfeita, mas que parece de bom-tom que tenhamos guardado em algum lugar. Como um extintor de incêndio velho e brocha, que sabemos não funcionar e que mantemos pelas aparências.

Você vai achar idiota se eu disser que você precisa acreditar, não vai? Fique tranquilo, eu não estou em posição de dar conselhos. Sou apenas o idiota agarrado à sua gravata. O imbecil que se preocupa com a validade e utilidade dos seus extintores. Não estou dando conselhos pra ninguém. Só posso dizer que EU acredito. Hoje eu tento acreditar. Acho que é por isso que tenho tantas histórias frustrantes pra contar.

Neste começo de parágrafo eu queria uma informação objetiva, do tipo eu-já-me-apaixonei-x-vezes, mas é difícil contar. Não foram muitas – se tivesse que escolher um número total, sem critérios ou cerceamentos, seria até muito fácil. O problema é selecionar, entre uma série de fenômenos da minha história pessoal, os que realmente poderiam ser considerados (dentro de uma definição rigorosa) como "estar apaixonado". Paixão de criança, por exemplo, conta? Amor platônico, conta? Quando você vê uma garota todo dia no recreio, fantasia um futuro com ela sem ao menos saber o que ela prefere na merenda, isso é estar apaixonado? Eu acho que não. Não, pelo menos, num sentido que me interesse aqui. De forma que não vou contar quantas vezes foram.

Vou falar de duas vezes em que me apaixonei – são as duas vezes significativas para o capítulo. Duas paixões que deixaram lâminas semânticas que ainda me atravessam às vezes. Linda vai ficar de fora, porque já foi até cantado e é bastante clichê que o amor é a coisa mais triste quando se desfaz. Você já sabe sobre Linda e o livro inteiro é sobre como estou me sentindo depois de havê-la perdido.

De Lorena eu já falei um pouco. O suficiente, por enquanto. Talvez volte nela depois. Não sei. Agora vou falar de Jaqueline.

Eu não sabia como me aproximar. Há todo esse rito social de aproximação que até hoje eu não domino. Mas na época eu também não dominava satisfatoriamente a capacidade de me expressar abertamente. Hoje, eu posso me aproximar sem a necessidade de simular o comportamento mamelu-

co padrão que todos usam pra começar um romance. Mas na época, ainda que eu presenciasse o comportamento mameluco padrão e percebesse as recompensas do seu uso, eu já apostava na edificação do que eventualmente conquistei. Eu *precisava* de uma fórmula, mas eu não *queria* me adaptar às fórmulas disponíveis. Eu sempre soube exatamente onde queria chegar, mas estava no escuro, sem bússola e sem um caminho a seguir. Não sabia cultivar intimidade. Relacionamentos eram entidades fantasiosas que eu cultivava na minha cabeça, sem qualquer relação com a realidade. Eu era completamente incapaz de agir. Desperdiçava todas as oportunidades que surgiam por acaso e não tinha competência para criar novas oportunidades através das minhas ações.

Vou falar de Jaqueline.

Mas não é uma história apenas de Jaqueline.

Conheci Dimitri um pouco antes que a Internet chegasse em nossa cidade, justamente através de um serviço pré-internético disponibilizado por um servidor local. Havia um chat e poucas outras opções que eu nunca usei. Uma novidade que se espalhou rapidamente. Alguém instalou no meu computador. No mesmo dia, instalei no computador de Luke – que alguns dias depois me levou à casa de Dimitri, com um disquete, para que ele instalasse também.

Voltamos para a sua casa (de Luke), onde ele ligou o computador para encontrar Dimitri no chat, como combinado. Eu fui para minha própria casa, mas pedi a Luke que mentisse para Dimitri, dizendo que eu continuava por lá.

Chegando em casa, entrei no chat com o nome de Marina. Puxei conversa com Dimitri. Que coincidência! Eu também era de Valadares, solteira,

aparentemente muito gostosa e muito interessada em qualquer coisa que ele dissesse. Marcamos um encontro para o dia seguinte, às quatro da tarde.

Nem era mais novidade. Dimitri já era a quarta vítima desse golpe.

No dia seguinte, dando continuidade à rotina preestabelecida, eu e Luke chegamos à casa de Dimitri (sem aviso) às três e meia.

Ele estava de banho tomado. Perfumado. Exultante. Apressou-se em avisar que não tinha muito tempo. Estava esperando uma gostosa. Sorria com novecentos e trinta e oito dentes na boca.

Eu já nem me lembro mais de como foi a revelação da farsa. Lembro apenas da cara de Dimitri. Aquela frustração que, covarde, tenta se esconder atrás de uma falsa bravura, desesperadamente desembaraçada. Aquela cara de não-doeu.

No dia seguinte, passada a raiva, ele me convidou para jogar videogame, ou algo que o valha. Eu não lembro dos detalhes. Minha literatura não é coisa de velha sem o que fazer, inventando detalhes sobre o que tomou no chá em janeiro de mil novecentos e quarenta e dois. Foda-se. Em poucos meses já éramos melhores amigos.

Eu passava muito tempo na casa dele. Pra nossos padrões provincianos, era uma casa bastante incomum. A mãe de Dimitri era o que se convencionou chamar de superprotetora. Não gostava que ele saísse e, consequentemente, não se importava com a casa sempre cheia de amigos.

Dimitri era três anos mais velho do que eu. Muito inteligente; culto (ainda considerando nossos padrões provincianos como ponto de referência) e abusado. A maioria de nós não trabalhava – éramos

uma cambada com muitas possibilidades, poucas atividades e tempo demais pra ler, beber, fumar, ouvir música, assistir filmes e conversar bobagens – mas Dimitri também não estudava. Estávamos todos preocupados com vestibular e faculdade. Ele havia abandonado a escola na quarta série, com o apoio da mãe. Falava inglês fluentemente, conversava sobre filosofia, música, literatura e não saberia resolver uma equação de segundo grau, ou mesmo o que define um adjunto adverbial. Ele sofria dessa arrogância preguiçosa que acompanha as conquistas fáceis; desse vício moderno da bravura vaidosa, que tenta fazer algo além da verdade. Numa discussão de mesa de bar, dizia que Kant era infantil – nunca lera um livro de Kant. Também nunca lera Aristóteles, ou Platão, quer dizer, nem o básico... Ele lia bastante, mas nada que fosse chato. Nada que exigisse esforço seco. Sua filosofia era baseada em frases e trechos esparsos, polvilhados pelos textos dos autores que lia, e na sua inquebrantável confiança na própria lógica e raciocínio.

Trocávamos o dia pela noite. Uma vida cheia de músicas, filmes, fumaça, videogames e cartas de baralho. Trollagem constante e de alto nível. Vou morrer convencido de que nós inventamos o cyberbullying.

Éramos imbatíveis no truco. Poucos suportavam a pressão psicológica. Certa vez, premeditadamente, perdemos todas as partidas enquanto, ao mesmo tempo, deixávamos um dos adversários espumando de raiva. Ganhando e espumando de raiva. Nós praticamente estipulávamos esse tipo de meta. Sempre que encontrávamos gente orgulhosa, convidávamos pra um jogo qualquer. Era divertido.

Lembro bem do Lobinho. Até hoje eu não sei o nome desse cara. Depois de ficar sabendo do seu carinhoso apelido de Lobinho, originado de um incidente na praia que revelou para seus amigos que ele tinha a bunda cabeluda, nunca pensei em chamá-lo de outra coisa.

Lobinho, além de peludo, era baixinho e tinha olhos desconfiados. Odiava perder. Mais tarde matriculou-se em medicina – uma dessas profissões que atrai gente obcecada com o sucesso. Estávamos jogando truco há mais de uma hora e a dupla dele ainda não tinha nenhum boi. Eu e Dimitri trollávamos incessantemente. Lobinho não retrucava. Estava guardando o ódio. Alimentando-se dele. Como a cobra no buraco. Então ele pegou um zap e achou que era hora de sair do buraco. Cuspiu seu veneno, que devido à sua GRANDE CRIATIVIDADE, foi uma riminha idiota, dessas que vocês pessoas idiotas gritam no truco:

"Subi no muro, caí de costa... É TRUCO, SEU BOSTA!"

Ao que Dimitri respondeu imediatamente, enquanto colocava suas cartas de volta no baralho:

"Fiquei bobo, subi no pé de amora... PERDI TODAS ATÉ AGORA!"

Dias bons. Dias engraçados. Era um milagre que não apanhássemos nos bares. Posso lembrar de algumas situações limite:

Meus amigos comentam sobre alguém que chega no bar. Dizem que o tipo é arrogante, prepotente, carente e agressivo. Eu sou o único da mesa que não o conhece. É claro que ele nos descobre e vem sentar conosco. Silêncio. Ele diz:

"Sou um pequeno agricultor de pensamentos idiotas..."

Ninguém dá atenção, então ele reformula, com mais intensidade:

"Sou um pequeno agricultor de pensamentos imbecis!"

Eu digo:

"Estou vendo."

Estamos num bar, contra minha vontade, assistindo Flamengo contra Botafogo. Bola na trave. O bar inteiro fica de pé. Um dos caras mais participativos grita: "TORCER PARA O BOTAFOGO É UMA EXPERIÊNCIA SEXUAL!"

Dimitri:

"É! TOMAR NO CU!"

Um negão gigante com um cabelo esquisito quase batendo no teto do bar e uma calça larga de capoeira passa perto da mesa. Ele usava uma camisa tão colorida que você precisaria ser surdo pra não se incomodar. Uma amiga chama o camarada:

"Estou com uma foto LINDA sua lá em casa..."

Olho pro negão. Eu estava bêbado e é provável que estivesse encarando. Ele olha de volta, com cara feia. Eu falo alto:

"Foto bonita dele? Duvido!"

Uma mesa cheia de gente que eu não conhecia pessoalmente. Dimitri também não conhece ninguém. Ele sai pra buscar uma cerveja. O pessoal conversa sobre mulheres vagabundas. Conversam numa boa. Aquela coisa politicamente correta em que cada um fala um discurso óbvio e todo mundo

concorda com todo mundo. Dimitri chega no instante em que uma famosa vagabunda, notória por namorar playboyzinhos, está falando:

"...por exemplo: eu namoraria o Rogério mesmo que ele não tivesse carro!"

Dimitri, falando alto, olhando pro tal Rogério (um playboy marombeiro que a gente nunca tinha visto antes):

"Acredite, se quiser..."

Por falar em acredite-se-quiser – e fugindo completamente do tema pra perseguir lembranças aleatórias que chegam com o fluxo – uma coisa completamente irrelevante (na esfera o-que-se-deveria-dizer-às-pessoas-num-livro) que ainda assim nunca saiu da minha cabeça foi o portal transdimensional nas escadas do prédio de Dimitri.

Devia ser a terceira ou quarta vez que eu o visitava. Como da primeira vez, eu estava acompanhado por Luke. Uma vez que Dimitri morava no primeiro andar, geralmente não usávamos o elevador para ir embora. Eram apenas dois lances; salão de festas → térreo. Saímos do apartamento conversando freneticamente sobre trollagem no mundo dos games – sobre como Dimitri convencera alguns moleques na locadora que o corredor infinito em Super Mario 2 tinha um fim. "Demora um tempão, mas no fim tem uma porta que leva pro chefe mais BALA do jogo inteiro!" Descíamos as escadas rindo da descrição que Dimitri inventara para o monstro. Especulando quanto tempo os moleques teriam insistido no corredor infinito até que compreendessem a evidente presença constante e implacável, que os acompanhara desde o começo, da ausência de qual-

quer porta que levasse a revolucionário e misterioso chefe. Descíamos rindo, descontraídos, de forma que atribuí a uma distração o fato da garagem (que deveria estar um lance de escadas mais abaixo) ecoando em silêncio cavernoso à nossa frente quando abri a porta. Tem que ser distração, a mente insiste em silêncio. Mas permanece aquela amarga contrariedade de quem é obrigado a conceder o ponto por motivos técnicos, que não chegam a convencer e parecem pra sempre esconder alguma trapaça. Mas eu já estive errado tantas vezes, em tantas coisas incalculavelmente mais importantes, que ato contínuo soltei a porta e dei a volta pra subir até o térreo. Foi quando dei de cara com um Luke abertamente pasmado. Ele disse:

"Porra, como viemos parar aqui?"

Ainda não usávamos drogas. Pelo menos naquele dia não. Não àquela hora do dia, com certeza. Subimos para o térreo e caminhamos até o ponto de ônibus (onde eu tomaria um para a minha casa) elaborando pormenorizadamente a inútil fantasia de que atravessamos algum portal que se formou na escada, inexplicavelmente, exatamente naquele momento.

Até hoje eu penso nisso. É claro que não levo a sério, historicamente. Mas eu sempre gosto de considerar, por hobby...

Você pode simplesmente negar tudo de inexplicável que aconteça em sua vida. Você pode. É um direito seu. Fazer como Lavoisier, quando interrogado sobre os reiterados relatos do que viriam a ser chamados meteoritos:

"Não é possível que pedras caiam do céu, porque no céu não há pedras."

Faz sentido, mas, Rá! Foda-se, meu velho. Não existe um zelador à imagem e semelhança do homem certificando-se de que as coisas aconteçam dentro do limitado e fantasioso espectro do que nos parece lógico.

Você que lide com o inexplicável como quiser. É possível que, naquele dia, em algum ponto entre o apartamento de Dimitri e o térreo, nas escadas de um prédio qualquer ali no centro de Governador Valadares, alguma coisa estranha tenha acontecido. Eu e Luke chegamos à precipitada e conveniente conclusão de que nossas consciências foram transportadas, no portal, para uma outra dimensão. Quer dizer, há um jardim de caminhos que se bifurcam e, em algum ponto das escadas no prédio de Dimitri, nossos corpos originais continuaram sua trajetória original e saíram no térreo (como deveria ser), enquanto nossa consciência migrou (equivocada em algum dos nós entre os caminhos) para uma realidade paralela, onde outros corpos similares aos nossos continuariam descendo até a garagem.

Ao longo dos anos temos nos divertido ao imaginar o que nossos eus verdadeiros estão fazendo no mundo real. Espero que por lá eu não tenha dores nas costas, mas por aqui eu conheci Jaqueline.

Foi pelo ICQ. Em poucos anos, ninguém usa mais o ICQ – um programa de chat individual em tempo real que foi superado pelo MSN. Em pouco tempo, provavelmente, o MSN também será esquecido.

Porra, as pessoas sonham em ficar famosas – não em entrar pra História, como Sócrates ou Joana d'Arc, mas simplesmente famosas como os que foram

os mais bonitos do mundo há dez anos e que hoje ninguém lembra mais. Agora eu pressenti um discurso enorme sobre a impermanência das coisas e, anexo, outro discurso sobre a incapacidade das pessoas de considerarem essa impermanência quando tomam decisões. Mas, porra, foda-se.

Como ia dizendo, conheci Jaqueline pelo ICQ. A Internet era tão caipira naquela época que o simples fato de encontrar alguém da sua cidade por ali já era motivo de adicioná-la como amiga. Aconteceu comigo aquela velha história (ainda que fosse nova na época) de se apegar a alguém através de um chat online.

Eu esperava ansioso pelas nossas conversas diárias. Eu sei que ela esperava também. Podíamos conversar por horas seguidas, sobre assuntos completamente insossos para as outras pessoas. Eu não escrevi o discurso sobre a impermanência, mas ele continua na minha cabeça. Amizade é uma das poucas relações benéficas e duradouras. Apesar de tudo que vou contar, eu e Jaqueline conversamos até hoje. Friendzone é um preconceito ridículo. Amizade é justamente o que eu procuro como base de um relacionamento a longo prazo. Nós ficamos amigos e pra mim isso seria suficiente. Mas não foi.

Eu e Dimitri já éramos melhores amigos. Passávamos muito tempo juntos. Um completava a frase do outro. Telefone com sinal de ocupado porque ligávamos pro outro no mesmo instante. Nenhum de nós é gay, mas se fôssemos acho que teríamos namorado. Eu amava Dimitri, até onde se pode amar um amigo. Então é natural que eu falasse com ele sobre Jaqueline. Natural também que ele percebes-

se o que estava acontecendo.

Naquela época, como havia poucas pessoas online (principalmente em Governador Valadares), todo mundo adicionava todo mundo. Eventualmente Dimitri conheceu Jaqueline e aquilo virou motivo de piada. Quando jogávamos truco, ou Tekken, Jaqueline foi incorporada à lista de insultos no repertório de Dimitri. "Tá querendo sonhar com guria sonsa, vou te pôr pra dormir..." e "Se você gosta de criança então brinca com meu zap!" viraram frases comuns enquanto jogávamos. Nem eram piadas engraçadas, mas estavam ali apenas para marcar um ponto aumentar o repertório – tornando as piadas recorrentes realmente boas um pouco mais imprevisíveis e renovadas.

Eu queria falar mais de Dimitri e dos tempos de nossa amizade. Eu queria que você se apegasse a ele como eu me apeguei. Isso seria necessário para uma sensação real do que são os próximos parágrafos. Mas, sinceramente, não estou com saco pra ficar contando mais historinhas complementares. Vou repetir e esperar que você entenda, num esforço, o que isso quer dizer de verdade, além dos traços pretos sobre um fundo branco: éramos melhores amigos.

Sempre que eu falava de Jaqueline ele perdia a paciência. Dizia que era uma guria chata e irritante. Talvez ela realmente fosse chata pra ele. Dimitri é três anos mais velho que eu; Jaqueline, quatro anos mais nova. Sete anos de diferença são mais do que suficientes para transformar alguém num chato quando você é jovem.

Mas o tempo passa. O tempo passa... (Essa repetição com reticências é clichê, mas geralmente

faz o truque de levar o leitor ao devaneio sobre o tempo passando...) E era inverno. Tristes ventos frios. As coisas iam mal pra mim. Dimitri estava cheio de problemas. Jaqueline atravessava uma fase ruim com a família.

Dos problemas familiares de Jaqueline eu sabia pouco, porque não tínhamos muito contato além de conversas divertidas que evitavam questões práticas e cotidianas. Dimitri estava mal com a namorada e com a família também. Eu passava por um período de melancolia sem causa evidente. Talvez apenas juventude ociosa.

Dimitri pedia explicitamente que eu o visitasse sempre que possível – dizia que a companhia o ajudava naquele período ruim. Ficávamos em silêncio por mais tempo que de costume. Eu pensava em Jaqueline. Foi ficando claro pra mim que eu estava de fato apaixonado. Mas eu não sabia o que fazer e continuava na mesma impotente pasmaceira.

Vez por outra, sem muita convicção, eu convidava Jaqueline pra um programa qualquer. Ela aparecia com a mesma frequência sincopada com a qual os colegas respondem a convites, motivados por sua própria conveniência. Nunca demonstrou vontade especial de me ver. Então num dia aleatório daquele inverno ela disse "Posso passar na sua casa amanhã?" Iniciativa dela, você entende? Felicidade sem tamanho. Vários planos infantis que, na hora, seriam abandonados pra esperar, simplesmente, que o teto caísse, que as estrelas explodissem no céu ou que pétalas de rosa chovessem do nada... (Puta que pariu, como eu fui imbecil – e como é frustrante concluir que eu prefiro isso ao que as pessoas à

minha volta escolheram para deixarem de ser imbecis. Mais triste que ter sido um imbecil é ter orgulho disso e mais triste ainda é que esse orgulho seja justificado quando comparamos a imbecilidade inocente com o comportamento dos outros.) Conversamos, ouvimos música e, apesar do fracasso do que eu realmente esperava, foi um dia muito bom.

O dia foi bom até o dia seguinte, quando Jaqueline visitou Dimitri. Dois dias depois ela o visitou mais uma vez e finalmente eu percebi que ela veio aqui em casa como desculpa – uma dessas desculpas retardadas e desnecessárias que algumas mulheres inventam pra tudo. Uma desculpa para visitar Dimitri. Ela fez questão de anunciar pra mim que estava na época de visitas.

O mais problemático de tudo isso, é claro, foi ter esfregado na minha cara que Jaqueline estava interessada em Dimitri, enquanto eu não passava de um peão no seu joguinho adolescente de xadrez amoroso. Antes, pelo menos, eu podia fugir de qualquer decepção causada pela paixão platônica que ela me inspirava na companhia de Dimitri. Agora, quando eu visitava Dimitri, ás vezes a encontrava por lá.

Dimitri continuava insistindo para que eu o visitasse regularmente. Se eu passava uns dias sem aparecer, ele telefonava. Eu sofria em silêncio ali naquela sala. Eu sofria muito quando os dois estavam lá, de forma que eu geralmente inventava uma desculpa pra não me expor. Mas, porra, ele era meu melhor amigo; não era culpa dele que Jaqueline estivesse interessada. Por ter essa bravura de quem

tenta ser mais do que realmente é, Dimitri sempre foi muito mais impressionante do que eu. E, mais importante, eu era gordo. Bastante gordo. Vinha atravessando os anos completamente alheio à minha apresentação pessoal. Porque as pessoas que eu desprezava eram obcecadas com sua apresentação pessoal, tentei me afastar da vaidade. Mas as virtudes estão cercadas de vícios pelos dois lados – de forma que o corajoso existe entre o covarde e o temerário, e por aí vai... Enquanto me afastava da vaidade eu não caminhava para a virtude, mas para o vício oposto. Eu era um gordo desleixado e indisciplinado, incapaz de ser príncipe para qualquer gatinha adolescente.

A culpa era minha. Eu poderia propor uma divisão da culpa com Jaqueline, caso achasse justou ou razoável reclamar que ela não era uma santa desapegada; alguém capaz de sentir atração pela marmota que eu era. Eu sei que ela gostava de mim e que poderíamos ter uma experiência enriquecedora juntos, mas era apenas natural que minha deformidade moral e suas repercussões exógenas evitassem que Jaqueline pensasse em mim como um amante.

De uma forma ou de outra, a culpa não era do destino, e muito menos de Dimitri. Seria injusto que eu negasse ajuda a um amigo em necessidade por causa das minhas mesquinharias emocionais. Então, porra, ele insistia e eu acabava indo. Mas era DILACERANTE sentar naquele sofá. Às vezes vontade de chorar; atento como um caçador que observa um leão em pleno ataque. Cada detalhe, cada indireta, cada tentativa de Jaqueline para chegar mais perto e encostar o braço no dele. Era tão amar-

go que eu engoli meu orgulho e minha vergonha e todo esse tipo de estupidez que a gente recebe junto com a juventude e resolvi conversar abertamente com meu amigo.

Fui direto. Disse que não me importava que ele a pegasse – eu era doido com ela, mas se ela estava interessada nele, e não em mim, que ao menos ela ficasse satisfeita. Era assim que eu pensava sobre ela. Eu estava sobrando ali. Que ele ficasse com ela e que entre os dois as coisas fossem como tivessem que ser. Expliquei que passaria um tempo afastado, até que meu sangue voltasse ao normal, mas que estava tudo bem e que ele não precisava se preocupar comigo. Fui me preparando pra ir embora com aquele som de assobio ou pianinho imaginário que acompanha meus momentos quixotescos de cavaleiro solitário. "Eu não sou mais moleque," eu disse. Na verdade eu era sim, mas já queria ser algo mais.

Meu melhor amigo ouviu tudo em silêncio, de cabeça baixa. Depois falou sem qualquer hesitação, como costumava fazer. Ele não me decepcionou. Até me surpreendeu. Repetiu que não gostava dela; insistiu que eu já sabia disso. Explicou que só aguentava Jaqueline em sua casa porque estava desesperado por qualquer companhia. Era lisonjeiro, mas ele não estava interessado. Mesmo que *estivesse* interessado, ele ressaltou, não poderia se divertir beijando uma guria quando sabia da situação em que esse beijo me colocava. Insistiu também que amava a namorada. Estava triste justamente por ter problemas com ela. Eu também sabia disso, qual era o problema comigo? E nos abraçamos e eu insisti, por minha vez, que se as coisas mudassem e Jaqueline se tornasse interessante estava tudo bem.

Fiz questão de ressaltar isso, porque eu tanto sabia que Dimitri amava sua namorada quanto sabia que não nos referíamos à mesma coisa com a palavra "amor". Eu sabia ainda que em mais de uma ocasião ele fora infiel enquanto estava "amando" alguém e achei importante salientar aquele ponto. Se ele mudasse de ideia e resolvesse ter um romance qualquer com Jaqueline, era só me avisar que eu compreenderia e me adaptaria à situação sem ressentimento e sem pensar mal dele por causa disso. Era só uma mina, porra. E por mais que a gente sonhe com o amor eterno e perfeito quando se está apaixonado, não é difícil reconhecer racionalmente que as namoradas passam e as amizades continuam. Era só uma mina que, importante dizer, nem gostava de mim. O que me preocupava de verdade era que nossa amizade, muito mais sólida e promissora do que um amor platônico, fosse obscurecida por um fantasma debochado e implacável de desconfiança. Eu tive orgulho do meu amigo e nos abraçamos depois da catarse.

A partir daí ficou mais fácil suportar Jaqueline na casa dele. O mundo inteiro ficou mais fácil.

Ficou mais fácil, por exemplo, me abrir um pouco com Jaqueline no ICQ. Desajeitadamente, canhestra como qualquer primeira tentativa, perguntei o que ela faria se eu tentasse beijá-la. Eis que chega a hora em que eu posso demonstrar como as palavras são instrumentos poderosos. Como uma pequena sequência delas, agrupadas na ordem e na situação adequadas, podem destruir uma pessoa como eu:

No ICQ, eu: "... blá blá blá... e se eu tivesse tentado te beijar quando você veio aqui em casa?"

Jaqueline: "**eu te vejo como um amigo**"

Depois de alguns meses apaixonado por Lorena, ficamos pela primeira vez. Como ela morava em Belo Horizonte e vinha a Governador Valadares com pouca frequência, tive que viajar para encontrá-la. Na manhã do dia seguinte, estou dançando deslumbrado através do apartamento de uns amigos que me hospedavam. Então ela me liga:

"Tem uma coisa que eu quero te contar, quando a gente se encontrar hoje à noite."

"Coisa boa ou ruim?" - eu perguntei por hábito. Automaticamente. Quando alguém diz "Tenho algo pra te contar...", inclusive pronunciando as reticências, eu sempre pergunto se é algo bom ou ruim. Nem chega a ser uma curiosidade. É como dizer "saúde" quando alguém espirra. Mas eu não tinha dúvida: o que quer que ela fosse dizer, seria parte do nosso início de romance. Eu sorria ansioso, esperando que a noite chegasse logo e que com ela chegassem mais beijos.

Ela:

"**Ah, não sei... Acho que é ruim**."

Lorena, naquela noite:

"**Eu te vejo como amigo**." (esta frase, com certeza, é responsável por vários suicídios).

Mais tarde naquela noite:

"**Você não entenderia**..."

Mais tarde:

"**Você vai ter outras chances. A vida é cheia de oportunidades**..."

Estou com Linda numa festa de casamento. Eu brinco perguntando se ela gosta disso ou daquilo – enfim, o que ela gostaria que repetíssemos no nosso. Ela ri. Parece um sonho. Só existimos um para o outro. Ela bebe vinho. Em seguida me beija e, enquanto isso, passa o vinho para a minha boca. Ri bastante.

"**Há quanto tempo eu não faço isso... que saudade...**" – ela diz, sorrindo.

Comigo, nunca tinha feito.

Eu e Linda dentro do carro.

Ela:

"**Não foi nada que você fez. Você foi perfeito comig**o."

Mais tarde, ainda dentro do carro:

"**Você não entenderia**..."

Mais tarde:

"**Eu tenho certeza que você vai achar outra pessoa. A vida é cheia de oportunidades**..." (Inacreditável. Mas é o tipo de coisa que me acontece)

Depois que terminamos. Depois de alguns dias sem me encontrar com ela. Depois da cena no carro. Linda diz que quer conversar comigo. Eu vou encontrá-la na faculdade. Espero a aula terminar e vamos atravessando a confusão de pessoas nas portas das salas, procurando um lugar para conversar. Ela é a

coisa que eu mais quis em minha vida inteira e estou pronto para repetir vários "eu te amo". Uma conhecida estaciona pra conversar com Linda e fala sobre o namorado. Eu fico de lado. Sem participar da conversa, mas ouvindo tudo. Obrigatoriamente. A conhecida diz:

"Eu queria tanto saber se meu namorado me ama..."

Linda:

"**Eu não acredito mais no amor**."

Frases. Palavras. Perigosas. Desastrosas. Só as formigas são felizes.

Eu queria me comunicar quimicamente... Encostar minhas anteninhas nas pessoas e saber exatamente o que estava acontecendo. Transmitir fisicamente o que tenho dentro de mim.

Quando me interessasse por alguém, algumas antenadas e estaria tudo feito. Poderia me decepcionar logo no começo. Como disse a mãe do Dimitri certa vez: "Quando algo ruim vai acontecer, é bom que aconteça logo." Sem tempo pra gente se empolgar. Quanto maior a admiração, maior a decepção. Quanto mais alta a escalada, maior a queda. E tal, e tal, e tal...

Ainda que não seja tão ideal quanto uma linguagem química, venho desenvolvendo uma espécie de linguagem pelo toque. É frustrante. Eu ouço e falo com as mãos, quando faço carinho em alguém. Às vezes eu grito. Mas a maioria das peles é surda e como surdos que falam elas dizem apenas gemidos mal formados. Eu me sinto sozinho.

As formigas se comunicam quimicamente e são felizes. Não conhecem platonismos. O amor é um

sentimento perigoso quando não é compartilhado por quem o inspira. É subir numa escada que não existe. Tenho que agradecer a Jaqueline por não deixar que eu subisse demais. Disse logo na primeira oportunidade que me via apenas como um amigo. Nem teve a chance de dizer que eu não entenderia, ou que encontraria outra pessoa, como Lorena.

E no meio disso tudo o computador de Dimitri parou de funcionar. Algo com o sistema operacional, naquela época sempre problemático. Luke, que tem esse nome por causa do filme Star Wars – ou seja, nasceu em berço de nerdice – era quem geralmente consertava nossos computadores. Mas Luke estava em Belo Horizonte. Eu, como seu jovem padawan, me ofereci pra dar uma olhada. Numa época de pouca conectividade, quando não tínhamos sequer USB, diagnosticamos que eu precisaria ligar aquele computador a outro computador, com um cabo, para resolver o problema. No dia seguinte, Dimitri levou seu computador até a minha casa e deixou-o comigo.

Sozinho dentro do quarto, depois que Dimitri foi embora, passei um bom tempo envolvido por fios, conexões e barrinhas azuis sendo preenchidas da esquerda para a direita. Nada de realmente complicado. A coisa estava pronta. Fiz vários testes, vi que tudo funcionava normalmente e me alegrei como Jeová se alegrou ao criar algo e ver que aquilo era bom. Como agora estava ociosamente entretido no computador de Dimitri, resolvi abrir o ICQ para saber o que ele e Jaqueline conversavam sobre mim. Uma indiscrição, certamente. Mas algo que pode ser perdoado entre amigos. Afinal de contas, ele não tinha nada a esconder. Acho que ainda não havia

passado um mês desde aquela conversa emocionante que tivéramos a respeito de Jaqueline. Estava muito claro que Dimitri não estava interessado nela. Na melhor das hipóteses, ele estaria usando seus incríveis poderes de persuasão e sutileza a favor da minha causa. Melhorando minhas chances, caso oportunidades surgissem. No caso de que ele simplesmente conversasse desinteressadamente, como conversamos com gente que não nos atrai, era possível que Jaqueline dissesse algo de interesse pra mim. Eu ainda não tinha desistido. Queria mostrar pra Jaqueline, de alguma forma, que um amigo é exatamente quem deveríamos amar. Isso, é claro, se ela estivesse sendo sincera ao dizer que me via como amigo, e não apenas utilizando a frase como uma fórmula para preencher lacunas pertinentes da gramática social. Amizade é uma base muito mais sólida e promissora do que o elemento que as pessoas consideram motivo pra seduzir alguém – aquele momento em que você sente por alguém o que sentiria por um hambúrguer.

Dizem que o amor é uma guerra, e parecia interessante ter vantagens estratégicas. Não tive problemas para abrir o programa e logar na conta de Dimitri. Eu já sabia a senha. Dimitri também sabia a minha. Funcionávamos no sistema amizade-confiança-total.

Então surgiram letrinhas na tela e as letrinhas me disseram que Dimitri estava ficando com Jaqueline há algum tempo. As letrinhas que ele escrevera diziam a Jaqueline que não me contasse nada. E as datas registradas com as conversas revelavam que ele já estava ficando com ela quando

tivemos aquela conversa que terminou em abraços e sentimentos de agradecimento e confiança. Nesse ponto eu já estava pesquisando obcecado. Eu sei de mais detalhes do que gostaria de saber – mas depois de uma revelação desse tipo, é preciso descobrir o que se há pra saber.

No primeiro dia deles Dimitri havia me dito que precisava visitar uma tia. Pouco antes de me telefonar, ele conversara com Jaqueline no ICQ. Insistia que precisava passar na casa dela. Dizia que tinha coisas importantes pra conversar. A conversa acabava aí. No dia seguinte, ele perguntava quando poderia beijá-la de novo. Dizia que estava com saudade; relembrava detalhes do encontro – como a música que tocou, ou o momento em que os dois riram de alguma piadinha... Esse tipo de coisa que as pessoas conversam no dia seguinte, quando pretendem ficar mais vezes.

As letrinhas diziam ainda que, antes disso tudo, Jaqueline perguntara a Dimitri sobre mim. Ela queria saber se eu estava interessado nela. Quer dizer, éramos muito amigos. Ela perguntava a opinião dele. E então, Dimitri? Responde pra menina...

Nãااãoooooo! - respondeu Dimitri. Disse que aquilo era viagem da cabeça dela. Não tinha nada a ver. Carinhoso e atencioso era meu jeitão mesmo. Só faltou dizer que eu era veado.

Depois que me dei por satisfeito – depois de ler tudo que havia pra ler - paralisado frente à tela iluminada, tudo em mim queimava. Imaginei páginas de diálogos e decorei várias frases que eu simplesmente PRECISAVA dizer. Mas, enquanto eu colocava as coisas de Dimitri no carro e dirigia até

a sua casa, foi crescendo uma decepção que transcendia a mera narração mental, cíclica e obsessiva dos fatos. Era um abatimento físico e material; uma modorra pesada como se um novo tipo de gravidade psíquica houvesse me encontrado e puxasse minha alma pro chão. Um pé no chão – é isso. Um pé no chão firme, calmo e perfeitamente desesperançado; morto. Abandonado de toda e qualquer vontade ou expectativa. Em pouco tempo, restava apenas a determinação com a qual se empurra algo pra frente; o dever de cumprir resignadamente todos os ritos e procedimentos que as revelações do dia haviam tornado inelutáveis.

Quando cheguei à casa de Dimitri, devolvi seu computador com poucas palavras. Algo como "Dimitri, eu sei. Jaqueline. Abri seu ICQ. Eu sei. Que palha, cara. Muito palha. Aqui seus livros que estavam lá em casa. Tchau." Ele tentou conversar – provavelmente tinha lá o seu próprio discurso preparado para a ocasião. Eu não quis ouvir e simplesmente fui embora como quem cumpre obstinadamente uma obrigação odiosa e detém-se ao estritamente necessário. Mandei um e-mail, também curto, para Jaqueline. Nem lembro do que disse. Tanto faz.

Foi assim que acabou a primeira vez em que acreditei que poderia dar certo. Nada de espetacular. Apenas duas pessoas sem graça de um lado e uma pessoa despedaçada do outro. Foi assim que acabou grande parte da minha capacidade de confiança.

Eu já não consigo nem dormir direito. Fechar os olhos e abandonar o corpo não é mais o tipo de coisa que eu faça naturalmente. E se alguma coisa der errado? E se um vulto surgir com uma faca? Eu durmo de porta trancada; posso estar sendo para-

nóico mas, cara, MEU MELHOR AMIGO ME ESFAQUEOU. E ele nem gostava dela, porra. E ele me abraçou e foi sincero e bom comigo, enquanto na verdade estava sendo falso e mau. Todos aqueles dias no sofá – ele pedia que eu fosse. Você entende? Ele não me evitava. Ele queria que eu estivesse por perto. Esse fato é prenhe de sutilizas e profundidades que eu não quero explorar por escrito.

Não é fácil fechar os olhos à noite.

Imagino uma vida intra-uterina muito íntima e confortável, mas as coisas complicam depois que a gente sai de lá. Logo de cara veio um tapa na bunda. E então veio Jaqueline e veio Lorena e veio Linda e eu aprecio conhaque com muitos cigarros.

Agora vem a hora em que estou deitado na cama sentindo as palavras passarem. Tenho vinte e três. Eu acabei de fazer vinte três e fiquei pensando que merda tinha acontecido comigo, porra, pra ter desperdiçado tudo assim tão rápido. Por que é que o destino tentou me arrebentar assim, tão novo?

Não importa. Agora vem a hora que eu falo pro destino que ele é cachorro e filho da puta, mas pode mandar o que for – eu encaro. Eu mato no peito e rebato de voleio. Ainda sou jovem e se continuar tentando talvez olhe pra trás, quando tiver trinta, ou quarenta, e pense nisso tudo como num aprendizado. E eu sei que na maior parte do tempo estou me sentindo realmente mal, mas eu sou forte e vou aguentar. Aguentaria também se fosse fraco. Porque é isso que o ser humano faz: ele aguenta. E vários aguentam dentro do buraco, juntando veneno e ódio contra o mundo – eu fui assim por muito tempo, mas eu vou mudar. Isso de mulher que eu vejo como

amante me enxergar como amigo também vai mudar. Com o tempo que passa vou me expor ao que possa transformar em mim tudo aquilo em que eu preciso mudar. Isso tudo que passou por mim, deitado na cama, dói muito mas uma hora vai ter que passar.

Eu deito na cama, mas eu também me levanto.

O sonho que eu tenho, pelo jeito, nunca chega, mas eu tive lampejos e mudando uma coisa ou outra ainda acredito que é possível. Vou continuar tentando. Lembro do conselho de um dos meus ídolos; Conan, o Bárbaro: "Se um monstro pode sangrar, então ele pode morrer."

XVI

a hora mais fria do dia é quando nasce o sol segundo o que um amigo me disse certa vez num bar já faz muito tempo e não fazia muito sentido mas eu acreditei assim mesmo sem prestar atenção na explicação dele que envolvia alguma coisa sobre raios solares ou sei lá o quê porque eu não estava prestando muita atenção já que apenas ouvia e concordava com a cabeça enquanto meu interesse se voltava para uma garota sentada em outra mesa e ela tinha um sorriso bonito e talvez sorrisse pra mim e por alguns segundos as coisas pareciam boas e por um instante o mundo inteiro parecia sorrir também então acho que meu amigo não ficaria com raiva se soubesse que eu estava me cagando pro fato do dia estar amanhecendo e estar fazendo frio ou não porque a única coisa realmente importante naquela hora era um sorriso que eu tinha pra me aquecer e eu precisava fazer alguma coisa então tentei sorrir de volta apesar das minhas dores e desilusões mas acho que não fui muito bem sucedido e a coisa deu em nada mas como eu já disse isso já faz muito tempo e também não é muito significativo.

a hora mais fria do dia foi o que me disseram uma vez e agora com certeza faz frio mas isso não parece muito importante porque eu sei e qualquer um que conhece Valadares sabe que o frio por aqui não dura muito e que o calor não perde tempo e a gente passa o dia inteiro suado e a umidade não deixa o suor secar e o suor e o calor são as únicas coisas que permanecem porque afinal de contas nada por aqui parece duradouro e talvez isso tudo seja

por causa do próprio calor ou da falência da indústria ou por causa de qualquer outro motivo que você consiga pensar pra explicar por que é que todo mundo vai embora e todas as lojas se fecham apenas para abrir no próximo mês com um nome e uma função diferentes e os funcionários aprendem a pegar ônibus diferentes e fica impossível lembrar onde diabos foi parar aquela porcaria de borracharia na qual você confiava ou aquela lanchonete onde você gostava de comer ou mesmo o número do telefone daquele seu amigo que agora está morando em Belo Horizonte porque está ficando velho e terminou o ginásio e a universidade daqui não cobre todos os sonhos que a gente tem mas pelo menos até agora só mudou de lugar uma vez.

a hora mais fria do dia chega mas o sono não chega e você pode abrir a janela e descobrir que por mais longa que seja a noite ela sempre acaba e a prova está ali evidente enquanto o mundo está ficando claro e pode-se imaginar pessoas normais levantando para dar uma mijada saudável e tomar café e reclamar de alguma coisa ou talvez ler o jornal pra reclamar de alguma coisa e depois se despedir da família e sair de casa para cumprir suas obrigações no trabalho ou na escola ou apenas ficar andando na rua esperando alguma coisa acontecer e acreditar que a vida está correta e que as coisas vão melhorar e que no futuro tudo vai se abrir porque afinal de contas o sol se levantou e as pessoas se levantaram e alguns passarinhos cantam e tudo isso é muito bonito e é um recomeço pra todo mundo e deveria ser para mim também mas não é porque eu ainda nem consegui dormir fumando um cigarro atrás do outro bebendo vodka observando coisas que

me acontecem ou pensando em coisas que me aconteceram e que ainda permanecem embora seja desnecessário por aqui dizer mais do que minhas costas doem e meu siso arrancado também dói e meu coração sangra há meses desde que Linda foi embora e minha cama e minha gaveta e meu quarto inteiro e meu horário e minha vida estão uma bagunça.

a hora mais fria do dia é bonita mas é também quando eu vejo meu cinzeiro cheio e penso em câncer de pulmão e esquizofrenia e loucura e todo esse tipo de coisa sobrancelhas eriçadas porque a gente nasce e cresce ouvindo que quem troca a noite pelo dia está errado apesar de ninguém nunca dizer porque isso é tão ruim já que inventaram a luz elétrica e tantas outras comodidades e eu não consigo ver que mal tão grande existe em não gostar do sol e não gostar de andar no meio da fumaça dos milhares de automóveis que além de mais nociva que meus cigarros existe apenas pra levar gente deprimente de um lado para o outro enquanto os sonhos morrem e o amor não volta e o tipo mais odioso e repulsivo de seres humanos sorri com motosserras na boca devorando tudo cagando em cima de todos impossibilitando aquilo que eu sonhei quando era capaz de sonhar sem a consciência fria e derrotada de que era apenas um sonho.

a hora mais fria do dia vem surgindo e traz com ela os bêbados e os loucos que estão por toda parte ainda que quase ninguém repare neles talvez justamente pelo pressentimento de que por pouco eles poderiam ser eu ou você acordando com o sol que bate na cara pra se levantar das calçadas e continuar sofrendo mais um dia numa vida triste que ainda assim pode até ser boa se de vez em quando

surge uma garrafa ou uma nota de cinco ou de dez ou qualquer outro desses sóis que nascem até pra cachorro em intervalos regulares que momentaneamente rasgam ao meio a noite sempiterna dos que são tratados com menos consideração que cachorros focas pinguins e bezerros machucados igualmente destinados ao abate que alimenta o corpo a alma o método e a história de uma sociedade injusta insensível e avessa ao aprendizado a longo prazo que aparentemente sempre cria os que acordam sem saber o que fazer porque estão deitados na calçada vendo outro sol nascer.

a hora mais fria do dia já não é tão fria assim porque o sol também se levanta e a vida continua e o tempo ainda passa e é contado de sessenta em sessenta segundos ou em palavras que atravessam telas e folhas e mentes e linhas que continuam caindo enquanto idiotas solitários estão sentados na frente de um computador escrevendo coisas sem sentido porque queriam dizer alguma coisa boa que brota do âmago de sua impotência e o tempo continua passando e as coisas acontecem cosmologicamente falando embora como já foi insinuado no mundo social seja fácil perceber que são sempre as mesmas coisas acontecendo enquanto as pessoas comem biscoitos ou tomam suco de caju ou esperam a namorada ou algum tipo de alegria e ficam pensando em qualquer coisa que também não faz sentido porque afinal de contas nada faz sentido mesmo e é assim que a coisa vai até que apareça um meteoro ou quatro caras voando de cavalo ou algum tipo de maníaco que pode ser qualquer um de nós dentro de uma sala escura apertando um botão entre risadas diabólicas pra ver um cogumelo de morte

que corta o céu e interrompe nossas pequenas pretensões e a continuidade da nossa insignificância.

XVII

É uma lei da física, não é? Alguma porra assim. Entropia. Num ambiente fechado, a desordem das partículas de um sistema tende a aumentar. Você precisava ver meu quarto agora. Na mesa do computador quase não dá pra enxergar o teclado. São copos e fios e dois fones de ouvido e canetas e CDs e livros e papéis e isqueiros estragados e caixas vazias de fósforo, maços vazios de cigarro, vários dejetos de uma vida vazia e uma garrafa de vodka pela metade.

Pilhas de livros surgem misteriosamente em lugares improváveis. Em cima do sofá. Ao lado da cama. Na beirada da janela. Parece que o papel quer voltar às origens. Meus livros estão se comportando como árvores. Onde quer que eu deixe um jogado, uma pilha começa a se formar em cima dele. Não consigo impedi-las. Elas crescem sozinhas. Estão crescendo constantemente. Arbustos de literatura estendendo galhos pelos ares. E nem preciso regá-los. Não precisam tomar sol. Estão se alimentando da minha solidão e preguiça e incapacidade ou falta de interesse de colocar as coisas no lugar.

O chão coberto por roupas amassadas e mais livros e alguns papéis que voaram da mesa do computador. Garrafas vazias e caixas com mais CDs. Alguns sapatos velhos e chinelos abandonados porque em casa eu só ando descalço.

O violão muda de lugar a todo instante. A cama sempre desarrumada.

Isso pra não falar da bagunça que virou minha cabeça. Um amigo veio aqui outro dia e não consegui

ficar à vontade com ele no quarto. Estou arisco como um bicho do mato. Não havia ligação entre nós. Eu me sentia na obrigação de entretê-lo, de forma que mostrei músicas baixadas recentemente e algumas bobagens que recebi por e-mail. Isso consumiu pouco mais de meia hora e eu já não sabia mais o que fazer. Não sei mais como é estar com outras pessoas. Parecia a primeira vez que ficava sozinho com alguém.

Depois de algum tempo, não eram mais duas pessoas dentro do quarto. Ele parecia qualquer outro elemento da bagunça. Abandonei uma conversa no meio e fui deitar na cama pra continuar um livro do Aldous Huxley. Acho que sou eu quem se transformou em mais um dos elementos da minha desordem. Sou apenas mais uma coisa jogada aqui dentro. Fechado. Incapaz. Subjugado pela lei da entropia.

Eu queria encontrar um livro de autoajuda adequado pra mim. "Autoajuda (Universo Paralelo)" - isso é um selo que me faria levar um livro pra casa. Porque essas coisas que eles falam que são boas e que as pessoas devem aprender, eu já faço naturalmente. Todos os conselhos populares me parecem inúteis, porque não preciso aprender nada daquilo.

Se olhar meus documentos, você pode achar que eu sou brasileiro e fui educado numa escola católica e por uma família normal, mas isso não é verdade. Eu fui educado pela Legião. Tive vários pais e mães e professores e gurus espirituais. A maioria deles morreu muito antes do meu nascimento. Sócrates, por exemplo. Eu nem consigo me convencer de que esse cara existiu de verdade. Ou Shakespeare.

Não tive uma educação normal, aprendendo o que as pessoas normais aprendem. Fui criado pela música e pela literatura. Sou bastardo. Filho da cultura. Não sei andar e me comportar num mundo real, feito de pessoas de verdade. Tenho que me contentar lendo outras pessoas que se sentiam esquisitas como eu me sinto. Posso ficar deitado, lendo histórias dessas pessoas se dando mal, ouvindo músicas que elas fizeram, ou cair de peito na rua pra me dar mal também.

Eu gosto de agradar uma garota quando ela me agrada. Gosto de passar horas gravando um cd pra ela ou de comprar alguma bobagem que tenha a ver com alguma conversa recente que a gente teve. Gosto de ouvir o que elas estão falando. Eu me interesso. E gosto de falar que o cabelo dela está bonito quando estou pensando isso. Mas não encontrei nenhum manual ensinando como começar um beijo. Sei que isso parece infantil. Deve ser mesmo. Não estou dizendo que não sei como beijar uma garota – eu venço o medo. Mas o medo sempre aparece. Todas as vezes. O medo e as dúvidas sobre o que fazer exatamente. Nunca aprendo porra nenhuma. Eu queria ser natural, mas vai ficando óbvio que as novelas, a rádio ou o todinho levam as pessoas a criar um ritual em volta do flerte. Há uma liturgia a ser seguida – eu não assisto televisão, não ouço rádio e não bebo todinho. Sinto a expectativa de certa padronização na aproximação do beijo. Eu não conheço ou admito regras no que deveria ser expressão dos meus impulsos naturais. Sempre fico inseguro. Eu me sinto como se tentasse dançar livremente – como se estivesse numa rave – enquanto as mulheres à minha frente estão entretidas com as

danças aristocratas e rodopiantes daqueles bailes medievais...

Eu sei que a morte é inevitável e não tenho problemas com isso. Não tenho medo da morte. Já pensei o bastante sobre ela, pra quem ainda está tão jovem. Não acho uma coisa terrivelmente trágica. Sei que vou ficar triste quando pessoas que eu gosto morrerem, mas sei também que vou ver várias pessoas que gosto morrendo. Sei que vou morrer. Aceito isso. É a ordem natural das coisas. Não é uma injustiça ou punição. É a dança do Xiva Nataraja. É apenas o jeito que o mundo funciona. Estou bem preparado pra isso. Sei até que não existe uma verdadeira preparação para o momento da morte – sei que é impossível prever o que vou sentir, ou como vou reagir, mas a coisa não me afeta antecipadamente. Não me importa o que acontecerá depois da morte, como não me importa o que aconteceu antes que eu nascesse. Se é que algo aconteceu, ou acontecerá, eu não tenho consciência disso e foda-se. Tudo bem. Mas nunca li em algum lugar o que se deve dizer quando a irmã de um amigo morre.

- Oi, cara. E aí?

- Cara, minha irmã morreu ontem.

Eu fico ali, tentando dizer qualquer coisa para ganhar tempo. Não sei o que fazer. Eu não conheço a irmã dele. Não posso falar sobre ela e nem dizer que isso foi foda. "Meus pêsames" é absurdamente artificial. Tento dizer que apesar de não conhecê-la, sinto muito por ele. Acho que faria melhor ficando calado. Não sei. Faria? EU NÃO SEI, PORRA. NÃO ENTENDO ESSAS CONVENÇÕES À MINHA VOLTA E AS COISAS QUE TODOS VOCÊS APRENDERAM E NEM PERCEBEM QUE ESTÃO

FAZENDO. NINGUÉM ME ENSINOU ESSAS COISAS. APRENDI OUTRAS. EU GOSTO DE DEIXAR AS MULHERES ENTRAREM NA MINHA FRENTE NO ÔNIBUS E ABRO A PORTA DO CARRO PRA ELAS. EU SAIO DO MEU LUGAR PARA QUE UM VELHO OU UMA MULHER GRÁVIDA POSSAM SE SENTAR. EU NÃO MASTIGO DE BOCA ABERTA. EU DESCOBRI QUE FAÇO NATURALMENTE TUDO O QUE DIZEM QUE É PRECISO FAZER, QUANDO SE FALA EM REGRAS, PARA SER UMA PESSOA BOA E NÃO FAÇO NENHUM ESFORÇO PRA ISSO – É O QUE EU TENHO VONTADE DE FAZER – MAS EU SOU UM BOSTA DESAJEITADO MESMO ASSIM E EU NÃO SEI O QUE FAZER EM MOMENTOS SIMPLES, COMO SABER SE VOCÊ DEVE AGRADECER O GARÇOM E A GAROTA DO BALCÃO QUANDO ESTÁ SAINDO DO BAR.

Acho que é isso que se ganha por não assistir televisão. Eu não estou pronto para viver em sociedade. Não antes de passar um bom tempo assistindo tv. Então fico dentro do meu quarto. Trancado. Só ando pelo resto da casa pra almoçar e ir ao banheiro. Só saio de casa uma vez por dia, pra comprar cigarros. Estou pensando em comprar pacotes, pra facilitar. Mas fico com medo do que vai acontecer comigo se eliminar meu único contato diário com a humanidade além de livros e Internet.

Tenho estado tão isolado que nem sei mais o que dizer para as pessoas no telefone. Mesmo quando elas ligaram para o número errado.

Preciso assistir novelas. É o conselho do meu irmão mais velho. Ele é o meu maior exemplo de

pessoa que sabe tudo aquilo que eu não sei. Ele sabe o que fazer. Se eu dissesse "Nietzsche", ele provavelmente responderia "Saúde!". Mas ele sabe o que fazer. Meu irmão mais velho é a coisa mais fenomenal que já vi. Ele é baixinho. Magro. Não é bonito. Não é playboy. Come todas as mulheres que passam na frente dele. Um dia, fiquei zoando ele assistir novela. "Deixa de ser cabaço, mulek," ele disse. "O segredo é ver novela. A mulherada quer que você faça o que os caras da novela das oito estão fazendo. É só assistir e imitar."

Nunca tive a vontade que ele tem de comer todas as mulheres do mundo. A maioria dos caras acha que eu sou idiota. O problema é que meu desejo costuma se concentrar em apenas uma dessas mulheres de cada vez. Apenas uma. E fico todo pasmado e apaixonado e não sei o que fazer. Meu irmão sempre sabe.

Tenho que aprender com ele a respeito de tais situações? Acho que sim. O cara é um fenômeno. Eu disse que não sei o que responder quando pessoas ligam pra minha casa, não é? Um dia meu irmão atendeu o telefone e era uma garota que tinha ligado para o número errado. Ele fez um sinal para que eu pegasse a extensão. Fiquei ouvindo ele conversar com a mina. Ele ia dizendo: "Ah, é normal essas coisas de trocar número. Mas, se não for curiosidade demais, você estava ligando pra quem? Namorado?" Conversa vai, conversa vem... Marcou de sair com ela à noite e comeu no mesmo dia. Pra mim, ele tem superpoderes.

Não consigo esquecer de uma vez que ele foi numa festinha americana dos meus amigos. Aquela coisa idiota adolescente. A gente não sabe o que dizer

nem pras garotas que já conhecemos. Todos meus amigos eram fãs assumidos do meu irmão. Cercamos ele assim que chegou. Ele ficou perto da gente conversando um pouco. Perguntou quem era uma certa guria na pista de dança. Ela era a pessoa mais bonita e mais metida da festa. Foi andando pro lado dela. Meus amigos, rapidamente, organizaram uma aposta pra saber em quanto tempo ele iria agarrá-la (vejam bem que não apostaram se ele ia agarrar ou não, mas em quanto tempo isso aconteceria). O menor tempo apostado foi de cinco minutos. Tirei uma nota e falei "dois minutos". Colocamos o cronômetro de alguém pra funcionar logo que ele falou alguma coisa com ela. "Dinheiro fácil", pensei. Mas ele me surpreendeu. Mesmo sendo mais velho, experiente e com um objetivo único e claro, como era o caso dele, quinze segundos eram para nós algum tipo de recorde impensável entre dizer "oi" e beijar alguém na boca. Talvez não hoje, que já evoluímos bastante na depravação. No último carnaval que passei na praia, as mulheres passavam perguntando "Posso beijar sua boca?" |Ficar|, esse namoro de uma noite que minha geração inventou, hoje é um comportamento exclusivo para pessoas profundas. O lance moderno é beijar e procurar o próximo. Não sei que nome eles dão pra isso. Minha teoria é de que em alguns anos a cantada de introdução mais popular será algo como "Oi! Está uma linda noite, não? Posso enfiar o dedo no seu cu?" Talvez isso já esteja acontecendo em algumas boates que eu não frequento, mas as festinhas americanas da minha adolescência ainda eram relativamente puritanas.

Meu irmão tem qualquer coisa de sobrenatural

(acho que ele deve ter roubado todo o mojo que eu não tenho). Poderia contar mil peripécias dele, mas isso não é importante. O importante é que esses livros que tentam te ensinar o que fazer são uma enganação de merda. Meu irmão é do tipo de cara que leu dois livros até hoje, mas que só terminou de colorir o primeiro. Consegue tudo o que quer. Comeu quem queria comer - o que pra ele é tão importante. Ganha dinheiro sem esforço. Ainda não tem trinta anos. Tem um apartamento em Belo Horizonte e quatro carros na garagem. Quatro carros, puta que pariu. Fico orgulhoso por ele. Não gosto de carros e não queria enfiar meu pau em todas as mulheres do mundo, mas é disso que ele gosta e é isso que ele quer e é isso que ele consegue.

Já eu, que falo inglês desde novo e estou aprendendo alemão sozinho, que aprendi a ler fluentemente quando tinha três anos de idade, que passei os melhores dias da juventude correndo páginas com os olhos, aprendendo restos podres de outros que eram mais inteligentes do que eu, que posso dizer milhares de citações de cor - sem ter me esforçado pra isso - que tenho uma discoteca inteira e uma vasta videoteca dentro da cabeça, não consigo nem mesmo descobrir o que quero. Dúvidas são as únicas coisas que consigo produzir. Estou aqui sozinho, ficando sem o pouco dinheiro que tenho e olhando pra um copo com um dedo de vodka por tomar e um cinzeiro onde nem consigo apoiar meu cigarro, porque já está lotado e espirrando cinzas sobre o tapetinho do mouse. De vez em quando, uma guimba cai no chão e tenho que me abaixar para pegar. Fico procurando um canto para encaixá-la de volta no meio das outras.

A verdade é que a gente não tem que aprender porra nenhuma. Pelo menos as coisas que foram concebidas por outros mais idiotas do que nós. Fantasias litúrgicas. Não podemos nos afastar do nosso conhecimento físico e carnal para viajar no mundo de obrigações inúteis.

Toda a literatura que te ensina o que fazer está errada. Você não precisa aprender mais nada. Não DEVE aprender mais nada. Vou voltar a falar das palavras. Das letrinhas e dos fantasmas que elas criam.

É como se nós, membros privilegiados da infeliz raça humana, tivéssemos sido contaminados. Fomos infectados. Estamos abrigando uma entidade alienígena. As palavras não são mais um instrumento. Elas estão nos dominando. Estão passando dos limites. Estão ganhando vida própria. Elas se reúnem e conspiram contra nós. Dizem que temos que aprender mais coisas.

Uma pessoa que nunca aprendeu a palavra "cavalo", pode realmente ver um cavalo. Olha pra ele e vê o que ele é. Eu olho pra um cavalo e não percebo aquele cavalo particular. Não o vejo como realmente é. Vejo um conjunto de fragmentos e ideias bem separadas e analisadas. Uma bolha de conceitos e pensamentos etéreos. Um clichê semântico que se aplicaria a qualquer cavalo. Eu vejo UM cavalo; não AQUELE cavalo. Meu pensamento é viciado por palavras e isso obstrui minha percepção direta das coisas.

Pra conseguir ver alguma coisa de verdade, teria que esquecer de tudo que aprendi sobre ela. Deixar os conceitos de lado e perceber a individualidade do que se manifesta à minha frente. Mas as

palavras não deixam. Ao menor sinal de sentimento real, tenho que parar para analisar o que está acontecendo. "O que eu estou sentindo?" "O que está havendo?" "O que é isso?" Tenho que transformar tudo em palavras. Descrições e análises. O Grande Ditador Alienígena Do Alfabeto também precisa experimentar aquilo. Sinto que estou me transformando numa espécie de órgão sensorial para as palavras. Eu apenas transmito o mundo para elas.

Lembro de uma coisa que me aconteceu há um tempo atrás. Estou no carro com Luke. Ele dirige. Estamos ouvindo música e meu pé bate em cima do tapete. Meus ombros balançam e estou cantando, apesar de não saber cantar. Meus pés batem. Tum-tum, ti-tum-tum-tum. Eu estou c-*u*-r-*t*-i-*n*-d-*o*.

Passam luzes. Passam garotas. Passam pessoas. Eu emito gritos desafinados, tentando acompanhar os Pixies. A cidade parece interessante de dentro do carro. De dentro da música. Então as letrinhas tomaram conta e fiquei analisando minha curtição. Toda a alegria foi embora e me descobri parado, sem bater o pé. Não estava mais dentro do carro. Eu não estava mais dentro da música. Estava dentro da minha cabeça. Afogado numa torrente suja de palavras.

Tenho que lembrar de me dar pelo menos dois tapas na cara, toda vez que parar de sentir alguma coisa pra pensar. Toda vez que trocar o certo pelo sorrateiro. Que as palavras estiverem me impedindo de abraçar o agora. Pelo menos dois tapas. Um de cada mão. Na sequência. PLIC, PLEC. SLIP-SLEP.

Porque a cada dia a função da minha vida tem

se tornado mais próxima de definir as coisas e mais distante da tarefa de senti-las. Tenho sido um súdito fiel da tirania do alfabeto.

E quando elas não precisarem mais de mim? As palavras. E quando elas tiverem finalmente conseguido descrever todo o mundo e todas as experiências? Quando elas tiverem conseguido autonomia... Talvez elas abandonem nosso corpo. Como naquele filme em que um bichinho asqueroso explode da barriga do astronauta. Elas podem nos abandonar e é aí que o pau vai quebrar.

Talvez elas continuem aqui dentro. Nossas expressões ficarão ligeiramente alteradas, mas já não seremos mais homens. Não seremos mais humanos. Vamos todos morrer, e elas vão rodar o mundo sozinhas. As palavras. Utilizando a casca do nosso corpo. Descrevendo a si mesmas e suas interações. Transformando tudo que existe em expressões e conceitos metodicamente organizados. Masturbando suas próprias intelectualidades insensíveis que podem descrever tudo, mas que não podem tocar em qualquer coisa de verdade. Nascidas de uma humanidade grávida de pretensão ignorante - e que vai morrer no parto - estas novas entidades vão andar pelo globo e dominá-lo da sua própria maneira. Algo parecido com uma grande festa de pseudointelectuais. "Oi, veja o Sol!", "Sim, realmente! Uma bela esfera de fogo. Hoje ela está particularmente resplandecente em seus tons alambreados, sutilmente combinados de forma..." As entidades não vão sentir o calor, embora possam discutir infinitamente sobre ele.

Falo isso tudo, mas estou aqui. Escrevendo. A

verdade é que, no fundo, ainda acredito que posso dominar a linguagem. Utilizá-la sem me tornar um escravo. Eu estou tentando. Mas fico preocupado. Acho que as letrinhas estão ganhando. Às vezes penso que estou perdendo a capacidade de sentir.

Eu preciso dos sentimentos. Talvez por sorte, ainda tenho alguns.

Tenho me sentido um bosta. Fico em casa, deitado na cama. Coloco milhares de músicas para tocar aleatoriamente no computador. Os chips e códigos binários escolhendo o que vai tocar em seguida são a única coisa fazendo esforço dentro do quarto. Meu player de mp3 tem mais criatividade do que eu. Além disso, ele sabe o que fazer. Tenho me sentido inútil.

Acho que é um problema de viver sem esforço. Isso deve ser um defeito. Tudo de fundamental dá certo pra mim. Tenho uma família boa. Não me falta comida nem cama pra dormir. Tenho luxos desnecessários. Não sou magnata, mas não tenho nada do que reclamar em relação às questões básicas de sobrevivência. Muito pelo contrário. Posso andar de carro e comer coisas boas como castanha de caju. Tomo banho quente todos os dias e a vista da minha janela é linda e não entendo por que as coisas estão indo tão mal.

Tenho a irritante mania de fazer um trabalho bem feito e me dou bem quando estou trabalhando. Algumas pessoas têm uma tendência inexplicável de me achar agradável, por despertarem isso em mim, e elas confiam em mim e tenho facilidade de aprender as coisas e não tenho medo nem preguiça de fazer o que precisa ser feito quando sei o que

fazer. Mas saber o que fazer tem se tornado um problema depois que terminei a faculdade, abandonei o estágio por tabela e perdi Linda, que eu amava tanto. Parece que me jogaram no vácuo.

Sei que a faculdade e o emprego não têm nada a ver com isso. Trabalho e estudo nunca me tiraram do piloto-automático. Não tenho que me esforçar para fazer isso.

A faculdade é brincadeira de criança. Lá eles ensinam tudo aquilo que eu já sei e que gostaria de não ter aprendido. Lá é a casa das letrinhas. A igreja do alfabeto. Eu sou um bispo lá dentro. Um sacerdote do diabo.

Trabalho, trabalho, trabalho... Trabalho pra mim não faz diferença. Não consigo pensar nele de forma diferente do que vender a alma por oito horas diárias. Não importa que trabalho for. É obrigação. Não gosto de ser obrigado a nada. Não quero produzir por oitos horas todos os dias. Mas sei que vou ter que fazer isso até o fim da minha vida. Então não faz diferença. Eu me desligo e o corpo faz tudo sozinho. Mesmo que seja um trabalho intelectual, são apenas contingências condicionadas. Não fico frustrado pensando que aquilo não é o que queria fazer para sobreviver. O que eu quero fazer para sobreviver não existe de forma remunerada. Ou talvez apenas praqueles caras que testam os jogos de videogame. Então encaro a coisa como mergulhar num lago de merda durante algumas horas, para poder respirar bem durante o resto do tempo. Quando é o que tenho que fazer, eu faço. Não sou incomodado por sonhos de um mundo melhor. Então as pessoas acreditam que sou eficiente. Ficam satisfeitas com meu trabalho.

Não sou uma pessoa eficiente. Como Allen Ginsberg, sou míope e psicopata. A verdade é que prefiro ficar mergulhado no trabalho a ter que interagir em profundidade com o ambiente que me rodeia. O trabalho é apenas outra espécie de fuga. E eu sou bom em fugir. Não me esforço pra trabalhar.

Estudar e trabalhar não fazem diferença na minha vida. Não foi a falta deles que criou o vácuo onde me encontro agora. Linda ainda é o ponto principal aqui. Ela me mostrou que havia um mundo diferente. Um mundo que eu imaginava e calculava apenas no universo das letrinhas. Linda me levou até lá. Ela me fazia sentir ao invés de pensar. Ela me inspirava isso. Ela afastava as palavras e fazia sangue de verdade circular por minhas veias de verdade. Eu me esforçava por ela.

Mas agora estou vivendo sem esforço no mundo das palavras. Tudo parece errado. Aqueles que estão se esforçando para aprender alguma coisa, e mais nada, não sabem a merda que estão fazendo. Não existe satisfação aqui. É como a ganância econômica ou sexual. Não existe a sensação de suficiente. Não existe tranquilidade. Você só pode se considerar feliz até perceber que está perdendo a vida inteira dentro da própria cabeça.

A única coisa que me sustenta são meus constantes pensamentos de "foda-se" e meus vícios incontroláveis – que tomam a maior parte do meu tempo. Não estou falando apenas do cigarro e da vodka que me acompanham agora, um de cada lado do teclado.

Quando meu amigo veio aqui, disse que o celular dele tinha estragado. Disse que estava tudo

uma merda porque não sabia mais o telefone de ninguém. Não tinha mais um relógio. Não podia receber e enviar mensagens. Calendário. Recados e anotações. Ficou viciado no telefone. Estou falando desse tipo de vício. Se meu computador quebrar, provavelmente vou ter um colapso. Se um incêndio queimasse meus livros e meu violão, minha vida perderia o sentido.

É isso: Faço toda espécie de perda de tempo no computador. Leio. Bebo. Fumo. Escrevo. Toco violão. É isso que eu faço. É isso que eu sou. Não é o bastante.

E a grande verdade aqui, o que realmente importa, é que estou me cagando pra isso tudo. Não estou com vontade de me ajeitar. Não estou com vontade de participar do mundo lá fora. Não gosto dele. Não acho que ele precise de mim pra alguma coisa. Eu tenho estantes e gavetas cheias de livros e estou bem aqui. Espero que continuem a fabricar cigarros e bebidas alcoólicas. E que eu possa continuar comprando essas coisas sem ter que abandonar meu quarto para trabalhar. Pelo menos por algum tempo. O dinheiro que juntei no estágio está acabando. Meu pai não é do tipo que se entusiasmaria com a ideia de pagar para que eu fique no quarto bebendo, fumando e ruminando pensamentos inúteis. Continuo sem saber o que fazer. Continuo não me importando. Vou descobrir o caminho quando chegar a hora. Se não descobrir, que se foda. Neste exato momento, não quero quebrar minha rotina.

Nos momentos de tédio, posso me sentar e escrever essas notas sobre uma vida desperdiçada. Estou indo muito bem assim. Eu estou cansado de ouvir pessoas dizendo que você tem que ser alguma

coisa. Tem que se levantar e tentar. Os idiotas dizem que grandes obras já foram escritas sobre o fracasso e sobre a tragédia, blá, blá, blá... Mas que ninguém narra o ócio, o não-fazer. Esse pensamento me deixa entusiasmado. É uma prova de que minhas linhas são revolucionárias.

XVIII

Aproximadamente oito horas da noite. Segurei o cachorro até que minha mãe terminasse de atravessar com o carro. Depois de sair ela freou por um segundo, apertou um botão no controle remoto e o portão foi se fechando enquanto a caminhonete desaparecia a caminho do supermercado ou qualquer coisa do tipo.

Um dobermann corre bem rápido; por prudência, espero até que o portão esteja completamente fechado antes de soltar a coleira. Hauster agradece a reconquista da liberdade com o sorriso que só os cachorros sabem dar. Em seguida, corre alegre à minha volta por alguns segundos e desaparece no meio das plantas.

Apesar do amplo espaço que tem para explorar aqui dentro da chácara, ele desenvolveu esse prazer compreensível e inconveniente de fugir em busca de cadelas. Fora de casa ele é dócil, quase assustado. Evita a tudo e a todos – menos às cadelas. Ainda assim, um cachorro daquele tamanho e com aquela aparência causa muitos transtornos quando livre pelas ruas do bairro. Já recebi mais de um telefonema, pela manhã, com similares discursos de "Moço, seu cachorro tá solto aqui na frente de casa, meu marido não tem como sair pra trabalhar..."

Divago. O fato é que minha mãe saiu e estou sozinho dentro de casa. Uma casa vazia que parece criar e amplificar ecos do meu tédio. De vez em quando Linda ainda dói demais – mas agora é só de vez em quando. Hoje, pensar nela não dói. Sobra esse vácuo contraditoriamente repleto pela presença da

falta de interesses ou expectativas. Tento me ocupar com mágica – a incrível metamorfose dos cigarros que eu transformo em guimbas e o desaparecimento fabuloso dos líquidos engarrafados.

Poder é responsabilidade; sabedoria imortalizada, provavelmente, pelo tio do Homem Aranha. Como o aprendiz de feiticeiro no poema de Goethe, que soube fazer o esfregão limpar, mas não soube fazê-lo parar, eu cá também tenho meus problemas de mago autodidata. Acontece quase todos os dias: meus cigarros estavam acabando.

Com isso em mente, revisitei arquivos da memória recente e consegui resgatar fragmentos isolados das últimas conversas com minha mãe. Agora eu conhecia seu destino mais provável, no centro da cidade. Não seria sensato supor que o carro estivesse de volta na garagem antes das dez horas - quando os últimos bares abertos no bairro estariam encerrando seu atendimento. Também não seria sensato imaginar que o sono viria antes das oito, pela manhã. Eu tinha três opções: a) sair agora, a pé, e comprar os cigarros no bairro; b) dirigir por cerca de vinte minutos, no meio da madrugada, para comprar cigarros em algum cu sujo do centro; c) atravessar parte da noite sem cigarros.

Essa terceira opção, depois de formulada (por simples rigor metodológico), não será mais considerada.

O bar mais próximo (considerando apenas os bares onde eu poderia comprar cigarros decentes, em oposição aos mata-ratos genéricos que encontraria por todo o bairro) não era perto. Uns dez quarteirões. Se isso te parece pouco, das duas uma: ou

você nunca anda a pé, ou nunca anda de carro. Realizar as duas atividades intercaladamente desenvolve uma noção apurada das distâncias, aliada à preguiça de percorrê-las. Poucos cigarros. Ah, os sacrifícios que a gente faz por aqueles que ama... Coloquei a primeira camisa que encontrei – jogada em cima do computador – e tentei pentear o cabelo. Uma mecha do lado esquerdo não se deu com o pente. Não importava o que eu fizesse, ela continuava se destacando do resto – como se curiosa com o resto do mundo ou simplesmente arrogante demais pra se misturar com o resto dos fios. Meu cabelo envelheceu para se tornar uma entidade rebelde. Foda-se. Vou mostrar pra ele. Saí assim mesmo. Provavelmente vai ser moda qualquer dia, ou já o foi em algum lugar. Se alguém estranhar, falo que sou vanguarda, ou que sou retrô.

Ao sair de casa, cumprimentei alguns vizinhos. Os mesmos velhos sentados nos banquinhos e os mesmos garotos jogando conversa fora na pracinha. Não sei o nome de ninguém. Nunca conversei com ninguém. Cheguei ao bairro velho demais pra fazer amizade com uns e novo demais para interessar aos outros. Quando passo, faço sinal afirmativo com a cabeça, aceno com uma das mãos, ou digo "Bom(a) dia/tarde/noite!" Eles respondem da mesma forma. É uma relação amigável que tem se mantido inalterada nos últimos anos. Provavelmente assim sempre será.

Apesar da minha preguiça, a caminhada até o bar foi tranquila e agradável. E por "tranquila", quero dizer |nada digno de nota|. Por "agradável" eu entendo |despovoada de acontecimentos irritan-

tes |.

Eu ando quase em transe, pra falar a verdade. Se ninguém me interrompe, eu praticamente esqueço do que estou fazendo, afundado em pensamentos (geralmente inúteis) e minhas pernas trabalham sozinhas. Eu gosto de caminhar e é um pouco injusto o que disse aí pra trás sobre ter preguiça de percorrer distâncias – a preguiça é meramente teórica. É preguiça de sair de casa, não de caminhar.

Quando dei por mim, já estava no bar. Logo na entrada, numa das mesas espalhadas pela calçada, um grupo de bêbados jogava dominó. Um deles aproveitou que eu estava entrando: "Ei, ô, aí... Diz pro Tomé que eu tô querendo um quente aqui na mesa."

Já é noite, mas estamos em Governador Valadares. Um calor do caralho e o cara pede um conhaque. Respeito isso num homem.

Pensei em avisar o dono do bar ali mesmo, da entrada. Assim eu já podia apontar diretamente para o respeitável cliente que solicitava atendimento. Mas por trás do balcão – onde eu esperava encontrar um senhor qualquer, atento aos acontecimentos – havia um grupo enigmático de quatro bêbados animados e nenhum deles parecia se importar com os clientes que chegavam. Tive que me aproximar. Pelo menos eu tinha um nome.

"Tomé?"

Um dos bêbados interrompeu suas risadas e olhou pra mim.

"Um dos caras lá fora, o de boné, quer um quente. E eu quero um maço de Hollywood, por favor."

Então fiquei ali encostado no balcão enquanto Tomé tentava alcançar a garrafa de conhaque. A parede era coberta por prateleiras entulhadas com

garrafas, bandeiras do time, pães de forma, Jesus Cristo, biscoitos, velas, isqueiros, pó de café, bonecas e carrinhos de plástico, fumo de rolo, luvas de borracha e por aí vai... Era um daqueles bares de bairro pequeno que vendem de ferradura a calcinha de criança.

Uma garota parou do meu lado e pediu um chiclete. Mas ela disse *chicléts*.

"Tomé, me dá um chicléts."

Aquilo chamou minha atenção. Tomé era idiota ou tinha bebido demais (provavelmente os dois ao mesmo tempo). Ainda tentava acertar a dose de conhaque dentro do copo e nem dava sinal de lembrar que eu estava ali, ou sequer que alguém havia pedido cigarros.

Com o canto do olho, inicialmente despistando, observei o que pude da garota-chicléts. Queria pelo menos ver se ela era gostosa. Ficar muito tempo sozinho dentro do quarto deixa a gente meio tarado. Com os nervos à flor do pau. Eu tentei ser discreto, mas mulheres têm essa porra de visão periférica hiperdesenvolvida, ou coisa similar. O que eu consegui observar com certeza – e mais com o corpo todo do que com o canto do olho – foi que ela percebeu meu despiste.

Como queria mesmo ver como ela era e não sou o tipo de veadinho que manda um eu-estava-olhando-para-aquela-coisa-ali-no-balcão com assobio sei-de-nada subentendido toda vez que me pegam urubuzando, eu terminei de virar a cabeça e olhei diretamente pra ela, que sorria debochada.

"O conhaque é pra você?"

"Não. Estou só esperando ele terminar aquela

acrobacia toda pra pegar meus cigarros," respondi, aproveitando a necessidade natural de mover a boca pra abrir meu sorriso também.

Meu rosto estava sendo hipnoticamente puxado pra baixo. Lindos bicos de peito adolescentes (sem interferência de sutiã) despontavam sob a camisa colorida apertadinha. Linhas arredondadas que eu poderia ver em toda parte sem que minha mente sequer notasse – numa nuvem, numa lâmpada, na fumaça... – mas que ali por baixo daquele algodão exerciam grande poder atrativo sobre meus olhos e em grande parte da minha vontade, afetando severamente minha capacidade de raciocínio. Estávamos conversando sobre alguma coisa, eu tenho certeza. Sobre o quê, exatamente? Porra, no momento eu só sei enxergar, sorrir e desejar.

"E o seu vício? Chicléts?", consegui dizer em voz alta.

"Ah...", ela disse sorrindo. "Eu sou um grude..." – E deu uma risadinha contida.

O que era aquilo? Só uma frase mal articulada, uma piada sem graça, ou uma cantada misturada nisso tudo? Era difícil dizer... Aqueles peitos, porra. Seria difícil calcular com dois dígitos.

Eu me concentrei em dois dos meus pontos fortes, no momento: sorrir e enxergar; procurando por algum sinal revelador. Eu só via peitos, mamilos e um sorriso. Acho que minha vida de eremita está me deixando atrofiado. É foda. Viver isolado tem efeitos contraditórios. A gente fica tarado, mas não sabe como colocar a coisa em prática. Na falta do sangue frio necessário para formular estratégias, resolvi adotar uma fórmula alheia. Há poucos meses, eu ouvira de um amigo a teoria perfeitamente ade-

quada para o momento. Essas divagações masculinas tão debatidas sobre técnicas para saber se a mulher estava interessada em você. A teoria era bem simples. É quase um slogan: "Cumprimentou, quer dar." É um bom lema, de caráter primariamente motivacional.

Eventualmente, observei os detalhes em volta daqueles peitos que me dominavam. Ela era morena. Cabelo alisado, mas sem vulgaridade. Discreto. Bonito. Sem aquele creme de abacate escorrendo pela nuca de outras meninas por perto. Uns dezesseis ou dezessete anos. Bela cintura. Uns lábios fantásticos. Ombros como os de um violino. Aquela mulher *caño*, como dizem os argentinos – ou seja, como uma mangueira (um cano) inchada. Usava shortinhos jeans. Daqueles desfiados na ponta (voz de velho: que eram moda naquele tempo...). Fiozinhos azuis em cima de pernas roliças e brilhantes, encimadas – no espaço e na minha percepção – por seios perfeitos novos redondos de mamilos pequenos pontudos como gotas de sonho que eu queria na minha língua. Nossos corpos já se tinham virado e estávamos completamente de frente, de forma que não dava pra ver a bunda.

Tenho inúmeras vontades, todos os dias. Algumas eu evito, mas a algumas eu me dedico. Dessas, algumas eu realizo. Desse pequeno grupo de realizações, algumas vontades são satisfeitas imediatamente, mas há aquelas que exigem tempo e esforço. Algumas se perdem no espaço. Quais são, de fato, as minhas chances?

Eu tinha uma casa vazia por duas ou três horas. Nem disso eu tinha certeza. Um maço de cigarros,

nos próximos instantes, e um cabelo despenteado. Um coração partido e um momentâneo tesão de virgem que nunca viu mulher. Quais as minhas chances? Qual a probabilidade de ouvir alguém pedindo chicléts no balcão de um bar e, nos próximos minutos, levá-la pra cama? Pelo menos chupar uns peitinhos... Se o protagonista fosse meu irmão mais velho, eu diria que as chances eram excelentes, mas no meu caso as apostas precisam cair muito... Ainda assim, eu me sentia otimista. Aquele otimismo que desconhece o tempo e a experiência – como o dos cachorros que observam churrasqueiras. Aqueles peitos... O mundo é psicossomático – parece que os desejos intensos têm essa estranha mania de se protuberar sobre a realidade.

"Também sou doido com chicléts," menti. Nesse ponto ela percebeu que eu olhava descaradamente para baixo. "Bela blusa," eu disse.

Ela riu. "Já visitei sua casa uma vez," comentou inesperadamente. "Fui lá com uma tia minha que estava procurando uma orquídea meio difícil de achar. Você deve entender de planta, né?"

Isso acontece com frequência. Parece que todo mundo já foi lá em casa. Só que eu não fico sabendo. Sobre entender de plantas, eu sei que as folhas, em geral, são verdes. Mentir não é um impulso normal em mim, mas peitospeitospeitospeitos...

"Ah, sabe como é, né... Uma ou outra coisa que aprendo com minha mãe..."

"Então... Minha tia queria uma muda da dendronswtrxleya que sua mãe tem, sabe?"

"Hmmm..."

"Quando minha tia disse que queria visitar

sua mãe, eu me ofereci pra ir junto. Pena que nem te vi por lá. Eu leio seu fotolog...”

Toda velha caquética sorridente cultivadora de orquídeas que passa por Valadares visita a minha casa. Eu evito esses encontros porque a conversa, ainda que amigável, é sempre a mesma e me interessa pouco. No dia em que minha casa recebe tão belo par de seios, é claro, eu nem fico sabendo. Maldito Murphy... Como eu sou um idiota, fiquei pensando nisso e esqueci de responder. Então ela falou de novo.

“Meu nome é Carminha. Sua mãe é uma ótima paisagista. É bonito lá na sua casa.”

“Inclusive, estou indo pra lá. Vem comigo?”

Um movimento ridículo e apressado, eu sei. Mas há momentos em que se ilumina o cérebro, ou a alma, ou o espírito, ou a glândula pineal, ou a porra do apêndice atrofiado supurando, sei lá (foda-se). O que é complicado se torna claro. É o que eu sinto, às vezes, jogando sinuca, ou tocando violão. O que os samurais descreviam sobre a hora de golpear. Digamos, pequeno gafanhoto, que estou familiarizado com a técnica secreta de desembainhar espadas criada por Katayana Hiesayasu. Com o Estilo Hojo de Estratégia Militar; Musashi e o Livro dos Cinco Anéis; Sun Tzu e sua Arte da Guerra; o tratado dos Seis Segredos... Mas tudo isso é fichinha quando comparado à arte de pegar mulheres. Matar é muito mais fácil do que amar. Eu tinha poucas horas de casa vazia e não dava pra passar a noite conversando. Era óbvio que ela já tinha me visto pelo bairro – até disse que lia meu fotolog. Havia três possibilidades:

a) Carminha já tinha decido que queria me dar.

b) Carminha estava curiosa, mas ainda não decidira sobre me dar ou não.

c) Carminha já tinha decidido que não queria me dar.

No primeiro caso, eu só precisava propor uma ocasião. Qualquer preliminar seria perda de tempo.

Nos casos restantes, considerando minha urgência, nada que eu dissesse seria suficiente. Meu convite – ainda considerando que ela não queria, ou não sabia até o momento se queria me dar – não teria efeitos maiores do que uma risadinha arregalada de "Ah, seu safado!" e uma negativa – amena e divertida como exigia o tom da nossa conversa.

Eu gosto de ser direto. Dessa vez eu *precisava* ser direto – mas mesmo quando não é necessário, eu gosto. O problema é que a maioria das mulheres por aqui vive num misto de caliência tropical e recato machista religioso. Todas coçando pra dar, mas acreditando no fundo que isso não é certo – porque é pecado e porque, numa transa, o homem ganha um ponto enquanto a mulher perde um. Muito mais ridículo que minha cantada, mas é assim que a coisa vai.

Que "dar" seja o verbo corrente para descrever o desempenho sexual da mulher em português é algo bastante sugestivo. As pessoas não são altruístas e ninguém gosta de dar nada pra ninguém. Mesmo que foder seja algo desejável, a coisa ganha um pouco de comércio; de artimanha. Em nome de uma respeitabilidade inútil e imaginária, as mulheres querem que você as engane para comê-las. "Vamos ao meu apartamento pra ver minha coleção de selos..." "Eu vou colocar só a cabecinha..." Esse é o tipo de

argumentação que leva as garotas a se jogarem no sexo, sabendo exatamente o que vai acontecer, mas com a possibilidade de se desculparem depois – tanta ingenuidade... Os homens, esses porcos... Ah, vá pra puta que pariu!

São as mesmas mulheres que ficam indignadas quando um cara que não lhes interessa faz uma cantada ou tenta um beijo no atrevimento. Quando estão interessadas, porra, elas não ficam ali esperando que você faça exatamente isso? Sem um pingo de iniciativa – senão as amigas vão falar que é piranha. Temos que adivinhar? E, se precisamos adivinhar e arriscar, não é justo que ocasionalmente acertemos um tiro em quem não estava na guerra?

E se nós respeitamos, mantemos a distância e esperamos por um sinal inequívoco, o que elas fazem? Concordam com a cabeça e pensam "Isso sim é um rapaz educado, pra quem eu posso dar sem imaginar que ele vai me foder subjetivamente logo em seguida!"? Não! Elas pensam "Esse aí é frouxo!" e te abandonam como *amiguinho*. Vão dar pro primeiro atrevido que se jogar.

Tem que se jogar.

Decidir com que tipo de pessoa você vai ficar – entre aquelas que te atraem – e em que situações você quer se relacionar (seja ficando, namorando, amando, ou só fodendo) é trabalho prévio. Isso é pra ser pensado em casa sozinho, discutido com as pessoas cuja opinião você respeita, pesquisado em livros, observado no mundo, considerado à luz da experiência e depois repensado sempre que possível. Na hora do pau, não há o que ficar pensando.

Porra, eu sempre soube que vou morrer. Mas depois de terminar com Linda, amassado no mundo,

metamorfoseado em poça humilhada dolorosa de sangue e lama, eu senti fisicamente o que é o fim. Algo que você já sabia que ia chegar, mas no qual não acredita de verdade. Hoje eu acredito. Eu sei que, apesar de todas as nossas esperanças fantasiosas e escapatórias, o fim realmente chega – num andar indiscutível, sereno e implacável. E teve um dia que ajudando minha mãe no meio do mato, um autômato de coração triturado e seco, eu vi o céu por cima de um coqueiro e senti que tinha terminado. Como uma onda que sobe e cai. Senti que por ter amado uma vez, eu provavelmente amaria de novo. Então isso acabaria também, num oceano de ondas diversas quebrando num breve instante do Eterno – quando finalmente essa coisa indefinida que chamo de eu também irá se quebrar e tudo que faz parte de mim se espalhará por ondas diversas que continuarão passando.

Então quando sinto que é hora, me jogo sem maiores considerações. Tomé tinha finalmente servido o conhaque e surgiu com meus cigarros. Disse a ele que cobrasse o chiclete do meu troco. Carminha, sem oportunidade de protestar, agradeceu.

Meu convite ficou sem resposta, mas saímos juntos do bar e ela me acompanhou sem explicação, como se estivéssemos coincidentemente seguindo para o mesmo lado. Depois de alguns passos em silêncio senti necessidade de arrumar assunto. Como evidenciado pelos últimos parágrafos, eu não passo meu tempo pensando no tipo de coisa que renderia uma conversa descontraída com estranhos – apropriada para a ocasião. Eu nem estava naturalmente inclinado à conversa, no momento. Se me deixas-

sem à vontade, eu ficaria calado.

O mais fácil seria abordar qualquer afinidade. Com uma vida estranha como a minha, no entanto, onde encontrar um gosto comum? Ela provavelmente não ouve Einstürzende Neubauten, Philip Glass, ou Legendary Pink Dots. Não deve ter lido Rubem Fonseca, Knut Hamsun, ou Charles Bukowski. É praticamente certo que ela não conhece o off-topic no fórum da Unigames. Eu sou um cara limitado. Não assisto novelas. Não leio jornais.

"Quer um cigarro?"

Ela aceitou. Assim era mais fácil. Falamos sobre o hábito de fumar e sobre marcas de cigarro. Depois estabelecemos uma conversa amena, conduzida por ela, sobre umas casas novas que estavam sendo construídas por ali. Ela gostava da perspectiva de novos vizinhos, talvez com pessoas espetaculares entrando em nossas vidas. Eu não sou tão otimista com a chegada de gente nova, mas não achei delicado ou necessário dizer isso pra ela.

Então chegamos ao portão da chácara; momento decisivo. Como o convite inicial de me acompanhar tinha ficado no ar, agora surgia um nó – uma bifurcação oferecendo dois caminhos separados no jardim de possibilidades. Nossos passos vão ficando mais lentos, até que ela para, de fato, enquanto eu dou mais dois passos pequenos em direção ao portão e giro meu corpo para encará-la. Ela sorri. Eu também.

Os budistas dizem que o mundo é um sonho. Sou ignorante demais para assinar embaixo. Quer dizer, os objetos e fenômenos físicos são um sonho? Porra, eu não sei. Mas acredito que na esfera da consciência – principalmente no campo linguístico

– estamos sonhando. O que experimentamos e consideramos como acontecido e acontecendo não é o que de fato se passa. É uma fantasia que sobrepomos à realidade.

É compreensível que as pessoas identifiquem o pensamento com seu veículo natural – as palavras. Mas as palavras são apenas símbolos. Setas que apontam para a realidade – os conceitos que elas carregam não são a realidade em si.

Se Carminha tivesse proferido as palavras "Sim, vou à sua casa com você", ou qualquer fórmula equivalente, já estaria tudo resolvido. Estava claro, para mim, que o pensamento já a ocupava. Mas até que o pensamento fosse expresso em palavras – mesmo que não ditas – é possível que ela não reconhecesse a validez do pensamento em si. Há mesmo o caso daqueles que são ocupados por um pensamento mas, levados pela circunstância a elaborar palavras contrárias, realizam o oposto do que estavam pensando. Algumas pessoas parecem ignorar, no dia a dia, que a fonte do pensamento é anterior às palavras; que as palavras não são entidades independentes, muito menos senhoras dos nossos destinos.

Ela sorria maravilhosa. Resolvi agir como se a visita já estivesse estabelecida, na esperança de que ela simplesmente acompanhasse meu exemplo. Tirei as chaves do bolso e pedi que ela esperasse um pouco, enquanto prendia meu cachorro. Não lhe dei tempo para contestar, fechando o portão atrás de mim. Quando voltei a abri-lo, Carminha ficou parada do lado de fora. Cu doce. Resistiu ainda menos do que

eu esperava. “Ah, não sei...”, “Vem, deixa de ser boba...”, “Eu fico sem graça...”, “Bobagem, não precisa. Estou sozinho...” Ela entrou.

Andamos um pouco pelo jardim, mas acelerei essa parte propositalmente, evitando que ela fizesse perguntas sobre as plantas. Na sala de estar, lhe agradou um quadro que minha mãe havia pintado. Finalmente, no quarto, o sofá estava entulhado de livros e papeis. Não me lembrava de tê-los colocado ali. Eu falo que as pilhas de livro crescem sozinhas, mas ninguém acredita... De qualquer forma, um sofá cheio tem suas vantagens. Depois de algum cu doce, ela foi se sentar na cama.

Escolhi um playlist confortável e estimulante no computador, ajustei o volume e fui pra cama também. Ficamos em silêncio por alguns instantes. Eu fumava. Ela mascava chiclete. Eu voltava à entropia do quarto e algo nublava minha vontade. Carminha tinha a vantagem de ser mulher. Sempre esperando por nossa iniciativa... Podem adotar um ar voado e fingir que estão prestando atenção na decoração, na própria sandália, ou arrumando o cabelo. Ficamos ali um tempo, sorrindo em silêncio – até que os peitos me hipnotizaram novamente e um tesão, como cosquinha, foi invadindo meu espírito.

Recorri novamente à técnica do “a ou b”. Ou vai, ou racha.

Esmaguei o cigarro no cinzeiro ao lado da cama e inclinei meu corpo sobre o dela, com cuidado, já colocando a mão, de leve, em uma de suas pernas. Era macia. Quente. Uma textura maravilhosa de carne jovem.

Ela não fez nenhum movimento para impedir o beijo. Correspondeu à altura. Resolvi criar logo

um pouco de resistência, para que ela não atrasasse sua resistência até a hora decisiva. Espremi aquela coxa *caño* deliciosa e puxei um pouco pro lado. Subi a mão por entre suas pernas. Tive tempo de dar uma apertadinha.

Enquanto nos beijávamos, percebi que ela sorria. Tirou minha mão delicadamente. Não parecia muito disposta a resistir. Fui beijando seu rosto, seu pescoço... Agora que ela já tinha recusado algo – cumprindo sua obrigação cristã – era provável que o espírito capitalista que também nos domina a inspirasse contra o clichê de ser amarradinha. Eu tinha ao menos um movimento garantido e, depois de beijar mais um pouco, comecei a acariciar os peitos sobre a camisa. Estava sonhando com aquilo desde os primeiros momentos, no bar. Sempre achei americana demais essa obrigação de começar tudo com um beijo na boca. Coisa de cinema, provavelmente. Numa abordagem sincera de Carminha, eu teria começado beijando seu peito.

Ela não usava sutiã, como eu já tinha percebido. Eu pegava firme, ainda que um pouco receoso de apertar demais. Aqueles montes consistentes e macios enchiam minha mão, minha imaginação e os vasos sanguíneos do meu baixo ventre. Deixei de beijá-la por alguns segundos e afastei meu rosto. Dediquei-me, como uma criança, à observação das diferentes formas que os seios dela adotavam enquanto eu brincava com eles.

Quando retornei com uma das mãos até o meio de suas pernas, Carminha resistiu de novo. Dessa vez sem sorrir. Tinha a boca um pouco aberta, a cabeça jogada pra trás. Respirava fundo. Parece que agora ela realmente tentava se controlar, com a

impressão de que as coisas iam mais rápido que o confortável. Deixei que ela retirasse minha mão, sem resistência, e afastei meu rosto de novo, dessa vez admirando seu rosto. Ela tinha uma pele e olhos e dentes lindos. Beijei suas bochechas algumas vezes, em várias partes, porque um afeto enorme me invadia, paralelo ao tesão.

Endireitei o corpo na cama e acendi outro cigarro.

- Você é uma delícia, Carminha.

Ela riu.

- Seu safado! Me empresta o cinzeiro?

Ela jogou o chiclete mascado lá dentro e tirou outro do bolso. Ficou ali deitada ao meu lado, mascando em silêncio.

Quando terminei de fumar, deitei ao seu lado e a abracei.

- Que cheiro mais gostoso...

Deixei que ela afastasse meu braço pela terceira vez e utilizei-o para desfazer o nó que prendia minha bermuda. Com a bermuda aberta, retomei o ataque aos peitos. Quando ela tentou afastar meu braço outra vez, segurei sua mão e coloquei em cima do meu pau. Dentro da bermuda. Por cima da cueca. Ela segurou um pouco. Afrouxou por um instante, indecisa. Apertou de novo e gemeu baixinho.

As mulheres são engraçadas. Há pouco, não deixava eu pegar nos peitos. Agora, eu estava encontrando dificuldades pra tirar a camisa dela, porque já tinha enfiado a mão dentro da minha cueca e não queria soltar meu pau. Afastei o braço dela.

- Safada!

Enquanto ela ria eu coloquei as mãos dos dois

lados de sua cintura e fiz um pouco de cosquinha. Fui subindo os dedos por baixo da camisa, que agora saiu sem dificuldade. Fui beijando os peitos e, ao mesmo tempo, aproveitei para abrir o botão e o zíper de seu short. Era um short jeans coladinho, deu trabalho pra tirar.

Assim que terminou aquela batalha, terminei de tirar a bermuda e voltei pro lado de Carminha. Bicos pontudos dentro da sua boca, segurando o limite entre uma bunda e uma coxa. Ela se mexia muito, revezando entre beijar meu pescoço e pegar no meu pau. Estiquei um braço pra apalpar a gaveta do criado-mudo em busca de uma camisinha. Enquanto isso, ela foi dando beijinhos no meu peito. Na minha barriga. Foi descendo. Consegui apalpar a embalagem de plástico ao mesmo tempo em que Carminha jogava o chiclete fora e engolia meu pau. Abandonei a camisinha em cima do criado-mudo, onde podia alcançá-la com facilidade, e encostei-me confortavelmente num travesseiro. Com uma das mãos fazia carinho nos cabelos de Carminha e, ocasionalmente, guiava os movimentos de sua cabeça. Boquete é uma das grandes invenções da humanidade. Talvez uma das superioridades objetivas de nossa cultura sobre as outras espécies... Aqueles macacos e golfinhos são muito espertos, mas nunca os vi fazendo nada desse tipo. Seria incrível se tivéssemos cabines de boquete no meio da rua, como telefones públicos. Eu queria que durasse para sempre. Esse pensamento, paradoxalmente, e sem implicações freudianas, me fez lembrar que minha mãe NÃO IRIA demorar para sempre.

Então sentei mais uma vez na cama pra colocar a camisinha e ela ficou meio sem saber o que fazer.

Pra que lado ir. Acabou se resolvendo por deitar estendida na cama, de barriga pra baixo, deixando o resto por minha conta. Era a primeira vez que eu reparava naquela bunda. Trabalhei mais rápido com a camisinha.

Com a cabeça apoiada num travesseiro, Carminha olhava pra mim por cima do ombro. Ela sorria. Peguei outro travesseiro e coloquei sob seu colo, o que a deixou com a bundinha ainda mais atraente.

Montei com calma e facilidade. Beijando sua nuca e dizendo elogios no seu ouvido enquanto ela se relaxava pra me receber por inteiro. Eu estocava e ela soltava gritinhos contidos. Mordia e espremia meu braço, ou o travesseiro. Às vezes, também gritava alto – quando empinava um pouco a cintura e eu metia um pouco mais fundo, mais rápido e com mais força. Tentamos outras posições e depois de uma hora estávamos exaustos. Gozei três vezes e minhas pernas tremeriam se tentasse ficar de pé. Ela se exaltara quatro vezes, mas o seu jeito de expectativa enquanto pensava estar gozando sugeria que Carminha ainda não conhecia um orgasmo. Eu sorri, com esse pensamento, porque gosto de ser útil e acabava de encontrar algo de útil que poderia fazer por alguém.

Fumando em silêncio. Ela puxou conversa sobre a música que tocava. Sexualmente satisfeito, tive o prazer de descobrir (atrasado) que Carminha era um bom papo. Fumamos mais um cigarro e, quando esse acabou, ela disse que precisava ir.

Levei-a até o portão e nos despedimos com um beijo. Soltei meu cachorro. Voltei pro quarto. Tive

que descer outra vez pra jogar as camisinhas no lixo. Aquela seria uma noite agradável, pra variar. Boas lembranças, cansaço, e um maço quase cheio de cigarros.

XIX

Fabrício, meu irmão do meio, voltou pra casa. Já falei do outro – o primogênito – que mora comigo e com meus pais há algum tempo. Pra você que é meio lerdo, eu sou o caçula.

Fabrício terminou o velho sonho da faculdade e chegou hoje de manhã numa caminhonete entulhada de roupas e móveis. Arquiteto. Vai ficar aqui até conseguir ingressar no moderno sonho do mestrado.

Ajudo a montar seu computador e a carregar coisas de um lado para o outro. É bom que ele esteja aqui. Porra, é excelente receber um irmão querido quando a gente está encavernado sem gosto pelo mundo.

Há duas semanas entre o último parágrafo e esta nova linha. Apesar de tudo, com ele no quarto vizinho, passamos pouco tempo juntos. Já estou habituado demais aos meus costumes eremitas. Fico trancado no quarto. "No ar, pesava a morrinha de mil cigarros apagados..." Lá fora, um casal se beija em alguma parte e percebem pela primeira vez que estão apaixonados. As folhas e os galhos das árvores balançam enquanto o vento passa, e basta um olhar atento pra ver que tudo está em movimento e que a cada queda corresponde uma ascensão. Mas o que é que eu tenho com isso? Há poucos meses, num passado longínquo, o amor foi meu refém e tudo me interessava. Eu já tive o carinho deitado no colo, e então eu me sentia mais que simplesmente parte da coisa. Eu era a *própria* coisa. Experimentava às vezes o que mestres zen devem experimentar apenas

respirando. Eu sou um moleque mimado que só aprendeu a querer coisas, e pra quem agora tentam ensinar qualquer tipo de especialização profissional. Eu precisava de Linda pra sentir que eu era o mundo e que o mundo era bom. Tudo me dizia respeito. Tudo era maravilhoso e não havia sequer uma única coisa que fosse de grave importância. Mas esse tempo passou. Agora fico sentado na janela, fumando em desânimo. O mundo é um redemoinho caótico de poeira.

Carminha voltou à minha casa algumas vezes, depois nos falamos por telefone outras tantas vezes e acabou. Ela disse que gostava de mim, mas que eu só estava interessado em sexo e toda essa conversa... Acho que entendo o lado dela. Não tive coragem de desmentir. É verdade. Nós tivemos uma intimidade física profunda muito antes que eu pudesse me interessar por qualquer coisa além do corpo dela; do prazer de foder com ela. Então, quando nos encontrávamos, eu até que estava interessado no que ela tinha pra dizer e em conhecê-la melhor – mas a ânsia de foder me dominava e, depois do sexo, me exauria.

Claro que meu pau ficou contrariado, mas eu não insisti. Esse tipo de relação deve ser considerado uma vitória para a maioria dos caras. O que eu senti foi derrota. Um certo orgulho de pensar que comigo ela aprendeu a dar a bundinha. Mas ainda sinto que fiz algo errado. Eu não queria nem quero namorá-la – realmente não quero ninguém tão próximo por um tempo. Mas, porra, eu gostei bastante dela; ainda gosto. A gente se envolveu no que era pra ser carinho e se eu acredito que esse carinho

pode ser limitado e permanecer saudável, não faz sentido que isso termine com um gosto azedo pra mim e pra ela.

Eu fico olhando pro céu. Pensando no mundo inteiro funcionando à minha volta. Tipo, quando penso no universo, costumo imaginar um deserto. Areia infinita. Céu infinito. Então chega um alquimista e faz gestos misteriosos. A areia começa a flutuar. O alquimista enfia a mão no bolso e tira de lá um saquinho com outra areia que trouxe consigo – grãos fosforescentes, pegando fogo. Essa areia mágica gravita em nuvens que se expandem enquanto se misturaram, no ar, com a areia do deserto e tudo começa a dançar. Então imagine que num destes grãos de areia flutuando, perto de um dos pontos incandescentes, existam uns ácaros microscópicos. E de cima deste grão de areia, que pra ele é do tamanho de um planeta, um dos ácaros olha pra cima. Vê ali os grãos de areia flutuando mais perto. Vê a luz dos grãos mágicos ao redor. Esse ácaro sou eu, sentado na janela. É mais ou menos isso. Somos poeira sobre um grão de areia flutuando. É só você olhar para o céu à noite, e tentar compreender. É um fato. Somos ácaros entre um borrifo de purpurina.

Apenas um ser insignificante. Atirado no meio de insignificâncias magníficas. Esparramados sobre um globo de água, pedra e fogo entre tantos outros globos. Girando ao redor de uma estrela entre tantas outras estrelas. Pó. Musgo. Apenas uma fagulha de vida. Um nervo exposto no olho do infinito. Um ponto sem sentido numa parte insondável do absoluto. Nada.

Somos nada, mas alguns são mais nada que os outros. Agora eu era novamente como eles. Aqueles que não têm amor. Como a maioria. A parte pobre da poeira.

Como aquelas pessoas desmontáveis que andam pelas ruas. Você tira a roupa e o penteado e as coisas que elas aprenderam a repetir sem pensar e os casos novelescos que elas contam e que não têm interesse para ninguém de bom senso e tira tudo de supérfluo e o que sobra? Um corpo nu olhando pra frente. Sequer palavras. Nada.

E os montes de nada continuam andando nas ruas. Dançando nas festas. Bombeiros. Jardineiros. Estatísticas. Criadores de listas impossíveis. Motoristas. Desperdícios de carbono. Tentando impressionar uns aos outros. Eu vou me isolando. Incapaz de compreender por que alguém tentaria impressionar criaturas assim e como poderia ser impressionado por elas. Quer dizer, as pessoas são fascinantes apenas por existir – como uma cabra também o é. Mas não é com isso que eles se impressionam. É com trapaças, futilidades e falsa modéstia. Será que ninguém anda olhando pro céu? O Sol é uma estrelinha bem mixuruca, considerando o resto do mundo, e para nós o seu poder já é divino: pessoas ricas, bonitas, ou bem adestradas não são impressionantes. O que eu tinha, e perdi, é provavelmente a coisa mais próxima do sol que experimentei. Estou de ressaca. É o tombo de Ícaro. E do meu mar Egeu pretendo erguer-me novamente e com asas mais resistentes e aerodinâmicas buscar o sol mais uma vez – mas isso ainda não posso. Eu gosto muito do meu irmão. Fico feliz que ele tenha

voltado pra casa, mas algo em mim está quebrado. Desnivelado. Espatifado. É bom saber que Fabrício está por aí, mas, na prática, o fato dele ter voltado pra casa não faz muita diferença.

Fico sentado na varanda. Nada. Fico escrevendo no meu quarto. Nada. Todos aqueles livros que me davam impressão de ação e movimento. Eu, tentando escrever pra me sentir vivo. Num estalo descobri: é uma farsa. Toda literatura é estática. Tudo se resume a alguém sentado numa mesa ou deitado na cama. Ninguém escreve enquanto anda de bicicleta.

Então agora eu fico sentado na frente do computador, ouvindo um tal de Bruce Brubaker sobre o qual eu nunca tinha ouvido falar, mas que provavelmente sente pelo piano algo do que eu gostaria de voltar a sentir por qualquer coisa e não posso. Fico na frente do computador, fazendo reflexões inúteis. Persiste inofensiva a lembrança de andar de carro. A lembrança que vou remoendo por falta do que fazer. No banco de trás. Coisas que provavelmente deveriam me importar. O fato volta constantemente à minha memória, mas, lá no fundo, não quer dizer nada. É como um filme que se repete na televisão ligada à minha frente enquanto eu durmo. Já fazia mais de um ano daquela coisa com Dimitri e Jaqueline. Do ex melhor amigo e da primeira musa inalcançável. Já faz mais de um ano e de repente coincidiu que os dois (atualmente morando fora) viessem passar o mesmo feriado na cidade.

Quando duas pessoas que tiveram um curto romance se encontram de viagem, o que fazem? Eles se encontram, é claro. Caso o romance deles tenha

envolvido um amigo mútuo numa situação constrangedora, o que eles fazem? Dimitri e Jaqueline querem sair comigo.

Sério? Pra comemorar? Um encontro do tipo "Oi, veja como é bom nos reunirmos e recordar os velhos tempos em que te deixamos em pedaços!" Tenho vivido como zumbi e quando dei por mim já estava ali no banco de trás do carro.

Minha ideia de diversão passa longe de ficar com Dimitri e Jaqueline no mesmo lugar. Considerando minha roda de amizades, era inevitável que eu os encontrasse separadamente, de vez em quando – eu já estava até acostumado com isso - mas encontrá-los juntos foi realmente desagradável.

Primeiro dia. Dimitri vai deixar Jaqueline em casa e eles insistem para que eu os acompanhe. Dentro do carro de Dimitri. Eu me sentia rabugento; observando transeuntes pelo caminho. Bonecos de cera. Desmontáveis. Nada. Esse era o estado de espírito infantil e retardado que o ambiente me inspirava.

Dimitri e Jaqueline conversavam entre si e puxavam assunto comigo. Alegres. "Veja, tudo já passou e agora somos como os amigos dos seriados na tv..." Não passou porra nenhuma. O que aconteceu é que uma dor maior englobou aquela – como um tubarão que poderia comer de uma bocada um outro peixe. Que os dois saiam de casa pra se pegar e resolvam me incluir no programa continua sendo absurdo, mesmo que eu não esteja me deprimindo por isso, ou sentindo vontade de chorar. E eles fingem que não estão se pegando. Déjà vu? Porra. Vai tomar

no cu.

Os dois ali no carro rindo e se achando espertos. Saboreando com a ponta da língua alguma impunidade desatenta imaginada. Eles analisavam minhas reações e decidiam que eu não estava percebendo nada. Minhas reações não poderiam mesmo corresponder à sua presença ou ao que eu concluía dela. Estávamos juntos, mas não estávamos. Meu corpo estava ali, mas isso não prova nada. Acho que qualquer um poderia reconhecer esse sentimento. Quantas vezes você já esperou por alguém na porta do cinema, ou em qualquer lugar público, rodeado por estranhos? Quantas vezes desceu com um estranho no elevador? As pessoas nos rodeiam, mas nos sentimos sozinhos. Tenho sentido isso a maior parte do tempo. Não importa se conheço as pessoas ou não. Não importa se elas estão próximas. Posso me sentir sozinho enquanto quatro amigos me abraçam.

Eu era um zumbi pós-Linda. Não queria conversar sobre isso com eles – que também não pareciam muito interessados em saber sobre minha vida. Parafusei um sorriso e pensei em outras coisas. Queria que eles achassem que já estava tudo bem. Queria que eles não me dessem atenção. Queria nem ter saído com eles, se tivesse encontrado uma escapatória adequada. Coloquei uma máscara que responde perguntas e faz breves comentários, enquanto meu rosto original mergulhava confortável no seu lugar escondido.

Essa amargura que eu sinto, na verdade, nem é necessária. Mas, porra, imagine um dia cinza se-

guido de outro dia cinza e assim por diante... Hoje vou cortar um pulso porque é a forma que encontro de enxergar outra cor.

Infelizmente, o assunto (ou o momento) não despertam vontade efetiva de suicídio – nem romântico e platônico. Sinto que estou sendo um pouco confuso, porque é aquele passatempo que você faz por falta de algo melhor; apressado e sem dedicação. Isso tem sido a única relação digna de nota nos últimos dias. Do resto do tempo não tem dado pra espremer um texto.

Não posso acusar Dimitri de ser uma pessoa completamente desmontável. Feito apenas de sombras. Como uma cebola que só tem cascas e nenhum centro. Dimitri tem um centro. Mas ele se esconde. Ele se pinta. Como um anão dirigindo uma grande máquina. Tem vergonha e orgulho e vaidade demais pra sair da máquina e te olhar de frente. Ele precisa da máquina. E gasta mais tempo comprando peças do que alimentando o anão.

Jaqueline já foi algo que admirei. Já andou por caminhos que me interessavam. Mas vivemos no jardim de caminhos que se bifurcam. Eu e Jaqueline andamos para lados opostos da evolução (mudança com o passar do tempo). Hoje ela guarda tanta semelhança com o que eu admirava quanto um homem se parece com um macaco. Adormece no berço da futilidade. Cheia de amigos mundanos. Desses que todo mundo pega, como uma epidemia. Para ela, eu sou apenas mais um desses caras. Uma sombra. Uma personagem. Alguém que ela cita quando quer contar uma história.

Nenhum deles se importa de verdade com

minha participação ativa. Tentam ser agradáveis. Estão tão acostumados à superficialidade que aparentemente não conseguem imaginar nada além dela. Não conseguem conceber algo além das sombras. Aceitam o que eu ofereço. Não conseguem me ver. Nós não estamos no mesmo lugar. Eles tentam ganhar minha confiança, mas eu sei, durante todo aquele tempo, eu sei que eles estão me enganando.

Não que estejam realmente me ENGANANDO, eu não estaria escrevendo isso se a coisa fosse literal. Se eles tivessem tido êxito. Mas eles pensam estar me enganando. Eles estão tentando. É isso que conta.

Jaqueline ficou em casa.

Dois dias depois disso, Dimitri me ligou, lá pelas quatro da tarde. O horário é significativo, porque ele costuma telefonar logo depois de acordar. E, de fato, ele disse:

"E aí, cara. Acabei de acordar."

Pensamento involuntário: "O que ele tinha arrumado pra ir dormir tão tarde, e por que ele estava me falando aquilo?"

Ele veio pra minha casa e ficamos gravando e mixando algumas músicas.

- O quê que você arrumou ontem, cara? – eu perguntei.

- Nada. Fiquei de bobeira. Acha que tem que aumentar o volume dessa parte?

- Aumenta um pouco sim. Ontem teve festa na casa da Jaqueline, soltei desinteressadamente.

- É. Tô sabendo. Vou aumentar um pouco só nessa parte menor aqui.

(Tô sabendo?)

- Você não passou lá?

- Ãnh.... passei sim. Vê se fica melhor com essa

trilha...

(Então ele foi na festa. O que aconteceu com o "Não fiz nada, fiquei de bobeira"?)

- Tanto faz a trilha. E aí, cara. A festa tava boa?

- Tava nada.

- O povo ficou lá até muito tarde?

(Não quis espantá-lo demais, perguntando se ELE ficou até muito tarde)

- Nada. Esvaziou rapidinho. Vê se consegue fazer no violão: Nãh, dãh dãh dããããh...

Então, ele ia ficar aqui o dia inteiro sem me falar que foi à casa de Jaqueline... Fica aqui dentro do meu quarto, sentado na frente do meu computador, fingindo pela primeira vez (depois de 5 músicas) que está interessado na mixagem...

Dimitri dá muitas lições. Infelizmente, ele é tão egocêntrico que as lições são apenas sobre ele. Uma delas eu aprendi, e é importante: você não pode deixar ele entrar no meio da sua vida e se sentir à vontade demais. É o tipo de garoto mimado e descontrolado que quebra coisas apenas pelo prazer de não estar sendo visto. Se escondeu a festa de mim, não foi por distração. Acha que está fazendo alguma coisa errada. Não tem coragem de me perguntar. Acha que está fazendo alguma coisa errada comigo, mas simplesmente não se sente mal por isso. Não pensa em consertar. Não quer tocar no assunto.

Acho que o único motivo dele ter assumido que foi na festa era o medo de que eu encontrasse Jaqueline e ela comentasse que ele esteve por lá. É um medo inteligente. Mas não inteligente o suficiente.

Você aprende, depois de uma viagem ao fim da

noite. Depois de andar pela ilha. A gente precisa estar atento o tempo todo. Mesmo que você não se importe com as coisas, precisa ficar atento. As pessoas tramam inacreditáveis improbabilidades junto com toda a banalidade em que estão soterradas. Algo como o realismo fantástico. Existe muito mais nas coisas do que você pode ver. É preciso estar atento. Mesmo que não te interesse. Se eu não posso matar aquela aula, melhor ouvir o que o professor está dizendo.

Agora, o tira-teima. Dimitri eu já sei como funciona. Já vi que tem grilo ali. Vamos investigar o outro lado da coisa. Digo a ele para mixar uma equalização dinâmica entrelaçada com a faixa principal. Ele não tem ideia de como fazer isso e é orgulhoso demais pra perguntar. Vai mantê-lo ocupado por algum tempo. Saio do quarto. Pego o telefone. Ligo para Jaqueline.

- E aí, como foi a festa ontem, Jaky?

- Foi boa, mininuuu... Legal demais!

- Tinha muita gente?

- Tinha sim. Ficamos aqui até de manhã.

(Dimitri disse que o povo foi embora cedo.)

-Que isso, hein! (K-Ô) Teve que aguentar a casa cheia até de manhã?

- Nada... a maioria do povo foi embora lá pelas duas horas. Aí só ficou... só ficou um... uma galerinha bem pequena.

Conversamos ainda por alguns minutos. Dei várias oportunidades para que ela dissesse que Dimitri estava lá. Ela não disse. Falou da presença de uma ou duas pessoas que eu conheço só de vista. Não mencionou Dimitri. Certamente não foi distração. Também acha que está fazendo merda comigo.

Também não tem coragem de falar nada. Meus grandes amigos. Me envolvendo. Tentando criar aquele clima de filme adolescente americano. Um melhor amigo em quem confiei, e uma mulher que tentei amar. Eu ofereci pra eles o melhor de mim. Querem minha companhia. Querem a paz daquele clima de tudo-já-passou. Querem a excitação má intencionada de quem mete escondido na dispensa. Escondidos, porra! Por quanto tempo eles pretendem me enganar? Mais uma vez? Por que é que as pessoas fazem essas coisas? Quando essas pedras me acertam, sinto uma pressão forte no peito. Cada vez que essa coisa se evidencia, inegável, é como se algo se partisse fisicamente em mim. Normalmente eu ando precavido – eu estava precavido – mas eu tinha oferecido o melhor de mim praquelas pessoas, por que elas não entendiam isso? Por que não podiam confiar em mim? Isso não é nada lisonjeiro.

A vantagem é que desta vez eu estou me cagando pros dois juntos. De onde estou, tudo me parece apenas uma indelicadeza. Só me desperta um pouco de decepção, observar como eles tentam demonstrar a bela amizade que sentem por mim. "Decepção" é uma palavra forte. O que eu sinto é uma espécie de tristeza vaga, diluída em interesse científico. Como olhar, pelo microscópio, as células se desintegrando e ficar imaginando por que as coisas morrem.

"Ha ha ha, filho da puta, a piada está em você! No vazio que tenho vivido não cabe sequer ressentimento."

Então estamos novamente dentro do carro.

Outro dia. Pelo jeito, eles precisam me chamar. Saem comigo, me deixam em casa, e depois desaparecem sozinhos. Quando não sentem meu cheiro, parece que a coisa perde a graça. Precisam me encontrar e dizer que são meus amigos para poder sentir melhor a adrenalina de serem traidores, ou alguma coisa assim.

Eu – derrubado e inerte dentro da terra – sou um afrodisíaco. Pra mim, isso é engraçado. Eles precisam ser meus amigos. Novela mexicana do caralho. ¿Que visão destorcida e desgraçada essas pessoas têm de amizade?

Não sei se eles estão fodendo, ficando, ou o quê. Não me interessa. Estão ali sentados dentro do carro. Sorrindo. ME ENGANANDO DELIBERADAMENTE. SE GABANDO DA NOSSA AMIZADE! OS DOIS. SORRINDO. A palavra "amizade" deve escorrer pus quando pinga de uma boca dessas.

Eu fico ali. Também sorrio. Não quero ficar nervoso. Então fico nada. Que eles fiquem apenas com uma sombra minha também, se é tão importante pra eles. Se é a única coisa importante pra eles.

Se eu for discutir e tentar colocar as coisas no lugar – só pra esclarecer tudo – eles não vão fugir. Quem me dera! Dimitri nunca está errado. Ele sempre tem uma desculpa, uma justificativa ou um ponto de vista. Vai discutir até acreditar que me convenceu. Eu não estava afim de ouvir as justificativas que ele se desdobraria pra inventar. Além de tudo, acham que eu sou sonso. A mentira deles era como uma britadeira coberta por um pano. Eu me comporto como sonso a maior parte do tempo, isso eu tenho que dar pra eles. Eu sou desajeitado e não sei como

fazer as coisas. Mas não sou tão idiota ou cego assim, porra.

O fato é que, porque você não se importa – porque você fica ali calado e não cria cenas – as pessoas acham que você simplesmente não enxerga nada. É inconcebível, para alguns dos ácaros sobre o grão de areia, que alguém possa não se interessar por eles.

E o sonso sou eu. Enquanto isso, eles não conseguem se segurar. Dão milhões de sinais a cada instante. Devem pensar que, como eles, ninguém presta atenção. Que ninguém sequer ouviu falar em linguagem corporal.

Dimitri, um dia desses, pegou meu caderno de anotações e escreveu, distraidamente: "Caralho! – Foi a única coisa que ela disse quando eu contei que iria embora. E é exatamente a única parte do meu corpo que sente falta dela." Escreveu na última página. Provavelmente achou que eu só encontraria as frases dentro de alguns meses ou anos. Provavelmente pensou que eu não faria nenhuma relação. Talvez nem exista relação. Não sei. Não é importante. Mas, se ele estivesse falando de Jaqueline, isso seria realmente engraçado. Tipo cereja sobre o sorvete, ou melhor, tipo uma bostinha de cabra – daquelas redondinhas – sobre um bostão de cavalo. Tipo Dimitri sobre o mundo doente que às vezes ele parece compelido a criar sobre os próprios pés.

Não comentei nada. Achei melhor assim. Eu faço mais por eles do que eles fazem por mim. Resolvo ficar quieto no meu canto. Calado. Deixar a coisa correr. Não desmanchar ou estragar a farsa. Se eles precisam de mim como afrodisíaco; se precisam acre-

ditar que estão sacaneando alguém pra se divertir, deixa estar. Eu aceito e até faço parte. É mesmo oportuno trocar a paisagem da janela no meu quarto pela paisagem móvel da janela do carro. Só não esperem que eu me entusiasme com isso. Que acredite por um segundo que são meus amigos e que posso confiar neles. Retribuir. Ser sincero.

Eu não queria estar dentro daquele carro. Preferia não fazer parte daquilo. Mas eu já tinha me tornado escravo da situação. O que fazer? Eu consegui encontrar (você também pode encontrar) felicidade na escravidão.

E como era divertido ver Dimitri exultante. Sentindo-se total. Achando que estava se dando bem com Jaqueline e também com minha amizade. Que maravilha!

O tempo passa e blá, blá, blá. Ele dizia que estava diferente. Tentava agradar. Ele realmente estava mudado. Mas essa mudança, como tudo mais nele, era apenas superficial. Uma capa nova que ele comprou e aprendeu a vender, como um trainee. O principal ainda estava lá. A necessidade de estar sempre um passo à frente. Ele ainda precisa disso. Dimitri não suporta igualdade. As pessoas são, necessariamente, melhores ou piores.

As melhores são os grandes gênios distantes. As pessoas pra quem ele "paga pau". Por uma infelicidade do destino, não existe nenhuma dessas pessoas perto dele. "Santo de casa não faz milagre." Ele se julga tão alto em sua escala de valores, que só podem ser melhores do que ele as pessoas que não existem. Pessoas que ele cria platonicamente em sua própria cabeça, através de notícias que tem sobre pessoas distantes. Dimitri só paga pau para gente

no exterior, ou para gente morta. Pessoas que estão tocando em bandas obscuras, escrevendo livros ou fazendo filmes para uma audiência reduzida. Gente com quem ele nunca vai se encontrar na vida. Com quem nunca vai precisar competir por nada. As pessoas próximas são piores. Segundo este tipo de pensamento, as pessoas que te rodeiam podem ser dispensadas, enganadas, humilhadas, ignoradas e pisoteadas.

Dimitri não sabe recuar. Um passo à frente. Pra todas as direções. É claro que ele não pode estar em todos os lugares de destaque ao mesmo tempo. Mas o discurso dele pode. Outro dia, no shopping, ele estava me mostrando com orgulho a nova tatuagem quando apontou para uns garotos admirando óculos escuros numa vitrine. "Não sei como essas pessoas podem cobiçar tantas coisas supérfluas. É tão idiota." Eu disse: "Claro que sabe." Ele: "Eu não *cobiço* coisas idiotas de moda." (Dimitri tem uns oito óculos escuros). "Quer dizer, ele continuou, eu não cobiço nada, mas as coisas pelas quais *eu me interesso* não são idiotas assim." (Dimitri achava Jaqueline feia e chata, até descobrir que eu gostava dela. Então foi atrás e ficou com ela. Um caso óbvio de interesse por um mundo menos idiota).

É sempre assim. Ele faz o que quer pra estar um passo à frente numa situação qualquer, e fala uma coisa completamente diferente pra também estar à frente em outro lugar. Não tem princípios. Só meios e fins. Também tem o estilo dele, é claro, que nem é lá um estilo muito definido. Dimitri é punk pros punks, vegan pros vegans, straight-edge pros straight-edges, e por aí vai... Ele é ateu pros ateus e agnóstico pros agnósticos. Mestre da arte de

ser do contra de extrema direita. Pra sustentar tantas posições, o discurso dele muda com tanta facilidade, e está em tantos lugares ao mesmo tempo, que ele nunca está errado.

Jaqueline e minha amizade ao mesmo tempo. Duas vezes. É bem verdade que já não a quero. E é bem verdade que não sou mais amigo dele. Mas é o que ele está tentando. E ele provavelmente pensa que ainda sinto algo por Jaqueline, ou não estaria aí escondendo as coisas outra vez.

Da primeira vez, não fiquei transtornado porque gostava dela. Isso me deixou apenas irritado e triste – coisas que eu fico todo dia. Fiquei realmente transtornado porque ele traiu minha confiança. Ficou me batendo pelas costas, mesmo depois de eu ter oferecido minha cara a tapa. O que eu não gosto é de ser enganado por confiar no mundo. E eu disse isso pra ele. Várias vezes. Mas parece que ele aprende devagar. Ali, tentando ser meu amigo. Vou fazer o quê? Sou um veado mesmo. Simbora pra casa...

Eu nunca tive necessidade de me destacar em nada. De estar um passo à frente. Eu estou sempre olhando pro céu. Acho desprezível essa coisa de todo mundo querer ser o Pelé. Ser importante. Um cisco de diamante brilhante. Eu até achava que isso era um problema moderno, até descobrir que, em mil oitocentos e dois, um cara disse: "O grande vício da atualidade é a bravura, uma tentativa de fazer algo além da verdade." Atualidade? Antes disso devia ser assim também. As coisas não mudaram muito. O mais provável que é cemitérios não sejam construídos em lugares afastados por questões higiênicas.

Está sempre claro que as pessoas ignoram a

morte. Além desse erro primário, parece que além de imortais elas também se sentem nulas e vazias, então precisam fazer coisas idiotas para sentirem-se especiais e únicas. Elas sentem que precisam se destacar. Eu não sinto isso. Eu olho pro céu. Não preciso comprar roupas diferentes nem adotar posturas rebeldes pra me sentir diferente.

Além do mais, hoje em dia o antifashion parece ter se tornado fashion também. Ser do contra transformou-se em uma nova moda exótica – com seus padrões e critérios imitáveis e comercializáveis. Nada de individualidade. Roupas e acessórios não me dizem nada de bom sobre ninguém. Dizem, no máximo, que aquela pessoa não é naturalmente o que gostaria de ser (ou que não aprecia ser o que é naturalmente). Se você precisa da roupa pra ser alguma coisa, você não é o que queria ser, ou essa coisa não é algo que se possa |ser|, ou você não sabe o que é, ou foda-se. Transito entre vários grupos que usam uniforme, mas não uso nenhum deles.

Eu sou gótico demais pra pensar que roupa preta é uma coisa triste.

Sou punk demais pra aceitar a ideia de me parecer com um punk.

E sou playboy demais pra me vestir como todos eles.

E por aí vai...

É provável que em poucas décadas nós possamos usar impunemente absolutamente qualquer tipo de roupa. Vai ser comum encontrar nerds vestidos de viking dentro do metrô. Sempre vai ter algum retrógrado pra te olhar feio, mas acho que não vai passar disso. Vai ter gente no seu escritório

vestida de soldado do Star Wars. Ninja. Vale-tudo. Se esse dia chegar, pretendo andar de quimono, ou com aquelas roupas largas japonesas; porque acho bonito e parece confortável – não é pra me sentir diferente.

Eu sei que ninguém, NINGUÉM, no mundo inteiro tem um nariz exatamente igual ao meu. Já me sinto único o suficiente. Eu me sinto chutado e sacaneado, é verdade, mas não me sinto nulo e vazio. Posso até ser um anão, mas não estou dentro de uma máquina grande. Se sou pequeno e insignificante e desinteressante, sou isso o tempo todo. Não me pinto pra sair na rua. Quero que saibam quem eu sou quando me olharem nos olhos. Pelo menos aqueles que têm condição de reconhecer uma pessoa de verdade quando olham pra ela. Não pretendo enganar ninguém. Apenas me expor.

Eu gosto de pessoas de verdade e é com elas que prefiro interagir. É com elas que quero estar de verdade. Mas é difícil encontrar esse tipo de gente por aí. Todos estão dentro de suas máquinas. Disputando algum tipo de corrida. Eu não acredito que a coisa seja uma corrida. Vamos todos morrer. É a linha de chegada para todo mundo. Não há necessidade de competição. Certamente não há pressa. E, se houver alguma corrida, talvez seja bom começar a pensar em termos de lebre versus tartaruga.

Toda essa vontade estúpida de ser interessante. Escolher ser interessante desse jeito é optar por ser como a Lua. Refletir um brilho que não é seu. Estar sempre impressionando as pessoas que te veem de longe e decepcionando em suas relações íntimas. Apenas areia. Não há nada de realmente

interessante lá. Aquela viagem foi uma perda de tempo para a humanidade. Se fizermos a comparação custo/benefício, veremos que o homem não ganhou nada substancial com a viagem à Lua. Assim como não se ganha nada num relacionamento com uma pessoa falsa. Elas são feitas para a distância. Para a observação impessoal. Para o entretenimento ocioso. Gente como a Lua: você senta pra observar de longe e é lindo – se você vai até lá, só tem areia.

Eu escolhi a intimidade. Não faço questão de impressionar pessoas pelas quais não me interesso. Por mim, que elas nem saibam que eu existo. Que as descobertas que a intimidade revelar de mim sejam agradáveis. Não apenas fraudes e decepções. Eu não brilho. Me sinto bem assim. Prefiro atrair pessoas que não procuram reflexos, mas uma boa superfície. Não quero ser areia refletindo a luz de um sol imaginado. Quero alguma coisa rica em paisagens, rios e florestas. Aconchegante. Não saberia explicar direito, mas existe uma meta e tento ser assim.

Blá blá blá nos bancos da frente. Pela janela do carro, vejo um homem atravessando a rua. Ele olha sério pra frente. Segura a mãozinha de um garoto que deve ter uns quatro anos de idade. A criança olha pra cima, admirando o pai. Isso me fez sorrir. Até que enfim, pessoas que têm alguma coisa. Eles podem ser horríveis em outras situações e tudo pode dar errado na vida deles, mas ali, naquele exato momento, eles eram um pedaço bonito do mundo. Uma criança que tem um pai para admirar. Um homem que tem um filho que o admira. Coisas importantes. Coisas que não se pode jogar fora junto

com unha cortada. Mesmo que essa beleza vá embora (ela sempre vai), isso não faz diferença. Nós não duramos para sempre e é desnecessário desejar que as outras coisas durem. Se formos pensar a coisa por esse lado, considerar a praia inteira, nossa vida já não faz mais sentido – perdidos no grão de areia.

Eu, insignificante ponto do infinito, tive o amor como refém. Eu tive um anjo deitado no meu colo. Puta que pariu, você não tem ideia de como essa lembrança me deixa doce e desesperado. E então estou sentado dentro daquele carro. A beleza passa. Mas a dor continua, porque ela vira ensinamento. Continuamos sofrendo as mesmas coisas indefinidamente, com medo de arrumar novos sofrimentos. Mas eu não estou ali. Não estou no carro. Não estou realmente ali. Eu estou mais dentro do carro agora, enquanto escrevo, do que estava àquela hora. Meu corpo fazia peso sobre a poltrona, mas isso não significa nada. Meu corpo reagia e falava e se movia, mas era apenas uma sombra. Eu estava em outro lugar. Inatingível. Isolado. Intacto.

É como aqui, agora. Eu fico no meu quarto, mas não faço parte da casa. Eu fui socado pra dentro. As coisas da casa também não fazem parte de mim. Chego em casa e vou direto pro banho. Limpar a sujeira do ambiente pesado que peguei dentro do carro. A água é caridosa e verdadeiramente amiga. A água é sábia. O banho é bom. Desligo o chuveiro e percebo alguma coisa diferente quando pego a toalha. Ela está molhada, mas não fui eu quem a usou. Passei o dia fora. Lembro que meu irmão voltou pra casa. Agora, são duas toalhas penduradas. Vou ter que me acostumar a pegar a certa no final do banho. É mais ou menos só isso. Eu gosto muito

do meu irmão. E eu o admiro. Mas não faz muita diferença.

Talvez seja difícil para as pessoas entenderem esse tipo de coisa. As pessoas que não conseguem se fechar. As que não são naturalmente fechadas. As pessoas que, por alguma sorte incrível do destino, nunca foram chutadas pra dentro da própria cabeça. Pessoas que não estenderam os braços tantas vezes, como eu estendi, apenas para levar uma lambada. Por aí é tanta gente andando com chicote na mão... Acho que isso é meio insólito. Complicado de explicar. Mas é uma vontade tão grande de ficar trancado que acho que até algumas palavras num pedaço de papel podem passar um pouco do que é isso pra mim. Do que é esse sentimento de estar perdendo o contato com as coisas e pessoas. Do que é sentir dificuldades de estar com alguém, mesmo que seja meu irmão. Ele está a poucos metros de mim. O dia inteiro. Mas não faz muita diferença. Não enquanto existirem paredes e portas no quarto e dentro da minha cabeça. Por enquanto, é isso que outra pessoa dentro de casa representa pra mim: uma toalha a mais pendurada no boxe.

Outro dia. De volta ao carro. Achei que o capítulo já tinha acabado, mas eles precisam de mim. Eu não queria estar ali, como sempre. Mas é assim mesmo, "cair sete vezes, e se levantar oito".

Dimitri e Jaqueline estão se despedindo de mim. Estou na frente da minha casa. Eles vão embora e provavelmente vão se divertir às minhas custas outra vez. Já se alimentaram bastante da minha presença. De sentir que eu estou por perto, tangível, tornando as coisas erradas e perversas e, por isso

mesmo, mais interessantes. Gente esquisita.

Alguma coisa me atinge por dentro e a ameaça de mal-estar vai embora. Não sinto mais a decepção. Não sinto mais a camada de lodo que cobre o momento. Alguma coisa atravessou o lodo e se mantém mais alta que ele. Consigo sorrir. Sozinho. Sinceramente. Eles não percebem meu sorriso porque sorrio só para mim. Tenho que me despedir e digo: "Não precisamos nos despedir." Vou embora sem me explicar. Faço uso do meu direito de ser enigmático. Não precisamos nos despedir porque eu não estou indo embora. Eu continuo com eles.

Minha sombra vai com eles dentro do carro. Minha sombra guia movimentos e comentários. Faz com que eles acreditem que estão excitados. Ironia. Lembro do quanto conversei com Jaqueline sobre a morte. Ela, sempre cheia de dúvidas e conflitos adolescentes. Eu tentando dizer que tudo o que ela precisava era lembrar-se, sempre, de que iria morrer. Olhar o rosto no espelho e descobrir que é apenas carne cobrindo um crânio. Que não somos entidades divinas, mas animais de carne e osso e sangue e bosta. E vamos morrer. Se você pensa abertamente sobre isso, esse pensamento torna tudo mais bonito. Sei que parece improvável, mas é como adubo sobre o campo. Quando você percebe que nada faz sentido, e que não há motivos para estar aqui, pode apreciar a verdadeira beleza de suas experiências. Nossa vida não é uma necessidade, mas um bônus. E esse bônus não dura muito. A morte dá importância à vida. Daí pra procurar uma vida melhor é questão de abrir caminho.

Mas Jaqueline é muito jovem e não pensa na morte. Não seriamente, pelo menos. Pode falar e

refletir sobre isso, mas não consegue sentir, realmente, os dias passando. (Eu tenho vinte e três anos e sei que posso estar parecendo ridículo. Mas não estou falando em termos fisiológicos). Dimitri se acha importante e crucial demais para imaginar que é apenas um animal que morre, ou para aprender com o que acontece além de si mesmo. Nada de importante acontece no mundo além de sua influência, ou de sua presença. Ele é eterno. Fundamental. O mundo começou com ele.

Os dois ali, tão cheios de energia. Tão alegres. Tão repletos de prepotência. Achando que a noite é deles. Que estão por cima da carne seca. Que estão acima do próprio mundo, porque enganam uma pequena parte dele – eu. Não sabem que eu sou o próprio elo entre eles. Ou melhor, nem mesmo eu, que eles não conseguem ver. Apenas minha sombra. Tão insignificante pra mim, e tão poderosa sobre eles.

Saio do carro e abro o portão de casa me sentindo um gigante. Lembro da memorável frase que um amigo escreveu secretamente num caderno, e ficaria muito nervoso se descobrisse que Marcos a descobriu e ma confidenciou um dia: "Por onde eu passo, o asfalto derrete." Porque atrás de mim, dentro de um carro, para duas pessoas que se acham eternas, minha sombra exerce papel de senhor. Eles se movem pelo meu cheiro. São motivados pelo meu reflexo. É inevitável a sensação de poder.

O mais engraçado é que isso aconteça justamente comigo. Dimitri e Jaqueline não são pessoas realmente complexas. Não como eles acreditam, pelo menos. Eles estão no primeiro andar da mentira – onde vivem os cegos que pensam enxergar e os surdos que pensam ouvir. Mas ainda me parece feno-

menal que eles sejam motivados por mim. Eu não estou no ranking de competição deles. Não sou o tipo de coisa que eles admiram. Eu não estou em andar nenhum. Eu moro no subsolo, onde é escuro e agradável. Eu faço de tudo para não chamar atenção. E, de repente, aquilo...

Minha sombra e a vontade que ela incita sobre eles ofusca todo o resto. Não é a minha intenção, mas é incontrolável. Incapazes de ver um mundo real, com motivações reais, ou pelo menos saudáveis. Neles, minha sombra tem um papel fundamental: dar sentido à vida – mesmo que seja uma vida estúpida, recheada de comportamentos idiotas. Minha sombra é soberana. Neles, transforma em excitante um acontecimento que, na realidade, é tão banal quanto o acasalamento dos pássaros. Dá gosto de luxúria. Minha sombra alimenta a vida deles com sabor que eles não saberiam tirar de outro lugar. Não saberiam tirar, principalmente, um do outro. Algo apenas secundário de mim. Pra eles, tempero mais forte que a própria morte.

Sentando dentro do quarto. Trancafiado. Indiferente. Ficando louco, ou assim às vezes me parece. Escrevendo bobagens que já não me parecem mais ter ligação. Era isso que eu queria desde o começo, só não imaginei que fosse chegar tão longe. As coisas dentro da gente mudam muito mais rápido e drasticamente do que eu imaginava. É difícil criar um peixe solto no rio. De qualquer forma, estou tentando ser sincero. Olho por olho, dente por dente. Sem medo da morte, mas esperando ansiosamente pela oportunidade de conhecer pessoas que sejam algo além de carne e osso e pequenas baboseiras

aprendidas na televisão.

XX

Irioclides de Queiroz, o escritor, levou cinco anos para concluir sua primeira obra, intitulada A Frondosa Castanheira.

Foram cinco longos anos de criação, revisão e trabalho duro. Ele justificou a demora dizendo que queria escrever um livro sobre a liberdade, mas que ainda não compreendia o tema profundamente. Precisava de tempo para aprender e pesquisar.

De qualquer forma, sabe-se que Irioclides enviou o livro para Raimundo, seu editor, no mesmo dia em que terminou de escrevê-lo. Diz-se que um escritor libera seu manuscrito para se ver livre dele.

Uma semana depois, Raimundo convidou o prosélito para conversar sobre o livro. Encontraram-se no apartamento do editor – uma cobertura luxuosa no centro da cidade. Fazia frio. Eles se acomodaram perto da lareira, com uma garrafa de conhaque.

- É perfeito – disse Raimundo, enquanto devolvia o manuscrito para Irioclides. Tenho certeza de que vamos faturar muito com ele. Além disso, a publicação de um livro deste quilate pode te lançar diretamente na roda dos grandes escritores do nosso tempo.

Queiroz sorria enquanto se apoderava do maço de papéis. Olhou para o envelope durante alguns segundos. Levantou-se e deu alguns passos até a lareira. Atirou tudo dentro do fogo. Voltou para o sofá. Serviu um pouco de conhaque.

Raimundo não parecia perturbado. Não deu importância ao acontecimento. Estava acostumado com essa laia de artistas. Um cara capaz de criar

uma obra daquelas, logo na estreia, não poderia mesmo ser completamente normal. Resolveu continuar bebendo sem dar maiores atenções para o fato. Apenas para não ferir um possível exibicionismo, Raimundo disse:

- Muito engraçado, Queiroz...

É de fato engraçado que hoje, quando sua fama é tremenda, o público chame o escritor de "Irioclides", quando quer usar apenas um dos nomes. Naquela época, ninguém conseguia memorizar seu primeiro nome e todos o chamavam de Queiroz. Eu diria que os fãs preferem o nome mais complicado, por insinuar com ele que a obra que lhes agrada deve ser um pouco mais profunda e complicada... Mas eu divago. Voltemos à réplica do editor, ao ver seu prospecto atirando o próprio livro no fogo:

- Acho que nunca vou entender como alguém como você pode manter a preferência pela máquina de escrever, quando tem um computador em casa e sabe usá-lo. Eu admiro seu descomprometimento – atirando assim tantas horas de datilografia no fogo. Alguns escritores chegam a ter fetiches ridículos em relação ao manuscrito original. Mas sei que você tem cópias dele. Isso é óbvio. Mesmo assim, é incrível ver que você tenha se dado ao trabalho de datilografar dois originais apenas para atirar um deles ao fogo. Você pretende fazer disso um ritual?

Queiroz acendeu um cigarro e ficou em silêncio pelo que pareceu um longo tempo. Tragando e soltando nuvens espessas de fumaça. Finalmente, ele disse:

- Achei que fôssemos amigos. Nunca imaginaria que você me tem por outro dos seus clientes veadinhos... Porra... Que ritual que o quê, meu irmão?

Claro que não tenho outra cópia, caralho!

Raimundo ficou vermelho. Não sabia bem como reagir.

- Você está brincando?

Queiroz não estava brincando.

- Mas... mas... era um livro ÓTIMO! O que você quer? Escrever de novo?

- Não – repetiu Queiroz. Já terminei com aquele livro. Pra falar a verdade, só terminei mesmo com ele depois de atirá-lo ao fogo. Agora eu consegui, Raimundo. Os cinco anos não foram o bastante, mas agora sim. Agora eu entendi a liberdade. Agora sinto que ela realmente anda comigo.

- Co... Como assim? - foi a única coisa que Raimundo conseguiu falar, ainda em choque.

- Eu me senti livre, Raimundo. Eu me senti livre.

- Mas e o livro? - disse Raimundo, se levantando do sofá - E O LIVRO? VOCÊ NÃO PODE USAR A LIBERDADE COMO DESCULPA PRA SER UM PORCO EGOÍSTA! VOCÊ NÃO QUER QUE AS PESSOAS ENTENDAM O QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO SOBRE A LIBERDADE, SEU FILHO DE UMA PUTA? NÃO É PRA ISSO QUE VOCÊ QUER VIRAR ESCRITOR?

- Eu escrevo pra mim, Raimundo. Não pras pessoas. O livro, fisicamente, é apenas um registro de um processo interno. Desculpe-me a vulgaridade, mas, puta que pariu, somos amigos! Sei que fui eu quem te pediu pra se envolver com meus projetos literários. Eu sei! Você estava quieto no seu canto e vim te incomodar com meus sonhos! Mas minha opinião sincera é de que um livro, depois de pronto, não pode ser mais do que um punhado de bosta pra

qualquer escritor sério. Se as pessoas compram bosta, não me importo de vendê-la. Afinal de contas, para quem não passou pelo processo de escrevê-lo, ele realmente deve ter algum valor. Mas se EU preciso jogar a bosta fora pra terminar a digestão, prefiro minha saúde ao seu dinheiro, ou à sua admiração, ou à de qualquer outro.

- ...

- ...

- Então... ENTÃO POR QUE VOCÊ NÃO ESCREVEU O LIVRO ESCONDIDO DENTRO DE CASA E QUEIMOU ELE, PORRA? POR QUE TINHA QUE ME ENVIAR ESSA MERDA?

- Não seria a mesma coisa se eu tivesse feito tudo sozinho, Raimundo. Eu não escrevo por vaidade, mas precisava da sua opinião. Eu confio na sua opinião e precisava dela pra ter certeza. Pra dar uma significação maior ao meu gesto. Para me sentir verdadeiramente livre. Digamos que uma andorinha não faz verão. Eu precisava do verão.

Raimundo sentou outra vez no sofá. Despencou no sofá seria uma descrição mais aproximada. Não sabia mais o que dizer, ou fazer. Com a cabeça escondida entre as mãos, pôs-se a soluçar.

Queiroz continuou:

- Sei que você está preocupado com a perda monetária, Raimundo. Decepção é uma coisa triste quando a gente faz planos. Mas pense da seguinte forma: eu não morri. Posso escrever outros livros. Aquele livro era falso. Incompleto. Se você acha que eu escrevia bem sobre liberdade por causa daquele manuscrito, imagine o que eu posso fazer agora, depois de queimá-lo. Não pense que você perdeu a chance de publicar um bom livro. Pense que você

tem um escritor que realmente conseguiu compreender a liberdade. E que pode escrever sobre ela. Antes, eu era só um escritor. Hoje sou um grande escritor. E mais do que isso – sou um homem que sabe o que é ser livre. O professor é a agulha, e o discípulo é a linha. Ao invés de se despedaçar, Raimundo, você podia aprender isso comigo. Sou um homem livre.

Livre, e honesto! Irioclides de Queiroz e seu livro nunca publicado, A Frondosa Castanheira, permanecem como uma lição valiosa para todos nós, e como evidência que ainda existe algum tipo de literatura honesta acontecendo dentro dos quartos. Mesmo através de caminhos tão estranhos.

ps.- eu inventei isso tudo

XXI

Começar dizendo que Jivaka Komarbhacca foi um cara legal. A ele devemos a massagem tailandesa. Falam sobre o cara nos documentos religiosos budistas – ele era um figurão, nas antigas... Foi o médico pessoal do Buda. Um cara muito onda boa.

Imaginem vocês: milhares de anos atrás... milhares de quilômetros de distância... alguns monges tentam desenvolver uma nova técnica de massagem. O processo é lento. Trabalhoso... Através de tentativas de alongamento adequado dos músculos e articulações, eles avançam. Usam as mãos, pernas, bunda, cotovelos, paciência, erros, acertos, alegrias, relaxamentos e frustrações. Deslocamentos. Um novo método se estabelece. Um padrão convencionado. Um novo nó no novelo da informação. Cria-se o que viria a ser conhecido como a massagem tailandesa.

Esse conhecimento ainda sem nome definitivo é então passado de um monge para o outro. De uma pessoa para a outra. Ele não é entregue, como um pacote. O conhecimento é passado, como um vírus. E ele se espalha por símbolos. Infecta papéis. E estes papéis vão infectar outras pessoas, que vão infectar ainda outros de nós e ainda outros papéis e pedras e placas de ferro e linhas telefônicas e fitas magnéticas... Tudo mais que pudemos impregnar com linguagem. O nó se espalha pelo mundo. Através do tempo.

Tenho lido sobre massagens porque Ana gosta delas. Eu não tenho quaisquer pretensões profissionais, ou terapêuticas. Deitada de costas no chão,

com os pés no meu colo, ela me pediu uma massagem e fui obrigado a inventar um método instantâneo. Por sorte, já vinha mesmo desenvolvendo aquela comunicação física da qual falei em algum capítulo prévio – com Ana era mais gostoso porque sua pele estava atenta e aparentemente ela ouvia um pouco do que eu tentava dizer com as mãos.

Ana entende e me agradece com o consentimento de não fazer nada enquanto, suavemente, minha mão direita abandona a pressão que fazia em seus pés, para se transformar num toque de ventania suave que sobe pela perna e entra sorrateiramente dentro de sua saia. Parafraseando a história da massagem tailandesa – que nasceu na Índia – minha massagem começara pelos pés, enquanto almejava tornar-se conhecida mais tarde pelas suas interações com outras partes do corpo...

Toco o que quero, delicadamente. Apenas provando e confirmando a eficiência do meu método. Sim, ela já estava molhada. Confirmei que minhas mãos comunicavam a mensagem correta e que Ana a recebia. Do computador, sai um pouco de música. Adoro calcinhas de algodão. Um momento mágico de prazer físico e imediato, emancipado e compartilhado por duas pessoas ao mesmo tempo. Dá pra entender porque alguns massagistas rezam para o Dr. Jivaka antes e depois de praticarem sua arte.

Ana se mexe um pouco e solta um gemido baixinho. É mais uma vibração do corpo do que realmente um som articulado. Está completamente relaxada. Mas as letrinhas caem arrebentando do céu, ou sobem flamejantes do inferno (eu nem saberia dizer) e seu ventre se contrai hesitante. A pele de

Ana avisa às minhas mãos – bem antes que seus músculos o façam – que ela precisa tirar minha mão dali. Não somos namorados e sequer estamos ficando. Até alguns segundos atrás, ela diria que somos amigos. E nem muito lá amiga ela era. Nos conhecemos numa festa há aproximadamente um mês e temos conversado pela Internet. É a primeira vez que ela vem à minha casa. Era pra ser só uma massagem bem comportada. Considero que Ana deve estar confusa e não dou tempo para que ela me recuse por medo. Tiro a mão por conta própria e continuo a massagem nos pés. Passo a incluir as panturrilhas, logo em seguida, pra enriquecer o diálogo. Que ela julgue, antes de reclamar, se o carinho era adequado ou não. Se ela gostaria que voltássemos a ele ou não. A música continua tocando, aconchegante. Um pássaro canta lá fora; invisível e misterioso, mas próximo.

Agora sua pele já responde de outra forma aos meus toques. A energia sexual implícita e soterrada desde nossa conversa na festa veio à tona e arrepia a pelugem de suas pernas enquanto passeio por elas. Eu não sou um amiguinho. Não sou tigrão, nem garanhão puro sangue pocotó, nem sou DOGÃO – mas eu também não sou um amiguinho. Eu sou o cara dizendo não se assuste, pessoa, se eu lhe disser que a vida é boa. Eu sou o amor da cabeça aos pés. Não o Amor que experimentei com Linda – mas um amor mais genérico e difuso. Eu sou o prazer bem intencionado e concentrado e limpo. Eu sou o gozo sustentável – sou todo orgânico safado. Sou o êxtase sem sacrifício. Da cabeça aos pés.

Eu digo "Vem pra cama..." e ofereço a mão para ajudá-la a se levantar.

Ana vem desconfiada. Seguindo minha instrução silenciosa e formalmente desinteressada, ela deita com a barriga no colchão, olhando de olho-junto por cima do ombro. Preparada pra se defender de qualquer "gracinha" que não seja precedida por explicações, negociações e contratos verbais que ela imagina ser o meu estilo. O pássaro canta novamente e sei que Ana não o ouviu cantar. Ela pensava algo como "Tudo bem, foi gostoso pra nós dois mas é tudo que vai rolar assim, sem combinar. Não sou uma vagabunda e blá blá blá blá blá blá blá Tudo bem, foi gostoso pra nós dois mas é tudo que vai rolar sem que a gente antes tenha pelo menos se beijado porque não sou uma vagabunda e nem te conheço direito e blá blá blá blá blá blá blá Tudo bem, foi gostoso pra nós dois mais é só isso que vai..." Um looping. Ana, se você estiver lendo isto hoje, eu não sou dee jay. Eu ouvia o pássaro cantando e estava livre de loopings e palavras; esparramado como uma folha descendo a correnteza do agora. Estava imerso na maravilha do agora, naquele momento, e pra mim foi lindo.

Era melhor convidá-la ao meu mundo do que tentar acompanhá-la sob a ditadura das letrinhas. Ignorando a postura defensiva de Ana, passei uma perna por cima de sua cintura, na maior naturalidade. Eu não calculava. Com os joelhos no colchão, à sua volta, sentei sobre suas costas. Ela ficou ainda mais contraída por um instante – e não sabia bem o que fazer com os braços. Ela parecia tentar defender-se com eles por um segundo, mas relaxou quando percebeu que eu me preparava para o que hoje posso nomear como um deslizamento miofascial.

Não acho que Ana saiba ou soubesse o que é um deslizamento miofascial, pelo nome, mas ela reconheceu o tipo de massagem. Sei que parece esquisito, mas é o nome daquela técnica que todo mundo conhece. Aquela que a gente vê nos filmes. Neguinho apertando e esfregando os músculos. Normalmente naquela área perto do pescoço, onde uma mulher provocante esfrega um homem gigantesco enquanto diz "Nossa, como você está tenso..." O nome complicado é útil – e pra mim interessante – porque remete à fáscia, um tecido conjuntivo que envolve os músculos do corpo.

Essa massagem específica a gente deve a um tal de John Barnes. Ele descobriu que através de um toque com pressão leve ou moderada nos locais de restrição muscular, a gente aumenta a circulação sanguínea na região. Isso alonga a fáscia e, por consequência, o músculo. Uma coisa interessante sobre essa técnica é que a fáscia tem a propriedade de guardar memória da posição muscular. É sério. Durante essa massagem, as pessoas podem, de repente, se lembrar de episódios ou fatos que ocorreram no passado com aquele músculo, ou naquela região do corpo. Ótimas implicações sexuais.

Abandonei seus ombros e fui seguindo suavemente pelos braços com minhas mãos, até que entrelaçamos dedos e lhe dei um beijo na nuca. Permaneci debruçado por alguns segundos, sentindo o cheiro inebriando da base de seus cabelos. Então voltei à massagem, que perdia muito de sua formalidade.

Descia por suas costas. Enfiei a ponta dos dedos sob a beirada de sua blusa coladinha. Com um movimento lento e firme, acariciando sua pele nua no

caminho, tirei sua blusa. Ela não protestou.

Ali, sentado sobre suas costas, eu estava numa posição conveniente demais em relação ao sutiã. Não dava pra desperdiçar e avancei, talvez um tanto apressado.

Ana tinha peitos lindos e eu estava louco para vê-los. Mas depois de se levantar um pouquinho para permitir que o sutiã saísse, ela não deu sinais de que pretendia virar-se de frente pra mim. Paciência... Mesmo que o espírito esteja calmo, não deixo o corpo relaxar – mas quando o corpo está relaxado, não amoleço o espírito. O importante é manter a calma e a naturalidade em toda situação da vida. Costas nuas de uma mulher bonita é uma coisa linda, na qual podemos mergulhar. A morte certamente virá em momento inconveniente, interrompendo uma série interminável de pequenas pretensões. Eu vivo preparado. Sem expectativas tirânicas. Mais um pouco de massagem.

Então eu cansei, honestamente. Cansei da massagem. Comuniquei o acontecido a Ana, de forma carinhosa, e dei mais um beijo em sua nuca. Sentei na beirada da cama pra conversar e fumar um cigarro. Ela tampou os seios com as mãos e virou de frente pra mim. Olhando com uma cara romântica. Queria um beijo na boca, pra poder fazer tudo sem remorso. Remorso ou seja lá o que for que nos impede de entrar na putaria sem antes ter beijado na boca. Repito: é imperialista demais essa coisa do mito de beijo na boca...

Apaguei o cigarro e peguei uma bala na gaveta. Enquanto beijávamos, comecei por tirar uma das mãos de Ana de cima do seu peito e colocá-la em

cima do meu pau. O riso dela, juntamente com a tentativa de retirar sua mão do lugar onde eu tentava colocá-la, impediu que continuássemos beijando. Eu disse:

- O quê? Sua mão fica muito melhor ali.

Insisti em silêncio e ela consentiu, rindo. Como imaginei que um espírito tão acanhado pudesse sentir vergonha do peito descoberto, assim tão desprotegido, o cobri com minha própria mão.

Ela beijava bem. Nem faz sentido dizer isso. Eu sempre acho que as mulheres beijam bem. Não entendo como se pode reclamar de um beijo, quando cinquenta por cento dele é nossa responsabilidade. Se eu sinto falta de qualquer coisa, eu peço. Eu faço. Eu ensino. Tudo pode ser aprimorado. Por certas coisas vale a pena ter trabalho. Levantei sua saia e tirei a calcinha enquanto chupava os peitos. Eu já tinha encostado naquela calcinha, mas ainda não tivera oportunidade de vê-la. Era linda. Azul-claro, como num céu bonito.

Eu estava no meio do que parecia uma grande chupada quando ela trancou as pernas de repente e se sentou na cama. Recolocou apressadamente a camisa e a calcinha. Eu observei sem dizer nada. Ela se deitou ao meu lado. Está indo muito rápido, isso e aquilo... Deixava eu passar a mão, mas não deixava tirar nada. Não acho certo forçar uma mulher.

Talvez ela esperasse que eu forçasse um pouco. Mas eu não forcei. Eu nunca forço nada. Se é a vontade dela, eu vou respeitar isso. Só quero ir pra cama com mulheres que querem ir pra cama comigo. Tem mulher por aí achando que não me dar vai torná-las especiais... Eu penso justamente o contrário. Por

incrível que pareça, a maioria absoluta das mulheres no planeta não quer me dar! Acho normal – mesmo um clichê – e na verdade me decepciona um pouco...

De uma forma ou de outra, um amasso com Ana ainda era melhor que ficar sozinho no quarto, tentando passar o tempo com livros, violão ou computador. Sentir e proporcionar prazer me parece uma atividade nobre. E Ana, além de ser uma gracinha, também era uma mina muito animada, que não deixava meu astral cair num espiral descendente para o lado negro da força.

Então a noite vinha profunda e ela disse que precisava ir embora. No caminho, conversamos bobagens. "Gostou da massagem?", perguntei enquanto estacionava o carro. Ela me beijou. Rindo.

- Você me liga no sábado, pra gente fazer alguma coisa?

- Claro que ligo, gata. A minha vontade era de nem te deixar ir embora agora. Já estou ficando com saudade.

E aproveitei pra dar ainda mais um beijo longo. Enquanto ela esperava que o porteiro abrisse a porta principal do prédio, meu telefone apitou. "Mensagem recebida". Apertei uns botõezinhos e li que Clarisse me convidava para tomar uma cerveja. Engraçado que eu não comia ninguém, antes de namorar Linda. Acho que algo do amor ficou grudado em mim, depois da amputação. Isso deve ser sexy, vá saber... É melhor começar a tomar cuidado pra não ficar igual a todos os debiloides que conheço.

Mulheres nunca se interessaram por mim, ou fui eu que nunca paguei pra ver? O certo é que estou tendo problemas para definir o limite entre liberda-

de e libertinagem – um limite que eu não pretendo ultrapassar. Aquela velha história de "Dê-me castidade, Senhor! Dê-me castidade, mas agora não!"

XXII

Apesar de tudo, acordei mal humorado. Mesmo assim, antes de sair da cama, bati uma punheta. Geralmente acordo e vou dormir com uma punheta.

Quando terminei, saí da cama e fui andando pelado pro banheiro. Sabia que não tinha mais ninguém em casa e precisava dar aquela mijada matinal. Antes de chegar à privada, parei um pouco – de frente pro espelho. Mais frustração fria sonolenta observando meu corpo decadente. Todas aquelas pelancas que eu vivo prometendo eliminar ou enrijecer. A falta de Linda me secou por uns tempos. Agora tem me engordado. A verdade é que eu, no fundo, não me importo. Barriga. Pelancas. Foda-se. Ainda não consigo ver importância nessas coisas. Só faço o esforço razoável para não ficar deformado e inviável. Enquanto eu estiver pegável, tudo bem.

Uma parte adolescente de mim evitaria dizer a próxima frase em voz alta, mas é inegável: estou me refinando. Talvez chegue um dia em que essa gordura me pareça realmente ignóbil, ou inimiga, mas por enquanto não vejo muito além de um corpo que morre quando olho pro espelho.

Então algo no cristal, para o qual eu geralmente não dava importância, capturou minha atenção – era o meu pinto.

É difícil de explicar... ele estava bonito. Estava mole, mas ainda meio inchado da punheta. Estava num tamanho proporcional, sei lá. Uma bela piroca, dilatada com veias e certos detalhes.

Segurei o pau com a mão e fiquei virando de um lado pro outro. Joguei pra cima e deixei cair

algumas vezes. Apertei um pouco na base e a cabeça inchou. Grande. Vermelha. Ainda brilhando por causa do resto de porra. De tanto mexer, ele foi se animando e perdeu o encanto. Duro, atento e evidente, como sempre fica quando está animado.

Meu pau estava duro, mas eu já tinha tomado embalo. Parei de segurar com a mão e fiz vários movimentos com a cintura, para ver como ele reagia. Tentei decidir qual seu melhor perfil... Então finalmente parei com a coisa no espelho, por causa da vontade de mijar. Dei dois passos até a privada. E agora?

Mulheres vivem fazendo-se de vítimas. Reclamando que não podem urinar de pé. Sonham com o PODER de mijar o próprio nome numa árvore! Num muro... Algumas exaltadas dizem, inclusive, que esse privilégio valeria pela vantagem dos orgasmos múltiplos...

Eu, com absoluta certeza (e eu, com isso, quero dizer CERTEZA ABSOLUTA), trocaria o PODER de mijar em pé pelos INJUSTIÇADOS orgasmos múltiplos.

De qualquer forma, é uma proposta retórica. Continuo com minha piroca, faço questão dela e preciso fazer xixi com ela.

O fato importante aqui é que um grande número de mulheres se diz biologicamente prejudicada na hora de mijar. Afirmam que um pinto mija muito melhor que uma boceta, coisa e tal. Mas parece que nenhuma dessas mulheres chegou a pensar seriamente nas complicações que a operação oferece.

Existe o jato duplo, o pingo na cueca, a súbita e inesperada mudança catastrófica de rota e vários outros inconvenientes e transtornos que elas não consideram. Uma situação sempre trabalhosa, por exemplo, é o Caso Pino Duro.

Aquela devia ser a melhor mijada do dia. A primeira. Intensa e revigorante. Louca pra explodir da bexiga. Cair na privada em jato forte – daqueles que partem tocos de merda ao meio! Mas com o caralho em riste, como fazer? Meu pinto apontava pralgum lugar na parede. Se eu tentava forçá-lo a mirar dentro da privada, saiam apenas umas gotinhas espremidas. A bexiga doendo. Empurrando como imagino que um asmático empurre tentando soltar o ar.

Acabei sentado na privada. Bem no cantinho, espremido na parede. Forcei o pinto pra baixo e consegui um mínimo de vasão. Jatos pequenos, fortes e incômodos. Como pequenas detonações. E eu tinha que ficar forçando aquilo. Foi uma mijada trabalhosa. Um tipo de trabalho que você não vai ter com uma boceta, então, mulheres, parem de reclamar. Mereço cada mijada em árvore que dei até hoje. Cada muro onde pintuscrevi meu nome.

Poder é responsabilidade; todo homem sabe disso, mas mulheres não costumam ler histórias em quadrinhos. Gibis podem ser idiotas, mas você não vai pensar em relatividade ética enquanto troca a roupa da sua Barbie. Vocês não sabem o que é um pau duro nas festas, no ônibus, na sala de aula e, principalmente, não sabem o que é um pau duro na hora de mijar. Não sabem o que é um pau duro quando vocês sorriem, dão as costas e vão embora. Vocês só pensam tragicamente no fenômeno |pau duro|

quando seu parceiro broxa.

Voltei para o quarto. Meus pais tinham viajado e era legal andar pelado pela casa. Na cama, Clarisse ainda dormia. Ela tinha um puta sono pesado. Não retribuiu meus carinhos mais cedo, sequer se incomodou enquanto eu batia aquela punheta.

O mau-humor tinha me abandonado e desejei por um segundo que meu pau ainda estivesse bonito, como no banheiro. Queria que ela acordasse olhando pra ele. Mas lembrei que, pra uma mulher, um pinto duro deve ser a definição correta de pinto bonito.

Escorreguei pra dentro do cobertor e deitei de lado, por atrás de Clarisse. Ela também estava pelada. Coloquei a mão sobre sua cintura e me colei. Desta vez ela se mexeu. Passava a bunda em mim, movendo a cintura como uma serpente. Fazia barulhos criaturinhas, como se estivesse sonhando.

Forcei meu pau duro e ainda escorregadio pra dentro da bunda dela. Quando entrou um pedaço, ela bruscamente tirou a bunda de mim e deitou de barriga pra cima.

"É você?" – ela disse.

Depois, sentou na beirada da cama e pegou um cigarro no criado mudo. Nem parecia que acabava de acordar. Fumava com vontade e falava vigorosamente. "Acabei esquecendo que tinha dormido aqui. Você nem vai acreditar. Eu estava tendo um sonho com Jesus Cristo. A gente andava no deserto e conversava. Foi uma experiência reveladora. Eu sentia a presença de uma solenidade fortíssima em tudo que acontecia. Então, senti que Jesus segurava no meu ombro. Depois, ele meteu na minha bunda.

Fiquei assustadíssima. Jesus ali, comendo meu cu!... Olhando pros meus peitos com a maior cara de tarado... Aí acordei e percebi que era você. Desculpe, mas acho que o susto ainda não passou. Tira esse pinto aí da minha cintura. Não estou *in the mood* pra isso."

Fiquei ali com cara de idiota, sem saber pra que lado virar. O pinto duro como um pacote grande que você não sabe onde colocar. Pensando: "Jesus Cristo... seu grandessíssimo empaca-foda."

É provável que o leitor aguarde informações sobre Clarisse. Algo sobre a trajetória que a levou até ali e qualquer comentário a respeito de seu gosto por superlativos e expressões anglo-saxônicas. Mas não há nada de realmente interessante em Clarisse e não sinto vontade de inventar. Quando a vi pelas primeiras vezes, ela era a coisa mais desejável. Mas admito desapontado que ainda amo Linda – sou um capacho. Sou uma pessoa horrível. Depois de comer Clarisse algumas vezes tenho a visto como um trapo usado. A porra jorra na sua bunda, na sua boca, ou na sua barriga e fica um vazio que ela não pode preencher. Ela também não parece muito interessada em preencher vazio nenhum além daquele fogo místico que tem no cu, então não falemos mais dela. Como profundidades dignas de nota, digo apenas que não falava inglês fluente. Decorou algumas frases que usa como gíria.

Quando eu já tinha me conformado e descansava ociosamente, é claro que ela começou a passar a bunda em mim. Tem que ser do contra! Mas eu sou fácil, então resumindo: ela ficou de quatro e coloquei no rabo dela. A primeira mulher que co-

nheci capaz de orgasmos anais. Não apenas prazer, mas orgasmos. Satisfeita, ela voltou a dormir.

Limpei o pau na pia e desci pelado até a cozinha. Parte por preguiça, parte por romantismo, almocei uma garrafa de sidra. Fiquei do lado da varanda em que nenhum vizinho poderia me ver. Sentado pelado no chão frio. Observando o céu.

De volta ao quarto, com vontade de fumar, percebi que Clarisse acabava de apagar meu último cigarro. Felizmente, meu cinzeiro estava cheio. Fui despejando o conteúdo das bitucas num papel de rifa. Enrolei e fumei. Clarisse achou isso esquisito, mas também aceitou um cigarro de restos depois que tomou café, antes de sairmos pra comprar mais. Eu fumei todas as guimbas daquele cinzeiro. Faço isso de vez em quando. A culpa não é minha, são os cigarros que vivem acabando.

Já disseram que se eu insistir nas coisas que faço, não vou chegar aos quarenta. Talvez seja um jeito romântico de partir. Viver cinquenta anos sem fazer o que se tem vontade me parece uma coisa frustrante. Deve ser por isso que muitos velhos são rabugentos.

Passei anos tentando entender a Mona Lisa. Todo mundo baba o ovo daquele quadro. Eu olhava praquela guria sorrindo e pensava algo do tipo "Grandes bosta!". Mesmo assim, acabei julgando que seria melhor adotar uma postura humilde e tentar descobrir por que as pessoas admiravam tanto aquele quadro sem graça. Então aprendi sobre a história da arte e tudo fez sentido. Humildade é necessária, se a gente quer avançar. Mas nunca diria que o quadro é uma maravilha só pra concordar com

as pessoas. Posso abaixar a cabeça, mas não vou ficar de quatro.

Não vou pintar meus olhos e meu corpo com propaganda. O que eu procuro é justamente o contrário. Raspar a tinta com que me pintaram os sentidos. Mas é difícil. Ainda não estou limpo, e admito isso até com certa dose de alegria. De aceitação. Sim, eu sou fraco.

Preciso de garrafas, e cigarros. Preciso de milhares de pequenas coisas idiotas, porque não sou perfeito. Eu tenho consciência disso. Não finjo que a lagoa de merda é lama medicinal.

Clarisse é uma delícia, mas não pretendo mais vê-la.

Eu passo a maior parte do dia trancado no quarto. Minha mãe acabou de bater na porta. Disse que está passando um filme na televisão. Que é um filme de comédia. Explicou mais ou menos e parece uma coisa idiota. Nada que me interesse, e ela sabe disso. O que ela realmente está dizendo é algo como: "Eu estou sozinha, queria que você ficasse aqui comigo um tempo, pra fazer companhia."

Eu realmente não estou com vontade de ver tv. Queria continuar escrevendo, mas, porra, ela é minha mãe. Merece esse tipo de dedicação.

Clarisse não merece mais parágrafos. Você também não merece, de mim, mais do que devo à minha mãe. Então pedi pra ela esperar e estou escrevendo mais um pouco. Enquanto dura o cigarro aceso aqui do lado. Assim que ele acabar, vou deixar meu computador e meus livros e meus pensamentos egoístas e essa música linda e aconchegante que está tocando agora. Vou ficar um tempo olhando pra tv e me sentindo um cara bonzinho. (Na verdade, o

que eu sinto não importa. Espero que minha mãe se sinta melhor com minha presença. Este tem que ser o espírito).

O cigarro acabou.

Fui.

XXIII

Porra, eu sei que isso é ainda mais um clichê, e que já passei da hora de abrir mão deles, mas acho que nunca conseguirei entender as mulheres. Ana, que é de quem estamos falando, é particularmente indecifrável. O que ela quer de mim? O que quer que eu diga (se é algo que possa ser dito), ou o que quer que eu faça (se é algo que deve ser feito)? Como sempre, não sei o que fazer. Num contraste claro com Clarisse, Ana sabe inglês. Tenho vontade de apresentá-la ao Van Morrison: "Baby, I can only give you everything."

Agora estamos juntos. Não estamos namorando, mas de certa forma estamos juntos. E somos boa companhia um para o outro. Eu percebo que ela gosta. Mas ela está sempre esperando *alguma coisa a mais*... Sempre achando que eu ainda não terminei. Não estou falando de metelança. Essa parte vai muito bem. Estou falando do relacionamento inteiro, se é que podemos chamar de relacionamento. Eu acho que sim. É como contar uma piada, entende? A gente termina a piada com a punch-line, mas a garota fica te olhando em silêncio. Esperando. Incapaz de abandonar a expectativa e efetivamente chegar em algum lugar. A cabeça meio de lado. Ela não diz nada, mas você sabe que a pergunta é: "e então?..." Se você for esperto, vai inventar mais coisas pra piada. Vai transformá-la em outra. E o interesse cresce de novo. Então você, miraculosamente, consegue inventar um novo desfecho criativo. E é com gozo que você apresenta sua pirueta. A expectativa agora é sua. Ela deveria rir. Mas a garota,

novamente, faz cara de “e então?...”

Respirar fundo. Passar a mão no rosto. Começar mais uma.

“Então, o argentino saiu de dentro da piscina e disse: ‘Agora que eu me refresquei, vou tomar uma sauna...’” E a piada não acaba nunca.

Porra, puta que pariu, PESTE NEGRA DO CARALHO A QUATRO! Eu já nem sei mais sobre o que estou falando! Que raio de veneno essa mulher endiabrada derrama nos meus pensamentos?

Ela topa qualquer coisa que você sugerir. Está sempre disposta a tomar mais um copo. A dar mais uma. Procurar outro bar que não esteja fechando. Ela é como um poço sem fundo, e nunca está satisfeita. Quando não aguenta mais beber, quer meter. Quando não aguento mais meter, quer sair. Quando cansa de andar, quer conversar. Quando acaba o assunto, ela quer outra coisa qualquer. Quando não pensa em nada que poderia querer, ela fica triste. Isso me esgota. Só posso dar tudo. Não posso dar mais do que eu tenho. Nem posso beber água pra matar a sede dela.

O tipo de desfecho que ela espera, aparentemente, eu não posso dar. Não sou um personagem de cinema. Não sou um galã imaginário. Sou um cara normal. Principalmente um cara que está ao lado dela e que a conhece bem, enquanto tem contatos frequentes e de verdade com ela. Minha boca não é uma fantasia – ela tem saliva dentro. Porra, a dela também tem. Meus olhos não estão sempre brilhando de alegria ou de tristeza, como numa fotografia, ou numa lembrança. Nem sei do que estou

falando de novo.

Ela quer um Ken? Ela quer ser a Barbie, CARALHO? Eu quero uma mulher que mije e cague e peide de vez em quando, ou arrote, ou sei lá, que seja uma mulher de verdade, e que também me dê atenção e goste de mim e me faça sentir bem. O que eu quero é uma mulher palpável que me dê ternura, e que me dê tesão e que me dê coisas boas que mulheres podem me dar. Não precisa ser o tempo todo. Eu consigo ficar quieto na cama lendo um livro. Consigo ficar longe dela uma semana, ocupado com outras coisas. Mas parece que Ana precisa sempre estar FAZENDO ALGUMA COISA ROMANESCA. Estou de barriga cheia, sem tempo pra digestão. Ela me quer na mesa e acho que ninguém no mundo está pronto pra saciar aquela fome.

Ou talvez seja um problema meu. Ficar desdobrando tudo. Reclamando de pequenas bolhas que ainda saem do tapete. A maioria absoluta dos homens que conheço ficaria plenamente satisfeita com um juízo do tipo |estou comendo| X |não estou comendo|. Ou pelo menos eles DIZEM isso. Talvez sentissem a mesma coisa e resumissem a alma deste capítulo através da vulgar e insuficiente justificativa "Figurinha repetida não completa baralho", ou com quaisquer outros dois dos quarenta bloquinhos coloridos que possuem na cabeça.

Mais uma irritante Madame Bovary. Outro pássaro kantiano que fende o ar leve, pensando que voaria melhor no vazio. Uma criança confortavelmente alojada na cama, olhando pra Lua e pensando em morar lá. Voltemos a falar sobre aquela viagem.

Ir até a Lua, pra mim, foi o marco de uma das maiores idiotices da Humanidade. Triste tendência de confundir o cu com as calças.

Para evitar uma confusão-cu-com-as-calças derivada potencial, é necessário explicar a indiferença que este texto sente em relação aos projetos bélicos, tecnológicos e marqueteiros que justificavam a empreitada no ambiente governamental. Este texto se concentra sobre o sentimento popular que possibilitou e incentivou a iniciativa governamental.

Em outras palavras, não me importa qual proporção de estratégia militar, ambição tecnológica e ideologia publicitária de fato participou do projeto. Porra, não me importa nem se aquelas imagens foram feitas em estúdio. O que interessa, aqui, é que o homem tem vontade de ir à Lua – de dominá-la – e que com base nesse sentimento o governo norte-americano tenha despendido esforços faraônicos, num projeto megalomaníaco, para alimentar um interesse político qualquer.

A Lua é linda, mas isso não quer dizer que precisamos ir até lá e PISAR LÁ EM CIMA. Porra, todo mundo já sabia que não tinha nada de importante lá. Politicamente, acho que foi um lance infantil. Tipo de crianças brigando. Marquinhos pega um pedaço de pau, Diogo pega um cabo de vassoura. Marquinhos joga o pau fora e pega uma cadeira, Diogo abraça um carro e faz cara ameaçadora. Diogo segura a pilastra de um prédio e, apesar das ameaças já terem perdido o sentindo prático, a luta continua...

É um daqueles desejos pervertidos que todo mundo tem. Como comer um hambúrguer de vinte quilos. Nenhuma pessoa com bom-senso leva essas

coisas a sério.

A Lua é linda porque ela brilha de longe. Quer se extasiar com a lua? Olhe muito tempo pra ela. Olhe pra ela até enxergar dragões, prédios e Jesus Cristo na sua superfície. Mas estar lá não vai ajudar em nada.

Imagine você lá em cima, com roupas esquisitas, olhando pra areia. TODA AQUELA AREIA, PORRA. Do seu lado, um foguete e uma cápsula de sobrevivência, ou alguma coisa assim (carregado com milhares de coisas desnecessárias pra sua vida, mas sem as quais você não poderia ter chegado ou sobreviver na Lua).

E é tudo cinza e chato na Lua. Aquele TANTO DE AREIA. Então você vê a Terra. Seu velho planeta. Está ali na sua frente. Você olha pra ele. Aquele globo tão azul e tão verde e TÃO LINDO! Seu único consolo é saber que alguns idiotas desavisados aqui embaixo terão inveja de você. Mas isso não é substancial, e não dura muito tempo. Então você quer voltar pra Terra. Mas quando chega aqui, você já não se sente mais tão especial. Além do mais, de longe a Lua parece tão linda!... É um tipo de pegadinha. Ignorância. Uma confusão. A Mona Lisa não foi feita pra comer. É uma grande obra de arte, mas não deve ter um gosto bom. Um porco assado não fica bem com um vestido, atravessando um desfile de moda. Cada coisa deve ser aproveitada de maneira adequada.

Já parou pra pensar por que a Lua é tão admirada por casais? Por que ela é um dos símbolos dos apaixonados? Pra mim, ela representa perfeitamente este tipo bobo de culto que todo mundo pensa ser o Amor. O hambúrguer de vinte quilos. As pessoas

não entenderam bem do que os verdadeiros enamorados estavam falando. Elas não entendem que tudo que elas precisam já está ali. Um homem, uma mulher, e algo entre eles. Mas os gulosos sempre esperam por um passo além. Imaginam que precisam "chegar lá". A felicidade está um passo além. Gente que não consegue olhar pra baixo. Olhar pros próprios pés. Olhos sempre no gramado do vizinho. Amor-de-lua. Ana caiu nessa.

Eu cansei. Acho que Ana ficou com raiva ontem, porque eu não quis sair com ela. Ficou com raiva, mas não acho que ficou triste. A diferença é notável e espero que você perceba. Foda-se. Não tenho a pretensão de que todas as mulheres com quem saio pensem em mim pra vida inteira. Não preciso nem que elas pensem em me ligar no dia seguinte. Mas preciso que elas se sintam satisfeitas comigo enquanto estamos juntos. Pelo menos enquanto estamos juntos. A insatisfação de Ana estava me contagiando. Isso é perigoso pra mim. Não faz sentido comer alguém que fica esperando o "próximo estágio". Isso é como masturbação, não é? De masturbação pra sexo, existe um próximo estágio. Comer Ana é como masturbação a dois. Dentro de uma certa lógica, eu sou um cara tímido. Prefiro bater punheta sozinho.

XXIV

Cortinas.

É claro que alcancei o ponto exatamente quando o ônibus partia. A impiedosa Lei de Murphy, aplicada aos horários rodoviários. Pelo menos agora eu podia acender um cigarro sem receios de desperdício. Era quase meia-noite, e nesse horário os ônibus demoram por aqui.

Em alguns minutos havia mais gente esperando comigo no ponto. Pouca gente. Uma loira chamou minha atenção. Eu tinha apenas minha visão periférica pra dizer como ela era, mas nós (os fesceninos) não precisamos de mais do que isso pra reconhecer uma mulher interessante. Ela parecia ter uns dezoito anos; segurava cadernos contra o peito. Devia estar saindo da aula, provavelmente a caminho de casa.

Pensei em puxar conversa. Ela era uma gracinha. Por que não? Mas eu simplesmente não conseguia pensar em nada pra dizer. Acho que tive medo. Então olhei pro céu. Eu sempre faço isso quando tenho dúvidas comportamentais. Eu olho para o céu. Tentei me ver lá de cima. Quer dizer, somos como bactérias na crosta da Terra. Insignificantes. Acho que já repeti isso algumas vezes por aí. Neste exato momento, existem mais de seis bilhões de pessoas por aí. Insignificantes. Qual a diferença se uma dessas pessoas conversa ou não com outra num ponto de ônibus? INSIGNIFICANTE! Então eu relaxo e confio no que vier naturalmente.

Agora, eu não enxergava mais problema algum em puxar conversa com ela. Eu poderia dizer algo

espontaneamente, mas também já não via motivo especial pra iniciar um papo! Afinal, porra, que diferença poderia fazer? Essa coisa de olhar pro céu está passando dos limites. Minha indiferença está passando dos limites.

O engraçado foi justamente isso. Eu estava pensando nela. Tinha me conformado com a morte da nossa conversa imaginada. Tinha perdido o interesse. MAS EU AINDA ESTAVA PENSANDO NA GAROTA, NÃO É?

Não. Se eu fosse rastrear o passado em busca do meu pensamento naquele momento, diria que estava pensando na garota – mas seria uma resposta falsa. Na verdade, eu pensava em coisas abstratas demais para pretender argumentar que estava pensando naquela mulher ali perto. Rigorosamente, eu estava distraído.

Descobri essa verdade quando ela me perguntou:

"Ainda tem ônibus passando?"

Eu respondi no reflexo:

"Tem."

Mas falei de um jeito idiota. Arrastado. "Teeemm." Você, com certeza, já passou por isso. Sair de um devaneio com a obrigação de responder alguém. Com aquela sensação de que você falou desafinado, rápido ou devagar demais... E aquela vontade de explicar isso pra todo mundo. "EU NÃO FALO SEMPRE DESSE JEITO. CARALHO, EU ESTAVA DISTRAÍDO!"

Eu disse "Teeemm". Estou ali viajando, em teoria, SOBRE CONVERSAR COM ELA. Então ELA puxou assunto comigo e respondi como um completo idiota. Estava me sentindo como um da-

queles caras dos filmes adolescentes nos anos oitenta. Aqueles que vão conversar com uma garota e derramam o refrigerante na camisa. Eu estava numa situação daquelas, mas não era como um daqueles caras. Isso me divertia. Eu não me sentia embaraçado ou obrigado a me explicar. Não causou conflito em mim. Eu me sentia confortável e sob controle. Já concluíra que nossa conversa era indiferente como a cor de um único pixel numa tela infinita. Eu me sentia imune aos males dos homens comuns. Aquilo era muito engraçado.

- Do que você está rindo? – ela perguntou.

- Eu disse "teeemm" como um idiota – consegui responder no meio das risadas – Desculpe, é que eu estava viajando.

Ela também riu.

- Eu percebi que você falou esquisito. Mas você ficou sem graça por isso? – ela perguntou inesperadamente.

- Um pouco – eu menti. A gente fica assim quando uma garota faz uma pergunta e respondemos como um mongoloide.

Mais risadinhas – ha ha ha.

- Eu não vou te julgar pelo jeito que você fala "tem" – ela me disse sorrindo. Você queria me conhecer?

Aí eu fiquei assustado.

- De onde veio você?

- Como assim? – ela perguntou.

- De onde você saiu, pô? Você não pode ser de verdade.

- Como assim? – ela repetiu.

- Você não percebe que nós acabamos de atropelar toda uma cultura de conversas entre homens

e mulheres? Foi como num filme de Sessão da Tarde. A garota bonita me perguntou alguma coisa e eu fiz algo estúpido como resposta. Era pra conversa ter acabado ali. Era uma cena pronta. Você dá uma risadinha, olha diagonalmente para cima e para a direita, numa cena divertida. Então espero minutos constrangido, o ônibus chega e você vai embora. Mas veja o que aconteceu! Você perguntou se eu queria te conhecer. Isso é contra as leis do destino. É como se eu tivesse chegado no ponto bem a tempo de pegar o ônibus... Não! É ainda muito maior que alcançar o ponto de ônibus na hora certa! Eu fui imbecil e você quer saber se eu estou interessado em você. É simplesmente impossível. ISSO AQUI NÃO PODE ESTAR ACONTECENDO, VOCÊ NÃO PERCEBE?

Ela estava rindo.

- Hum... você tem razão. Essa situação não pode ser real. Você quer mesmo saber o que está acontecendo?

- É claro! – Eu já estava ficando empolgado com a conversa.

- Você está em casa pensando em alguma coisa pra bater uma punheta. Então você pensou em mim.

- Você está falando sério?

- Você não precisa confiar em mim, ora. Você sabe. É você quem imagina tudo isto... - ela explicou enquanto apontava para os lados. Sei que você está incerto sobre os motivos da minha existência... Afinal, será que você cortou suas relações sexuais recentes por desejo nobre de encontrar novamente o amor e vem sendo seletivo, ou você simplesmente não consegue atrair mais ninguém? Nenhum de nós dois tem a resposta... Mas é líquido e certo que você me imaginou. É por isso que eu sou tão pra frente,

e essa coisa toda...

- Porra... é mesmo. Minha imaginação deve estar no auge...

- Nem tanto... – ela reclamou. Eu poderia ter peitos maiores... Acho que também podia perder um pouco de peso aqui, na cinturinha...

- Até mulher imaginária tem que ser tão paranoica?

- Eu não seria uma mulher se não fosse assim, benzinho...

Ficamos em silêncio por um tempo. Dei um trago no cigarro imaginário. Pensando bem, talvez o cigarro fosse de verdade.

- Se você é apenas uma imaginação minha pra bater punheta, isso quer dizer que eu vou te comer?

- Se você quiser, é claro.

- Massa. Então vou imaginar o ônibus chegando rápido, e tal...

Olhei pra esquina de onde os ônibus vinham.

Meu busão estava chegando.

Joguei o cigarro fora, no cinzeiro.

Ela sorria.

Cortinas.

XXV

Dizem que um bom livro deve retratar a época em que foi escrito. Sabe? Que isso é um tipo de virtude para um livro. Situar o leitor no tempo e espaço e cultura e tudo mais que está dentro dele.

Não sei se concordo com isso. Gosto de livros antigos que parecem falar dos meus vizinhos. De uma forma ou de outra, acho que posso dedicar um capítulo para situar diretamente o leitor no ambiente passageiro que me envolve.

Pra situar vocês no meu tempo, primeiro, eu tenho que falar sobre escrever. Isso mesmo. Falar sobre escrever. Faz parte do nosso tempo. É, inclusive, moda. Toda obra tem um personagem escritor. É incrível. Se a parada for em primeira pessoa, as chances são de oitenta por cento, pelo menos, de que o protagonista seja um escritor. Novelista, jornalista, roteirista, qualquer coisa desse naipe...

E essas personagens são usadas até a última ponta pra falar sobre o sentimento de ser autor e sobre as complicações e méritos de realizar uma obra literária. Minha época é esquisita. Somos daquela gentalha que fica tão empolgada por aprender a cozinhar que precisa falar sobre isso mesmo durante o almoço.

Se você é da minha época, deve estar achando este papo todo muito esquisito. Deve achar que situar no tempo é falar que presidente está dentro do Palácio do Planalto, como anda a economia, essa coisa toda... E situar no espaço é falar que moro em Governador Valadares, cidade com aproximadamen-

te duzentos e cinquenta mil habitantes, no estado de Minas Gerais, Brasil. Mas, se você é da minha época, não estou muito interessado em você. Visto que, pra você, quais são as novas? Você está aí, exposto às mesmas preocupações.

Penso em outro tipo de pessoa. Sei que é temerário, escrever um livro pensando em outras gerações... Mas se "você" não existe e ninguém está lendo isso, qual o problema de fazer o registro esquecido de um delírio solitário?

Agora, se você está lendo isto numa folha de papel, quer dizer que o livro foi publicado. Não preciso de muitos galhos e frutos da árvore |publicar|; qualquer edição já basta. O lance é ter alguns exemplares arquivados por aí. Mesmo que seja apenas um exemplar – minha intenção potencialmente realizada – esquecido no canto de uma obscura biblioteca.

Agora vou falar um pouco sobre a *minha* biblioteca.

Há livros espalhados por todo o quarto. Livros jogados na cama. Livros em cima da mesa. Livros em gavetas. Livros debaixo da cama. Jogados no sofá. Na janela. Sério – por todo o quarto.

Os livros na estante da sala lá fora são dos meus pais, mas estou sempre recorrendo a eles e também os considero parte da minha biblioteca. No segundo seguimento de baixo pra cima, do lado esquerdo da estante – onde ficam os livros da minha mãe – há um volume da terceira edição do livro "O Lar e a Saude da Familia". O título não tem acento mesmo. O volume não traz a data de impressão em parte alguma, mas pode-se ver que ele é bastante

velho. Na última página, escrito a mão, encontramos a seguinte anotação: "Sábado 19 de maio 1923, Raymundo Rodriguez mudou para São Pedro de Ferro."

É um livro que chegou aqui por acaso. Presente do irmão da tia do cunhado do meu avô, que comprou do vizinho da sogra do dono da uma fazenda do chefe do primo de um conhecido da minha vó, que deu o livro pra minha mãe. Uma história desse naipe. É curioso, mas esse livro não é o único. Tenho vários volumes velhos e esquecidos. Não sei porque citei este especificamente. É apenas outro volume caindo aos pedaços. Na casa de todo mundo que eu visito, também encontro um punhado de livros marrons e embaçados, de autores que nunca ouvi falar. Existem lugares cheios, até mesmo exclusivamente reservados para o acúmulo de livros como esses. Entulhados. A perder de vista. Livros pelos cantos, como guimbas de cigarros que as pessoas não tiveram coragem de jogar no lixo.

Agora é a hora em que eu revelo um segredo. Um fenômeno paranormal que atinge a mim e a uma pequena quantidade de aflitos... Nós lemos esses livros.

Se você entra em certos sebos que eu frequento, tem a impressão de estar quase que num depósito de lixo. Todo aquele papel velho e mofado que as pessoas continuam guardando ali. Um lugar como que cheio de guimbas de cigarro. É verdade. Mas todas aquelas guimbas ainda estão acesas. Não importa se você não percebe. Se você encostar nelas, elas ainda queimam.

Então, se imprimirem pelo menos aí umas cem

cópias do meu livro, uma delas pode durar até outros tempos. Outras gerações. Outros continentes, com nomes diferentes? Outras entidades? Tantos faz. Qualquer tipo de outro mundo que seja consideravelmente diferente daquele que circunda minha experiência imediata.

E num desses lugares, talvez num quarto escuro e cheio de pó e traças, ou qualquer versão parecida com isso, um carinha pode encontrar esse livro ensebado e esquecido, decidindo-se por uma olhadela.

Eu escrevo pra *esse* carinha. *Ele* é meu público alvo.

Vocês, da minha época, gostariam que eu falasse sobre o presidente. Meu sonho é que alguém pegasse esse livro e, enquanto lesse esta parte, pensasse algo como: "Mas afinal de contas, que porra é um *presidente*?" Preste atenção, isso não é meu objetivo. É meu sonho. E então viria uma nota da editora, pra explicar o que significa |presidente|. Quem sabe uma foto do Lula? Se o carinha se divertir dando risadinhas sarcásticas enquanto lê essa nota, melhor ainda.

Mas, porra, se alguém for me dar dinheiro um dia por isso que estou fazendo, serão vocês. Não quero ser falso. Estou longe desse tipo de evolução que demonstra desapego monetário. Não sintetizo meu próprio alimento, nem minha própria diversão, e ainda PRECISO do dinheiro. Talvez eu seja um escritor miserável, mas aparentemente não sei fazer outra coisa. Preciso disto pra viver. Assim, é necessário que eu dê vasão aos meus sentimentos de so-

lidariedade...

E é por isso que estou me explicando. Quero que meu livro seja bom, mas também quero que vocês o compreendam. Quero que vocês comprem meu livro e me convidem pra dar palestras pagas e entrevistas pra televisão. Já que estou mesmo fantasiando, quero ainda me dar o luxo de recusar essas entrevistas e aceitar só as palestras pagas! Quero que CHOVA CHOCOLATE e que todas as mulheres atraentes do mundo se interessem por mim... Quero ser feliz, como todo mundo. Somos iguais e não deveríamos ser egoístas. Acabei de enumerar as coisas que desejo e espero que você pense nelas com carinho... Mas, se vocês não sentem vontade de me dar nada disso, foda-se. Também posso viver triste.

Pretendo continuar por aqui. Esperando. Eu amei e através do amor percebi que minha vida vale a pena. Eu tô de boa. Mesmo que daqui pra frente sejam oitenta anos de miséria. Tenho o potencial pra amar novamente. Se eu cair pra morrer chorando na lama, e nos últimos segundos imaginar ou enxergar um rosto capaz de acender amor dentro de mim mais uma vez, então serão oitenta anos de miséria compensados. Vou continuar tentando.

Estou me perdendo. Situar no tempo. Tudo bem. Peço desculpas. Estou me transformando num cara realmente esquisito. Na rua eu consigo disfarçar com facilidade – as pessoas só prestam atenção nas suas roupas, e não sou eu quem faz as minhas. Mas escrevendo a gente fica mais exposto. Vou me esforçar pra ser normal. Vou escrever alguns parágrafos sobre atualidades.

Eu estava sentado na frente do computador.

Era madrugada e eu aproveitava meu tempo ocioso pra transcrever o famoso debate sobre a existência de Deus♣, entre o filósofo Bertrand Russel e o Padre Copleston. O lance é que eu estava pensando em usar uma parte desse debate num e-mail para uma garota, mas não encontrei nenhuma tradução na Internet. Então, já que precisaria de um pedaço considerável, resolvi transcrever o debate inteiro logo de uma vez. A ideia era colocar o debate no meu site, para que pessoas pudessem compartilhar o texto virtualmente. O ICQ estava aberto. É chato trabalhar com o ICQ aberto. Tinha que interromper a tradução pra responder perguntas ociosas. Eu já estava de saco cheio. Quando começava a viajar no texto, alguém interrompia minha reflexão com alguma conversa boba do tipo: "ei, quer tc? de onde vc tc?"

Os Estados Unidos invadiam o Iraque. Fuzilando pessoas e jogando bombas em hospitais. Tudo em nome da paz, liberdade e dessas outras coisas bonitas, como sempre fizeram por aí. Um amigo me enviou pelo ICQ a seguinte mensagem: "parece q os eua matou o sadan. bombardearam o palácio onde ele estava escondido"

"já mataram o sadam umas duas vezes antes disso. deve ser k-ô," eu respondi. "se o cara estava ESCONDIDO, é porque não sabiam onde ele estava. bombardearam um castelo qualquer (se é que existe castelo qualquer) e tão tirando onda"

Voltei pro Russel discutindo com o padre. Esse último estabelecia uma planície por onde os argumentos pudessem correr. Propunha definições.

♣ Eu também ficaria muito satisfeito com a necessidade de nota explicativa a respeito de |Deus|. A gente tem direito de sonhar...

Russell concordava. Disse que era da posição agnóstica. O padre faz questionamentos importantes. Comecei a me empolgar outra vez com os argumentos. Mensagem: "mas dessa vez parece q foi mesmo, cara. tá passando em todos os canais" Eu respondi: "FODA-SE, cara. vc percebeu q eu estou no pc e não na tv? essas notícias não me interessam. foda-se o sadan. estou aqui, digitando um debate (como se estivesse vendo a discussão, com a vantagem da câmera lenta q é ler), pensando na existência ou não de DEUS! e vc vem me noiar com questões pequenas? toda vez q vc me manda uma msg, tira minha atenção do texto, então trate de tirá-la por coisas mais interessantes. pense em assuntos melhores"

Com essa resposta, imaginei que não seria interrompido novamente. Ele perceberia que assuntos internacionais são pequenos contratempos, e que precisamos ocupar nossa cabeça com coisas mais importantes. Copiei mais algumas frases do debate. Inesperadamente, uma nova mensagem do meu amigo começou a piscar na tela. Cliquei duas vezes, e li: "vc tá certo. foda-se os eua. como será a mulher do sadan?"

Fiquei uns dois minutos rindo sozinho na frente do computador. "Foda-se Estados Unidos, como será a mulher do cara?" Isso mostra um cara inteligente escolhendo temas inteligentes. Mulheres... Eu poderia falar muito sobre as mulheres do meu tempo. Até já andei escrevendo sobre isso. Gosto de falar sobre elas, mas nem acho que seja preciso. As mulheres nunca mudam. Mudam? Quer dizer, eu acho que elas sempre foram e sempre serão mais bonitas. Basicamente, essa deve ser a diferença principal. O resto é consequência. Do meio das pernas,

elas controlam o mundo.

Resolvi dar uma pausa no debate sobre Deus. Fiquei procurando qualquer outra coisa pra passar o tempo. Não estava com vontade de escrever. Então lembrei de visitar o blog de outro amigo meu. Já fazia mais de um ano que eu não passava por lá. Eram visitas frequentes, mas um dia ele parou de postar, então parei de acessar.

Quando voltei lá, ainda estava do mesmo jeito. Acho que ele tinha desistido mesmo do blog. Mas não tem problema. O breve registro que ele deixou já dizia muita coisa. É como reler o roteiro de um curta. Talvez seja útil transcrever aqui um trecho do que ele postava por lá. Assim como transcrevo o debate sobre Deus. Compartilhar informações úteis. Não acredito que a utilidade seja a mesma. Certamente não é. Mas a oportunidade é única, e talvez essas palavras contenham algo revelador sobre a forma que nós vivemos.

Eis o texto no blog dele – vou copiar e colar exatamente como estava lá:

7.11.2002
Como já dizia meu avô: Crier les chiens..
posted by Pink Dot at 12:10 AM

7.8.2002
Bom, acordei, usei icq, cuidei do meu novo cãozinho...
e entrei para um grupo de estilo de vida..
NAc
No-Actions Lyfestile... é muito bom.
apenas isso por hoje…
posted by Pink Dot at 3:06 AM

7.6.2002
How the great satanic glory faded?
Gosto dessa música mas, sinceramente, eu não sei...
Bom, nada para fazer e nem falar... e muito menos digitar ou pensar... sim, hoje é essa a minha mensagem do dia..
posted by Pink Dot at 6:49 PM

7.5.2002
Nada para fazer, como sempre
fiquei uns 5 meses sem postar nada aqui... e nada aconteceu
exatamente
nada...
mas é assim que eu sou
é isso que eu faço
posted by Pink Dot at 12:08 AM

7.2.2002
Dia vem , dia passa, e São Paulo continua a mesma desgraça...
Minha veia poética hoje esta a mil...
posted by Pink Dot at 1:38 AM

6.30.2002
Agora estou ouvindo : Nick Cave - Do you love me?
Mas eu continuo sendo um cara rústico...
posted by Pink Dot at 9:43 PM

6.28.2002
Eu estou.....vivo!
ahá, peguei vocês hein! cá estou eu, delirando e falando com ninguém.

posted by Pink Dot at 9:15 PM

1.25.2002
É, eu fiquei um tempo sem colocar nada aqui... sabem como é... o buraco é mais embaixo.
Nesse momento eu não estou fazendo nada, apenas ouvindo uma música do Velvet Underground e conversando no meu velho companheiro de madrugadas solitárias (icq)...
E é só isso mesmo.
posted by Pink Dot at 8:24 PM

1.2.2002
Ní!
posted by Pink Dot at 9:17 PM

Ficar na frente do computador, dentro do quarto fechado e cheio de fumaças variadas foi ficando desconfortável. Fazia muito calor, apesar do relógio marcar três e meia da madrugada. Valadares é assim. Os íntimos se referem carinhosamente à cidade como Filial do Inferno. E tem aquela piadinha clássica, um pouco mais ousada, que propõe a pergunta: "Qual é a cidade mais próxima do inferno?", esperando que o interlocutor responda: "Valadares!", apenas para ser corrigido – "Não. A cidade mais próxima do inferno é Alpercata. Valadares É O INFERNO!" Eu estava suando. Com a garganta seca. Precisava descer até a cozinha pra beber alguma coisa.

Abri a geladeira e ele estava lá. Amarelo. Gelado. Lindo. O Abacaxi.

Poucas frutas são tão bonitas como essa, principalmente se você contar o cheiro. Peguei uma faca

na gaveta e comecei a instigante tarefa de descascá-lo. (Engraçado essa coisa de ser bastardo, filho da cultura – aprendi a descascar abacaxis num livro do Rubem Fonseca).

Fatiei cuidadosamente o abacaxi descascado; depois coloquei tudo num prato. O calor pregava em mim como napalm. Peguei logo três fatias do abacaxi, de uma vez, e espremi tudo pra dentro da boca.

Foi aí que a mágica começou. Quase me afoguei naquela enchente de suco DOCE, GELADO & DOURADO. Olhar para o prato aumentava o prazer. As fatias DOURADAS, DOCES & GELADAS. Eu estava em êxtase. Era como tomar uma droga forte. Eu já não sabia o que estava fazendo. Deve ter sido o calor. Peguei duas fatias de abacaxi em cada mão. Coloquei as da mão esquerda dentro da boca e espremi as da mão direita sobre meu rosto, enquanto mastigava. Foi lindo! Ser banhado por aquele Elixir da Boa Vida. GELADO, DOURADO & DOCE.

Terminei de comer o abacaxi, limpei o rosto e voltei pro meu quarto. Já estava com sono. Fumei mais alguns cigarros e acabei dormindo. Tive uma ótima noite.

Então é mais ou menos isso – viver como um Ser Humano perto do Ano Dois Mil, morando em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil, América Latina. Um habitante dos trópicos no planeta Terra, Sistema Solar (preciso dizer Via Láctea?) e essa coisa toda. Espero ter deixado claro.

Você leva uma vida confusa. Fala muita bobagem. Sente calor o dia inteiro. Tem que pensar em coisas idiotas como Deus e presidente. Você sente dor e vê milhares de problemas em toda parte. Às

vezes, consegue ficar irritado até com a mensagem de um grande amigo no computador. Perde muito tempo com perdas de tempo. Não é uma vida perfeita. Mas pode-se ter momentos sublimes dentro da cozinha, de madrugada, comendo um abacaxi.

(Que se fodam os delicados. Pendurem uma corda no teto e morram enforcados, seus bostas. Que se fodam vocês. É uma vida maravilhosa. É uma vida maravilhosa, se você puder encontrá-la).

XXVI

E o que é o tempo? Dizem que é um mestre – o melhor deles – que, ironicamente, acaba por matar todos os seus discípulos.

Que seja.

Sou o discípulo que resolveu matar o mestre por falta do que fazer.

Eu fumo, bebo, e fico perdido. Eu fico triste e sento na frente do computador. Martelando teclas. Evitando pensar numa coisa ou noutra. Focando o pensamento nisso ou naquilo. É um processo repetitivo. Déjà vu. Eu sento na frente do computador e fico martelando teclas. Evitando pensar numa coisa ou noutra. Focando o pensamento nisso ou naquilo.

Vamos cavar mais uma ou duas páginas. Martelando teclas. Outro capítulo. Alguns tantos minutos de transe. Não tenho aproveitado muito bem o meu tempo acordado. Eu fumo, bebo, e fico perdido. Outro dia tive um sonho intenso, no entanto, e gostaria de contá-lo aqui. Já dizia Rufus: As pessoas gostam de livros grandes, nem que seja pra enfeitar a prateleira.

Entre o grupo de amigos que formava aquele círculo de pé, no meio da festa, eu era o único que não dançava. Ela se oferecia descaradamente, mas eu ainda não queria beijá-la. Novas mulheres interessantes surgiam a todo instante, por toda parte, e eu queria continuar procurando. Como o rico malicioso do poema, que precisa passar pessoalmente a mão em tudo procurando a melhor seda.

Sempre fui do tipo idiota que imagina uma

coisa perfeita: amor, sinceridade, paz... Poucas palavras que definem metas ao engajamento consciente e determinado de não repetir os mesmos erros tolos que observamos à nossa volta em relação ao amor. Passei a vida inteira procurando.

Eu fantasio. Longas conversas na janela do meu quarto. A gente ouvindo música, falando sobre livros. Sorvete nas tardes de domingo, porra. Abraços apertados de olhos fechados; de olhos abertos. Almoços de família. Debaixo do cobertor metendo de leve enquanto vemos um filme. Eu sempre imagino essas coisas mas...

Mas o mundo é o que é. Eu era muito jovem e estava numa festa. Sonhando, eu não tinha a frieza que tenho agora pra concluir que vivo inventando fantasias na minha cabeça e que o problema não está no mundo, mas nas fantasias de merda que eu invento em transe. Eu olho pra uma garota e arquiteto essa vida juntos – depois fico decepcionado porque a vida real se desenrola de outra forma?

Eu sou um bosta mesmo. Fantasias! Pura besteira, comparadas à vida real – que é muito mais rica e surpreendente e satisfatória e infinita. Posso inventar fantasias aos caminhões. Qualquer rabo de saia ou testa de teta já serve de motivo. A vida real é infinita e intensa e passageira. Eu nunca teria inventando Clarisse, ou Raquel – sei lá qual o nome que escolhi pra essa menina aqui no livro. Nunca teria inventando Linda e o amor. O "amor" das minhas fantasias é um clichêzinho pálido cor-de-rosa.

Principalmente, não preciso de uma mulher pra viver uma fantasia; as vivo num segundo, sozinho, olhando pra qualquer forma sensual que a poeira ou a fumaça adote à minha frente. Com uma

mulher eu posso ter algo mais gostoso. Algo arriscado e imprevisível. Algo compartilhado, que não possa ser inventado e experimentado isoladamente – precisamos um do outro. Mas eu só percebo isso agora. Estava sonhando e não sou tão reflexivo enquanto sonho.

Muitas luzes chegando de todos os lados. Música alta. Pessoas fantasiadas. Ela dançava fingindo êxtase, tentando me seduzir, ou alguma coisa do tipo. Com trejeitos canhestros de atriz pornô. Vez por outra chegava seu rosto ao meu. Rindo e repetindo meu nome, como se isso fosse engraçado. Acho que, na verdade, ela não tinha o que dizer. Tampouco eu pensava. Eu nem prestava muita atenção. Olhando pros lados. Sempre sonhando com anjos.

Ela dizia meu nome e eu olhava pra longe. A Lua? Porra, não havia lua, mas eu olhava pra longe. Até que algo me acertou. Algo abstrato. Cansei daquela situação. Beijei a boca que me chamava.

Onde encontrar uma gatinha que leia Hermilo Borba Filho? Qual das garotas que observo na rua ouve Legendary Pink Dots? Porra, tenho essa impressão frustrante de que vou morrer sem encontrar ninguém, principalmente uma mulher, que goste do Brighter Now tanto quanto eu. Juventude sônica. Rebelde. Bobo. Um belo legado, você me deixou... Na escola e na igreja e na rua só me ensinaram a querer coisas e exigir gosto de bala na boca. Fantasiar com um mundo TEORICAMENTE perfeito que provavelmente impossibilitaria uma felicidade profunda.

Então foda-se gosto cultural e pequenos capri-

chos acidentais. Foda-se. E ainda falta muito. Onde encontrar alguém que não tenha se rendido à grande-e-podre-máquina-capitalista-industrial-do-demônio-abstrata-não-existente-imaginada-por-todos-adoscentes-idiotas-que-trabalha-incessantemente-para-que-compremos-mais-chicletes? E de onde saiu essa ideia de que EU não sou apenas outro funcionário ou parafuso da Máquina?

Que juventude mais desperdiçada, a minha. Por que todas essas bobagens parecem tão complicadas quando a gente tem espinhas e pensa sobre elas? Talvez eu estivesse apenas substituindo os chicletes e canais de televisão por discos obscuros e livros estranhos que ninguém quer ler. Talvez tudo seja vão. É bem provável. Mu-ichibutsu, motherfucker. Nada existe. Mas eu não estava em condições de filosofar. Eu estava numa festa.

O beijo era quente e, se não me fez tomar afeição pela garota, serviu ao menos para me encher de um ânimo idiota. Sensação estúpida de vida. Inconsequência. Leve impressão de estar conectado ao caos que vem subindo dos átomos. Vai até as estrelas. Acho que o beijo realmente foi o responsável por isso. Agora eu *estava lá*. E de repente estava bêbado, bebendo infinitamente de cornucópia cheia de espumante.

Ela dizia meu nome incansavelmente. Cansei da situação. Empurrei-a pro lado e saí andando aleatoriamente. Pude ouvir um grito de "Tá indo onde?", mas nem pensei em responder. Nem em olhar pra trás. Era uma festa grande. Uma noite minha. Não existiam mais possibilidades de vitória perfeita (já houve alguma vez?). Não havia um Mundo Perfeito.

Aquilo era o máximo que podia ser. Então eu era o máximo, dentro das possibilidades. O Rei do Lixo, com minha coroa de merda. A noite era minha.

Uma garota olhava pra mim de longe. Comecei a me sentir total. Fui andando em direção a ela. Encarando. Eu era a serpente no galinheiro. Olhando pra garota. De longe. Eu podia hipnotizar todas com meu olhar magnífico. Minha introspecção fabulosa. Com a fumaça que eu soltava encantadoramente por minhas narinas. Bêbado, bêbado, bebalaco. Andei na direção dos olhos que me fitavam e, sem palavra, beijei sua boca. Agora a tentativa de olhar sensual tinha desaparecido do rosto dela. Ela estava surpresa. Até assustada. Ficou assim por um tempo e não sei o que se seguiu, porque fui embora.

Continuei vagando pela festa. Agarrando todas as mulheres solitárias ao meu alcance. Algumas me batiam. Saiam correndo. Algumas até gostavam. Duas amigas andavam de mãos dadas. Cheguei embolando a primeira, que não reagiu. A segunda, uma baixinha meio gorda e mal acabada, me segurou para reclamar: "Agora é assim? Só beijar?" Virei sorrindo e beijei a mocreia também.

É claro que, com esse comportamento, não demorou muito para que eu irritasse algumas pessoas na festa. Principalmente homens. Eu andava alheio a esse pensamento. Estava me sentindo um titã. O Quetzalcoatl redivido. Só percebi o perigo quando uma mão bateu com força no meu ombro. Virei estupidamente, apenas para receber um murro que me acertou na testa. Um golpe mal dado, de raspão. Mas eu estava me virando quando levei a pancada. O chão se moveu junto comigo. O céu entortou com meu corpo.

Era um daqueles instantes que dura pra sempre. Ainda rodando, com o canto do olho, pude ver que não era apenas um cara, mas todo um grupo de marombas fantasiados, preparados para me descer a unha. Eu estava rodando, mas percebi que não ia cair. Aproveitei a inércia pra rodar com mais força ainda, desferindo um murro cego. Acertei o queixo de um deles. O mundo inteiro tremeu, como uma vibração infinita de manete de videogame. Ele bambeou com o impacto, e cambaleou trocando pernas. Seu corpo fez uma coreografia belas-artes-salvador-dali e despencou no chão com um estrondo. Um imenso Conan caído no chão.

Eu estava completamente surpreso. Já tinha me conformado com a ideia de levar uma surra. Desferi aquele murro só pra mostrar alguma resistência. Não achei que fosse acertar ninguém. Mas agora o maromba mais agressivo e adiantado do grupo estava no chão, desmaiado. Os outros me olhavam com expressões pouco amigáveis. Um Tarzan, um ninja, um leão, um go-go boy, um Aladin, um Wolverine... Todos com cara e corpo de quem frequenta academias e não tem vida inteligente fora delas. Eu só frequento bares. Houve alguns segundos de vazio. Talvez fosse melhor sair correndo. Normalmente, numa situação dessas, eu teria corrido pra algum lugar. Mas eu me sentia diferente. Permaneci calmo e não me exaltei. Gritei:

"É ISSO AÍ... PODE VIR TODO MUNDO! ONDE MINHA MÃO BATE NÃO NASCE CABELO! ESSA PRIMEIRA BICHA AÍ EU JÁ TRUCIDEI. AGORA VOU AMASSAR A CARA DO RESTO DE VOCÊS, CHUPADORES DE PIROCA..."

Os marombas, é claro, avançaram. O ninja e o

Tarzan vieram puxando o bonde. Fui obrigado a dar um passo pra trás. Depois, mais um. Tudo agora era muito cauteloso pra todo mundo. A música era horrível e vinha de muito longe. Ergui minhas mãos abertas num sinal internacional de |indefeso|. Continuava caminhando lentamente para trás. Os marombas se aproximavam e eu falava ininterruptamente:

"Não quero brigar com ninguém, cara..."

Eles continuavam vindo. Nesse ponto, eu não estava mais bêbado. Não percebia pessoas às minhas costas, ou em parte alguma. Tudo era uma massa desfocada de tumulto. Pra mim, só havia marombas se aproximando e meu próprio corpo dando passos pra trás. Minhas mãos abertas lá em cima captavam os movimentos dos corpos inimigos como se fossem as antenas de um grilo.

De repente, tudo que já li, ouvi ou observei sobre lutas estava prontamente acessível na minha mente. Uma coisa importante numa situação dessas (eu me dizia) é manter uma posição favorável. Lentamente, enquanto andava para trás, desci os cotovelos até a altura dos ombros. Depois, até a cintura. Continuava com os braços levantados e com as palmas das mãos viradas para eles (mantendo a sinalização de |indefeso|), mas agora eu tinha os cotovelos baixos.

É difícil atacar ou defender qualquer coisa com os cotovelos lá em cima. Mas se os mantenho flexionados, com as mãos abertas na altura do ombro, já estou em ótima posição. Um policial ou qualquer pessoa treinada não vai aceitar isso, e provavelmente exigirá que você coloque as mãos por trás da ca-

beça. Mas quando você lida com um assaltante apressado, ou com um marombeiro boçal, as chances são boas de que eles não notem a diferença.

Eu tentava manter a calma e a atenção. Se um murro partisse de algum lugar, eu poderia estender um dos meus cotovelos e evitar o murro com a mão aberta. Ato contínuo, eu poderia usar a outra mão para acertar o rosto do agressor. Se ele estivesse me atacando, eu não teria tempo de fechar a mão, mas existem pelo menos dez técnicas secretas de bater com a mão aberta no rosto de alguém. Eu não sabia nenhuma delas, mas foda-se.

Além disso, se eu pressentisse o perigo com alguma antecipação, andando pra trás naquela posição, eu poderia dobrar um pouco os joelhos, girar levemente o tórax e estabelecer uma ótima guarda para ataque e defesa. Quase aquela posição de caratê que a gente vê na televisão.

Mas ainda não tinha acontecido nada. Apenas passos cautelosos. Tudo durava infinitamente. Eu continuava falando:

"Não quero brigar com ninguém. Eu só me defendi. Agora o amigo de vocês está no chão e não parece nada bem. Acho que ele precisa ser levado para um hospital..." Enquanto falava isso, dei uma rápida olhada pro corpo estatelado no chão, atrás dos marombas que se aproximavam.

Nesse momento, atraídos pelo percurso que tracei com os olhos, eles olharam para trás. Foi como se eles tivessem sido hipnotizados. Criar uma distração e bater é um lance covarde. Mas as regras mudam quando você luta com mais de uma pessoa. É como se os dois marombas fossem apenas um corpo.

Cada um deles era um membro desse corpo, meu inimigo. Se você faz seu inimigo baixar os braços para acertá-lo no rosto, é um método válido. Além do mais, covardia é um punhado de fisiculturistas inchados atacando um bêbado.

Os dois marombas olharam instintivamente para trás e para baixo, procurando o amigo caído. Agora havia um túnel no centro da defesa deles.

Meu pé, que andava para trás, fez como uma mola, e atirou meu corpo pra frente. Meu punho atravessou o túnel como um trem bala, cerrando-se no caminho. Bati com a mão fechada, mas também bati com os ombros, com todo o peso do meu braço e das minhas pernas – cai com meu corpo inteiro em cima dele, através do murro. Com toda a força que consegui conjurar. Acertei a parte de trás do maxilar do ninja, que estava à minha direita. O Tarzan percebeu o murro e virou-se na mesma hora. Olhos nos olhos, gritei "AAHHH!!!" e agitei os braços na direção dele. Ele teve um segundo de hesitação tensa e eu dei um passo pra trás, de volta à posição anterior. Quando ele relaxou, percebendo que eu estava novamente com as mãos abertas à altura do ombro, eu dei um chute. Isso é chamado de Ataque Duplo do Abdome. Você ataca e simula um novo golpe, enquanto o inimigo ainda está tenso. Quando ele relaxar, você ataca de fato. Isso não vale só pra uma briga. De qualquer forma, meu chute pegou na perna dele. Não causou estrago.

Estávamos num novo impasse. Ele parecia mais susceptível às palavras, agora que estava sozinho e assustado, então recomecei com o falatório:

"Agora já são dois precisando de hospital. Seu amigo que estava aqui agora, pronto pra me dar um

chute, já foi fazer companhia pro outro no chão e tá ali gemendo." Eu não sabia bem o que estava fazendo. Só queria mantê-lo hipnotizado até outra chance de ataque. Os dois marombas sobressalentes, que tinham se mantido parados lá atrás, finalmente despertaram para o que estava acontecendo e começaram a andar pro meu lado. Fodeu tudo. Quando percebi o resto dos trogloditas chegando, fechei os punhos, calei a boca, e admiti que minha sorte tinha acabado.

Foi quando vi o primeiro policial. Vinha com sede de sangue. Olhar de pastor alemão raivoso. Chegou já com o cassetete na mão. Mas encontrou todos em situação de aproximação e cautela. Perdeu o pau quebrando. Então teve que se contentar em dar ordens e fazer perguntas.

Outros policiais foram chegando. Pegaram meu braço e o de quem mais estava por perto. Fomos escoltados no meio da festa. Teríamos que conversar com O Capitão, é o que eles me diziam. Fui andando de cabeça pra cima. Confuso demais pra sentir medo ou vergonha. Agora eu já tinha relaxado e estava começando a ficar bêbado de novo. As pessoas apontavam. Mandei beijinho pra umas duas minas e o policial apertou meu braço com mais força. Mandei um beijinho pra ele também, mas, pela cara que ele fez, parece que não era um adepto fervoroso do senso de humor.

Chegamos ao lugar que parecia ser o "quartel" da festa. O Capitão que eles vinham exaltando no caminho, pra minha surpresa, era o Capitão Jorge Carneiro, figura constante no cotidiano da minha carreira jornalística durante a vigília. Ele gostava da imprensa mais do que eu gostava de vodka e

cigarros Hollywood. Provavelmente espancaria a própria mãe pra aparecer na televisão.

Houve bate-boca por um tempo. Um breve reconhecimento e o Capitão Jorge me chama num canto. Pergunta o que é que está acontecendo. Inventei uma história simples e verossímil. Eu tinha esbarrado em alguém e blá, blá, blá... Ele disse que estava tudo bem, eu estava liberado – mas precisava ir embora da festa. Para casa. "Quer que eu prenda o resto da cambada?", perguntou. Eu estava chocado. Tinha sido envolvido num mundo de corrupção policial apenas por trabalhar em uma emissora mambembe de televisão. Eu estava realmente chocado, ou surpreso, mas meus lábios sorriam. "Sem necessidade, Capitão. Pode dar só uns boléu e soltar todo mundo." Ele voltou me acompanhando. Rindo. Dando tapinhas nas minhas costas. Aproveitei pra mandar outro beijo pro policial que me escoltara mais cedo. Desta vez ele sorriu.

Então eu olhei para o céu e tinha uma bola de fogo gigante caindo. Ela acertou o chão magnificamente. Tudo tremeu; novamente como uma manete onipresente de videogame. Acordei de leve. Sabendo que já estava de olhos abertos, mas esperando que voltasse a enxergar.

XXVII

Às vezes ainda me sinto sozinho. Pensando em Linda. Pensando no amor, porra, será que um dia serei um fabuloso orquidário, ou ganhei com Linda na Mega-Sena do amor? Inseguro em relação ao mundo lá fora. Apreciando a caverna em que meu quarto se transformou. Ainda não passou. Muito já passou, mas ainda sou um zumbi. A janela é grande e larga; sento nela. Vejo o sol se pondo sobre folhas pegando fogo. No céu, psicodelia de cores. Que mais poderia dizer, ou desejar? Nem me importa se estou cinzento. Há um charme todo especial no outono. Afogado na lembrança do silêncio daquelas tardes. Daquelas tardes... Intocável. Profundo como as tartarugas marinhas. Dentro do quarto. Fumando. Bebendo. Perdido. Em paz.

Luke e Edward aparecem do nada. Como se tivessem atravessado as paredes da casa. Entraram pela porta como um incêndio. Carregam meu corpo pra jogar sinuca. De dentro do carro, fico olhando as luzes lá fora. São lindas.

O bar é o mesmo de sempre. O Treze. Há muito tempo que não jogo e perco a primeira pra Luke – que sempre foi minha puta. Abrindo espaço para Edward, saio da mesa repetindo meu refrão de que a primeira é dos patos. Sentado num canto, perto do banheiro fedorento, tomo minha cerveja em silêncio e observo o jogo alheio.

Eu me sentia só. Isolado. Até as cores ficam diferentes. Mais fortes e sem sentido. As bolas rolando no pano verde. A garota que joga na mesa ao lado e dá discretas gargalhadas. O copo. O balcão

imóvel, que talvez se mexa um pouco nos olhos dos bêbados. Porra, pra mim tudo estava mexendo. Tudo era novo e parecia ter surgido do nada, exatamente naquele instante; indizível, instantâneo e inevitável. O dono do bar está cochilando a alguns passos de mim. Rios de baba espessa que cai pesada e forma um lago escuro na camisa dele.

Edward cumprimenta um amigo lá fora. O cara entra. É alguém que conheço de vista – Barbicha. Um daqueles antigos playboys da cidade, que cresceu pra se tornar um nada. Frequenta bares escusos, joga sinuca e começou a fumar. Tentando comprar as tintas certas do estilo marginal. Talvez pra dizer que é seu novo jeito de pensar a vida. Pra dizer que não está mais "no ringue". Que de repente virou podrão. Abandonou o sonho genérico de ser bem-sucedido e ficou como nós – os perdidos. Não usa mais aquelas roupas caras. Não tem cartão de crédito do papai pra passar de um lado para o outro. Ali no bar, perto da gente, tenta mostrar que se sente bem com isso. Mas minha impressão é de que, na verdade, ele é um playboy incompetente. O fato é que ele engravidou uma guria e foi obrigado a casar. O pai quebrou. Ele não tem mais *condições* de ser playboy. Eu me pergunto se a inspiração permanece. Dificuldade, sobre os ombros certos, traz sabedoria. Ainda é cedo pra saber.

Edward e Barbicha conversam isolados num canto do bar, enquanto eu e Luke brincamos de matar no tiro as bolas que sobraram do último jogo. Barbicha se aproxima. Eliminando minhas dúvidas sobre qual opinião ter sobre ele, ignora que estamos jogando e sai revirando tudo sobre a mesa – como

se a cidade inteira fosse o pátio na fazenda de seu pai e não passássemos de lacaios dependentes e insignificantes que naturalmente estavam às suas ordens. Mas que filho da puta. Monta uma jogada na mesa e fala pra Edward (mas bem alto, pro bar inteiro ouvir): "Quero ver você matar a bola um fazendo três tabelas!"

A jogada era aparentemente impossível ou, pelo menos, impenetrável. Edward, apesar de estar em sua melhor forma, não é lá o melhor jogador do mundo, e muito menos um gênio da matemática. Três tabelas misteriosas pra matar a (1). É claro que tem uma solução ali, mas é coisa de jogada decorada. Não é o tipo de coisa que você resolve assim de uma hora pra outra. Edward fica olhando pra mesa com uma expressão misteriosa. Obviamente não conhece a solução do quebra-cabeça. Está pensando no que fazer. Não costuma dar o braço a torcer. Acaba adotando a atitude de quem se decidiu e faz posição de tiro. Mirando a bola branca em algum ponto esquisito. Não dá pra entender o que ele pretende. O mais provável é que nem ele saiba o que está fazendo. Eu espero por uma tacada aleatória e muito forte, que busca qualquer tipo de prêmio acidental.

Barbicha fica parado ao lado da mesa. Mãos nas costas. Um sorriso convencido atravessa expressivamente seu rosto. Agora ele espera que Edward faça qualquer tipo de asneira desajeitada. Então todos farão "aahhh..." e Barbicha, o GRANDE E SÁBIO HERÓI PRATEADO, chegará para salvar o dia, mostrando como a jogada deve ser feita. É o que ele espera. Oportunidade pra pegar o taco e demonstrar seus INCRÍVEIS dotes de alpha malandróvski.

Edward parece mirar aleatoriamente. Afasta o corpo da mesa, insinuando que precisa fazer uma leve correção na mira. Anda dois passos para o lado, e agora seu taco já aponta para um lugar completamente diferente. Ele fica fazendo hora, pra enganar os leigos. Aparentar que sabe o que está acontecendo. Ele começa a demorar demais. A tensão vai crescendo no bar. Um ou dois bêbados observam a jogada do balcão. A mesa ao lado da nossa parou de jogar e espera a tacada de Edward. Perto de uma das caçapas do meio, a (1) também espera. Tranquila. Arrogante. Invulnerável.

Edward bate com firmeza e a bola branca corre o pano. Ninguém acredita que aquilo tudo vá acabar com a (1) dentro da caçapa. Barbicha dá um passo suave em direção à parede, onde ficam os outros tacos, e estende o braço em direção a um deles. Observa, cético, a jogada se desenvolvendo. Uma, duas, três tabelas. O inesperado. A bola branca persegue a bola (1) como se tivesse controle remoto. Caçapa. Assustadoramente, Edward conseguiu.

Barbicha perdeu o sorriso. E eu ganhei um. O bar inteiro riu. Não de sarcasmo, mas de alegria. Acho que, de certa forma, estávamos todos torcendo por Edward. Todo mundo gosta de tirar esses tipinhos que chegam propondo jogadinhas espetaculares que só eles sabem resolver. "Vamos jogar de dupla," alguém sugere. Então vamos. |Eu e Luke| X |Edward e Barbicha|.

Eu jogo displicentemente. Falta de prática. Falta de interesse. Piloto automático. Vejo as bolinhas rolando pros buracos. Os copos se esvaziando. Os ventiladores de teto. Os carros passando lá fora.

Tudo parece inútil. Lembro que dentro do meu quarto, tão longe, abandonei meia garrafa de vodka. Isso não se faz. Coitada. Eu também já fui abandonado uma vez. Minha vontade é de voltar pra ela. O jogo não parece importante. Na maior parte do tempo, eu nem sabia o que estava acontecendo.

Se você não entende nada de sinuca, vale dizer que jogávamos par-ou-ímpar, um dos jogos mais populares. Funciona da seguinte forma: São quinze bolas na mesa, de (1) a (15) – além da bola branca, ou jogadeira, na qual a gente bate diretamente com a ponta do taco, para acertá-la nas outras, que pretendemos encaçapar. Assim, o objetivo é derrubar as bolas numeradas dentro das caçapas nos cantos e no meio da mesa de sinuca. Mas não vale derrubar qualquer bola. Jogando par-ou-ímpar, uma dupla derruba as bolas pares, e a outra dupla fica por conta das ímpares. Ou seja, são sete bolas pra cada dupla, e uma bola que fica sobrando.

Depois que a dupla termina de encaçapar todas as bolas de sua responsabilidade, sejam elas pares ou ímpares, ainda precisa ir atrás da (1) – que a gente chama de castigo. Essa bola não tem dono, e deve ser perseguida apenas depois que a dupla terminou seu serviço com as numeradas. Acontece muito das duas duplas encaçaparem tudo e ficarem disputando apenas o castigo. Quem conseguir encaçapá-lo primeiro, ganha o jogo.

Luke sempre foi minha puta, mas apesar do meu alheamento consegue manter alguma pressão. Perdemos a primeira ficha e agora estamos no final da segunda. Edward e Barbicha já tinham matado todas as bolas pares. Nós ainda temos a (7) e é a vez de Barbicha. Ele pensa o que fazer. A (7) está entre

a jogadeira e o castigo. Uma dupla não pode acertar diretamente as bolas da outra. Ele não pode fazer uma jogada direta. Vai precisar de alguma habilidade pra matar a (1) na tabela, mas não é nada realmente complicado – ainda mais pra quem chegou no lugar propondo uma jogadinha de três tabelas...

Entretanto, Barbicha prefere outra técnica. Ele joga de leve e faz a bola branca ficar colada nas costas do castigo – de forma que agora é a (7) que fica impedida. Ele podia muito bem ter usado mais força pra tentar matar. Apenas encostar nela, inclusive, era muito mais arriscado.

É a vez de Luke jogar. Se ele errar, nossa dupla será punida com a eliminação de uma das bolas do adversário. Como eles estão pelo castigo, última bola, é uma jogada de |ou Tudo ou Nada|. Ou Luke sai da sinuca e acerta a (7), ou perdemos o jogo.

Eu reclamo da galinhagem. Aquilo é uma jogada covarde. Barbicha tinha uma chance limpa de terminar o jogo. Mas optou por dar sinuca. Por se esconder. Jogar a coisa na nossa mão, confiando na inabilidade de Luke. É sempre assim com todos esses playboys. Todos esses garotinhos de ouro. Essa gente que passa a vida se enfeitando de "louros" e "honras" e "glórias". "Vitórias". Tudo entre aspas. Uma cambada de covardes.

Não é de hoje que descobriram a farsa. Aristóteles já dizia, há mais de dois mil anos – a maioria dos homens deseja o que é honroso, mas escolhe o que é vantajoso. Uma cambada de covardes. Só enxergam as consequências imediatas. Ganhar, ganhar e ganhar... "Fins justificam os meios..." Quanta bobagem. Não é um jogo de sinuca que vai

me acostumar ao hábito da covardia. Eles fazem isso em tudo. Quando a gente era um pouco mais novo, era nas brigas. Todos os playboys eram conhecidos por bater em todo mundo. Por brigar bem. Eu tive a infelicidade de conhecer muitos desses otários. Tão admirados por gente estranha. Eu vivia rodeado deles. E posso dizer que eles eram uma cambada de bichas nojentinhas. Madames choronas. Eles se derretiam completamente. Eles abriam a boca e chamavam pela mãe, se você desse um tapa na cara deles. A única vantagem real com a qual eles contavam era a covardia. É fácil arrumar confusão com alguém que está sozinho, quando você está acompanhado por seis ou sete amigos e tem certeza que eles vão te defender. É fácil bater em um cara mais forte do que você, quando você começa a coisa sem qualquer aviso, com uma pedrada na nuca dele. Sempre covardes. Sempre cercados de gente estúpida e imbecil. E eu ali no meio. Perdido. Era uma questão de posicionamento sociodemográfico. Eu morava perto deles. No meio deles. Indo pra escola com eles. Vulgares. Todos eles – vergonhosamente vulgares. Nunca me achei ou fui grandes merdas, mas também nunca me pintei de ouro. Sou um cara rústico.

Ali estava eu. E ali estava Barbicha. Observando enquanto Luke se preparava pra jogar. Não era uma bola impossível. O que deixa a coisa ainda pior. Abandonar o jogo limpo pelas pequenas covardias. Barbicha. Com um sorriso no rosto. Acreditando que a vitória vale qualquer coisa. Que os fins justificam os meios. E, principalmente, servindo de exemplo – ou melhor – de evidência do que a maioria das pessoas entende por |bem|. Aquilo me irritou.

Ora, se a única coisa válida na vida fossem as

finalidades, poderíamos todos dar logo um tiro na cabeça. Porque esse é o fim pra todo mundo – a morte. O que acontece no fim é uma consequência do processo que levou até lá. Morrer, todo mundo morre, mas morrer num incêndio e morrer de infarto, fazendo sexo com garotinhas de dezessete anos, não é a mesma coisa. Morrer deixando amigos e morrer deixando inimigos não é a mesma coisa. Cada morte é uma morte, porque cada vida é uma vida. Existem muitas coisas para se considerar. Dois processos diferentes criam dois fins diferentes. Não importa se a gente chama tudo pelo mesmo nome.

Acho que a maioria das pessoas não está preparada, ou mesmo interessada, para apreender uma fatia mais ampla da experiência ascética. Elas não querem felicidade porra nenhuma. Apenas sobreviver e sentir-se por cima. Não querem prestar atenção e escalar. Dá trabalho. As pessoas na sala de jantar, ocupadas em nascer e morrer. Devem achar tudo muito desgastante. Então check-points horizontais são criados. Gravetos que lhes deixam muito felizes quando conseguem afanar, deixando para trás o ouro.

Se você sai com uma garota – espere até o fim da noite e se pergunte: "Comeu?" Se a resposta for sim, então deu tudo certo. Sua noite detonou. Se a resposta é não, sua noite foi incompleta – independente do quanto você se divertiu. O ouro não importa. O importante são gravetos de poeira que se desmancham no ar.

Se você vai fazer um negócio qualquer que envolva moeda – espere até o fim da transação e se pergunte: "Lucro?" Se a resposta for sim, tudo certo.

Quanto mais, melhor. Já é uma avaliação suficiente. Se a resposta é não, você é um idiota.

Se você está disputando alguma coisa – "Ganhou?"

Chute o resto pra longe. Foda-se.

Cada um vive sozinho e gasta seu tempo como quer, mas eu tenho aversão por uma vida binária. A totalidade do que me acontece e do que experimento não pode ser definida em termos de comer ou não comer alguém. Ter ou não ter dinheiro. Ganhar ou não ganhar isso ou aquilo. A vida é complexa a tal ponto que estou aqui e não sei quem sou. Simplificar o mundo inteiro e acreditar que isso esclarece os acontecimentos é um exercício de imbecilidade. Projetar seus próprios pensamentos simplórios de geometria básica, como uma rede, no externo infinito e acreditar que o mundo se define pelos seus quadrados.

Todo mundo anda por aí cantando aquela coisa de que nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia. Mas eles falam isso como atores falam textos sobre o palco. As pessoas acham que ganhar é sempre ganhar. Sempre. Sempre. Não percebem que ninguém nunca ganhou duas coisas exatamente da mesma forma e na mesma situação. O que é ganhar, afinal?

Comer uma mulher é GANHAR?

Foda-se, vamos manter a discussão num ponto. Se a gente come uma mulher duas vezes, não é igual. O que as pessoas fazem é jogar luz apenas sobre certas partes da coisa, e deixar o resto no escuro. Se você ganhar o jogo, e chegar por cima na parte iluminada, está tudo bem. Fins justificam os meios. Os meios são escuros, e não importa o que você fez nas

sombras. Você estava por cima quando os holofotes chegaram. É o melhor. Já ganhou.

Mas pra mim suas partes escuras estão iluminadas. Não vai passar na televisão, mas você estava lá, porra! Não estava? Você passa e vê cada pedra no caminho. Como pode negar sua responsabilidade?

Acho que as pessoas fecham os olhos. E acho isso uma coisa realmente estúpida. Não importa se você está de olhos abertos ou fechados. Não importa se as pessoas estão olhando ou não. O que você faz te transforma. Não importa se você apagou a luz. Não entendo como alguém concordaria em se transformar num monte de bosta, só porque ninguém está vendo.

Vale repetir que mesmo tendo nomes idênticos, os fins nem sempre são iguais. Luke usa óculos, mas Edward não usa. Se os dois tivessem o mesmo nome – Paulo, por exemplo – e eu perguntasse "Paulo usa óculos?", é óbvio que eu estaria fazendo duas perguntas diferentes, que exigem duas respostas diferentes.

Os nomes e palavras são poucos. A gente tem que perceber a realidade, não a linguagem. Uma vitória covarde não é o mesmo que uma vitória honrosa. Assim como transformar a Alemanha numa próspera potência não é o mesmo que transformar a Alemanha numa próspera potência repleta de assassinos racistas. Esse é o tipo de ignorância que vem arrastando a gente pra baixo e que tem feito sempre todo mundo se foder. Mesmo quem "ganha" está se fodendo. Mas cansei de discutir sozinho.

Luke acertou a (7) sem dificuldade, mantendo nossa dupla no jogo. Não durou muito. Edward jogou

em seguida e teve o colhão que Barbicha não teve; matou o castigo com um tiro honesto. Eles ganharam o jogo.

Fui comprar mais fichas. Barbicha me irritou. Ou me inspirou. Eu nem sei dizer. Com o jogo terminado ele voltou com a conversa da sua última jogada. Eu chamei de galinha, mas eles ganharam. Eu já não me sentia mais sozinho. Eu participava. Voltei com as fichas. Alegre. Eu adoro um bom jogo de sinuca. Só pelo drama aquele já seria bom.

Edward estava em sua melhor forma, mas isso quer dizer apenas coordenação motora. O jogo dele consiste em espalhar as bolas e matar o que fica em posição de tiro. Ele não tem estratégia.

Barbicha tem estratégia. Ele entende que sinuca não é apenas matar bolas. Não é. Isso seria como dizer que a vitória numa guerra vem de matar soldados. Parece verdadeiro, mas é enganoso. A coisa é uma questão de estratégia. De encurralar ou bater em retirada. De procurar deslocamentos vantajosos. Desestabilizar o inimigo. Perseguir a ruína dele. Buscar o melhor posicionamento possível, enquanto cuida para que o jogo do seu adversário fique o mais amarrado possível. Permitir-lhe os movimentos inúteis e bloquear os úteis. Sempre deixando a bola branca no pior lugar executável. Matar as bolas é apenas uma das partes do jogo. A mesa está sempre repleta de possibilidades.

Barbicha tinha estratégia e se gabava disso. Como o único além dele que conhecia estratégia ali era eu – e como eu vinha jogando em silêncio – ele precisava explicar tudo, pra sentir que seus méritos eram corretamente apreciados... The joke is on you,

como diria Clarisse se estivesse por ali. The joke is on you, motherfucker! As explicações de Barbicha, pra mim, eram justamente a validação daquela impressão que eu tinha, desde que ele chegara com a Charadinha das Três Tabelas. Ele tinha pretensões de general reformado, mas não passava de um sargento fracassado e pouco habilidoso.

E desta vez, se eu tivesse dito o que pensava, Barbicha não poderia me confrontar com sua ideia pervertida de eficiência. Eu e Luke ganhamos a terceira ficha sem muita dificuldade. Não estou dizendo que foi fácil – eu tinha perdido o jeito da coisa, e você não reaprende sinuca em uma ficha – mas também não houve grandes dificuldades. Fomos pra quarta partida, e ganhamos essa também.

Agora tínhamos apenas mais uma ficha pra decidir a noite. Dois a dois. A coisa foi apertada. Barbicha e Edward já tinham perdido a tranquilidade negligente adquirida nas primeiras vitórias. Era a última ficha. Decisiva. A ganância alimentando um e o gosto por adrenalina inflamando o outro. Eles até que jogaram muito bem.

Na incapacidade de acertar tiros como Edward, ou de lançar com pouca força bolas estáveis através da mesa, tive que adotar a defensiva. Eu não jogava pra matar. Jogava empurrando nossas bolas pra região das caçapas – criando oportunidades fáceis de aproveitar a qualquer momento e, ao mesmo tempo, bloqueando os gols do time adversário.

Então estão pelo castigo de novo. E nós temos duas bolas na mesa. Incrível! Barbicha se resolve por outra sinuca covarde. Então aquilo de dar sinuca nessas condições não era apenas uma opção. Aquilo era um método!

Tudo bem. Era divertido que fosse assim. Um bom tira-teima pra mim. Porque depois daquela experiência toda de nojo da covardia de Barbicha, eu inverti a ordem de jogar da minha dupla. Depois que Barbicha abriu a mesa eu joguei logo em seguida, sem falar nada. Já era a terceira partida em que eu jogava depois de Barbicha, porque já sabia que ele era covarde e eu gosto de amedrontar um covarde; pra ver se ele vira homem.

Aquela era a minha chance. Nada de realmente complicado. Existem momentos em que você se funde com as coisas e não existe dificuldade. É um tipo de transe. Não importa se você está escrevendo, tocando violão ou jogando sinuca. Quando você consegue entrar nesse estado, o mundo não te apresenta dificuldades. É como se você fosse um rio, ou uma nuvem. Duas tacadas e eu tinha matado as duas bolas pares. Agora, a bola branca formava uma linha reta com o castigo e uma das caçapas no canto – uma linha diagonal às paredes da mesa. Meu tiro favorito. Um tiro pra acabar o jogo. Era uma bola fácil e eu estava on fire. Uma cereja no topo do sorvete.

Edward colocou o taco sobre a mesa ao lado, que já estava desocupada. Enfiou a mão no bolso, desanimado, pra buscar o maço de cigarros. Já tinha desistido do jogo.

– Filho da puta, ele disse – hoje achei que te enrabava...

Barbicha me olhava com um misto de dor profunda e esperança desesperada – esse sentimento cambiante e contraditório. Os olhos brilhantes injetados. Ele sabia que já tinha perdido, mas não queria acreditar. Para ele, era absolutamente ne-

cessário que eu formalizasse a vitória. Era seu check-point e ele viajava a duzentos por hora numa Ferrari falsa em direção ao muro. Não tinha esperanças de virar, ou frear, mas ostentava os olhos inconformados de quem espera um milagre.

Luke não estava muito comovido. Conversava alegremente com um outro bêbado sobre Príncipe da Pérsia, ou algum outro joguinho de computador... Era só um jogo de sinuca. Porra, é só um jogo de sinuca. Luke tinha razão. Não no discurso, porque ele não falou. A sua postura era a correta. Isso passava pela minha cabeça. Agora curvado sobre a mesa. Sentindo quase inveja de Luke. Mirando. É só um jogo de sinuca. E mais um ex-playboy frustrado retardado tentando acreditar-se melhor que todo mundo, mesmo sem condições pra ser playboy, só porque não tem receios de ser covarde.

Tentando se convencer de fato que não tem dinheiro pra comprar uma caminhonete gigante porque optou por um trabalho mais humano, ou pela família, ou por morar perto dos pais ou sei lá que desculpa esfarrapada ele inventou pra si mesmo na tentativa de camuflar o fracasso da sua obsessão de controle. Apenas outro demente fingindo que o lago de bosta é termas de lama medicinal. Incapaz de reconhecer que é apenas um grão de areia que morre rápido numa bolinha flutuando no espaço; ou pelo menos que vive como um covarde fracassado.

Eu, pronto pra jogar. Vendo Barbicha na visão periférica. É só um jogo de sinuca, porra. E pra mim nem é mais um bom jogo, porque não é um jogo entre amigos.

Por falar em amigos – sobre a minha intimi-

dade – e quanto a mim? Eu sou um dos caras que realmente não se importam. Não sou? Quer dizer, eu estou me fodendo pra caras como o Barbicha, não é? Não estive sempre tão orgulhoso disso?

Então por que estou fazendo aquilo? Por que estou usando meu sentimento mais puro para mirar naquela bola? Calculando trajetórias... Tudo tem sido tão desinteressante. Por que estou me ocupando de Barbicha? Só pela falta de coisas pra me interessar? Ali estão dois amigos. Luke e Edward. Eu saí com eles e me sentia sozinho. Um monge egoísta sentado em transe no topo da porra de um penhasco na minha mente. Desinteressado de descer pra brincar com eles. Eu não despertei por eles. Agora, estou ali. Participando. Calculando trajetórias. Barbicha não vale tudo isso. Eu, inclusive, já tinha provado meu ponto. Ele já sabe que jogo melhor do que ele. Já ficou com medo.

Estou ali desperdiçando minha atenção mais santa numa formalidade, ou quero esfregar a cara dele na lama? Quero chutar um cachorro morto? Quero me gabar do check-point, como ele?

Todos esperavam. O jogo empatado. Um tiro. Eu olhando o castigo. Barbicha olhando o castigo. Empatado. Ser covarde não fazia dele um jogador melhor do que eu. Ser covarde não fazia nada dele além de covarde. Ele estava com medo. Passei a vida procurando um caminho que me mantivesse afastado do inferno de Barbicha, com seu fogo de falsa glória, seu fogo de orgulho ferido e suas disputinhas mesquinhas pegando fogo. Ele que se foda. A meia garrafa de vodka, abandonada no meu quarto, merecia maior atenção. Então por que eu participava?

Ainda não descobri ao certo o que quero, ou o que deveria querer. Talvez nunca descubra. Mas algumas decisões são fáceis de fazer. Não quero ser como Barbicha.

Fiquei pensando nessas coisas e de repente não estava mais ali. As cores estavam novamente enfeitadas por sua indiferença habitual. Eu tinha saído. Isolado. Com vontade de tomar uma garrafa de vodka e entupir o peito de fumaça. Perdido. Sozinho mais uma vez. Eu me sentia bem. Ainda tinha que jogar. Errei a bola e eles ganharam. Fomos embora.

Luke me deu carona pra casa. Ele estava empolgado com um disco do Soft Machine e foi isso que ouvimos no carro. Por que estamos sempre dormindo? Perdidos. Esperando por felicidade.

XXVIII

Hoje saí pra caminhar.

Caminhar tem sido minha nova "parada". É como se eu fosse meu próprio planeta Terra, com meus dias e noites. Rotação. Translação. Estações. Sou afetado por fases do que me rodeia, como a Lua. Não sei quantas fases são. Talvez infinitas. Não controlo ou compreendo a duração delas. O universo está sendo estudado há milhares de anos; eu só tenho vinte e quatro e pouca gente está interessada em mim. Não sei bem como funciono, num sentido amplo. Mas reconheço certos períodos.

Então às vezes experimento predisposição para a melancolia; às vezes para a euforia. Em certos períodos meu peito desabrocha flores, que mais tarde se ocupam em murchar e cair. Entre as revoluções misteriosas das minhas estações (e independente delas) há ainda a sucessão de calmarias e furações. Repousos e terremotos. Moderação e exagero.

Parei de fumar. Um período pacífico e tranquilo de moderação. Naturalmente, um período pouco literário. Então na caminhada de hoje eu senti novamente o furacão fundamental do meu exagero – que venho tentando direcionar pro útil, pro saudável, ou pelo menos para o que não seja tão prejudicial como comer, beber, e fumar demais.

Como sou gordinho e sedentário, até uma caminhada tem sido boa oportunidade pra exagerar. Hoje percorri uns quatorze quilômetros. É bom pra respirar. Sentir. Saber que estou vivo.

Governador Valadares é uma cidade quente.

De vez em quando tenho vontade de buscar à minha volta pela câmera escondida, porque parece uma pegadinha. Gritar pro ar: "Quem ligou a sauna?"

Mas de uns três anos pra cá temos visto invernos cada vez mais rigorosos. Considerados, pelos moradores mais antigos, como os mais frios por estas bandas desde que eles possam se lembrar. Eram ainda umas cinco e meia da manhã quando saí de casa. O Sol continuava recolhido no horizonte, que apenas começava a se colorir. Não era um frio imparcialmente severo, é claro. Nada que vá congelar meus cabelos ou pontas dos dedos. Mas sou valadarense. Pra mim, parecia férias na Sibéria. Quando parei na beira da estrada e percebi que saía fumaça do meu xixi, achei aquilo um fenômeno interessantíssimo.

Cerrei os dedos gelados e continuei andando. Moro no final da cidade. Meu caminho é a estrada até o anel rodoviário – cercada, basicamente, por chácaras, sítios, e clubes mais afastados. Pouca civilização. Muitas árvores, pássaros e montanhas. Agora, eu me aproximava de um dos morros contornando o vale.

Sei que gosto não se discute. É uma coisa surpreendente. Conheci pessoas que não gostam de pizza. Cada um, cada um. Mas será que existe por aí alguém que goste de morro? Alguém que está andando na rua, vira uma esquina e pensa "Morro pra subir, bróder! BOM DEMAIS, CARALHO!" Acho meio difícil. Eu, pelo menos, não gosto.

Ali estava o morro, fazendo uma curva à minha frente. Ali estava o frio em cada membro do meu corpo. Usando apenas um short, tênis, e uma cami-

seta gasta. Ali estava alguma parte do meu pé esquerdo reclamando de algo. Acostumado à sua vida calma e reclusa, escondido sob a mesa do computador, aquele pé já não suportava bem as caminhadas que vinham se repetindo nos últimos dias. Algum tendão, ou músculo. Nunca entendi dessas coisas. Algo dentro do meu pé doía enquanto eu andava.

Em certos aspectos, caminhar além do sensato é como beber ou comer demais. Existe um sentimento análogo. Não é uma coisa que eu possa colocar exatamente em palavras. É algo que se sente.

Não há diálogo dentro de mim, mas um diálogo descreveria bem essa zoeira aos ouvidos da consciência. É como se, dentro de mim, duas partes conversassem:

- Ei, cara. dando uma caminhada, né?

- ...

- Sem querer atrapalhar, mas já atrapalhando, acho que já chega.

- ...

- Você já caminhou o bastante.

- ...

- Acho que você não está entendendo. Pronto! Chega! Pode parar agora. Você já andou todos esses dias aí pra trás. Já saiu de casa às cinco e pouco da manhã. Está muito frio. Seu pé está doendo.

- Foda-se.

- Você pode voltar pra casa e sair novamente mais tarde, pra uma nova caminhada moderada. Você já andou o suficiente. Foram uns cinco quilômetros até aqui. Considerando que são os mesmos cinco quilômetros pra voltar, e que cada passo que você anda representa um novo passo no caminho de volta, a hora de parar é agora. Seu pé poderia estar

descansando em casa, promovendo o processo de cura. Ao invés disso, você está aqui piorando o problema. Não faz sentido.

- Foda-se.

- Você já está bêbado o suficiente.

- Foda-se.

- Você já comeu o suficiente.

- Foda-se.

- Estou dizendo, você vai prejudicar seu pé se continuar subindo esse morro ao invés de voltar pra casa.

- Foda-se.

- Vá tomar no cu, porra! Deixa de ser jumento. Eu estou ficando preocupado.

- Ah, é? Pô, cara... Então preciso te pedir desculpas! Sinto muito... De verdade mesmo... Mas acho que você não me compreendeu ainda:

F

O

D

A

S

E

É como beber, ou comer demais. Uma das partes se cala, e você continua dando passos pra frente. Entornando copos. Levando a colher à boca. Não importa o que está acontecendo. Eu preciso daquilo. Não importa se meu pé está doendo. Não importa se é quando nasce o Sol e subo o morro cortando a hora mais fria do dia. Cada vez que eu respiro forte, uma pequena nuvem furiosa sai da minha boca. Cada vez que eu respiro forte, o ar atravessa com pressa os canais dilatados das minhas vias aéreas tão gelado que parece cortar a carne.

Tudo isso existe em minha atenção. Tudo isso, eu sinto. Mas nada disso é importante. A única coisa importante é dar o próximo passo. Subindo o morro, atravessando tudo com a cabeça baixa. Empurrando o corpo pra cima.

Assim que venci a subida e terminei a curva, dei de cara com o Sol, que se escondia atrás do morro. Raios quentes, daquele calor aconchegante da manhã, me atingiram magnificamente. Mágicos.

O calor reconfortante daquela luz matinal foi como uma carícia sobre a minha pele. Até então eu vinha com a cabeça baixa, de olho no próximo metro de asfalto. Agora, levantei os olhos. Lá estava ele, entre convenientes e sólidas nuvens. Um fenômeno tão intenso que não posso admirá-lo de frente. Espalhando cores e poemas na estrada infinita do céu.

Ao meu lado, a partir das árvores na beira da estrada e estendendo-se até o fim das montanhas, sobre todo o vale, toneladas de verde brilhavam intensamente. Não sei se foi o frio, o Sol, o verde, o esforço ou todas essas coisas juntas. Também não é

importante. Ali estava o que eu procurava. O exagero. Meu porre. Minha barriga entupida.

Mas não dá pra comparar o êxtase de hoje com comer ou beber. Era um prazer muito mais limpo, e provavelmente com consequências muito mais desejáveis. Estar ali, naquela situação – naquele momento – era como ter um orgasmo.

Falando em orgasmos, existem outros exageros que pretendo praticar sem restrições, de tempos em tempos, quando surgirem as oportunidades. Foder, escrever e amar.

Agora volto à minha moderação rotineira. Como não sei quanto tempo vai passar até que algo mereça um novo capítulo – ou mesmo se um dia terminarei de escrever esta colcha de retalhos, ou se vou simplesmente abandoná-la aqui – costuro em despedida um poema relacionado que escrevi na semana passada:

rolo da cama
e preparo mp3's
pro café da manhã

de repente
estou levando uma vida saudável

os primeiros raios do Sol
têm me encontrado
caminhando
entre as montanhas
no final da cidade

as vaquinhas lá longe

pontos brancos
parecem caspa sobre o vale verde
e são muitas as cores
que pintam o céu
no começo
do dia

num acesso de empatia
tento ver o horizonte com os olhos dos pássaros
que brincam lá em cima
minhas pernas doem
e isso é bom
os poucos caipiras que passam
de bicicleta
me cumprimentam
dizendo “ôba!”

sei que a tristeza me espera
de tocaia
em alguma das tantas esquinas

foda-se

pretendo recebê-la
com um murro
na cara

pode vir

filha da puta

pode vir

não vou cair

sem luta

XXIX

From: spookybuk@xxx.com.br
Date: sexta-feira, 25 de junho de 2004
To: nandakshnd@xxxxxxx.com
Subject: feliz por você - você merece

ah ha!

vi seu fotolog hoje, nanda, e descobri porque não recebi resposta pro meu último e-mail, nem a lenda japonesa que você prometeu enviar junto com ela

então quer dizer que, de uma hora pra outra, você começou a namorar?

porra,

muito massa

tem sido muito bom conversar com você

acho que você merece alguém que te faça feliz

tipo, se eu fosse deus, isso faria parte da minha justiça

entendo que não faz mais sentido por agora manter a nossa prazerosa, mas inútil correspondência

nem deveria estar enviando mais nada, mas antes de interromper nossa conversa eu queria concluir o que temos falado sobre felicidade

um mestre disse para um monge:

"posso te explicar, mas não posso fazer você compreender as coisas"

isso não era uma reclamação

a gente tem que aprender a refletir longamente se quiser entender essas coisas orientais

o zen está cheio disso

vou te contar outra história, clássica

alguém perguntou pra um famoso e sábio monge qual era o sentido da vida, ou alguma coisa do tipo – estou inventando a história em seus dados não-essenciais, que não me lembro

o cara fez uma pergunta dessas bem estúpidas e o monge, em silêncio, colocou a própria sandália na cabeça e foi embora

isso não quer dizer nada, sob uma visão racional e lógica das coisas

mas é claro que ele estava dizendo "você aparece aqui com esse monte de besteira e o que me interessa? como é que vou responder uma coisa dessas? o que acontece acontece, e tanto faz..."

"posso te explicar, mas não posso fazer com que você compreenda"

isso quer dizer que não damos realmente nada pra ninguém

adeus teoria hipodérmica, que você deve estar estudando na faculdade

só podemos oferecer

como sementes

você apenas as oferece pra terra

eu não uso agrotóxicos em relações humanas

estou oferecendo sementes

pra você, ou pro tempo

sementes de plantas que uso medicinalmente ou que enfeitam minha vida

enfim, sementes do jardim que venho cultivan-

do

se você não precisar delas, tanto melhor

quer dizer que você já tem um bom jardim

pelo sim pelo não, sementes inúteis não atrapalham

eu falo demais, e talvez esteja apenas enviando um e-mail muito chato, no final das contas

mas acho que vai ser um esforço maior pra mim escrever tudo isso do que para você ler

e é um esforço que não me importo de fazer

sementes e palavras são, ambas, muito leves

sobre felicidade

estou sempre procurando o melhor pra fazer

isso é complicado pra caralho

muito mais difícil que descobrir bandas na Internet, por exemplo

o cenário pop da moral – a ideologia que anda se repetindo na cabeça da maioria, equivalente às bandas que eles ouvem, como Madonna, axé e sertanejo – é um lance mesquinho pra caralho

se você tenta fazer o que todo mundo fala pra você fazer, vai se transformar numa futilidade faminta inconsciente da morte

uma pessoa que não tem grandes dificuldades, é verdade, porque varre tudo pra debaixo do tapete e espera morrer sem tempo pro inferno do arrependimento

mas também uma pessoa sem transcendência

gente assim ainda está muito próxima do macaco

porra, acho que um macaco não conseguiria atingir o nível de degradação que nós podemos

ainda assim, um macaco provavelmente sente mais do que essas pessoas
um macaco deve ser capaz de mais emoção que elas
uma massa bruta, sensível apenas aos prazeres vulgares

quer prazer?
então você tem que comer quatrocentas mil mulheres, num suruba
chapar oitocentos mil litros de pinga
puxar ferro e comer anabolizante até ostentar quatro quilômetros de músculos
comprar camisas de quinhentos milhões de reais
andar no carro do Ayrton Senna
dar o cu pro Ronaldinho
colhendo exemplos de uma trepadeira - o desejo de alcançar o Mais Alto, mas em meios ou indicações
insensível a tudo que não brilha exageradamente
se você para pra pensar um pouco, fica claro que essa vida é indesejável
se você para pra observar um pouco, o fracasso do sonho consumista passa todo dia na tv, escondido entre os comerciais

a vida pode ser muito mais do que isso
eu, pelo menos, não quero isso
um mundo pop não serve pra mim
acho que pra você também não
imagino que você tenha momentos de dúvida em que procura o melhor caminho, dentro do seu

lugar escondido
é isso, pelo menos, que acontece comigo
mas é difícil encontrar alternativas

e o caminho que tenho seguido pode não ser adequado pra você
não posso garantir que meu conselho seja um conselho excelente
sou muito jovem e ignorante
mas posso dizer com segurança que cada vez que consigo dar um passo pra frente nesse sentido, coisas boas me acontecem

eu queria dizer que a felicidade é como uma mosca
é difícil dominá-la
você a percebe passando, ou pousada sobre a mesa, mas não consegue segurá-la
apenas um mestre poderia prendê-la num hashi, como o Sr. Myiagi, ou Musashi

pegar as moscas que aparecem à nossa volta é um processo complicado
às vezes precisamos de várias tentativas pra pegar cada uma
às vezes, pegamos de primeira (sorte de principiante)
mas a maioria escapa
eu queria te propor uma coisa

aproveite agora, que você está alegre
que você está começando um relacionamento
como que entrando num tobogã de felicidade
aproveite agora

uma tentativa pra que esse tobogã desemboque num lugar bonito
julgue minha proposta e faça como for mais adequado pra você

minha proposta é: nos momentos de dúvida, tente a felicidade como algo secundário
sei que é o melhor da vida, mas estou pedindo pra você não se importar tanto com ela

estou propondo que você coloque, acima de tudo, seu desenvolvimento pessoal
que quando tiver de escolher entre fazer algo pra ser melhor e algo pra ser mais feliz, que você abra mão da felicidade

se a mosca está fugindo das suas sucessivas investidas, é normal que você a persiga
mas se essa fuga leva para o meio do fogo – que faz mal pra você - não entre no fogo
abandone a mosca
continue caminhando pra luz, sei lá
continue andando para um lugar melhor
moscas melhores virão

e se elas não vierem?
e se aquela for a última mosca? é o que nossa mente carente nos sugere nessa hora

pense em quantos anos você tem, e em quantas oportunidades já teve de ser feliz
as moscas estão sempre aparecendo
e se há poucas moscas à sua volta, talvez você esteja num lugar deserto, precisando de caminhar

pra outra parte (onde há feliz fartura) ao invés de se queimar tentando tirar leite de pedra

escreveu Bukowski: "Você fica tão solitário às vezes que simplesmente faz sentido" – é possível que em alguns momentos você acredite na perspectiva de nunca mais encontrar uma mosca tão perfeita

bem, mesmo que nunca apareçam outras – não vale a pena segurar uma mosca, por mais bonita que seja, se seus pés estão pegando fogo

tente dar prioridade para o seu caminho
para se tornar uma pessoa melhor
a felicidade é como uma mosca que se move freneticamente
tentar pegá-la a qualquer custo é uma idiotice
uma criancice
se você está focado no próprio desenvolvimento, acaba ficando meio ninja
como aqueles monges e samurais
você passa a ter mais domínio sobre seu corpo
incluindo suas mãos e sua mente
fica mais fácil pegar qualquer mosca no ar

é a minha opinião
deixei moscas passarem que até hoje sangram em mim
sei que isso não faz sentido num contexto lógico
moscas que foram embora e sangram em mim
mas acho que faz sentido de outra forma
tenho certeza de que você me entende

como aquelas figuras 3D
como os koan
um lance que você não pode resolver com o raciocínio lógico

"Qual é o som de apenas uma mão batendo palmas?"
eu sei qual é o som
é este

você ouviu?
basta prestar atenção

até as pedras, assim se diz, falam a quem tem ouvidos para ouvir
tudo está constantemente pregando sermões

pronto
disse a primeira parte

agora a outra metade
acho que também é de algum oriental (pra continuar no cenário das nossas conversas):
"Quem precisa caminhar cem quilômetros deve considerar noventa como a metade"

talvez um dia você tenha outro tipo de dúvidas quanto a si mesma
e nessa hora pode ser que meu segundo recado sirva pra alguma coisa

eu já deixei tantas moscas irem embora
talvez até nessa linguagem tão confusa em que venho tentando me expressar
talvez até usando apenas palavras
talvez mesmo sem me conhecer pessoalmente
talvez até estes pequenos píxeis pretos na sua tela consigam passar pra você um pouco do que isso é pra mim
deixei moscas irem embora e elas sangram muito
sempre que penso nelas
toda vez que ainda sinto o zumbido delas com a pele

eu ainda me arrepio
e elas ainda sangram

mas não há arrependimento
antes eu me arrependia
porque não queria entrar no fogo, mas também não sabia o que fazer, vendo as moscas irem embora

eu tento ser melhor
e as coisas têm melhorado
até minha visão melhorou
enxergo moscas além do que podia ver
minhas pernas estão boas pra andar até elas, se me parecer necessário

você está aí em Ipatinga
eu pretendo ir catar moscas na Europa, em breve
talvez não tivesse outra oportunidade pra te dizer

sinto carinho por você

eu
um estranho
que entrou em contato com uma parte pequena de você
seu fotolog
alguns e-mails
seu sorriso
palavras doces
sinto carinho por você

você é uma mina muito massa
e se as coisas não estiverem funcionando assim pra você qualquer dia desses, não desista
deve ser apenas uma confusão, ou um momento de azar
o mundo é imparcialmente caótico
não desista
há uma vida maravilhosa pra você aí fora, se você puder encontrá-la

termino nossa correspondência mandando um beijo
é só um lance de despedida virtual
e tenho certeza que aceitá-lo não implica numa traição ao seu namoro, hahaha

um beijo
até breve (é sempre breve, mesmo que seja nunca)

ps. - escrevi o e-mail e não pude mandar, porque a Internet caiu
deixei o texto salvo e saí pra caminhar
aproveitei pra refletir no percurso
felicidade foi o tema da minha meditação ao longo da estrada
e agora (talvez de forma ainda prematura e experimental) eu acho que a melhor pessoa não é a que pega mais moscas
o melhor homem é aquele que escolhe o melhor lugar e senta-se confortavelmente
então, passa a se comportar de forma que as moscas sejam atraídas
parem de tremer

e pousem sobre ele

XXX

Novo período prolongado sem o que dizer por aqui. Não sei bem o que está acontecendo. Estou perdido. Despreocupado. Sentado no computador. Deitado com livros. Sentado novamente com o violão. Deitado com os olhos abertos voltados pro teto, focados em lugar nenhum, ouvindo música várias horas por dia. Eu poderia escrever sobre minha inatividade, mas não quero repetir um capítulo.

Se você espera alguma coisa de mim, é desatento. Um leitor que chegou até aqui atacado por sentimentos gestálticos de pregnância – esperando um finalzinho novelesco e sentimental pra este passatempo – ainda não entendeu o mecanismo gerador por trás destes textos. Agora mesmo, eu nem sei o que vou escrever na próxima linha. Tanto faz. Caminhemos pelo prazer de caminhar.

Você, leitor, não tem do que reclamar. Pra você foi fácil. Fica aí, só passando de uma linha pra outra. Mesmo que eu estivesse enchendo estas páginas com palavras escolhidas ao acaso, seu passatempo estaria assegurado. Para alguns, inclusive, isso seria mesmo o ideal. Mil gráficos e diagramas colados na parede do obcecado. Repetindo baixinho, pra si mesmo: "...terceiro dia tereis cantado o desejo pelo vilarejo do curral..." O inexplicável. Páginas e mais páginas dele. O inatingível. Palavras recortadas festejando aleatoriamente no interior de uma sacola que vai sendo agitada suavemente enquanto retiramos uma a uma para compor as frases. Seria o passatempo perfeito para algumas pessoas. Como aqueles métodos ensinando a ganhar na roleta. Todo

mundo tão impregnado dessa ideia boba de que tudo faz sentido. Você não precisa ficar se esforçando, nem pensando lá na frente. Relaxe. Sua responsabilidade só vai até certo ponto. Depois, não é mais da sua conta. Se você está aqui, sua parte já está assegurada. Pra mim é mais difícil. E tem se tornado mais difícil a cada página.

Quer dizer, obviamente ainda não está na hora de acabar o livro. Ainda falta um pouquinho. É um sentimento íntimo e bastante claro. Ainda não está na hora. Mas sobre mais o quê eu posso falar? Estou num quarto branco vazio e não vejo o que fotografar.

Hoje comecei a leitura de um escritor italiano.

Hauheauheauhaeuhae. Confesso que escrevi o último parágrafo inspirado pelo sarcasmo. Mas talvez não tenha sido uma frase tão inadequada assim. Talvez eu tenha encontrado um caminho. Talvez a gente só precise tentar. De qualquer forma, voltando ao italiano, isso me lembrou de uma coisa que ele escreveu.

Não pretendo roubar um carro e pintá-lo na garagem pra te dar carona. Como eu disse, foi ele quem escreveu. Vou transcrever. Com a palavra, Luigi Pirandello – falando sobre o mundo:

> "Estamos ou não estamos num invisível piãozinho, para o qual um fio de sol serve de chicote, num grãozinho de areia enlouquecido, que gira e continua a girar, sem saber por quê, sem chegar nunca à destinação, como se achasse muito divertido girar assim, para fazer-nos sentir ora um pouco mais de calor, ora um pouco mais de frio, e, no fim, fazer-nos morrer (a miúdo, com a consciência de ter cometido uma série de pequenas tolices), após cinquenta ou sessenta giros?"

Porra, é exatamente isso. Ás vezes as coisas parecem interessantes. Às vezes, não. E você vai encontrar motivos de sobra pra se apoiar em qualquer um desses posicionamentos. Nada tem parecido interessante, e eu não tenho coragem ou vontade de lutar contra isso. Afinal de contas, é um sentimento sensato. Somos ou não somos apenas pó sobre um globo que é, também, no grande esquema das coisas, apenas pó perdido no Todo? Talvez você acredite de coração que tudo o que acontece à sua volta é altamente significativo, mas pra dizer a verdade, não é.

Amanhã, um peido ou um espirro interplanetário podem arrastar uns tantos meteoros perdidos pro nosso lado, e de repente morre todo mundo. Acho que dar importância demais ao que acontece é viver de fantasia.

Tenho raiva, por exemplo, daqueles programas de televisão sobre os animais e seus hábitos esquisitos. Me irrita quando eles dizem coisas como: "...a tartaruga tem uma carapaça PARA se proteger dos predadores." Ou: "O camaleão desenvolveu a incrível habilidade de se camuflar PARA enganar os predadores..." É ridículo. Não existe esse "para". Eles ficam atribuindo uma intenção à natureza. Isso é absurdo. É como se eles ignorassem qualquer tipo de estudo sobre o assunto. Eles ignoram Charles Darwin, talvez um dos grandes momentos de compreensão do homem. Eles ignoram grande parte do conhecimento aceito por todos. É como dizer que a Terra é redonda, mas que você cai num abismo se andar até o fim dela. Eles ignoram, por exemplo, que temos um apêndice.

O apêndice, afinal, serve PARA quê? Pra porra nenhuma, é claro. Só pra dar apendicite. Mas ele continua lá. É óbvio. Já discutiram muito sobre isso. A vida não se modifica por uma intenção. Ela vai se modificando aleatoriamente. Apenas a seleção das modificações que permanecem é feita através de uma lógica. As coisas não se modificam PARA isso ou PARA aquilo, mas apenas as melhores modificações são privilegiadas através da SELEÇÃO NATURAL. E no meio desse processo surgem as tartarugas, os camaleões e outros animais. Os que não conseguiram adaptar-se adequadamente foram extintos, mas também existiram. A criação não é lógica. A seleção é. Não é uma teoria assim tão complicada.

A carapaça da tartaruga veio a ser útil, mas o apêndice veio a ser inútil. Não há intenção em nenhuma das coisas. A vida está aí há, sei lá, uns quinhentos milhões de anos. É claro que se estabeleceu uma espécie de ordem. Você pode olhar os lagartos e dizer que eles comem os mosquitos, mas eles não foram feitos um para o outro, nem nada parecido.

Sobre os animais extintos, como a televisão deveria estar falando? "O perdiz azul dos planaltos da Tanzânia nasceu sem carapaça, sem capacidade de camuflagem e com uma única pena sobre a testa PARA ser habilmente INCAPAZ de se defender dos predadores e conseguir morrer antes de procriar, o que proporciona uma extinção mais eficiente!" Onde está a inteligência disso? Relógio. Mãe-Natureza. Einstein. Deus...

Dizer que a tartaruga tem uma carapaça PARA se proteger é uma idiotice. Ela desenvolveu uma

caraça que ACIDENTALMENTE serve para se defender dos predadores. São duas coisas completamente diferentes, que descortinam duas formas completamente divergentes de ver o mundo.

A natureza não é inteligente. Pelo menos, não no nosso sentido de inteligência. O mundo não pensa como um homem. Você precisa entender isso. Não somos o centro de um universo criado pra gente. Somos apenas formas nascidas no caos, sujeitas à seleção natural e à roleta da vida e da morte. Como as tartarugas. Como as flores. Não há nada de triste nisso. É apenas a realidade. Se você não consegue ver as coisas assim, se insiste em ver um mundo feito PARA você e PARA os Homens, onde cada coisa tem uma função fixa, determinada e compreensível, se você faz questão de viver num mundo irreal, que não existe – não é mesmo de estranhar que você sofra e esteja se irritando com pequenas palavras escritas numa folha de papel. Ou que você não seja capaz de compreendê-las. As coisas nem precisam te machucar. Você já arrumou um jeito de se foder sozinho. Você é um idiota. Vivendo num mundo que te contradiz o tempo todo.

A sorte é que a vida acaba. Isso deve te parecer triste, se você imagina um mundo feito pra você. Uma injustiça. Olhar o céu infinito, até o planeta infinito, e saber que você vai apodrecer muito antes da oportunidade de conhecer uma parte significativa disso tudo. Ser implacável e repetidamente decepcionado pelas dez mil coisas das quais você espera lógica e sentido, como formuladas pela sensibilidade humana. Observar que o Sol brilha sobre justos e injustos e que caminhões atropelam ambos – sem distinção.

Pra mim, o universo é incrível. Quando abro a janela, o mundo que simplesmente ESTÁ lá fora. Lindo. Linda. Penso em mim e no que me acontece como o resultado de uma interminável série de fatos improváveis. Eu nem devia ter consciência de ser. É um privilégio. A maior parte da matéria não tem ferramentas para ter consciência de nada. Sinto orgulho pelo simples fato de poder existir e escrever bobagens. Mesmo bobagens me parecem trapaça. Estou ganhando. Cada dia é lindo e se no infinito do Todo existe tristeza e se a primeira Grande Verdade é a do sofrimento, também há Linda e o amor e cores e sons e cheiros e gostos e texturas e alegrias e aconchegos e trajetórias de sentido que você acompanha como se bebesse um suco delicioso ou percorresse uma montanha russa.

E a ferida de amor arrancado já vai se fechando completamente em mim. Vai deixar cicatriz, mas já vai se fechando completamente e mesmo outra flor já se abriu. E o livro deveria ter acabado, mas sinto que ainda não terminei de dizer tudo que tinha pra dizer aqui e preciso, de alguma forma, manter o manuscrito vivo. Preciso forçar como se espremesse uma espinha, até que saia o que é preciso sair. Se os animais podem surgir e se desenvolver ao acaso, que por agora minhas linhas sigam o mesmo caminho. E o que vier, é lucro.

--//--

Como você deve, ou deveria, ter notado, sou apenas um cara passando o tempo. Admito quantas vezes precisar: não consigo pensar em mais nada pra dizer aqui. Então, resignado, vou empurrar a

coisa pra frente. Na força bruta. Talvez a gente pegue embalo. Talvez não. Talvez rumemos para o precipício. É verdade. Estou sendo irresponsável. Mas também é verdade que posso gostar disso. Talvez amanhã a Terra pare de girar, como tanto têm proclamado.

Talvez amanhã eu seja um esqueleto radioativo, sem ter, ao menos, ficado sabendo da guerra.

Talvez macacos tirânicos adoradores do capeta entrem agora pela minha janela e passem a dominar o mundo.

Talvez eu monte uma banda de funk e passe a ganhar a vida dançando o tip-tap na frente da igreja, pra entreter os turistas.

Talvez o Umberto Eco, um cara que eu admiro muito, dê uma pedrada na minha cabeça e me chame de Lucy.

Talvez alguém tenha fome, drogas e uma arma, e acabe atirando em mim por alguns trocados num semáforo ou num ponto de ônibus.

Talvez eu possa escrever que zkwmeui$%¨ vai pra Dkiº+'1sd depois de nininininininininaáá, só pra foder com o código. É como foder, realmente. Eu escrevo 09afds524j#@!$09349yt pra você, e me sinto enfiando alguma coisa dentro da página. Algo que não deveria estar ali. Dentro das letrinhas e de suas frágeis leis de probabilidades que eu posso sangrar com o dedo.

Talvez seja bom, empurrar coisas estagnadas. Não vou deixar meu rascunho intocado por medo de quebrar. Vou continuar escrevendo.

Por exemplo.

Foda-se.

Talvez qualquer coisa possa acontecer.

Peraí!

QUALQUER COISA PODE ACONTECER. É aquele lance científico: tudo é possível, mas algumas coisas não são prováveis.

O problema é: o que tem me acontecido não faz parte deste livro. O livro ainda existe em mim, mas num universo interno que não tem sido possível relacionar aos enredos do dia-a-dia. Então eu fico sem assunto.

O lance é ser bonito. Famoso. Pelo menos essa é a teoria de Suzana, minha vizinha. Segundo ela, essa é a vida boa. Beleza e fama. Às vezes, ela me chama da janela na frente da casa dela, quando passo em direção ao ponto de ônibus.

- Você viu aquela menina da novela, com quem ela casou?

- Pô, nem vi...

- Ah..., ela fica suspirando.

Queria ser uma loira linda, cantora, atriz, modelo e apresentadora de televisão. Dá pra ver os olhos dela brilhando quando fala sobre isso... Ela andando numa plataforma, com os fãs gritando desesperadamente lá embaixo... Ela imagina que isso traz o maior sentimento de completamento que um ser humano pode ter. Todos ali embaixo, admirando sua beleza e sua fama e seu talento e seu dinheiro.

O problema é que ela é tão feia, coitadinha. O cabelo dela parece um algodão-doce de café. Menos dois dentes na boca. Magrela. Barriguda. Um pouco de bigode. E, ainda por cima, manca! Pobrezinha... Ela acha que sofre por causa disso. Sei lá. Deve sofrer mesmo. Ela acha que esse sentimento de tédio, ou tristeza, ou qualquer coisa ruim que a gente sinta – tipo não conseguir pensar em nada pra escrever

– é porque não somos bonitos, ricos e famosos. Principalmente, é claro, bonitos – que, na cabeça dela, parece ser a chave pra conseguir os outros dois de bônus.

O irmão dela, Rubão, com a costumeira feiura de família, já desistiu de ser bonito. Diz ter encontrado outro caminho. Comprou uma guitarra e montou uma banda. Diz que vai ser famoso. Como não precisa mesmo se preocupar em ficar mais estranho do que já é, com aquela cara de assustar cavalo, ele fez logo umas duas ou trinta tatuagens – número que varia se você conta de acordo com o tema ou pela separação entre elas na pele. Espetou também uns tantos pedaços de ferro pelo corpo.

Vive dizendo que tem um piercing enorme pra colocar no pinto. Pra ficar parecendo um freak daqueles circos bizarros antigos, que levantavam peso com o pau. Promete usar num show, qualquer dia desses. A banda é constituída por outros tantos amigos tão esquisitos quanto ele. Ficam andando pelo bairro com os instrumentos. As donas de casa, dessensibilizadas pelos tempos modernos e pelo hábito de ouvirem sempre na televisão que estão erradas sobre o que pensavam dos jovens, já adotam uma atitude condescendente. Até tentam gostar daquilo. Incentivam.

Quando a banda ensaia, ninguém reclama do barulho. Acham que é apenas o ouvido delas, velho e antiquado, que não consegue perceber a arte ali dentro. A arte que meu vizinho grita tão alto que está fazendo. Como eu gosto de música esquisita, eles me convidam pra assistir aos ensaios. Eu tento me esquivar, afinal, eles são estrondosamente ruins. Mas fazer o quê? A gente precisa dar força pra quem

está por perto. De vez em quando, eu tenho que ir.

"Manja só essa minha ideia," diz meu vizinho enquanto todos prestam atenção, "o Lagartixa coloca a guitarra dele na parede lá do fundo, e eu jogo um tijolo nela. Enquanto isso, o Mano Caveira grita como um bode a rasga a própria camisa furiosamente..."

A ideia dele é um sucesso entre a banda. Todos concordam entusiasticamente. Já são uns vinte integrantes. No último ensaio eram dezoito, e está sempre entrando mais. Eu gosto quando eles concordam com alguma coisa. Todos têm tanto ferro pendurado pelo corpo que, quando se balançam, fica uma coisa batendo na outra e parece o som de uma sacola com cascos de cerveja sendo agitada. É um barulho divertido. Sugeri que eles gravassem uma música só com esse barulho, mas meu vizinho não gostou. Engraçado, até hoje ele não gostou de nenhuma ideia que não fosse dele. Ou, pelo menos, de nenhuma ideia que não fosse diretamente dele.

Tem aquela vez que ele resolveu gravar Um Minuto de Silêncio, por exemplo. Parecia um bom plano. A banda se balançou por alguns minutos, contagiada. Mas parece que outra banda, lá em São Paulo, já tinha pensado nisso antes e eles acabaram sendo processados. É um mundo triste. Tem gente que nasceu pra não ter sorte.

Meu caso é um pouco mais complicado. Não estou preocupado em ser rico, bonito ou famoso. E é justamente isso. Eu não tenho objetivos pra minha vida. Não tenho algo para o qual eu possa olhar e dizer: "Vou até lá!" Tudo em mim é feito com base num sentimento muito vago. É quase que uma intuição. E intuição não põe a mesa. Beleza, pelo

menos, ocupa seu tempo. Eu quero passar o tempo. Todas essas linhas aí pra trás devem ter te dado um vislumbre de quão desesperadamente eu quero isso. Às vezes dá vontade de abandonar meu intuição-estilo-de-vida e fazer como todo mundo, mas...

Mas...

Por exemplo – ser bonito pra quê? Eu já fui trinta quilos mais pesado do que sou hoje. Já fiz dieta das cores, da lua, dos dias da semana, dos números, das letras, do zodíaco e das notas musicais. É claro que isso não significa que atingi a forma ideal. Eu simplesmente era uns quarenta quilos mais pesado do que deveria ser. Ainda estou bem fora de forma. Mas, apesar disso, não tenho problemas íntimos com beleza. Falando sinceramente, eu sou até um cara bonito demais. Fico ali no espelho, olhando pro meu rosto. Caralho! Como eu sou lindo!

É claro que pra concordar comigo você precisa ter uma percepção apurada. Não tenho o tipo de beleza que qualquer um olhe e vá dizendo "Nossa, como ele é lindo!" A coisa tem que ser por um certo ângulo, sob uma certa luz. Eu não posso me dedicar a ficar mais bonito. Imagine só, ter uma dessas belezas óbvias que quase pulam na sua cara, que chato deve ser...

É bem verdade que eu me sinto atraído por mulheres com esse tipo de beleza. Mas olhe o tanto de idiotas que também se sentem... Não! Minha beleza é muito melhor. Ela é seletiva. Atrai apenas as pessoas mais atentas. Mais sensíveis. Mais inteligentes. Porque você não vai achar minha beleza assim, fácil, mergulhado na ignorância. É como esperar que uma faxineira qualquer possa entusiasmar-se pelo que é significativo na Mona Lisa, sem

qualquer tipo de instrução. Não! Você tem que estar familiarizado, por exemplo, com o filosófico Princípio da Não-Identidade♦. Dá pra achar um cara lindo no meu rosto. Mas você tem que ser habilidoso. Pra encontrar beleza ali, é como se confrontar com aquelas obras de arte interativas – a coisa depende de você pra se completar. Eu, pelo menos, sempre acho a beleza lá. Sou um cara talentoso, e tal.

A prova de que não estou sozinho é a minha namorada. Ela também me acha bonito. Tenho amado novamente e, enquanto estiver amando, não vou escrever sobre isso. É uma nova história e tenho

---

♦ Há uma eterna discussão, entre meus conterrâneos, se, vista de cima do Pico da Ibituruna, à noite, nossa cidade parece ou não parece uma guitarra. Numa lendária discussão sobre o tema, entabulada entre amigos numa mesa de bar, Marcos disse, irritado, que subia à Ibituruna com certa frequência e afirmava já ter enchido a cara, fumado maconha e tomado chá de cogumelo, mas não adiantava... não conseguia ver a forma da guitarra. Já tinha visto disco voador, dois telefones celulares se beijando, além de um pato com três asas e dois bicos rebolando – mas guitarra ele não conseguia ver. Chegávamos à conclusão que a guitarra não passava de lenda urbana, já que ninguém ali conseguira vê-la. Foi quando Isaak – o bufão – afirmou ver a guitarra sempre que olhava pra cidade lá de cima. "É igualzinho uma guitarra, pô. Não sei como vocês podem não ter percebido!" Seguiu-se uma pequena tese que envolvia a geografia da cidade. Algo como "A Avenida Moacir Paleta é o braço da guitarra e o Conjunto Sir é a cabeça..." e "Dá até pra ver os amplificadores!", enquanto Isaak se entusiasmava. Depois de breve reflexão sobre a formação da cidade, chegamos à conclusão de que, realmente, a guitarra não fazia sentido. É verdade que a Avenida Moacir Paleta ligava dois blocos de área iluminada, mas o Conjunto Sir, por exemplo, era grande e disforme demais para ser a cabeça da guitarra. E o resto da cidade, que deveria ser o corpo, se espalhava em direções demais. Ao que Isaak replicou: "É claro, é claro... você tem que desconsiderar certas partes da cidade pra ver a guitarra, e tal..." Alguns segundos de um silêncio grávido de riso. Marcos disse: "Brilhante! Agora, consciente de que posso desconsiderar partes seletas de um objeto para encontrar nele similaridade com outros objetos, estou vendo a guitarra por toda parte!" Isaak acabava de inventar o Princípio da Não-Identidade – Qualquer coisa pode ter a forma de qualquer outra coisa, desde que você desconsidere algumas partes. Esse é um princípio fundamental para aqueles ocupados em encontrar minha estarrecedora beleza física, que só pula aos olhos dos sábios e dos iniciados.

me esforçado para experimentá-la ao invés de servi-la às famintas letrinhas. Este livro ainda não acabou, apesar de estar chegando ao fim. E o assunto aqui é bem outro. Citei minha namorada atual apenas porque ela me acha bonito – sendo isso uma prova irrefutável de que ela é uma pessoa sensível e esforçada – exatamente o tipo de gente que eu quero perto de mim. Minha feiura é um método excelente de seleção. Não é uma feiura real, mas apenas uma evolução da beleza. Como a casca da tartaruga. Não é feiura real, e minha namorada é a prova disso. Se ela viu beleza em mim, é apenas a incapacidade das outras pessoas que bloqueia essa mesma beleza na visão delas. É um raciocínio simples, mas a maioria das pessoas não o adivinharia. Como aquela prima da minha namorada, que vive acusando-a de ter mal gosto. Obviamente, essa prima não é uma pessoa artística. Aquela puta.

--//--

Mas ser bonito e famoso não são os dois únicos caminhos a se considerar. Meu amigo Oberon, por exemplo, acha que o segredo é ficar mais inteligente. Vive me explicando coisas complicadas de matemática, física e outras matérias difíceis. Outro dia, me explicou o que é a antimatéria. Segundo ele, algum cientista malucão inventou um modelo que explicava todo o universo. Simples assim. Só com um pequeno detalhe: para que o modelo dele fosse válido, era preciso que o universo tivesse uns noventa por cento a mais de massa do que realmente tem. Então, o que eles fazem? Invalidam o modelo que explica tudo e procuram por outro? É claro que

não! Ninguém jogaria um tesouro desses fora. Então, o que eles fazem? Inventam a antimatéria! Tipo a matéria-escura. Que não existe, mas existe. É a substância desses noventa por cento de matéria que faltavam para validar o modelo do cara. Falando desse jeito, é impossível não julgar a antimatéria como uma proposta bem idiota. E é exatamente aí que está a parada. Só me parece assim porque eu sou burro. Se eu fosse inteligente, provavelmente conseguiria compreender os méritos da coisa e saberia vê-la como algo genial. O mundo dos gênios realmente é inatingível pra nós. Talvez a felicidade realmente esteja lá.

O problema com a inteligência é que todo mundo pensa nela como um lance chato demais. Ninguém admite isso claramente, é claro. Mas talvez, se a gente colocar a coisa de um jeito diferente...

Façamos um teste. Eu, agora, sou seu psicólogo. Você está confortavelmente deitado no divã do meu escritório. Eu peço que você feche os olhos e se imagine numa festa. É claro que você não pode fechar os olhos e continuar lendo isso aqui. Mas acho que você entendeu o básico. Use sua imaginação.

Você está nessa festa. Há bebida. Há música saindo das paredes. Gente alegre que dança e conversa em grupinhos pelos cantos. Nada parece realmente interessante. Até que surge de algum lugar, talvez do céu, uma linda mulher que se diverte na pista de dança. Ela se desloca magicamente e seu vestido se move como um assassino. Braços graciosos que brincam em câmera lenta. Você observa o sorriso naquela cabeça que se balança e se balança, levando você pra longe. Talvez puras e belas lembranças da infância, enquanto sonhos e flores e mun-

dos e beijos possíveis se desprendem da ponta daqueles cabelos. Negros. Espalhando-se no ar como um pedaço rebelde da noite. Fascinante. Ela está longe, mas você já acredita sentir seu cheiro. Há qualquer coisa que te impele pra ela. Quase que um convite feito à sua própria alma. Como se o ar te empurrasse de leve com os dedos.

Você precisa ir até lá, então dá um gole mais pesado no que estiver bebendo. Contrai alguns músculos e começa a caminhar, tentando relaxar outros.

Você está a caminho e precisa pensar no que dizer. E então? O que vai ser?

Convenhamos, há uma quantidade considerável de respostas para essa pergunta. Algumas são mais adequadas que outras. Você, com certeza, pode pensar em muitas. Mas, por um segundo, consideremos alguém cuja pretensão fosse um discurso parecido com este:

"Oi. Vi você dançando e desculpe se estou sendo inconveniente...", ele espera que, nessa hora, ela sorria com leve expressão de benevolência divertida. Sabe-se que é improvável completar um discurso inteiro, e que eles não devem ser idealizados levando em conta a participação alheia. As pessoas interrompem e enviam sinais que demandam novos rumos. Mas o discurso existe, em matéria potencial, enquanto você caminha. Ele existe, e continua: "... não, é sério, eu me sinto esquisito fazendo isso, mas eu estive olhando fascinado pra você durante os últimos minutos, e finalmente percebi que já não tinha mais escolha. Eu não podia continuar ali sentado, bebendo cerveja displicentemente. Se eu não viesse até aqui te falar alguma coisa, qualquer coisa, eu dormiria mal esta noite. Lembrando que em certo

ponto do dia o mundo me inspirou bondade e eu não fiz nada disso. Eu me reprimi. Desculpe ser inconveniente, com toda essa conversa estranha, mas é que você pode olhar pros lados e perceber que as pessoas estão constantemente se permitindo fazer todo tipo de vilanias. Enquanto isso, estão todos sempre reprimindo as coisas bonitas, apenas por acreditarem que elas são estranhas ou constrangedoras. É mais fácil que alguém se levante de uma cadeira pra falar com um estranho que acha ele um filho da puta, do que pra dizer que achou a cor da camisa dele bonita. Eu acho isso triste, sinceramente, mas só achar triste não adianta nada. Achar não põe a mesa. Eu decidi fazer alguma coisa. Lutar contra isso. É difícil pra mim, estar aqui. Falar esse tanto de asneira. Mas eu precisava vir. Dizer alguma coisa. Qualquer coisa. A chance da alegria. É o que eu pensei. Talvez eu consiga dizer algo bonito. Eu realmente precisava te dizer algo bonito. Retribuir a chance de olhar seu sorriso e seu cabelo hipnótico. Acho que eu devia isso pro mundo. Mas como você vê, eu só falo bobagens. Então acho injusto te importunar só pra falar dos meus sentimentos. Injusto e egoísta. Muito melhor, eu decidi, seria dizer algo inteligente. Sendo assim, achei que seria adequado te alertar para o fato, já brilhantemente ilustrado por Aldous Huxley, em seu primoroso livro Regresso ao Admirável Mundo Novo, de que a essência do espírito de finura pode transformar-se na própria substância da não-verdade. Tendo isso estabelecido, enquanto você medita sobre a questão, será que eu posso te dar um beijo?"

Você precisa admitir – é uma cantada inteligente.

Você precisa admitir – todo mundo acha inteligência uma coisa chata.

Mais exemplos.

Por exemplo. Eu posso abrir aleatoriamente a boca (ou um livro) do Umberto Eco, e deixar ele falar:

> Sobre a invalidade metodológica desses conceitos, discorreremos nos ensaios que se seguem (procurando delimitar o âmbito de discurso em que possam ser usados); aqui, porém, valerá a pena lembrar as ascendências históricas dessa contraposição maniqueia entre a solidão, a lucidez do intelectual e a obtusidade do homem-massa.

Não dá pra negar. A maioria das pessoas – confrontadas por um discurso desses – vai pensar: "Caralho... não é à toa que ele está falando de solidão do intelectual..." Eu acho ridículo essa parada de antimatéria. Eu fui procurar "antimatéria" no dicionário digital e meu computador deu pau. Estou falando sério. Foda-se a antimatéria. É isso que eu sinto. Mas eu sei que só penso assim porque sou burro. Não precisa ser assim, é claro. Eu posso mudar. Mas, agora, é assim que é. Como eu já disse aí pra trás: Estamos, todos, mergulhados numa grande piscina de merda. Não finja que é lama medicinal, ou você nunca vai tomar banho.

Inteligência é como tomar banho. E parece chata à maioria, assim como a higiene parece chata aos brutos. Os brutos são maioria. Eles podem zombar, mas não sabem como é foder com o corpo limpinho. E se abraçar e se apertar com alguém que também está limpo, e que também te aperta e cheira com força e beija o seu pescoço. Inteligência é uma coisa excitante, quando você passa a conhecê-la.

Mas eu ainda não acredito que o caminho es-

teja realmente só ali. Como também não está só em higiene. Ficar passando mil produtos pelo corpo. Tendo pesadelos com germes e micróbios. Isso não parece vida. Talvez seja importante, pros caras inventando nossos sabonetes. Mas realmente não dá pra imaginar isso como um padrão médio de vida – desejado por todos e indicado para tudo.

O admirável, de fato, parece ser uma barreira sem portão, à qual se pode chegar por todas as mil direções. Pode-se atravessá-la por qualquer lado, mas é preciso ter um caminho.

--//--

Porra, é muito massa começar uma frase com um palavrão, mas é melhor tentar um pouco de ordem por aqui, caralho.

XXXI

com certeza você já viu
aqueles lances de filosofia
“penso logo existo”
como assim, penso logo existo?
gostaria de dizer que você certamente já se perguntou isso
mas talvez você não tenha se aprofundado tanto no tema
o lance de que o mundo só existe na nossa cabeça
não é difícil perceber isso, é claro que existe um mundo objetivo aí fora, e que a gente faz parte dele

preciso confessar
minha vontade
contida
de correr

velocidade sônica

minha ânsia de entrar correndo
e estuprar você
com palavras
mas
depois de tantos e tantos estupros
a coisa
cansa

estupros só trazem
tristeza

então,
calma

já te beijei na boca
e agora estou
inesperadamente
chupando
seu
peito

você precisa ter um pouco de paciência
agora
não me peça pra tirar
logo
meu pau pra fora
eu não sou
broxa
pode ficar tranquila
estamos chegando lá
com calma

você pode começar pensando
em uma pedra

uma pedra não é capaz de compreender movimento
ela é alguma coisa que é
mas
não tem consciência disso
a pedra não tem consciência de nada
porque pedras simplesmente não têm consciência
elas não têm ferramentas para compreender

movimento
ou para apreender o mundo
intelectualmente
a pedra apenas é
alguma coisa
que é

nós também somos alguma coisa que é
mas nós temos consciência disso
nós podemos ver e ouvir e
compreender movimento
nós podemos apreender conceitos e relações
intelectualmente
porque temos ferramentas pra isso
e com elas já podemos
voar
mas
não estamos
assim
tão longe
da pedra

não podemos
nem de longe
apreender tudo
intelectualmente
quem dirá então
tudo
que sequer poderia ser experimentado
intelectualmente

não podemos enxergar a radiação infravermelha
não podemos enxergar a radiação ultravioleta

na verdade
dizem
que percebemos um espectro bastante limitado
do campo eletromagnético
e
como a pedra
não podemos compreender
uma porção de coisas
não temos
realmente
consciência do mundo
o que temos é
apenas
uma série de fenômenos
gerados por certas ferramentas
ou habilidades
ou ladrões, como diriam os budistas
os seis ladrões
ou portas
que nos tornam diferentes
das pedras

é claro que a gente é
e é claro que há um mundo que é
mas o que a gente chama de mundo
e o que a gente chama de ser
são apenas fenômenos íntimos
resultado do que a gente
vê
ouve
cheira
toca
prova
e pensa

o mundo só existe
na nossa
cabeça

nós mesmos
da forma que nos percebemos
existimos
apenas
em nossas próprias
mentes

interessante que não somos
apenas mentes pensantes
a gente também constrói
e parte desse mundo íntimo
pula
pro lado de fora

minha prima de quatro anos
por exemplo
tem medo do Lobo Mau
ela me confessou isso, durante uma viagem
estava com medo dele naquele exato momento
então eu comecei dizendo pra ela não ficar com medo
estávamos protegidos
com toda a família
dentro do ônibus
mas
"e se o Lobo Mau se transformar num carro?"
"e se ele estiver me esperando, quando eu chegar em casa?"
tentei explicar pra ela que o Lobo Mau não

existia de verdade
só na historinha
e que historinhas não estão aí para contar o que
realmente
aconteceu
mas para ilustrar coisas que acontecem
intimamente
em cada um de nós
disse que ela não precisava ter medo do lobo virar um carro
ou estar debaixo da cama
ele não existia de verdade
a historinha não era pra isso
mas pra que ela tivesse consciência do lobo que havia dentro de si mesma
e que as outras pessoas
também têm
e que se ela achava realmente
o Lobo Mau
uma coisa tão terrível
que podia providenciar para que
quando a historinha estivesse se desenrolando com ela
intimamente
lembrasse de seguir os conselhos da mãe
e não tomar o caminho da floresta
podia se esforçar para aprender coisas
e ter bem treinado e equipado
o caçador
que ela também tinha
lá dentro
e
podia ainda

prestar bastante atenção
nas pessoas
pra reconhecer os lobos
vestidos de vovozinha

fiquei orgulhoso
por ter conseguido explicar isso tudo pra ela
se alguém me dissesse essas coisas
enquanto eu era criança
teria me poupado bastante trabalho

quanta raiva eu já passei...
aquelas porra de inimigos que não morrem nunca
tipo o Coringa
o Esqueleto...

agora eu já entendo isso
eles não morrem mesmo
porque eles não existem de verdade
era idiotice minha
pensar as coisas
sob este
ângulo

é como minha vontade de comer muito
que não vai passar
por mais que eu lute contra ela
ou pode até passar
alguns generais podem
morrer
mas
aí vem a vontade de fumar
de trair

de mentir
e de subjugar

e
e
e...

tem sempre alguma coisa
e não importa se é o Lagarto ou Dr. Octopus
a gente sabe que
no fundo
sempre
é alguma mutreta
do Rei do Crime
e a gente nunca consegue
colocar aos mãos
diretamente
naquele filho da puta

como o Coringa
o Esqueleto...
eles não morrem
nunca
ou
quer dizer
morrem
de fato
porque
eu mesmo
enquanto coisa
que
realmente
sou
realmente

morro
mas
do jeito que as coisas são
aqui no meu mundinho
íntimo
onde meu mundo é mundo que não é mundo
e eu sou o que na verdade não sou
eles não morrem
nunca

e
que seja eterno
enquanto dure

é deveras um mundo
muito complicado
se você decidi
complicá-lo
mas
de qualquer forma
é um mundo muito imbecil
vulgar
e tedioso
pra mim
vivendo
desatenta e ociosamente

eu
quero
trapacear

e não me sinto
em absoluto
na mesma condição

de uma pedra
sei lá
talvez eu seja
simplesmente
um cara mau
ou
talvez
haja algo de bom
nos dois lados da moeda
e o Bem real seja aproveitar
adequadamente
as pequenas mesquinharias do bem e do mau
do caçador e do lobo
usando cada um deles
pra não deixar que o outro
me prejudique

yin / yang
essa coisa toda

é como os estupros
aprendi a fazer algo além deles
e gosto cada dia mais
de construir
mas
confesso
às vezes
quando não tenho tijolos
quando não tenho emprego
gosto de sair à noite
em ruas de linhas
e prédios de frases
em transe
procurando alguém

indefeso
talvez
juntar palavras
e forjar delas
uma barra de ferro
sem furos
de Yengo
qualquer coisa
com um sentido profundo
duro
só meu
que não pode ser facilmente
assimilado
como um caralho imenso
que simplesmente
não passa
incompreensível
qualquer coisa que eu encontre assim
só pra ver
o olhar de espanto
no rosto imaginário
que você tem
pra mim

XXXII

Hoje sonhei novamente com Linda. Estávamos no banco traseiro de um carro. Alguém dirigia, eu nunca soube quem. Ela ria de alguma coisa. Um riso gostoso, que eu lembro bem. De repente, ela tocou no meu ombro. Seus longos dedos de sonho. Ela encostou em mim e aquilo tudo voltou, de profundezas obscuras. De onde quer que fiquem armazenados os amores perdidos. Voltou tudo. Pra boca do meu estômago.

Algo aconteceu. Mudanças. Estávamos em minha casa, mas a casa não era minha. Sonho. Eu era visita. Esperando por algo, no banco de trás do carro. Havia algum tipo de festa lá fora. Grupos de pessoas descontraídas passavam de um lado para o outro, com bebida e sorrisos fáceis. Havia música.

Então ela apareceu lá fora. Fiquei olhando pelo vidro traseiro do carro. Alguém dirigia. Indo embora. Eu olhava para ela, mas ela não olhava pra mim. Ainda sorria. Um homem alto e bem vestido se aproxima e a abraça. Forte. Aquilo dói em mim. Em algum lugar, alguém dirige. Pra longe.

Hoje acordei triste. É verdade. De uma tristeza que nunca se cala. Sonâmbulo. Com cara de morto andando na sala. Procurando meu grande amigo - O Incrível Teclado Que Fala. Companheiro. Que chora. Acompanha. Que embala.

Que estala. Ameaça. Encurrala.

O único que ainda me aceita. Que me diz sim. Sempre. Por quantas vezes eu quiser. Quantas cutucá-lo com os dedos. Todas as minhas pequenas idiotices.

Sim.

Sim.

Sim, sim.

Hoje ela encostou no meu ombro, com seus longos dedos de sonho. Por um instante, apenas, até os pássaros ficaram mudos.

XXXIII

Linda, por que você foi embora? Hoje eu não sei fazer nada e não arrumo um emprego. Nem consigo me preocupar verdadeiramente com isso. Existe alguma coisa lá no fundo. Um aborrecimento. Mas é apenas um incômodo. Como uma gripe. Algo que a gente considera parte do trato. Um leve potencial pra tragédia. Algo que não me move.

Eu não sei mais falar e também não sei mais escrever. Não consigo continuar um livro. Não consigo fazer exercícios. Não consigo me divertir nos bares. Em lugar nenhum.

Fico procurando estados avançados de não-eu. Técnicas pra isso e técnicas praquilo. Pensamentos pra isso e pensamentos praquilo. Eu fico perdendo meu tempo, esperando alguma coisa como você. Eu sei que você não vai voltar.

Desisti do sonho lúcido. Agora preciso lutar pra ficar atento, mesmo quando estou acordado. É difícil. Eu fumo. Eu bebo. Eu penso demais. Eu como muito.

De vez em quando, até assisto televisão. Não consigo mais ler os livros. Algumas páginas e parece perda de tempo. Estou triste há poucos dias e minha vida inteira tem parecido uma perda de tempo. Cada minuto. É isso que tenho sentido – e sei que é apenas um quebra-molas de tristeza, mas parece eterno. Eu realmente não sei o que fazer. Sem você eu sou nada. Eu já te disse isso. O que eu sempre e sempre fui, antes de você. Mas não é como antes. Agora eu tenho consciência disso. Agora eu sei que poderia ser mais.

Falta você. Por que você me abandonou? As coisas faziam sentido. Antes. Agora, nem tanto. As pessoas andam de um lado pro outro e falam coisas comigo. Sempre se achando tão importantes. Sempre com aquela atitude de estarem realizando tarefas cruciais, DECISIVAS, enquanto caminham com força em direção ao nada. O planeta continua girando. E a Lua continua lá. Deixa estar... Eu fico quieto.

Por você, eu daria murros e passos pra frente. Você era um ideal pra mim. Como um país inteiro de criancinhas com fome. Ali. Bem na minha frente. Por que você escolheu ir embora? Você sabe, eu amava você.

XXXIV

Eu não quero mais escrever sobre isso. Não quero.

XXXV

Às vezes eu acordo e é dia. Às vezes eu acordo e é noite. O tempo passa, que coisa incrível...! Hoje, por exemplo, é réveillon. Bem-vindo, dois mil e cinco. Que você me traga novos discos e mais cigarros. Outras tantas oportunidades em que penso estar ficando louco.

Eu ligo o videogame pra ouvir rádio. Era pra ser um extra, mas é meu prato principal. É um jogo divertido. Entre inúmeras possibilidades, você pode roubar carros e, dentro deles, sintonizar várias estações de rádio. Cada uma tem uma programação diferente. Eu entro dentro dos carros, estaciono em qualquer canto da cidade virtual e, com o volume da televisão no talo, fico andando de um lado para o outro dentro da minha casa. Tem uns programas muito bons, de debate. Uma mulher reclamando que ninguém mais sabe cozinhar. Conversar. Matar. Que hoje os garotos só se interessam por fast-food e videogame. Um outro cara reclama do capitalismo. Não me lembro muito bem. Fico meio irritado quando me telefonam e interrompem o programa. Esses joguinhos modernos são exagerados. Têm programação demais. Há pouca probabilidade de que eu ouça o mesmo debate novamente.

Saio de casa pra levar meu telefone celular à assistência técnica. Esses malditos chaveirinhos incômodos estão sempre dando problema. O cara me fala que precisa trocar o PA, como se eu tivesse obrigação de saber o que é aquilo. Amplificador de potência, faço ele traduzir pra mim. Custa a metade do preço do meu aparelho. Saio da loja e compro um

cigarro de palha. É gostoso, mas exigente. A brasa apaga a toda hora, e você precisa de um isqueiro pra fumá-lo comodamente. Já faz mais de um ano que eu parei de fumar. Sinto falta de um isqueiro no meu bolso. É um objeto útil, ainda mais quando se está fumando.

Decidi que aquele cigarro não iria apagar. Eu não queria ficar entrando de boteco em boteco, pedindo fogo a cada quarteirão. Dava tragadas profundas, com pouco intervalo entre uma e outra. Eu parecia uma locomotiva, por alguns minutos. Rapidamente, comecei a ficar tonto. Muito tempo sem tabaco. Tinha que escolher justamente aquele de palha – coisa forte caipira. Tonto. Eu estava completamente narcotizado. Ali. No meio das pessoas. É uma sensação divertida. Ninguém sabia realmente o que estava acontecendo dentro de mim. Eu me sentia bambo. Voado. Drogado. Mas ninguém podia dizer nada. Era só um cigarro de palha. E como eu não uso roupas que me identificam como drogado, ninguém imaginaria que eu estava tendo aquela experiência enquanto andava ao lado deles.

Ontem, eu saí na rua com um copo de vidro cheio de gelo e uísque. Foi esquisito. Estávamos na casa de Luke e resolvemos sair pra comprar alguma coisa. Eu, é claro, não quis desistir do meu copo. Eram apenas dois ou três quarteirões de caminhada. As pessoas olhavam pra mim, intrigadas. Imaginamos que alguém impediria minha entrada no supermercado. Estávamos certos. Foi divertido também. Eu dizia "Por que não posso entrar com um copo?" E o gerente, ou sei lá que merda aquele cara fazia naquela birosca, retrucava que "...mas um copo é um objeto perigoso."

“Meu velho, eu entendo que um copo de vidro pode causar um acidente ou ser usado como uma arma, mas vocês vendem copos como este aí dentro. Vocês vendem facas. Não estou inserindo nenhum tipo de perigo novo no seu estabelecimento...”

“Mas... Mas você poderia trocar o copo por outro copo, novo, do supermercado...”, uma senhora que observava a cena tentou ajudar o rapaz.

“E eu também poderia trocar meu chinelo, ou encher os bolsos com produtos, mas nem chinelos e nem bolsos são proibidos...”, me defendi.

Resumindo, uma discussão idiota e sem sentido. Não havia nenhum motivo sensato para que as pessoas se espantassem ou discriminassem um copo de vidro. Elas apenas acham incomum que alguém circule por aí segurando um deles, e isso já parece suficiente. Onde eu vivo, tudo é proibido por default.

Eu não queria desistir do copo, então fiquei esperando meus amigos num bar logo ali em frente. Aproveitei pra comprar outro cigarro de palha. Tragando com volúpia. Nicotina como guloseimas. Retalhos da minha loucura.

XXXVI

Mulheres de rodoviária. Delicadas. Silenciosas. Solitárias. Com suas mochilas, cabelos e olhares carentes. Sempre me sinto atraído por elas. Da última poltrona do ônibus, vejo ela entrando lá na frente. Tão sozinha e encantadora. Caminha graciosamente até a poltrona à minha frente. Sorri. Acena de leve com a cabeça. Me cumprimenta num sinal amigável de cortesia. Eu aceno de volta. Depois que ela senta, olho pro meu anel.

Um anel de compromisso. Tenho olhado pra ele, nessas situações. Nem que seja apenas mentalmente. Lembrando que ela não é pra mim. Um anel de compromisso e uma namorada são confortáveis. São um bom motivo. Um motivo justo. Posso pensar neles para não ir em frente. Melhor do que pensar na minha barriga, minha desilusão e minha inabilidade pra qualquer coisa que seja útil.

Ela reclina a poltrona, que bate em minhas pernas. "Desculpe!", sai de sua boca de fada. Abro a minha pra dizer "Minha filha, se você quisesse deitar em cima do meu colo, eu te trataria com carinho..." Digo apenas "Tranquilo!", ou qualquer idiotice do gênero. Olho outra vez para o anel. Não é um namoro apenas pelo conforto. Ela é linda e nos amamos. As coisas ficaram estranhas por um momento, mas têm melhorado. Não dá pra ficar sentado, colhendo unicamente o que cai na sua mão. Algumas vezes é preciso trabalho. Todos precisamos tentar alguma coisa. Aprender tentando. Nós nos debatemos procurando a alegria pela qual a vida é assombrada como um fantasma. Não sei onde toda essa

coisa vai dar. Mas sei o caminho que pretendo tomar. Não é uma questão de medo. "Tranquilo", ou qualquer idiotice do gênero, era a resposta certa.

Jan, sentado na poltrona ao lado, me oferece uma lata de cerveja. Escreve-se Jan, mas lê-se *Ian*. Ele é holandês. "Daqui até Belo Horizonte é muito chão pra gente atravessar com a garganta seca..." Ele tem razão. Dentro de poucos minutos, estará dormindo. Eu estarei experimentando várias posições absurdas com meu corpo grande e desajeitado na poltrona desconfortável. Tentando imitá-lo. Nunca consigo dormir nessas malditas viagens. Fico pensando em personagens de videogame. A quinta edição de um jogo de luta que eu adoro.

Fiquei sabendo que o jogo saiu e pesquisei sobre ele na Internet. Lendo e apreciando algumas imagens. Babando. Sem esperanças de jogá-lo tão cedo. Sou fodido demais pra comprar uma dessas máquinas de última geração. Consciente demais de que não se deve pedir uma coisa dessas pro seu pai, quando se tem vinte e cinco anos, dois diplomas e nenhum emprego.

Heihachi Mishima é o velho dono de uma mega-coorporação chamada Mishima Zaibatsu, que periodicamente organiza campeonatos de luta. Heihachi desafia os maiores lutadores do mundo e promete prêmios incríveis para quem conseguir vencê-lo. Na quarta edição do jogo, estava ficando óbvio que ele é velho demais para participar desses campeonatos. Teaser da quinta edição: Heihachi vasculha uma locação qualquer com seus homens. Um personagem novo surge num helicóptero e bombardeia o local. "Heihachi Mishima está morto!", avisam letras furiosas na tela. Você chega até a pensar que

esse pessoal do videogame está desenvolvendo bom-senso.

Não gasto muitos cliques pra descobrir que Heihachi é um dos personagens secretos do jogo. Há uma explicação no site. Algo como "...aquelas explosões teriam matado qualquer homem comum, mas Heihachi, com seu incrível poder, conseguiu escapar..." Como se isso não fosse suficiente, entre os novos personagens encontra-se um tal de Jinpachi Mishima - pai de Heihachi! Fundador da Mishima Zaibatsu, Jinpachi foi traído pelo filho malvado e aprisionado em qualquer lugar esquecido. Libertado pro tremores de terra ou qualquer outra eventualidade que não me lembro bem, ele entra no campeonato numa tentativa de acabar com o reino maligno de Heihachi. Fico pensando nisso. Aparentemente, o bom-senso não é necessário para criar encanto. Os devaneios sobre o jogo me embalam até que o ônibus estaciona na capital.

Chegamos mais cedo do que o previsto. Cinco horas da manhã. Sentamos num cu-sujo. Bebendo. Fumando. Esperando que a vasta cidade adormecida finalmente se levante. Brigando. Gritando. Odiando. Atirando lixo nas ruas. Às oito e pouco começamos a andar. Bêbados. Sonâmbulos. Realizando pequenas tarefas. Terminamos o necessário e vamos para o apartamento descansar. Um imóvel que meu pai comprou recentemente e que ainda não está alugado. É um lugar agradável. Me faz pensar que eu deveria ter um emprego e um salário e algo assim para mim. Mas não há nada. Posso contar nos dedos de uma mão as pessoas da minha idade que conheço e que podem se sustentar sozinhas. O país atravessa uma crise lascada e nin-

guém fala sobre ela. Continuam todos sorrindo. Dançando. Rezando. Obedecendo. Acreditando que isso tudo é normal. Qualquer conversa sobre *kidults*. Filhos que ficam até tarde na casa dos pais. Como se houvesse outras opções e fosse tudo uma mera questão de maturidade. Claro. Quando eu amadurecer, todos os filhos da puta corruptos ricos lunáticos mesquinhos vão amadurecer também e resolver de repente que podem dividir o bolo.

Hora de ir para o consulado, nossa missão principal em Belo Horizonte. Jan batalha com a papelada para renovar seu passaporte holandês, enquanto sou atendido por uma mulher incrível que me trata muito bem. Ainda assim, nada de visto. Para consegui-lo, eu precisaria já ter sido aceito por uma universidade holandesa. Para conseguir isso, eu precisaria de um comprovante de que uma quantia exorbitante seria depositada, todos os meses, para pagar meu curso e estadia. Precisaria de milhares de pequenas coisas que não tenho como conseguir. Nada de bolsas para particulares. Nada de visto. Nada de oportunidades para quem precisa delas.

Volto arrasado para o apartamento. Pensando que agora posso ser um imigrante ilegal, ou mais um cara envelhecendo sob o teto dos pais. Apostando minhas fichas em qualquer trabalho ridículo com um salário fantasia. Esperando amistoso como as vacas que as coisas mudem. Escrevendo frases inúteis nas costas das fotocópias de todos os documentos que tive tanto trabalho para reunir e que nunca cheguei a mostrar pra ninguém.

A madrugada vai longe e, apesar do dia cansativo, nós já perdemos o sono. Jan tem grandes planos para o futuro, ou não. Prefere manter a ca-

beça fria. Compramos mais cerveja. Acabou o papel higiênico.

XXXVII

Sentado na janela sem disposição pra nada. Olhando às vezes pra luz fascinante da Lua. Observando padrões na fumaça. As inovações técnicas são extensões do corpo, eles dizem. O cigarro é uma extensão dos meus dedos, que agora também soltam fumaça, ou uma extensão da minha boca? Uma extensão do meu desejo de morte. Ninguém deseja morrer, quando a coisa é colocada de forma adequada. Ninguém deseja viver, quando a coisa é colocada de forma adequada. Limbo, eles dizem. O limbo é a fumaça.

Certamente que não sou o primeiro a atravessar dias e noites como se fosse sonho. Nem mesmo sonho, que possui qualquer tipo de intensidade. Dias e noites como se fosse apenas sono. Fumaça. Um punhado de nada que assume várias formas fantasmagóricas até finalmente se dissolver no ar.

Eu levanto da cama e sento à mesa do computador. Sinto vontade de fumar e vou pra janela. Desço. Vou até a cozinha comer alguma coisa. Volto pra cama. Pro computador. Como mais alguma coisa. Um bolo. Um pão. Chocolate. Pra janela de novo. Fumaça. Fumaça. Fumaça. Acho uma regra idiota, variar palavras. Homem. Indivíduo. Transeunte. Cachorro. Cão. Animal. Não é assim que as coisas funcionam. Não é assim com a verdade. A verdade é a verdade. Verdade. Verdade. E os meus dias são repetitivos. Assim. Assim. Sempre diferentes e sempre iguais. Verdade. Como fumaça. Palavras. É sempre o mesmo. E dias. E dias. Palavras. As mesmas coisas me acontecendo. Fumaça. E é o mesmo que

eu quero ver repetido no papel. Hoje. Agora. Verdade. Fumaça. Fumaça. E palavras. E dias. E dias. E dias. Assim. Assim. Tip-tap. Fumaça. ♥.

Meu corpo é um fardo. O tempo é um desafio. Letrinhas são como a beira de um precipício. Algo pra se agarrar com a ponta dos dedos. Algo em que eu posso me consumir. Palavras. Fumaça. Minha boca se estende por um tubo nicotinado, tentando puxar outra vida. Tentando puxar qualquer coisa que aconteça. Esperança de um fato outro. Estimulação sensorial. Mais um dia. Menos um dia. Um dia. Palavras. Verdade. Fumaça. O que eu puxo é insatisfação. Sopro incapacidade. Ninguém se importa com qualquer coisa que eu diga. Talvez você se importe, aí tão distante. Tão inatingível. Tão hermeticamente protegido. Vá tomar no seu cu. E o que você pode fazer por mim? E o que você faz por aqueles à sua volta? À minha volta, o que as pessoas querem é que eu arrume um emprego. Que eu emagreça. Que eu sorria e demonstre com largos movimentos dos braços que estou feliz. Que faço parte deles. Pra você aí, tão longe, natural que não se importe com qualquer coisa que eu diga. Ou que sinta justamente que se importa com isso. Você só consegue se importar comigo porque pra você não faz diferença.

O limbo sou eu. Sou eu. É você. É qualquer coisa que passa. Que se mova. Que acaba e ainda agora continua. Incerto. Esperançoso. Sem sentido. Por muito tempo, até agora, venho empurrando uma folha atrás da outra. Espremendo sangue no papel.

♥ Linda.

Sangue limpo. Sangue sujo. Intenso. Sangue aguado. Qualquer coisa que eu pudesse tirar de mim. Com a pretensão única de ser sincero, numa ideia pessoal e artística de sinceridade. De não tirar minha força de um significado falso. De uma corrente coerente de fatos que eu sabia não existir fora da minha cabeça. Tentando ouvir qualquer outra coisa mais tênue. Mais arriscada. Mais sincera. Verdade. Tentando escrever no ritmo da fumaça.

Agora eu olho pra trás e tudo me parece inútil. Ridículo. Já fiz o que queria e não há mais sentido em continuar. Talvez voltar atrás e mutilar o que saiu de mim. Talvez apagar tudo. Jogar no fogo. Inútil. Perda de tempo. Já descobri o que queria. Nada de novo, como sempre. Tudo de tudo e nada de novo aprendido. Alles kaputt. Tudo que restava pra dizer eu já sinto que posso dizer. E que fique por aí um registro esquecido de tantas novas mudanças que deram em nada novamente. Que o livro acabe agora, por capricho. Que ele acabe como qualquer vida. Como qualquer morte. Subitamente. Sincero. Sem propósito.

E como último suspiro, pedidos num leito de morte. Mais letrinhas. Palavras. Fumaça. Sangramento derradeiro da minha verborragia moribunda. Apenas mais algumas palavras perdidas. Desta vez, não sobre mim. Não sobre você. Sobre qualquer nome em que se possa pensar. Sem pensar. Marcos. Apenas algumas palavras sobre Marcos.

Marcos não mora na sua rua. Não conhece o Rio de Janeiro. Londres. Nova Iorque. Ele é de outra dimensão, num certo jeito de falar. Ele não pode ser encontrado em nossa comunidade. Não participa da

Humanidade como nós a conhecemos. Marcos é como eu ou você, mas num mundo inatingível para mim ou pra você.

Marcos vive num átomo. Pelo menos, no que nós conhecemos como átomo. E esse átomo no qual ele vive, particularmente, faz parte do tecido da fronha do meu travesseiro.

É um caso curioso, eu sei. Vamos aos fatos: como todos sabem, as coisas são constituídas por pequenas partículas que chamamos, há algum tempo, de ÁTOMOS. Acredito que qualquer pessoa se aventurando por estas linhas estará familiarizada com um modelo atômico. A coisa funciona com uma partícula central, e com várias outras partículas em volta dela. Como o sistema solar. Como se o Sol fosse o núcleo, e os planetas fossem os elétrons.

Mééé! Assim como acontece com os planetas, as partículas do átomo também giram em torno do núcleo.

O que você precisa fazer agora, é imaginar que uma dessas partículas minúsculas, girando freneticamente em um dos átomos no meu travesseiro, é como a miniatura de um planeta. E que este planeta é, acidentalmente, parecido com o nosso. Aí está! Você já entendeu! Essa partícula é um planeta, e Marcos mora nela.

É claro que a coisa não funciona EXATAMENTE assim. Pra dizer a verdade, na mecânica quântica moderna, o elétron nem existe como um objeto sólido usual, mas como uma "onda de probabilidade" espalhada por uma área no espaço. Explicar a coisa detalhadamente e com qualquer pretensão de rigor é um trabalho para outro livro, escrito por alguém com conhecimentos muito além dos meus. Vamos

simplificar as coisas, pra chegar logo ao ponto que nos interessa.

Voltemos ao átomo "simples", constituído de partículas chamadas de elétrons, prótons e nêutrons, como a maioria de nós o conhece. Já parou pra pensar que a maior parte dele é apenas espaço vazio? Quer dizer, são alguns pontinhos rodando em volta de outros pontinhos. Eles são muito pequenos e não se tocam. Não tenho uma fonte segura pra me aproximar de um número exato, mas já ouvi dizer que quase cem por cento da matéria é constituída de espaço vazio. Parece uma estimativa sensata, observando um modelo atômico. Mas não parece sensato quando observamos os objetos reais. Se quase cem por cento da matéria dos meus dedos e do teclado é espaço vazio, é preciso uma explicação razoável para a possibilidade da digitação. Esta explicação existe. O lance é que essas partículas giram com tanta velocidade que dão impressão de solidez.

A Terra gira em torno do Sol. Como aprendemos no colégio, ela leva um ano inteiro para dar uma volta completa em torno do grandão, e um dia para girar em torno de si mesma. Já a partícula no átomo do meu travesseiro, na qual Marcos vive, gira maravilhosamente mais rápido. Ela gira tão rápido, tão rápido, que dá ao espaço vazio impressão de solidez. Olhando daqui, sabemos que ela gira nessa velocidade imensurável, mas Marcos não sabe disso. Sobre a superfície da pequena partícula atômica que ele chama de planeta, há outra impressão de tempo. A vida dele e de seus iguais dura apenas o tempo médio de umas oitenta ou noventa voltas completas do "planeta" em torno do núcleo. A vida dele é tão curta que não pode ser descrita com precisão por

nossa unidade de medida temporal. Ele não dura nada, considerando que é nada tudo aquilo que não faz diferença. Marcos, para nós, desaparece no mesmo instante em que nasce. Não dura mais do que um mau presságio. Mas durante este tempo, incompreensível para nós, a percepção dele é intensa. Com aproximadamente vinte voltas do seu "planeta", Marcos sente ter vivido aproximadamente vinte anos. Para ele, tudo acontece absurdamente devagar.

A vida no mundo de Marcos não vale um peido pra gente, e talvez seja idiotice ficar falando sobre ela. Mas digamos que, no meu travesseiro inteiro – em todos os seus milhares de milhões de milhões de milhões de átomos – existam inúmeros fenômenos como o de Marcos. São inúmeros universos girando numa velocidade indescritível. Qualquer coisa pode acontecer. A relação é absurda! Quantos anos os nossos cientistas conseguiram investigar no tempo? Uns vinte bilhões de voltas da Terra em torno do Sol? HA HA HA! O mundo de Marcos passa por isso a cada, sei lá, vinte segundos... Considerando a velocidade na qual esses "planetas" giram, imagine o que estava acontecendo por lá há uns quatro ou cinco dias...! Durante a nossa Idade Média, esses mesmos átomos provavelmente não estavam na fronha de um travesseiro. O que eles andavam fazendo? O que estava acontecendo por lá?

Maaamba! Não temos como imaginar esse pulo no espaço. Não com a nossa percepção de tempo. Esse tipo de coisa é o que chamamos de infinito.

No mundo de Marcos, através das eras e das voltas sem fim, já existiram certas consciências capazes de apreender o infinito. Já aconteceram infi-

nitas coisas por lá. Já teve de tudo. Em cada átomo, tudo já existiu ou aconteceu. Até mesmo mundos parecidos com o nosso, como o de Marcos. Até mesmo mundos EXATAMENTE iguais ao nosso. Em que alguém exatamente como eu escrevia esta mesma página. Incontáveis vezes. Corrigindo as mesmas palavras. Futchimm! E alguém exatamente como você já leu tudo isso da mesma forma. Na mesma posição.

O lance é que por lá as coisas rodam rápido demais. Vai acontecendo aleatoriamente. Vai acontecendo de tudo. Quando isso acontece infinitamente, as coisas acabam se repetindo. Acontece lá o que já aconteceu aqui. Acontece lá o que poderia ter acontecido aqui. Acontece de tudo e, depois, tudo acontece de novo. Não precisamos nos aprofundar ainda mais nestas questões insignificantes. Marcos existe, num átomo do meu travesseiro.

O mundo dele não é, como poderia ser o caso, exatamente como o nosso. Mas é bastante similar. Você pode pensar em Marcos como um personagem de livro, filme ou quadro. Alguém sobre quem nos fala uma canção. Como um habitante de um mundo que não existe de verdade, mas que a gente reconhece como sendo o nosso.

Marcos, já foi dito, não dura praticamente nada para nós. Tudo que ele fez na vida – quebrar o dente na calçada quando era criança, a primeira transa rápida e desajeitada no banco do carro, ou o dia em que chorou porque sua namorada disse que o amava e ele acreditou nela – tudo isso é insignificante. Não passam de pequenas coisas perdidas no todo, lá dentro do meu travesseiro. Não duraram um puf! Não deram sequer um calafrio no inseto que caminhava

sobre elas.

Tão insignificante, Marcos está aqui por um motivo. Um motivo simples: ele descobriu. Não me perguntem como. É um fato concreto, como todo o resto. De alguma forma, em algum instante de sua vida sem importância, ele manjou a coisa toda. Meu travesseiro. Meu quarto.

Não que ele pense nisso como um travesseiro e um quarto. Não acho que ele saiba sobre mim, por exemplo. Pelo menos, acho que não. Mas enquanto sentia seu planeta girando tão devagar quando nós vemos a Terra girando, ele manjou que aquilo era apenas uma ilusão. Que, na verdade, as coisas funcionavam de outra forma. De uma forma que seria impossível para ele compreender. Infinito, essa coisa toda...

Percebeu que a infância tinha ido embora. Percebeu que iria morrer. Que, talvez, em outra dimensão do tempo – como a nossa, por exemplo – em apenas um instante não seria mais a infância indo embora. Seria ele e todos os homens e camelos e pirâmides, insetos e sonhos e pragas e dores. Que era tudo absurdamente insignificante. Não fazia a menor diferença.

Marcos pensava em comprar uma casa. De repente, já não fazia mais diferença. Pensava em ter filhos. Não fazia mais diferença.

Marcos gostava de Luis Lana, um escritor de sua dimensão. Gostava de Sinister Lethal, uma banda de heavy metal. Mas pra que livros? Pra que música? Pra que arte? Dentro de seu tempinho ridículo, que já passou antes que você possa ler este X, Marcos atravessou momentos difíceis. A percepção de que era apenas uma consciência passageira

e perdida na fronha do meu travesseiro não o deixava em paz.

Mas para ele, por sorte, tudo se movia lentamente. Estava acima da realidade dos fatos. Durante sua vida patética, teve tempo e várias oportunidades para encontrar alternativas. Sentiu que estava como que por sobre uma navalha. De um lado: "Caralho, cara! Sua vida é uma BOSTA. Você não vale nada. E mais ainda - O MUNDO INTEIRO COMO VOCÊ O CONHECE NÃO VALE NADA! Nada faz diferença!" Mas do outro lado – talvez um pouco menos chamativo, mas certamente mais promissor – estava: "Uau! Mundo vasto, cheio de vida... Infinito! Que lindo! Nada faz diferença..."

Não estou pregando nada. Estou apenas falando sobre a vida de Marcos. Foi uma vida feliz, enquanto durou, em alguma parte do meu travesseiro. Mas também é preciso dizer, a bem da verdade, que foi uma vida em outra dimensão.

Eu, por aqui, não tenho me sentido muito bem o tempo todo.

Têm dias em que tudo é muito solitário. Como hoje. Peguei um ônibus pro centro e fiquei lá dentro sacolejando. Sentado no meu canto. As pessoas iam entrando. Não sei bem como explicar isso. Não fazia a mínima diferença. Todas aquelas pessoas. Eu, sentado ali. Então o ônibus parou no ponto da faculdade e eu fiquei ali torcendo, porra, você não tem idéia do quanto aquilo parecia importante pra mim, eu fiquei ali desejando com TODAS AS FORÇAS que não entrasse nenhum conhecido. Desejando intensamente que nenhum tipo de mesquinharia pessoal viesse a impossibilitar aquele sentimento de que nada importava. Nenhuma obrigação cortês de

dizer "Como vai?" E cada rosto novo que passava pela porta era uma nova angústia. Sempre entra muita gente na faculdade. Passou todo mundo e eu fiquei tão, tão feliz, porque não conhecia ninguém. E então podia voltar a me esconder no meu próprio mundo recluso. Fico tentando sentir as coisas. Fico olhando as coisas passando pela janela. Ônibus são ótimos pontos de observação. Você vê a cidade acontecendo e pode criar juízos e perguntas sobre tudo que passa. É um casal que briga; é um gato que graciosamente pula de um muro pra calçada; uma mulher bonita. O espetáculo da vida. O espetáculo paciente dos objetos inanimados. Todas aquelas coisas, feitas de átomos, se comportando da maneira que se comportam. Como uma pedra, ou como uma criança. Interagindo. E você pode encontrar uma maravilha tão grande nisso – e você olha para a vida e ela é bela de ver. Mas, ao mesmo tempo, é tudo tão estranho. Tão visceral. Tão estupidamente vulgar e com cheiro de carne. De vômito. De poeira. De merda. E até aí ainda achamos beleza. Pelo menos alguns de nós. Durante certos instantes. O único verdadeiro inconveniente é não compreender. É olhar pras coisas acontecendo lá fora e não entender – ou melhor, sentir essa incompreensão carente. Sei que meu corpo entende. Ele está aqui, respirando sozinho. Digerindo sozinho a minha comida. Mas eu-consciência tenho que batalhar pra descobrir as coisas. Pra aceitar as coisas como elas são. Às vezes me sinto acima do mundo. Talvez justamente por me colocar, em fantasia, tão fora dele. Como num banco de reserva, a maior parte do tempo.

É tudo complicado. Este texto está ficando complicado pra mim. Talvez isso não importe. Este texto

é uma coisa pequena. Ridícula. Talvez minha vida não faça diferença. Nem a sua. Talvez, na realidade, estejamos rodando tão rápido quanto os átomos. Talvez tudo que nos acontece seja insignificante sob outro ponto de vista.

Não penso que seja assim. Não penso que seja nada. Eu não sei como é. Colocaria a coisa de outra forma completamente diferente. Não colocaria a coisa de forma alguma. Mas acho que certas coisas são realmente insignificantes. O importante é aceitar possibilidades. Estou procurando alguma coisa maior. Algo que ainda não me ofereceram. Com o qual eu ainda não bati. Foda-se, por exemplo, essa coisa de início-meio-e-fim. Gogol escreveu que "o fim premia a obra". Eu digo: talvez não seja tão importante. Ele, enquanto escrevia aquilo, provavelmente não pensava em átomos no seu travesseiro.

É complicado. Precisamos que os cientistas trabalhem mais rápido. Ainda me sinto muito burro. Compreendo muito pouco das coisas. O átomo foi uma ideia legal. Boa descoberta. Precisamos de mais coisas assim. Sou fã da galera que faz ciência. Gosto tanto deles, que acho que deviam ser escravizados, ou qualquer coisa do tipo. Colocados pra trabalhar num regime mais pesado. Eles são muito importantes. Porque, porra, compreender é um bem elevadíssimo. Eles precisam descobrir essa coisa através da qual todo o resto do conhecimento passa a valer a pena.

Se eu tivesse um instante de compreensão total – um ínfimo segundo – de que me importariam os bebês nascendo e a morte apodrecendo nos necrotérios? Mas se o mundo não faz sentido dentro do que nos parece lógico, o que me falta compreender? É

compreender, de fato, alguma relação que nos escapa, ou simplesmente aceitar plenamente o que existe e mergulhar – num salto de fé – na experiência perfeita do agora? Eu não tenho todas as respostas. Acho que sequer estou formulando bem as perguntas...

Até hoje amei apenas uma vez. Todo este livro, na verdade, é sobre Linda. Sinto que minha vida inteira é sobre ela, depois que ela passou. Por insignificantes instantes preciosos, eu senti o amor. Tudo sobre o que os poetas andaram falando. Eu senti o amor e sinto que fiquei mais forte. Abandonei toneladas de medo. Existe algo pelo qual vale a pena correr riscos. Sacrifícios. Tudo isso eu penso porque senti algo tão brega quanto o amor verdadeiro. E apenas por alguns instantes. Em situação desfavorável. Pequenos intervalos em que não precisamos nos preocupar com a saúde, dinheiro ou a dor da separação. A vida me deu amor e dele eu tirei forças. Sentado na janela, procurando fumaça, eu sei que isso não é o suficiente. Mas se, ainda que por apenas uma fração de tempo, eu pudesse compreender o mundo em sua totalidade, já não existiria medo possível. Já não existiria mais nada. Talvez eu evaporasse. Talvez minha matéria se pulverizasse no ar.

Talvez eu apenas continuasse ali. Achando o mundo sem graça. Insosso à primeira vista. Como quem contemplou o Aleph. Porque olhos que viram galáxias demoram a perceber a beleza de uma calçada. Outra coisa interessante que já disseram por aí: "As rosas são fáceis de pintar. As folhas, difíceis." Deve ser realmente difícil encontrar beleza numa folha, quando a presença ostensiva da rosa vermelha chama sua atenção. Depois de compreender tudo,

talvez as duas tenham o mesmo valor. Absolutamente nada. Mas esse sentimento não deve durar muito, como todas as outras coisas. Rapidamente poder-se-ia chegar à conclusão evidente de que tudo é vão, mas que é melhor você encontrar meios de se maravilhar no meio deste vazio, porque não há mais para onde ir.

Quem se maravilha por ignorância está sujeito às leis do acaso. Tem a felicidade tão sólida quando um castelo de cartas de baralho sobre a ponta de uma faca durante um terremoto. Não. Não. Sim. Ninguém sabe o que virá.

Imagine você com consciência de tudo que vai acontecer na sua vida. Imagine que você saiba que sua mãe vai entrar agora no quarto. Sabe que vai dizer: "Tá lendo o quê?", e que você vai responder: "Nada não. Bobagem..." E sabe que, em dois anos, vai conhecer a pessoa da sua vida. E vai se casar. Quantos filhos vai ter. O nome deles. Da noite em que um deles vai se levantar com medo no meio da noite pra te dar um abraço. O acidente com o carpete. O atropelamento. O dia que Pedro vai contar uma piada no hotel e que você vai rir, percebendo o quanto todos tinham envelhecido. Imagine você sabendo disso e compreendendo também como tudo o mais funciona. Uma consciência perfeita. Você já não tem que fazer mais nada. Não tem que se apavorar. Pode apenas ficar ali, sentado no camarote, observando o espetáculo da vida – na melhor situação possível. Você pode ser um mendigo fodido. É apenas uma questão de ponto de vista. Você vê o mundo dali. Mas, com a compreensão. Mesmo da pele de um mendigo, você entende a vida dos príncipes. Sabe perfeitamente como ela é e, de certa forma, já viveu

isso também.

A vontade de uma consciência perfeita é imprópria num mundo caótico. Eu desejo uma compreensão impossível, mas o que preciso é de flexibilidade. Uma consciência capaz de se adaptar. Capaz de vencer obstáculos e continuar. Como a água. Como as nuvens. Algo que esteja preparado para o todo. Algo que esteja preparado, ao menos, para o muito. Para o que vier.

É possível se conformar com a certeza única de que algo vai acontecer. Algo vai acontecer, e não importa o que seja – você pode confiar no imutável e deixar de se desesperar. Assistir à vida com a imparcialidade de um espectador no cinema. É possível, mas exige a paciência e a humildade de um santo.

Às vezes, tenho uma forte impressão de existir, eu mesmo, na fronha do meu travesseiro. Na baba de um tiranossauro rex. Na minha própria unha. Às vezes sinto com mais força que o infinito se estende à minha frente, dentro de mim, e que posso dançar em cima dele. Como um Shiva. Como um clubber. De um lado para o outro. Contente. Livre das correntes do corpo e do que transcende o agora. Livre das preocupações sobre linearidade e coerência.

Fuuuurió! Eu matei um gato, uma vez. De novo. Às vezes, as coisas não têm sentido. Na verdade, essa é a regra. Problema seu, se você ignora qualquer coisa que não participe do roteiro que você inventa. Vive seus poucos anos miseráveis desperdiçando fatos. Usando viseiras como se fossem brincos. Eu não acredito num sentido do todo. Não acho que um sentido seja necessário. Acredito em descobertas. Acredito num todo que não sou capaz de conceber.

No infinito. Acredito em continuar tentando fazer qualquer coisa de novo. Acredito em enfiar mais fundo e com mais força o dedo da mente no cu do mundo.

Não quero, agora, perder tempo em considerações. Pensamentos sobre bom e ruim. Mais importante do que julgar, voltar e retificar é andar pra frente. E enfiar o dedo ainda mais fundo. Outros virão depois, colocando pilastras. Promovendo canais. Escadas. Rampas. Divisões. Enfeites. Meu caminho é pra frente, enquanto o mundo me arrasta pra trás. As coisas mudam rápido demais, para que se possa tentar qualquer coisa definitiva. Experimentar e descobrir já me parece um bom caminho a seguir. Abandone agora, nem que seja por um instante, junto comigo, suas pretensões de sentido.

Shazam!

Pronto.

Você aí. É. Você mesmo. Acho que já falei muito sobre as coisas que podem dar errado e sobre os prêmios possíveis ao ultrapassá-las. Por que você ainda está lendo? Neste exato momento, você está perdendo tempo. Tempo que pode passar mais rápido do que você imagina e através do qual você pode experimentar o êxtase mais belo, pelos mais variados caminhos. Você já leu o bastante. Aproveite que o livro acabou. Não seja tímido. Saia por aí. Faça alguma experiência.

2005, Governador Valadares

Sobre o autor

Daniel Abreu de Queiroz é feio, bobo e mora longe.